UNIVERSITÉ PARIS 7 – DENIS DIDEROT
UFR SCIENCES HUMAINES ET CLINIQUES
ET
UNIVERSITÉ DE SÃO PAULO
COTUTELLE INTERNATIONALE DE THESE

DOCTORAT EN RECHERCHES EN PSYCHOPATHOLOGIE ET PSYCHANALYSE - UNIVERSITÉ PARIS 7 – DENIS DIDEROT

DOCTORAT EN PSYCHOLOGIE CLINIQUE – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ANNÉE 2012

LE CORPS DANS L'AUTISME ET DANS LA SCHIZOPHRÉNIE

Par
Marina Bialer

Directeurs de Thèse : Professeur Alain Vanier / Professeur Jussara Falek

JURY

PROF. ALAIN VANIER _____

PROF. JEAN-CLAUDE MALEVAL _____

PROF. JUSSARA FALEK _____

PROF. MARIA ABIGAIL DE SOUZA _____

DÉDICACES

Esta tese realizada em cotutela, em um percurso intelectual itinerante entre Paris- São Paulo é dedicada à Leon, Jajb Bialer, e à Yela Waiser meus avós paternos que em 1948 deixavam a Europa e a Rússia para recomeçar uma vida à partir deste trajeto de Paris à São Paulo.

Àqueles cujos corpos desapareceram nas cinzas de uma Guerra: meu tio Janus, Yanush Waiser, meus bisavôs Aron Bialer e Brajndla Blass Bialer, e Jacob Waiser e Gitla Frajnholc Waiser, e a meus tios e tias.

REMERCIEMENTS

À Monsieur le Professeur Alain Vanier, je tiens à vous témoigner de ma gratitude pour avoir accepté d'être directeur de ma thèse. Merci pour m'avoir soutenue et encouragée dans ce long parcours.

À Madame le Professeur Jussara Falek, je vous remercie d'avoir accepté d'être directrice en cotutelle de cette thèse. C'est avec vous que j'ai compris l'importance de la rigueur et de la précision.

À Madame le Professeur Maria Abigail de Souza, je tiens à vous remercier d'avoir accepté d'être membre du jury. Je suis très reconnaissante pour toute l'indispensable aide administrative.

À Madame le Professeur Silvana Rabello, je suis très honorée que vous ayez accepté d'être pré-rapporteur de ce travail. Je tiens à vous remercier de m'impliquer dans vos projets de recherche sur l'autisme et sur la psychose, dans des activités théoriques et cliniques très stimulantes.

À Monsieur le Professeur Jean-Claude Maleval, je suis très honorée que vous ayez accepté de juger ma thèse. La considération et l'intérêt que vous portez à ma recherche, en acceptant d'être membre du jury, me permettront d'approfondir ce champ d'étude dans lequel je me suis engagée.

À Martine Avril, pour les enseignements et pour l'amitié.

Aux Boillat, pour un accueil familial à Paris et à Yulia, pour l'amitié

AGRADECIMENTOS

À Alex et Ana Silvia.

À Celso Moraes, por ter transformado dias cinzentos em arco-íris.

À Maria Helena Raimos de Oliveira, mestra.

À Maria Lúcia de Araújo Andrade pelo apoio e incentivo ao meu interesse pela pesquisa.

Aos professores da USP que me acompanharam na pesquisa em psicanálise e com os quais construí um percurso de pesquisa sobre o corpo, especialmente: À Professora Maria Cristina Machado Kupfer que me ensinou como dar corpo às minhas pesquisas em psicanálise, pela imensa generosidade.

Às amigas Lilian, Clá, Jaque, Rita, por concretizarem o que há de mais encantador em um grupo de amigas. Vocês foram super importantes para a realização desta pesquisa. Agradeço imensamente todo o holding dado por vocês.

Aos amigos psys: Pablo, pela sábia interlocução e Chris, sempre surpreendente.

Aos amigos psys: Elza Furuta, pelos nossos encontros sempre tão gostosos; Zé, por me permitir trocas tão sinceras; Helder e Cláudia, pelo apoio e presença.

À Yukie Kawasaki, pelos papos ao lado do Sena e à Place Monge

À Lúcia Junqueira Novaes.

À Ricardo Goldenberg.

RÉSUMÉ

Bialer, M. (2012). Le corps dans l'autisme et dans la schizophrénie. Thèse de doctorat, Université Paris 7 Denis Diderot / Universidade de São Paulo, Paris.

On aborde l'autisme et la schizophrénie à partir des deux concepts clé de la thèse : l'objet (a) et le trait unaire - trait de l'Autre. On essaye de rendre compte d'un rapport singulier de l'autiste au signifiant, d'une non-incorporation du signifiant primordial de l'Autre. On distingue l'autiste, celui qui n'a pas incorporé la marque de la jouissance de l'Autre, n'a pas incorporé le signifiant primordial, du schizophrène, celui qui a incorporé la marque de la jouissance de l'Autre mais qui n'a pas la possibilité de recourir aux discours établis pour construire le corps propre, pour nommer le corps propre. Il y a la possibilité de constructions autour des Sxs + des morceaux de jouissance pour étiqueter, pour nommer, à la place des discours établis en défaut. On distingue les stratégies schizophrènes autour d'un travail de localisation de la jouissance par la lettre, et les stratégies autistiques autour d'un travail de localisation de la jouissance sur les bords.

Mots-clés : autisme – schizophrénie - trait unaire - objet (a) – signe – lettre - jouissance.

RESUMO - USP

Bialer, M. (2012). O corpo no autismo e na esquizofrenia. Tese de Doutorado, Université Paris 7 Denis Diderot / Universidade de São Paulo, Paris.

No primeiro capítulo da tese após a introdução, intitulado II, realizo um percurso teórico da imagem do corpo próprio nos escritos e seminários iniciais de Lacan, situando R, S e I - o Real, o Simbólico e o Imaginário - em jogo no ser humano. A conclusão deste capítulo introduz os dois conceitos principais que serão trabalhados na tese: o objeto (a) e o traço unário, considerando o traço unário como um traço do Outro simbólico, um traço de identificação não imaginária mas simbólica e o objeto como o real, não-especular. Aborda-se a importância do seminário "A angústia" de Lacan para a formulação da importância do conceito do traço e de (a) para a compreensão de RSI essencial para a abordagem da esquizofrenia e do autismo. A partir do esquema óptico utilizado por Lacan para abordar a constituição da imagem do corpo no ser humano, assim como a estruturação de RSI a partir da perda de uma parte do corpo próprio, de uma perda de gozo estruturante do ser humano, teço algumas considerações sobre os esquemas ópticos que poderíamos encontrar no caso do autismo e da esquizofrenia, a partir da articulação entre significante e corpo. Á partir dos estudos de M-C Laznik proponho situar o autismo, a partir da falha na impressão da marca do gozo do Outro a qual permite a inscrição do erotismo, à base da construção do narcisismo e do estabelecimento de um Outro no circuito pulsional. O autismo é, então, situado em relação a uma falha da inscrição do Outro primordial impedindo o tempo da inscrição total do Significante do Outro, da alienação no Significante do Outro Simbólico, da marcação pelo Outro, e da posterior Separação, não existente no Autismo. Por outro lado, na Esquizofrenia, situo a inscrição do Outro, do significante do Outro, da marca do Gozo do Outro, mas não há a inscrição da ausência da marca do Outro necessária para sair do lugar de objeto do Gozo do Outro. A partir das formulações de Lacan no seminário "A angústia" sobre a esquizofrenia, do esquizofrênico como aquele que é tomado somente na dimensão do real do seu corpo pelo seu Outro, havendo uma

inscrição de traço inicial da ordem do grito, que devido à prematuridade do humano, necessita de um Outro que lhe atribua a dimensão de apelo, de um chamado ao Outro, o que não ocorre na esquizofrenia, permanecendo o grito fora da dimensão simbólica do estatuto de um apelo ao Outro, assim como todos os órgãos do corpo e a imagem do corpo próprio na esquizofrenia também não terão como recorrer a um discurso estabelecido, à uma articulação significante dada pelo Outro que formularia as funções dos seus órgãos e a unidade do seu corpo.

Nos capítulos III e IV da tese distingo a partir dos conceitos de objeto (a) e de traço unário a clínica do autismo e da esquizofrenia. Analiso a articulação teórica-clínica de diversos psicanalistas que estudam esta clínica, focalizando a compreensão do corpo a partir destes conceitos-chave. É importante ressaltar que há diferentes pontos-de-vista sobre a questão do diagnóstico diferencial do autismo e da esquizofrenia. Achei interessante incluir na tese trabalhos interessantes, com articulações enriquecedoras, apesar de alguns psicanalistas utilizarem critérios diagnósticos diferentes do que proponho nesta tese. Pode-se observar que realizo algumas ressalvas quando a construção diagnóstica é divergente daquela que proponho. No entanto, achei interessante contemplar a diversidade de pontos-de-vista sobre o diagnóstico e tratamento e não excluí-los. Outra decisão tomada foi a de não excluir casos que não se enquadrassem em "quadros clínicos puros", isto é, embora estudemos a clínica da esquizofrenia e do autismo, não é possível excluir, por exemplo, traços de paranóia em esquizofrênicos, assim como não podemos deixar de abordar quadros de crianças muito pequenas nas quais a estrutura ainda não está definida e onde podemos postular uma saída do autismo.

No capítulo III, intitulado "A questão do corpo no autismo à partir dos conceitos de objeto (a) e do traço unário", abordo o manejo clínico de diversos psicanalistas em torno da extração de objeto do circuito autista, respeitando a lógica do circuito de cada autista em sua singularidade, realizado a partir da inclusão inicial do analista no circuito autista e a partir de tal entrada "dócil" realizando intervenções no sentido de auxiliar o autista na estruturação das suas invenções singulares. Vários dos trabalhos colocam em destaque a importância do corpo do analista, e da extração de um objeto do corpo do analista permitindo a inscrição de uma negatividade, em torno da circulação de objetos que coloca em ato o corpo do Outro como suporte para a extração e circulação do

objeto, a partir da inscrição de um buraco no Outro, do Outro faltante encarnado no analista. Abordarei neste capítulo as formulações de psicanalistas que privilegiam no tratamento do autismo, o conceito da localização do gozo na borda como uma modalidade específica do tratamento do gozo pelo autista. Tal localização em uma borda também sendo evidenciado no investimento no campo dos signos, na criação de uma ilha de competência, no investimento de um duplo, e na criação do designado Outro de suplência ou Outro de síntese, constituído de signos, formulação do psicanalista J-C- Maleval sobre um Outro que permite um tratamento do gozo e um possível enodamento não borromeano de RSI dentro de uma estrutura autística, de uma construção de uma inscrição neste Outro de signos, e não em um Outro significante, e de uma relação cindida com o gozo. O Outro de síntese constituído de signos é situado em relação ao referente, em uma relação de parasitismo, sendo distinta por Maleval (2003) tanto do S1 quanto do S2, mas que permite um manejo da linguagem no autista mas com prevalência do signo icônico, em uma relação das palavras que o autista usa diretamente às imagens visuais que foram referentes, a partir dos quais construirá seu pensamento, em uma conexão rígida ao referente. Discuto a possibilidade da construção de uma imagem corporal a partir de um moi ideal, da construção de um espelho como sugerida por Maleval a partir da inscrição de uma perda que o psicanalista equivale a (a). Haveria a possibilidade de constituir assim um moi ideal, mas não um ideal do moi o qual dependeria do traço de um Outro significante, inexistente no autista. Em relação ao objeto (a) discuto como o tratamento pelo objeto, e também como a formulação da possibilidade de localizar o gozo na borda, em objetos, ou no Outro de suplência. Há a possibilidade de uma regulação do gozo pelo imaginário, através do Outro de suplência, pode-se estabelecer diferenciações, que não são da ordem significante exatamente, mas de um significante acoplado à imagem, aos signos. A limitação da construção do Outro de suplência persistiria na impossibilidade do significante, da linguagem ser crochetada de gozo no autismo.

Ainda neste mesmo capítulo abordaremos o tratamento do autismo sugerido por M-C Laznik de autistas pequenos nos quais podemos pensar uma saída do autismo, e uma inscrição no campo do desejo, no campo significante. Laznik (1995 / 2003) sublinha a importância do trabalho sobre o campo do significante do Outro materno, a partir do qual a criança ainda não pôde se inscrever. A psicanalista trabalha o campo da escuta dos significantes da mãe, e dos traços do significante da criança e uma vertente que

poderíamos situar em relação ao objeto (a), o trabalho de instauração de uma separação de uma parte de si própria, à partir da instauração de um corte em relação ao campo do significante do Outro significante, até a formulação da inscrição de um traço unário na criança. Em relação à construção do objeto (a), Laznik ressalta a importância da mise en scène da perda do objeto do Outro encarnado pela analista como alguém que suporta ser faltante, e a partir da falta no Outro, a criança pode viver a própria falta, a própria perda, podendo assumir este ato da perda de uma parte de si mesmo. A analista suportando a sua própria incompletude, uma incompletude formulada inclusive no nível do corpo da analista, permitirá também à mãe se deparar com a sua própria incompletude, e deste modo, tolerar a separação da criança de uma parte de si própria. Na transferência, a partir do trabalho da inscrição da perda, da criança como objeto (a), na transferência ao analista no lugar do Outro encarnado podendo se situar como aquele que tentar sustentar a criança para que ela saia da identificação ao lugar do objeto (a) caído, inscrevendo-se pelo corte uma estrutura de borda, havendo um percurso entre sair da posição de objeto (a), para a posição de causa do desejo de um outro. Mas a psicanalista designa com pertinência que há casos de crianças pequenas com traços autísticos, em que é possível intervir e realizar uma estruturação fora do autismo, o que a autora designa como pós-autismo.

No capítulo IV, abordamos em vários casos clínicos o conceito de objeto (a) na esquizofrenia, e o conceito de sinthoma como uma possibilidade de nó do RSI na esquizofrenia, especificando a importância dada ao conceito da letra, do trabalho sobre a materialidade da letra como uma solução possível na esquizofrenia para dar bordas ao gozo ilimitado, numa forma singular de ancoragem da sua economia de gozo. Abordamos a construção pela via da inscrição de uma perda no real do corpo do Outro, na construção de um objeto suplementar no qual se enquadra o gozo
A partir das formulações de Holvoet (2008) aborda-se a questão de como pensar uma negativação de um gozo em excesso na esquizofrenia, considerando-se que na esquizofrenia, a linguagem tem um efeito real sobre o corpo. A questão de como se criar um menos com o real, de como fazer entrar o menos no real é a questão muito pertinente levantada pelo psicanalista – questão muito presente no dia-a-dia da nossa clínica com os esquizofrênicos. Holvoet sublinha as tentativas de inscrição de uma perda real principalmente em relação ao corpo próprio, onde sugiro podermos situar a questão da extração do objeto (a). Vários psicanalistas comentam a importância do

corpo do analista no tratamento da psicose, especificando a importância de ser um corpo marcado pelo desejo, marcado pela falta. A vivência de dispersão do corpo na esquizofrenia, em relação à ausência do recurso a um discurso estabelecido, o que pode ser suplantado por uma construção singular de um nó entre RSI. A esquizofrenia coloca em evidência uma incidência direta da linguagem sobre o corpo daí a importância que se deve ter no trabalho com a esquizofrenia para quem o que se fala é tomado como real, e também entender a importância da escuta ao pé da letra do que se é falado. A criação de um sinthome pode ser uma solução ao esquizofrênico para realizar então o nó RSI. A importância do trabalho sobre a letra na esquizofrenia é descrito nos casos clínicos descritos assim como nas análises evidenciadas pelo trabalho de escrita de Walser.

No capítulo V, abordo a prevalência da letra na esquizofrenia, dada a importância do investimento da dimensão da letra permitir uma localização do gozo e, eventualmente, a criação de um vazio estruturante, a partir do qual o esquizofrênico pode organizar os seus traços, da ordem do grito, os Sxs, e os seus modos de gozo. Em relação ao autismo, enfatizo a prevalência do signo, a localização do gozo se dando privilegiadamente pela manutenção de um gozo vivido o máximo possível como cortado do corpo próprio.

Palavras-chave: autismo – esquizofrênia - traço unário - objeto (a) – signo – letra - gozo.

ABSTRACT

Bialer, M. (2012). The body in autisme and in schizophrenia. Thesis, Université Paris 7 Denis Diderot / Universidade de São Paulo, Paris.

This work discusses autism and schizophrenia based on two key concepts of this thesis: the object (a) and the unary trait – trait of the Other. We try to account for a unique relationship of the autist to the signifier, a failure to incorporate the primordial signifier of the Other. We distinguish the autistic, who has not incorporated the mark of the jouissance of the Other, who has not incorporated the primordial signifier, and the schizophrenic, who has incorporated the mark of the jouissance of the Other, but is not able to use established discourses to build his/her own body, to name his/her own body. There is the possibility of constructions around the Sxs+ jouissance to label, no name, instead of the discourses in default. We distinguish schizophrenia strategies through an effort of placement of jouissance by the letter, and autistic strategies through an effort of placement of jouissance on the rim, on the boards.

Key-words : autism – schizophrenia – unary trait - object (a) – sign – letter - jouissance.

SOMMAIRE

I. Introduction. p.14
II. Remarques sur le corps à partir des travaux de Lacan : de l'image du corps propre à l'objet (a) hors miroir. p.23
III. Articulations sur le corps dans l'autisme à partir des concepts de l'objet (a) et du trait unaire. p.64
1. Le maniement de l'objet et l'investissement sur le bord articulés à l'économie de la jouissance et le rapport au corps propre. p.64
2. Le travail sur l'objet et sur les traits avec les petits autistes. p.100
3. La prévalence du signe chez l'autiste. p.124
IV. Articulations sur le corps dans la schizophrénie à partir des concepts de l'objet (a) et du trait unaire. p.150
1. Le travail sur la jouissance et le bricolage d'un corps. p.150
2. Lalangue et le corps dans la schizophrénie. p.165
V. Le corps et la lettre. p.174
1. Du vide aux traits. p.175
2. Le trait et la lettre dans la schizophrénie. p.213
3. Le trait et la lettre dans l'autisme. p.248
VI. Conclusion. p.265
VII. Bibliographie. p.269

I. INTRODUCTION

Cette thèse a surgi des questions théoriques et cliniques suscitées dans le quotidien du traitement des schizophrènes et des autistes.

L'abordage initial des psychanalystes se référant aux études de Lacan et de Freud a privilégié la conceptualisation de la psychose, comme la forclusion du Nom-du-Père, la clinique de la paranoïa en étant approfondie. Le parcours de Lacan favorisant de plus en plus les concepts de Réel et de Jouissance a entraîné une prééminence des observations sur la schizophrénie et l'autisme dans les travaux lacaniens, bien que l'abordage de ces structures n'ait pas été aussi systématisée que la paranoïa l'avait été.

Lors des premiers séminaires et écrits de Lacan, l'abordage initial de la constitution de l'image du corps propre et du moi donne d'importantes indications sur les perturbations dans l'autisme et la schizophrénie, qui ont été avantageusement revisitées par divers psychanalystes à partir des élaborations postérieures de Lacan. L'étude de ces perturbations à l'étape antérieure au stade du miroir, prenant en considération les nuances de ces structurations et des effets au niveau du corps de ces altérations, est précieuse dans le cadre de ces deux pathologies.

Ceci étant, cette thèse prend justement comme point de départ les formulations initiales de Lacan sur l'image du corps propre abordant le point de mutation des élaborations de cette conceptualisation du séminaire L'angoisse, dans lequel Lacan élabore le stade du miroir à partir des deux concepts-clé de cette thèse: l'objet (a) et le trait unaire. L'importance décisive de ces concepts fournit les éléments de base pour un diagnostic différentiel entre l'autisme et la schizophrénie, établissant diverses stratégies de traitement.

Le choix de séparation diagnostique des structures de l'autisme et de la schizophrénie repose sur mon expérience clinique, ainsi que sur les travaux contemporains de psychanalystes qui étudient ce champ, les diverses études dans le domaine de la psychanalyse qui s'y dédient, dont certaines ont été le bain de langage de cette thèse. Celle-ci se propose de faire une analyse minutieuse des concepts de l'objet (a) et du

trait, à partir de plusieurs études de la littérature psychanalytique permettant une orientation distincte du traitement des spécificités de ces structures.

Dans le champ psychanalytique, fondé sur les contributions lacaniennes, certains auteurs comme Laurent, Zenoni et Stevens rapprochent la schizophrénie de l'autisme, d'autres, tels que Rosine et Robert Lefort, les distinguent l'un de l'autre, désignant l'autisme comme une quatrième structure, d'autres encore privilégient celui-ci comme une a-structure. Dans cette thèse sont proposées des différences structurales entre autisme et schizophrénie importantes à relever pour le traitement.

L'autiste n'ayant pas incorporé la marque de l'Eros de l'Autre est très souvent décrit comme un corps amorphe. Le corps n'est pas mordu par la pulsion. Dans l'autisme ce qui s'observe est l'altération entre un état automate et un état dynamique lorsque l'autiste accouple à son corps un objet/bord, un autre/double à partir duquel il acquiert un dynamisme libidinal, sans incorporer, toutefois, la jouissance de l'Autre dans les circuits. Nous divergeons de divers abordages de l'autisme, selon lesquels le rapport de l'autiste à l'objet, à son double et à l'analyste serait une relation intrinsèquement de destructivité et on corrobore avec les études des psychanalystes Perrin et Maleval sur les effets bénéfiques de la relation de l'autiste à un objet/double à partir duquel il peut gagner un dynamisme libidinal, localisant la jouissance dans le bord de cet autre, l'analyste pouvant se situer comme un partenaire dans ce travail de traitement de la jouissance. Il est intéressant de noter l'observation commune des psychanalystes qui travaillent avec les autistes sur l'importance de s'adresser à eux de façon à ne pas présentifier son objet voix et le regard, effaçant autant que possible la dimension jouissante du langage, ce qui souligne aussi une manière pour l'analyste de pouvoir se présentifier dans le traitement. La plupart des psychanalystes mentionnent l'importance pour celui qui travaille avec un autiste d'enraciner sa place d'analyste marquée par le désir et le manque au niveau du corps propre. Un traitement respectant les formes particulières de l'autisme permet à l'autiste de traiter sa jouissance ; l'analyste, pouvant occuper dans le transfert une place de partenaire, peut aider l'autiste à établir les altérations de son économie de jouissance.

Dans la schizophrénie, Lacan a souligné les perturbations du corps, compte tenu que pour le schizophrène, la fonction de chaque organe lui pose problème. Le schizophrène

peut travailler sa dispersion du corps, une eventuelle fragmentation de son image corporelle, par la lettre, par la fixation de la jouissance dans la lettre permettant la construction d'un nouage de RSI à partir d'un sinthome, d'une construction de ses traits – les traits de ses cris primordiaux articulés aux traits de sa jouissance – en une construction qui permet un "tissage" du corps, de la construction d'un corps bordé de lettres qui fixent la jouissance, auparavant dispersée dans le corps, en une écriture corporelle. Le schizophrène, lui, peut travailler la dispersion du corps, de la jouissance du corps, par la lettre, par la matérialité de la lettre. Une des solutions pour le schizophrène est l'attaque de la langue maternelle, soit en la fragmentant, soit par l'ironie envers l'Autre; l'autre solution est de tenter de créer une négativité du réel. La tentative de négativation par la lettre, la tentative de travailler la lettre peut établir une localisation de la jouissance dispersée chez le schizophrène chez qui la jouissance revient dans le propre corps. Le travail sur la lettre est une tentative pour le schizophrène de faire en sorte que la langue morde le corps, ce qui peut avoir lieu par un travail de bordage des lettres au corps. À la place du discours qui étiquette les organes, le schizophrène peut utiliser des lettres, la matérialité de la lettre, comme distincte du signifiant.

La clinique de l'Autisme et de la Schizophrénie est d'une extrême richesse et le propos de la thèse est d'aborder spécifiquement la question du corps dans ces structures.

Le premier chapitre de la thèse, intitulé « Remarques sur le corps à partir des travaux de Lacan : de l'image du corps propre à l'objet (a) hors miroir », retrace un parcours théorique de l'image du corps propre dans les écrits et les séminaires initiaux de Lacan, situant R, S et I - Réel, Symbolique et Imaginaire – en jeu dans l'être humain. La conclusion de ce chapitre introduit les deux concepts principaux qui seront travaillés dans la thèse: l'objet (a) et le trait unaire, considérant le trait unaire comme un trait de l'Autre symbolique, un trait d'identification non imaginaire mais symbolique et l'objet en tant que réel, non spéculaire. A cet effet est abordée l'importance du séminaire "L'angoisse" de Lacan concernant le concept du trait et de l'objet (a). Les schémas optiques y sont utilisés pour éclairer la constitution de l'image du corps dans l'être humain, ainsi que la structuration RSI autour de la perte d'une partie du corps propre, de la perte de jouissance structurante de l'être humain. J'émets alors quelques hypothèses sur ces schémas qui pourraient s'appliquer dans le cas de l'autisme et de la

schizophrénie, à partir de l'articulation entre signifiant et corps. A la lumière des études de M-C Laznik, je propose de situer l'autisme, à partir de l'absence d'incorporation de la marque de la jouissance de l'Autre, laquelle permet l'inscription de l'érotisme à la base de la construction du narcissisme et de l'établissement d'un Autre dans le circuit pulsionnel. L'autisme est alors situé par rapport à un défaut d'inscription pleine de l'Autre primordial empêchant l'incorporation du signifiant de l'Autre, de l'aliénation du signifiant de l'Autre symbolique, de la morsure par l'Autre, et de la séparation postérieure qui n'existe pas dans l'autisme. D'autre part, dans la schizophrénie, je situe l'inscription de l'Autre, du signifiant de l'Autre, de la marque de la Jouissance de l'Autre, même s'il n'y a pas inscription de l'absence de la marque de l'Autre.

Le schizophrène, celui qui n'est vu que dans la dimension du réel de son corps par son Autre, a une inscription du trait initial de l'ordre du cri, lequel, compte tenu de la prématurité de l'humain, a besoin d'un Autre qui lui attribue la dimension d'appel, d'un appel à l'Autre. Ce qui n'a pas lieu dans la schizophrénie, le cri demeurant hors de la dimension symbolique du statut d'un appel à l'Autre. Les organes du corps chez le schizophrène n'aura pas, non plus, la possibilité de recourir à un discours établi, à une articulation signifiante donnée par l'Autre qui lui donnerait les fonctions de ses organes et une unité imaginaire de son corps donnée par l'image du corps en rapport à l'autre et à l'Autre.

Dans les chapitres III et IV de la thèse, à partir des concepts de l'objet (a) et du trait unaire, je distingue la clinique de l'autisme et de la schizophrénie. J'analyse l'articulation théorico-clinique de plusieurs psychanalystes qui focalise la compréhension du corps à partir de ces concepts clés. J'ai choisi d'aborder quelques cas qui n'appartiennent pas à des "cadres cliniques purs", autrement dit, bien que nous étudiions la clinique de la schizophrénie et de l'autisme, il n'est pas possible de négliger, par exemple, chez certains schizophrènes, les traits de paranoïa. Autre décision prise, aborder les cas de petits enfants chez qui la structure n'est pas encore définie en laissant conjecturer une nouvelle structuration chez des enfants ayant des traits autistiques.

Dans le chapitre III, intitulé "La question du corps dans l'autisme à partir des concepts de l'objet (a) et du trait unaire", j'aborde le maniement clinique de divers

psychanalystes autour de l'extraction d'un objet du circuit autiste, respectant la logique du circuit de chaque autiste dans sa singularité, réalisé à partir de l'inclusion initiale de l'analyste dans le circuit autiste et à partir de cette entrée "docile" réalisant des interventions afin d'aider l'autiste à structurer ses inventions singulières. Plusieurs travaux mettent en évidence l'importance du corps de l'analyste. L'extraction d'un objet du corps de l'analyste peut permettre d'inscrire une négativité autour de la circulation d'objets qui met en acte le corps de l'Autre comme support pour l'extraction et la circulation de l'objet, à partir de l'inscription d'un trou dans l'Autre, de l'Autre manquant incarné par l'analyste. J'aborderai dans ce chapitre les formulations de psychanalystes qui privilégient dans le traitement de l'autisme, le concept de la localisation de la jouissance au bord d'un objet supplémentaire comme une modalité spécifique du traitement de la jouissance par l'autiste. Cette localisation sur un bord est également mise en évidence par l'investissement dans le champ des signes, la création d'un îlot de compétence, l'investissement d'un double et la création de l'Autre de suppléance ou Autre de synthèse, constitué de signes. Ces stratégies peuvent permettre le traitement de la jouissance jusqu'à un possible nœud non borroméen de RSI dans une structure autiste. Il s'agit de la construction d'une inscription dans cet Autre de signes, et non dans un Autre signifiant, et de la relation scindée avec la jouissance. L'Autre de synthèse, constitué de signes distincts tant du S1 que du S2, est situé dans une relation de parasitisme au référent, mais qui permet une assimilation du langage chez l'autiste reposant sur la prééminence du signe iconique. Je discute la construction possible d'une image corporelle à partir d'un moi idéal, la construction d'un miroir comme Maleval l'a suggérée à partir d'une perte de jouissance que le psychanalyste fait équivaloir à l'objet (a). Selon Maleval, il y aurait un moyen de constituer ainsi un moi idéal, mais pas un idéal du moi, lequel dépendrait du trait d'un Autre signifiant, inexistant chez l'autiste. Par rapport à l'objet (a), je note comment le traitement par l'objet localisant la jouissance au bord, dans les objets, ou chez l'Autre de suppléance, permettrait une régulation de la jouissance par l'imaginaire et l'Autre de suppléance constitué de signes. La limitation de la construction de l'Autre de signes persisterait dans un corps coupé de la jouissance dans l'autisme. Le psychanalyste J-C Maleval suggère une construction, où il distingue différentes phases du miroir comme une possibilité d'habiter le corps propre pour l'autiste. Il s'agirait de miroirs réels et non virtuels qui, à la fin du parcours, aboutirait à la perte d'un objet vécu comme faisant partie de lui-même. Il ne se limite pas à la construction de l'Autre de synthèse, mais à l'inscription de la perte dans le

corps (une perte contrôlée dans le cas de l'autiste), d'une perte de quelque chose qui lui appartient, qui permet une nouvelle appropriation de l'image de lui-même, à partir de l'inscription d'un point d'opacité, similaire à l'espace blanc de l'objet (a) dans le miroir. Il ne s'agit pas, selon Maleval, de l'établissement d'un idéal du moi, impossible pour l'autiste, d'une identification symbolique à un trait de l'Autre, mais de l'instauration d'une perte à partir d'une perte réelle qui permet d'établir ce que l'auteur désigne le troisième miroir, celui qui permet la structuration d'un moi narcissique chez l'autiste. Il ne s'agit donc pas, de l'accès à une image virtuelle, impossible dans l'autisme, qui nécessite de l'incorporation de l'Autre symbolique du miroir inexistant dans l'autisme, mais de la perte d'une partie du corps propre équivalant à la perte de l'objet (a) permettant la construction du corps propre comme une unité. Autre point à souligner, dans l'autisme, il s'agit de constructions reposant sur le maintien d'une scission de l'autiste par rapport au champ de la jouissance, d'une scission de la jouissance par rapport au corps.

Dans ce même chapitre sont abordés les traitements de l'autisme de tous petits enfants, réalisés par la psychanalyste M-C Laznik. Celle-ci souligne l'importance du travail sur le champ du signifiant de l'Autre maternel ainsi que sur celui de l'écoute des signifiants de la mère et des traits du signifiant de l'enfant. L'écoute du signifiant maternel, la scansion du champ signifiant maternel au travers de consultations conjointes des parents avec l'enfant autiste s'est révélée un axe de travail important sur le champ signifiant, où l'enfant est baigné, permettant l'inscription d'une aliénation pour mener ensuite au travail de séparation. Le travail de séparation se faisant à partir de l'inscription d'un moins au niveau du corps ; dans la mise en acte de ce travail, l'axe d'inscription d'un moins au niveau du corps propre de l'analyste, incarnant l'Autre dans la séance. Autre axe du traitement, celui autour de la séparation, par rapport à l'inscription de l'objet (a), à partir de l'instauration d'une séparation de l'enfant d'une part de lui-même et d'une coupure par rapport au champ de l'Autre signifiant et de la construction de l'objet (a). Dans ce sens, Laznik met en avant la mise en scène de la perte de l'objet de l'Autre incarné par l'analyste comme quelqu'un qui peut être manquant, et à partir du manque dans l'Autre, l'enfant peut vivre son propre manque, la propre perte d'une partie de lui-même. L'analyste incarnant sa propre incomplétude, incomplétude formulée y compris au niveau du corps de l'analyste, permettra à la mère de faire face à sa propre incomplétude et à accepter ainsi la perte de la séparation. Lors du transfert, à partir du

travail de l'inscription de la perte de l'enfant comme objet (a), l'analyste à la place de l'Autre incarné peut se situer comme celui qui tente de sustenter l'enfant pour qu'il sorte de la place de l'objet (a) en tant que chu, s'inscrivant par la coupure d'une structure de bord. Il existe un parcours entre la sortie de la position d'objet (a) chu et celle de la cause du désir de l'Autre, où il s'agit d'une nouvelle structuration chez des enfants très petits, qui n'avaient pas encore de structure établie.

Par rapport aux autistes, à la structure de l'autisme, on travaille la prévalence du signe, qui, contrairement à la lettre, ne s'inscrit pas sur le corps. On formule l'existence de stratégies autistiques comme des tentatives de faire avec les signifiants et la jouissance, à partir d'un rapport singulier au langage, n'ayant pas d'accès au chiffrage de la jouissance par lalangue, du fait de la non incorporation de l'Autre primordial mais de son assimilation, dont l'une des conséquences est la prévalence des signes, distincts du signifiant et de la lettre.

Au chapitre IV, intitulé « La question du corps dans la schizophrénie à partir des concepts de l'objet (a) et du trait unaire », nous abordons au travers de plusieurs cas cliniques le concept d'objet (a) et le concept de sinthome comme une possibilité de nœud de RSI dans la schizophrénie, en spécifiant l'importance donnée au concept de la lettre, du travail sur la matérialité de la lettre comme solution possible dans la schizophrénie pour donner des bords à la jouissance illimitée, un ancrage singulier de l'économie de jouissance. Nous abordons, également, la voie de l'inscription d'une perte dans le réel du corps de l'Autre et la construction d'un objet supplémentaire dans lequel s'encadre la jouissance. À partir des formulations d'Holvoet, nous mettons en avant la manière de penser la négativation d'une jouissance en excès dans la schizophrénie. Faire entrer un moins dans du réel est une question pertinente soulevée par le psychanalyste, présente dans le quotidien de notre clinique avec les schizophrènes. Holvoet souligne les tentatives d'inscription d'une perte réelle, principalement par rapport au corps propre, où il suggère que nous pouvons situer la question de l'extraction de l'objet (a). Plusieurs psychanalystes mentionnent l'importance du corps de l'analyste dans le traitement de la psychose, la nécessité d'avoir un corps marqué par le désir, par le manque. Nous remarquons le vécu de dispersion du corps dans la schizophrénie, par rapport à l'absence du recours à un discours établi, ce qui peut être supplanté par la construction singulière d'un nœud entre

R-S-I. La schizophrénie met en lumière l'incidence directe du langage sur le corps, d'où le soin à apporter dans le travail avec le schizophrène qui prend ce qui est dit comme réel, et à mettre l'accent sur l'écoute littérale de ce qui est dit.

La création d'un sinthome peut permettre au schizophrène de réaliser le nœud RSI. L'intérêt du travail sur la lettre dans la schizophrénie est décrit dans les cas cliniques, ainsi que dans les analyses ressortant du travail d'écrit. Il existe une possibilité pour le schizophrène de travailler la dispersion du corps par la lettre. Le schizophrène face au réel sans recours à aucun discours, les organes dispersés dont la fonction ne pourrait être donnée que par un discours qui implique un enchaînement signifiant inexistant dans la schizophrénie. Ne pouvant recourir au semblant, aux discours, le réel est extrêmement lourd pour le schizophrène. L'une des solutions est d'attaquer la langue maternelle, que ce soit de manière fragmentée, ou par l'ironie vis-à-vis de l'Autre ; autre solution, la tentative de créer une négativité dans le réel qui peut établir une localisation de la jouissance, dispersée chez le schizophrène dont le moi peut être fragmenté, l'image du corps aussi, et que cette jouissance revienne dans le corps propre ou dans l'Autre fragmenté.

Les mots ayant une incidence directe sur le corps, le travail sur la lettre est une tentative pour le schizophrène que la langue morde le corps, ce qui peut être fait en bordant les lettres au corps. En lieu et place du discours établi qui étiquette les organes, le schizophrène peut utiliser les lettres, la matérialité de la lettre, distincte du signifiant, pour étiquetter les organes. Il s'agit d'un travail de hors-sens, sur la base d'une construction du sinthome, une solution de construction qui englobe à la fois le concept de l'objet (a) – de la jouissance – et le concept du trait – des signifiants Sxs.

Au chapitre V, nous travaillons le parcours de la Chose à l'inscription des traits où peut se situer la création dans la schizophrénie, des scansions nécessaires pour qu'il soit possible de tisser l'existence du sujet et un nouage de RSI. Nous abordons la question de l'inscription du Un et du parcours élaboré pour formuler l'inscription du Un et la répétition du Un par rapport à l'inscription du reste, l'objet (a) qui surgit de la double coupure et permet un nouage RSI. Nous abordons, aussi, à partir du concept de la lettre, la matérialité de la lettre en tant que modalité du travail de lalangue dans la schizophrénie, du travail sur les S1s ou Sxs comme je préfère les désigner, comme un

corps marqué par lalangue. Dans ce sens, nous faisons quelques commentaires sur les formulations de Lacan se rapportant à Joyce, la construction de son sinthome, lequel, à partir de la lettre, de son identification à son sinthome en tant qu'homme de lettres, a réussi à établir une consistance de ses morceaux de réel auparavant dispersés. Nous utilisons l'analyse, réalisée par Quinet, de Bispo de Rosário, schizophrène aux traits paranoïaques, dont le travail d'alignement des lettres dans son art, dans son corps créé, sera mis en évidence comme une façon de concevoir un sinthome. Nous abordons, également, l'œuvre de l'écrivain Walser par rapport à son travail sur la lettre.

Pour conclure le chapitre, on aborde, dans l'autisme, l'absence de l'aliénation pleine au signifiant primordiale de l'Autre. La non incorporation de S1, mais son assimilation, caractérise, alors, le rapport de l'autiste au langage. Il en découle une coupure entre le signifiant et la jouissance. On abordera deux voies distinctes dans le traitement de l'autiste: celle suggérée par Laurent, qui privilégie le concept de la lettre, et celle de Maleval, privilégiant le concept du signe, comme distinct de la lettre.

II. REMARQUES SUR LE CORPS DANS L'AUTISME ET DANS LA SCHIZOPHRÉNIE CHEZ L'ENFANT À PARTIR DES TRAVAUX DE LACAN : DE L'IMAGE DU CORPS PROPRE À L'OBJET (a) HORS MIROIR.

L'étude de l'imaginaire en termes de construction du narcissisme et de l'image du corps propre est extrêmement importante pour aborder l'autisme et la schizophrénie. J'aborderai initialement la construction chez Lacan de la conceptualisation du stade du miroir par rapport à la constitution du moi et de l'image du corps pour formuler, à partir des études et de la clinique de l'autisme et de la schizophrénie, ce qui est en jeu au moment précédant le spéculaire, à ce qui ne s'installe pas et affecte toute la relation entre corps et langage dans le champ de l'autisme et de la schizophrénie.

Je propose, en premier lieu, un abordage de la construction chez Lacan de la conceptualisation de l'imaginaire par rapport à la construction de l'image du corps, du moi et du narcissisme.

Dans le texte l'« *Au-delà du « principe de réalité*» Lacan (1936/1999) souligne que l'identification dont il s'agit chez l'humain n'est pas une imitation, mais de l'assimilation de traits lesquels déterminent le psychisme constituant une image désassimilée du réel, permettant la représentation du réel. Dans « *Les complexes familiaux* » où Lacan (1938 /2001) parle de ce qu'il appelle le « complexe d'intrusion », quand l'enfant connaît ses frères, il aborde l'agressivité présente dans la jalousie fraternelle, qui plus qu'une rivalité, représente une identification à l'autre liée à l'image du corps propre. Dans ce texte, c'est par le drame de la jalousie que le moi affirme son identité à la vue du sein maternel possédé par un semblable : il s'agit de la jalousie permettant la différenciation du moi et de l'autre, du moi et de l'objet. Dans ce texte, Lacan décrit alors deux moments : un premier, avant la constitution du moi, et un deuxième, une fois le moi mis en place. La constitution du moi est liée à la constitution de l'image de l'autre, du double. « Le moi se constitue en même temps que l'autrui dans le drame de la jalousie » (Lacan, 1936/1966, p.43). L'enfant est, d'abord, dans l'immaturité, son corps est fonctionnellement morcelé. Puis, l'identification à cette image, extérieure à lui, lui permet de se référer à cette unité imaginaire qui n'est qu'une

image virtuelle de lui-même, une anticipation d'unité mais dont l'existence permet la maîtrise du corps propre à partir de cette image. En outre, dans ce texte, l'identification à l'image de l'autre, et la reconnaissance de son image dans le miroir sont liées non seulement à la naissance du moi mais à la construction de la réalité du sujet :

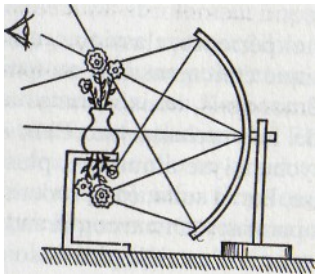
> la reconnaissance par le sujet de son image dans le miroir est un phénomène qui, pour l'analyse de ce stade, est deux fois significatif : le phénomène apparaît après six mois et son étude à ce moment révèle de façon démonstrative les tendances qui constituent alors la réalité du sujet ; l'image spéculaire, en raison même de ses affinités, donne un bon symbole de cette réalité : de sa valeur affective, illusoire comme image, et de sa structure, comme elle reflet de la forme humaine (Lacan, 1936/1966, p.40-41).

Une constatation intéressante est le fait que dans ce texte, Lacan va mettre en rapport l'importance du sevrage à la prématurité humaine lors de sa naissance, ce que l'on pourrait lire, me semble-t-il, comme sa perméabilité à l'Autre. Dans ce texte, l'auteur aborde l'identification à l'image de l'autre liée à ce phénomène du sevrage. Notons que, dans le sevrage en question, il s'agit d'un tiers, du frère qui devient l'objet du désir de la mère, point capital pour qu'il puisse constituer son moi. Lacan décrit, alors, cette image du double assumée par l'enfant comme « l'idéal de l'imago du double » (Lacan, 1936/1999, p. 42) - image décrite comme formant le moi ainsi que l'aliénant. La naissance du moi est liée à une aliénation originaire de cette image extérieure au sujet. Dans le texte « *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique* », cette image à laquelle le sujet s'identifie sera une gestalt entraînant des identifications secondaires, mais cette identification est basée dans une aliénation à cette image, une méconnaissance puisque cette image est extérieure au moi. Ce que Lacan reprendra comme l'essentiel introduit par ce texte c'est l' « assomption jubilatoire » qui vient comme signe d'une identification, c'est-à-dire « la transformation produite chez le sujet quand il assume une image » (Lacan, 1949/1999, p. 93).

Dans le texte « *L'agressivité en psychanalyse*", Lacan (1948/1999) réaffirme la jubilation chez l'enfant dans la conquête de l'unité idéale du corps propre, de cette forme gestaltique, ainsi que l'agressivité liée à cette méconnaissance originaire dans la

formation du moi, à sa structure aliénante en raison de son origine extérieure à lui-même. Lacan affirme qu'il faut considérer qu'une identification au rival, une identification secondaire liée à l'Œdipe n'est possible qu'à partir d'une première identification du sujet au rival qui serait lui-même. Le Gaufey (1997) affirme que la conception du moi que l'on doit comprendre dans le stade du miroir serait un moi qui « ne vient ni de l'image, ni de l'individu, mais de la tension installée entre les deux par l'identification » (p. 67). Dans le texte « *Propos sur la causalité psychique* », Lacan (1946 / 1999) décrit l'image comme pouvant induire des formes comme le moi. Il s'agit de diverses images idéales de l'autre - qui captent le moi, qui l'aliènent et qui le causent - qui constituent l'imago, une image typifiée. Lacan considère cette image de l'autre opératrice de l'identification de l'imago : « l'imago est cette forme définissable dans le complexe spatio-temporel imaginaire qui a pour fonction de réaliser l'identification résolutive d'une phase psychique, autrement dit une métamorphose des relations de l'individu à son semblable» (Lacan, 1946/1999, p. 188).

Lors du séminaire « *Les écrits techniques de Freud* » (1953-1954/1975), Lacan, en considérant la présentation spéculaire du stade du miroir, choisit d'utiliser un modèle optique pour l'introduire.

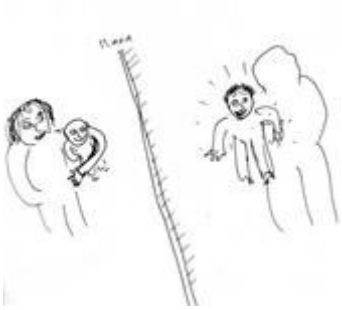


(Lacan, 1953-1954/1975, p. 126)

L'expérience du bouquet renversé est la première version utilisée par Lacan pour expliquer ce qui est mis en place dans le stade du miroir. Il s'agit de la figuration d'une expérience d'optique telle que la décrit par H. Bouasse, laquelle consiste à utiliser un miroir sphérique concave pour démontrer la constitution de l'image. Lacan utilise ce modèle pour éclaircir les conditions de possibilité de cette constitution et pour illustrer « l'intrication étroite du monde imaginaire et du monde réel dans l'économie psychique » (Lacan, 1953-1954/1975, p. 127).

D'abord le schéma introduit par Lacan est constitué par une boîte sur laquelle repose un vase réel et en dessous, il y a un bouquet de fleurs renversé invisible à l'œil de l'observateur. Alors que dans cette expérience, le bouquet se réfléchit sur le miroir sphérique. Ce bouquet qui était caché, en étant réfléchi, forme une image réelle[1]- le bouquet imaginaire- qui va devenir objet du regard.

Lacan renvoie, alors, cette relation vase-fleurs, de contenant-contenu, dans cette expérience optique du bouquet, à la constitution de l'image du corps propre chez l'humain. Dans ce schéma optique, le bouquet imaginaire donne l'image d'une unité, d'une unité imaginaire du corps, d'une unité qui intègre, tandis que dans la réalité il s'agit d'un bouquet fragmenté. Outre cette délimitation d'une unité et de la délimitation dedans-dehors, cette unité dans l'image permet, chez l'humain, la maîtrise d'une gestalt du corps, d'une maîtrise de la forme imaginaire du corps.



(Lemaire & Teboul, 1992, p. 41)

Laznik propose une autre version de ce schéma, le vase comme enveloppe du corps et des fleurs comme parties du corps :

[1] « Cette expérience repose sur la propriété des miroirs sphériques de produire une image réelle. La physique distingue deux types d'objets et deux types d'images, suivant qu'ils sont dits réels ou virtuels. L'objet est l'intersection des rayons lumineux qui arrivent sur un instrument d'optique. L'image est le point d'intersection des rayons lumineux qui partent d'un instrument d'optique. Ils sont dits réels quand les rayons convergent et passent effectivement par le point qu'est cette image ou cet objet. Ils sont dits virtuels quand ce point est sur le prolongement des rayons là où ils concourraient si l'instrument d'optique ne s'interposait. Ainsi, avec un miroir plan, l'objet réel est situé dans un espace réel et, se reflétant dans le miroir, il a pour image une image virtuelle qui s'obtient en prolongeant à l'intérieur de l'espace virtuel du miroir les rayons réfléchis sur la surface de celui-ci. » (Vanier, 2008, p. 35).

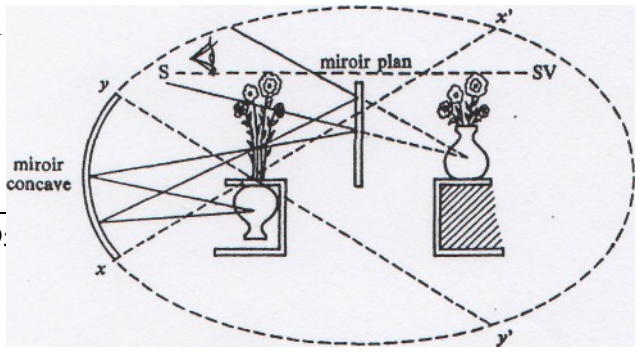
(Laznik, 1995/2004, p. 45)

Lacan propose, ensuite, une petite modification dans ce schéma du bouquet renversé, situant le bouquet de fleurs au-dessus et le vase au-dessous. Ce fait transforme le schéma en une expérience du vase renversé, où le vase devient l'unité du corps, ce qui n'existe que dans l'image. Le Gaufey (1997) clarifie l'explication à propos de ce changement effectué par Lacan. Dans ce nouveau schéma, il devient plus évident que le corps réel est inaccessible au regard et que l'accès du sujet à ce corps ne sera possible que par la voie de l'image du corps propre.

Lacan note que pour former ce tout – vase + fleurs – il faut que l'œil de l'observateur soit dans une certaine position - à l'intérieur du cône. Cette observation de Lacan met en relief le fait que si l'observateur ne se trouve pas dans cette position adéquate, il ne verra pas la formation de l'unité et le bébé n'aurait que du réel. Lacan affirme qu'il faut l'œil, le sujet dans une position adéquate – à l'intérieur du cône. L'œil à l'extérieur entraînerait alors la défaillance de cette intrication entre l'imaginaire et le réel chez l'humain.

Toujours dans ce même séminaire « *Les écrits techniques de Freud* »[2], Lacan complexifie son schéma optique, en y introduisant une nouvelle modification. Ce schéma très similaire à celui que Lacan nos propose dans le texte « *Remarque sur le rapport de Daniel Lagache : « Psychanalyse et structure de la personnalité* » (1960/1999), seront abordés ensemble:

(Lacan, 1960/1



[2] (Lacan, 1953-19

Il y a maintenant deux miroirs : un concave situé à la gauche des objets réels et un plan situé au milieu. L'introduction de ce miroir plan partage la partie de gauche où il y n'a que les objets réels et celle de droite où il y aura les objets virtuels. Le miroir sphérique continue la fonction de fournir l'unité vase + fleurs – cette image réelle, à condition que l'œil soit dans la position adéquate. Mais le miroir plan introduit dans l'espace virtuel, l'image virtuelle de l'image réelle de l'objet réel vase. Et à partir du moment où l'œil, le sujet, voit cette image virtuelle qui est l'illusion du vase renversé reflété dans le miroir plan, cet œil symbolisant le sujet est situé en un point où il ne peut plus voir l'image réelle. Il faut que l'image du sujet lui vienne de l'image virtuelle créée par le miroir / Autre et non d'une pure réflexivité.

Les introductions dans le schéma optique faites par Lacan mettent en relief la méconnaissance structurale dans la constitution du moi comme un effet de l'assomption de l'image spéculaire puisque originaire de l'illusion d'une virtualité, le fait que le sujet ne pourra plus voir directement le corps réel quant il accède a son corps propre à partir de l'Autre / miroir, la fonction de l'Autre / miroir étayant le champ symbolique entraînant la division du sujet représentée par le Sujet barré.

Ce schéma utilisé par Lacan comme modèle théorique permet distinguer la double incidence de l'imaginaire et du symbolique et met en relief ce rôle du miroir, de cet Autre symbolique puisque « L'œil, pour que l'illusion fonctionne, trouve sa place assignée en fonction de l'Autre » (Vanier, 1998 p. 40). Et l'œil étant dans cette position assignée en fonction de l'Autre – dans un certain éloignement et dans le cône - permet que les déplacements de cet œil n'entrainent pas un vacillement de l'image. Lacan introduit la régulation de l'imaginaire chez l'humain par le symbolique à partir de la voix de l'Autre qui détermine l'inclination du miroir, de laquelle dépend la manière vous allez voir l'image « plus ou moins bien réussi au centre ou sur les bords » (Lacan, 1953-1954/1975, p, 223). Le dernier ajout de Lacan à sa théorisation du stade du miroir, à savoir, le fait que l'enfant se retourne vers l'adulte, cherchant son regard, après s'être reconnu dans l'image spéculaire, est un point essentiel mettant le rapport spéculaire dans un lien à l'Autre, de sa marque signifiante, ayant été décrit ainsi par Lacan :

> dans un geste de l'enfant devant le miroir, geste qui est bien connu, et qui n'est pas difficile à observer. L'enfant qui est dans le bras de l'adulte est confronté exprès à son image. L'adulte, qu'il comprenne ou pas, ça l'amuse. Il faut donner alors toute son importance à ce geste de la tête qui, même après avoir été captivé par les premières ébauches du jeu qu'il fait devant sa propre image, se retourne vers l'adulte que le porte, sans que l'on puisse dire sans doute ce qu'il en attend, si c'est de l'ordre d'un accord ou d'un témoignage, mais la référence à l'Autre vient jouer là une fonction essentielle (Lacan, 1960-1961/ 2001, p. 415).

Une autre version similaire de ce même moment est donnée par Lacan dans le séminaire « *L'angoisse* » :

> dans la petite image exemplaire d'où part la démonstration du stade du miroir, dans ce moment dit jubilatoire où l'enfant s'assume comme totalité fonctionnant comme telle, dans son image spéculaire (…) le rapport essentiel à ce moment de ce mouvement qui fait le petit enfant, qui vient de se saisir dans cette expérience inaugurale de la reconnaissance dans le miroir, se retourne vers celui qui le porte, qui le supporte, qui le soutient, qui est là derrière lui, vers l'adulte (…)et se retourne vers celui, donc, qui le porte, vers l'adulte, vers celui qui, là représente le grand Autre, comme pour appeler, en quelque sorte, son assentiment (Lacan, 1962-1963, p.31).

Il s'agit alors de la mise en place d'un ancrage du point de regard dans un trait de l'Autre, un trait qui est hors miroir, dans cet Autre représenté par le miroir. Trait unique, ce regard de l'Autre s'intériorise par un trait de l'Autre. Ce point d'inscription du sujet dans l'Autre est, chez le sujet, l'accusé de réception de l'assentiment[3] de l'Autre sous la

[3] A propos du terme de signe de l'assentiment, Le Gaufey (2007) affirme : « *Reste à régler la difficile question du signe de l'assentiment. Lacan emploie en effet à ce moment le vocabulaire même de Freud décrivant l'identification dite par lui « régressive » lorsque « le choix d'objet a régressé jusqu'à l'identification ». Freud insiste alors sur le fait que cette identification est « partielle, extrêmement limitée, et n'emprunte qu'un seul trait à la personne objet ». Avant de proposer, quelques mois plus tard, le néologisme de « unaire » pour traduire cet « einzigen », Lacan se contente pour l'instant de parler d'un trait « unique » pour décrire ce qui reste après que cet « assentiment » ait été donné ; Une fois produite l'assomption jubilatoire – qui continue de signer l'identification à l'image spéculaire - ce qui s'est reconnu dans l'image pour n'y être pas passé se retourne pour rencontrer le signe d'un assentiment (...) l'assentiment est certes un « dire que oui » mais un dire mutique, un dire éminemment simple, inarticulé au point de ne pouvoir donner prise à aucun refus, à aucun questionnement*» (Le Gaufey, 2007, p. 104).

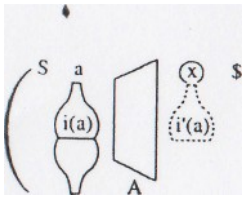
forme d'un signe, qui vaudra par la suite comme Idéal du moi. Lacan décrit dans cette opération de marquage du sujet par ce trait unaire deux mouvements : un de la part de l'Autre, de donner ce signe de son « assentiment, du choix d'amour sur lequel le sujet peut opérer, qui est là quelque part, et se règle dans la suite du jeu du miroir. Il suffit que le sujet aille y coïncider dans son rapport avec l'Autre pour que ce petit signe, cet einziger Zug, soit à sa disposition » (Lacan, 1960-1961/ 2001, p. 418). De la part de l'Autre, il y a les mouvements d'assentiment, et aussi d'amusement, et de la part du sujet il y a les mouvements d'aller vers l'Autre.

Un point remarquable mis en évidence à partir de cette nouvelle articulation du stade du miroir est le fait que le sujet se regarde d'un point d'identification non plus à une image mais à l'Autre, notamment à un trait de l'Autre. La première identification freudienne est une identification primordiale au père décrite comme antérieure à tout investissement d'objet, une identification par incorporation. On pourrait parler d'un trait de jouissance de l'Autre. La deuxième identification est celle au Trait Unaire. Le premier exemple est le trait qui transforme le cri en appel[4]. Le sujet ne s'inscrit pas par un réflexe dans le miroir mais par une inscription à partir de ce trait d'identification. Ce trait d'identification, ce trait unaire n'est pas un signifiant. Ce qui caractérise ce trait, c'est d'être un, un trait de l'Autre, qui peut ultérieurement se lier a un signifiant, acquérant ainsi le caractère d'être signifiant[5], marqué de l'Autre d'où provient l'identification au trait unaire, que Lacan inscrit résolument hors miroir, comme une identification non plus à l'image, non plus aux identifications imaginaires mais aux identifications symboliques, en rapport avec l'Autre.

Lacan formule dans le séminaire « *L'angoisse* » que la reconnaissance de l'unité de l'image du corps, l'assomption de l'image du corps propre est en rapport avec la mise en place de quelque chose qui échappe au spéculaire dans l'assomption de l'image de soi corrélative à la formulation d'un reste non spéculaire représenté par le nom d'objet (a). Dans le séminaire « *l'Angoisse* » on a, alors, affaire à la construction théorique de cet objet sans spécularité à partir de la théorisation de cette partie qui reste investie dans le corps propre, d'un auto-érotisme, et qui n'est qu'un blanc dans l'image, « introduisant du coup une relation entre « corps propre » et « image spéculaire » qui

[4] (Lacan, 1960 / 1999, p. 156)
[5] (Lacan, 1960-1961/ 2001)

dégage la possibilité, inédite jusque-là, d'un reste : l'objet (a) est passé par là » (Le Gaufey, 1997, p. 103) de ce qui reste hors miroir à partir de la place de l'Autre comme celui qui authentifie l'image propre de soi.



(Lacan, 1962-1963, p. 69)

Dans le schéma utilisé dans le séminaire « *l'Angoisse* » reproduit ci-dessus, le petit (a) est à la place des fleurs, le i (a) représentant le vase est de l'autre côté du miroir, l'image i' (a) et un x à la place du petit (a). Ce x traduit quelque chose, un reste dans la constitution de l'image, un reste qui n'est pas spécularisable, ce qui produit du côté de l'image, un x,

> un trou dans l'image elle-même (…) Les fleurs qui servaient jusque-là à designer l'objet (a) ne vont plus apparaître dans l'image virtuelle, mais au contraire y dessineront un manque. On conçoit bien dès lors la nécessité d'un point comme I d'où peut s'observer ce qui reste face au miroir et qui, de ce fait même, n'est pas présent dans le miroir. Libidinalement, le miroir n'est plus ce qu'il était sur le plan optique : une machine à refléter, à faire du double. Il est devenu un instrument de partage qui effectue une séparation entre ce qui est de l'ordre de l'image (et donc, selon Lacan, de l'investissement narcissique), et ce qui n'y advient pas (l'objet « a ») (Le Gaufey, 1997 p. 103).

Tandis que dans les textes et les séminaires antérieurs le déterminant de la non-spécularité de l'objet n'est pas encore mis en relief, on peut même observer que les fleurs (a) ont encore une image a'[6], dans le séminaire « *l'Angoisse* », le statut de l'objet (a) est défini nettement comme cet objet qui ne s'inscrit pas dans le spéculaire, qui ne peut pas y être réfléchi. Avant la formulation de l'objet (a), l'image de l'objet a est toujours une image dans le miroir; après, l'objet (a) n'est plus une image, il n'est plus spéculaire, mais hors image. Le Gaufey (1997) a signalé le changement du statut de l'objet et du sujet qui est mis en œuvre autour de l'objet (a). Pour développer ces

[6] (Le Gaufey, 1997, p. 90)

modifications, on va prendre en compte quelques considérations apportées par les séminaires en marge du séminaire « *l'Angoisse* » : le séminaire « *l'Identification* » et le séminaire « *Les quatre concepts fondamentaux* ». On va les utiliser pour reprendre les deux éléments soulevés à la conclusion du stade du miroir : l'objet (a) et le trait unaire.

Lacan, dans son séminaire « *L'Angoisse* » (1962-196), introduit l'objet (a) comme le reste irréductible dans l'opération d'avènement du sujet à la place de l'Autre, c'est-à-dire de la constitution du sujet barré. L'objet (a) en tant que reste de cette opération, est décrit comme objet chu, comme ce qui se perd dans le processus de la division du sujet, ce qui manque au sujet. Lacan formule d'abord l'objet (a) à partir de la relation du bébé aux parties de son corps, à partir de la séparation, de la coupure qui au départ n'est pas celle de l'enfant avec sa mère, mais avec son propre corps. Lacan va prendre les objets freudiens de la pulsion et inclure le regard et la voix. L'inclusion du regard et de la voix permet d'illustrer très nettement le fait que quand il s'agit des objets (a), on est dans le domaine du non-spéculaire.

L'objet *a* dans le champ scopique est le regard. Dans le schéma du miroir, pour que l'enfant sorte de la fascination duelle, il faut qu'il y ait la soustraction de l'objet regard du champ scopique. C'est la coupure du regard du champ de l'œil qui lui permet de fonctionner structuralement comme objet *a*, ce qui permet que le corps soit décomplété du regard. La non-extraction de cet objet (a) du champ scopique aura des conséquences remarquables chez qui le manque du manque de l'objet (a) regard atteint la consistance de la réalité. À partir de la non-perte de l'objet (a) regard ne s'inscrit pas une négativation structurante chez l'humain. Ce qui donne la consistance au champ imaginaire, c'est l'extraction de l'objet (a), c'est l'inscription d'une négativation, sans laquelle toute la consistance de l'image du corps est atteinte.

Pour aborder la question de l'objet (a) regard, on va encore tirer parti de la dernière présentation du schéma du miroir par Lacan, quand il décrit la jubilation de l'enfant face à l'image et son retournement vers l'adulte. Le Gaufey (1997) mentionne le fait que cette jouissance face à la reconnaissance de son image précède le mouvement du regard de l'enfant vers l'adulte. L'auteur souligne, alors, que ce que l'enfant cherche ailleurs est, en effet, le point de regard, et non son image puisqu'il l'a déjà. On peut dire que ce qu'il cherche n'est pas du domaine de la vision/image mais du hors miroir/regard.

L'enfant cherche hors miroir ce que donne sa consistance, il cherche dans le regard ce qui donne consistance à l'image.

L'extraction de l'objet regard se traduit par un changement de structure, un changement radical qui donne la consistance assurée par des éléments non imaginaires : le trait unaire - symbolique, et l'objet (a) – réel. Le sujet peut se repérer alors sur ce trait prélevé de l'Autre pour manœuvrer des identifications imaginaires, comme il peut se repérer dans l'objet (a) pour tourner autour de cet objet (par la pulsion).

En revanche, si le regard ne se détache pas du champ scopique, dans le schéma du stade du miroir, l'image n'aura plus de consistance et n'importe quel changement de la position de l'œil, ou même de l'objet entraînera de grands bouleversements, changeant l'image du corps propre.

Chez l'enfant schizophrène, on peut observer des comportements d'imitation d'un autre, d'un collage aux semblables dont il imite un trait. Là il s'agit d'une imitation extérieure, une identification à un cliché et non une identification symbolique. Une conséquence du fait qu'il ne s'agit pas d'une identification symbolique mais d'une identification cliché, c'est l'existence de phénomènes d'exacerbation observés quand le schizophrène répète en écho ou en miroir tout ce que dit ou fait son interlocuteur, ou des phénomènes d'automatisme corporel. Quinet (2003) prétend que ces maniérismes grotesques montrent l'identification du sujet à un trait qu'il emprunte dans la tentative de le faire fonctionner comme S1; cependant, le résultat devient caricatural car le signifiant emprunté n'est pas capable d'être intégré symboliquement.

La non extraction de l'objet regard chez le schizophrène peut être liée à quelque chose qui empêche cette quête du regard, l'enfant restant fasciné par l'image, par la réflexivité du champ scopique, notamment chez ceux qui ont quelques traits paranoïaques. On cite la formulation de Lacan à propos d'une modification observable dans le stade du miroir chez le psychotique tel qu'on l'a décrit. :

> qu'une relation à l'image spéculaire s'établit telle que l'enfant ne saurait retourner la tête, selon ce mouvement que je vous ai décrit comme familier, vers cet autre, ce témoin, cet adulte qui est là derrière lui, pour lui communiquer, par son sourire, les

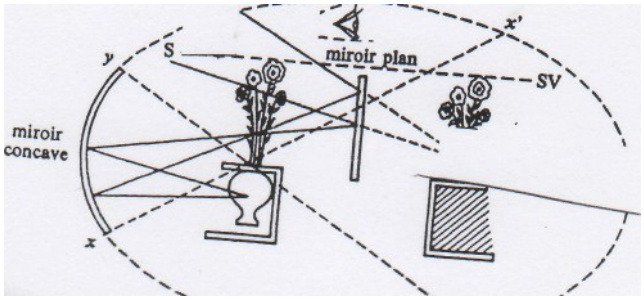
> manifestations de sa jubilation, de quelque chose qui le fait communiquer avec l'image spéculaire. Une autre relation s'établit dont il est trop captif pour que ce mouvement soit possible. Ici, la relation duelle pure dépossède – ce sentiment de relation marqué par les cliniciens, dans la psychose -, dépossède le sujet de cette relation au grande Autre (Lacan, 1962-1963, p. 93).

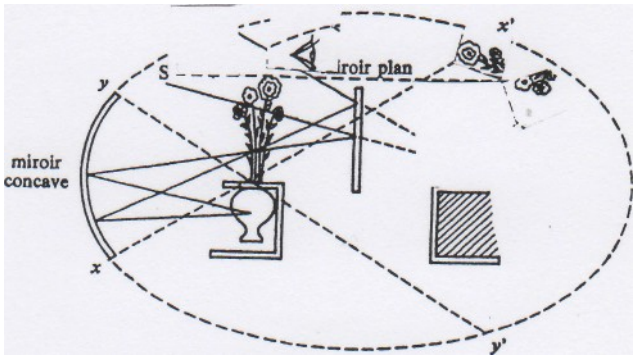
Il y a un manque du manque dans la relation imaginaire, dans la relation à sa propre image qui ne permet pas la disjonction de l'objet regard du champ scopique. Alors la non-extraction de l'objet (a) du champ scopique peut être à l'origine de l'instauration d'une zone de grande instabilité dans le rapport du schizophrène à l'image, à la sienne et à celle des autres. Pour aborder certains aspects pertinents par rapport à l'objet (a), citons comme exemple des extraits de certains cas où la relation au regard illustre quelques conséquences de sa non-extraction dans la schizophrénie et de sa présence massive : un enfant schizophrène trouvait son image dans le miroir insupportable. Pensant que c'était elle qui le regardait, il éprouvait le besoin de couvrir le miroir. Son reflet dans les vitres provoquait, par ailleurs, chez lui, une grande agitation corporelle. Un autre jeune schizophrène quand il se regardait dans le miroir m'affirmait n'avoir aucun problème, tout en décrivant des veines sortir du cerveau. On peut considérer que dans la schizophrénie, l'œil ne se situe pas là où il n'a accès qu'à l'image virtuelle, et en conséquence il a accès au corps réel. Il s'agit de la conséquence d'un mauvais positionnement de l'œil, de l'Autre incarné car

> certains parents ne sont dupes d'aucune *image réelle*, et donc d'aucune illusion anticipatrice : ils voient le bébé réel, tel quel, dans son dénuement, et leur impossibilité d'anticiper rend impossible que quelque chose advienne. L'absence de cette *image réelle* laisse l'enfant sans *image du corps*, rendant problématique son vécu d'*unité corporelle* (Laznik, 1993, p. 11).

Dans ce cas-là, l'image réelle du corps ne joue pas sa fonction de rassembler les morceaux du corps originel d'avant le stade du miroir. On peut utiliser le schéma du miroir de Lacan et le modifier pour illustrer une hypothèse d'un schéma optique chez le schizophrène. Alors, je suggère deux versions : dans la première, il n'y a pas de pot mais les fleurs sont un peu rassemblées, tandis que dans la deuxième version, il n'y a pas de pot et les fleurs sont totalement dispersées. En aucun cas, il n'y a la mise en place de la fonction illusoire de l'image qui a un rôle stabilisant.

……..……





Dans les deux schémas suggérés, le pot délimitant le dedans/dehors n'y est pas, aussi n'y a-t-il pas d'inscription signifiante déterminant les bords autour du vide. Laznik (1992), à partir de la formulation chez Lacan (1962-1963) selon laquelle les mères pour qui leur enfant n'était que réel, signale que certains parents ne voient que le bébé réel et non l'illusion de cette image réelle. La psychanalyste suggère que l'absence de l'image réelle rend difficile la construction d'une image du corps, le vécu d'une unité corporelle étant aussi atteint. Elle signale, comme conséquence de la non existence de l'image du corps, la non réversibilité de la libido du corps propre à l'objet et la non consistance de l'imaginaire – n'ayant pas la possibilité d'une pétrification identificatoire du type paranoïde car cette fixation pétrifiée suppose une reconnaissance dans cette image, ce qui n'existe pas dans les cas où il n'existe pas de mise en place du stade du miroir, les cas d'une non-existence de l'image du corps.

Dans l'autisme, la question du stade du miroir se pose sur des éléments de base différents. Chez l'autiste, l'aspect le plus marquant est le refus du regard : refus de regarder et d'être regardé par l'Autre. Ces manifestations sont des refus d'aliénation avec l'Autre et entraînent des conséquences sur ceux qui pourraient prendre en charge le rôle de l'autre/Autre pour cet enfant. Autrement dit, même dans le cas où les parents

tentent, au début, une interaction avec l'enfant, un temps de refus de part de l'enfant peut entraîner pour eux des difficultés à exercer un rôle en tant qu'Autre symbolique, l'œil anticipateur de l'image unifiante de l'enfant dans le stade du miroir.

Chez la plupart des autistes, l'absence du regard est frappante. Ils évitent tout regard. Ils regardent ailleurs, ils fixent souvent un objet ou une fenêtre, mais pas les yeux humains. Ils ont un regard vide, vidé, ils regardent le vide, n'appellent pas l'autre. La réponse de la mère, des parents, est, par la suite, de ne plus regarder ce bébé qui ne les regarde pas. Le regard est refusé. Il y a chez le bébé à risque autistique un manque de capacité à échanger des regards spontanés avec la mère, à chercher à donner du plaisir à l'autre, d'un se faire regarder lié au troisième temps de la pulsion. Ce défaut du se faire regarder est l'un des premier signes des manifestations autistiques.

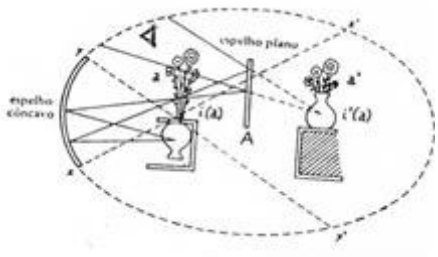
On doit chercher les origines de l'autisme dans un temps logique antérieur au temps spéculaire : dans la non-instauration de la relation spéculaire corrélative de la non instauration de la relation symbolique fondamental – présence/absence maternelle, contrairement au cas de la psychose où il y a un manque de l'absence, dans l'autisme, il s'agit du manque de la présence originaire de l'Autre. Ce manque empêche la construction de ce que l'on observe comme la conclusion du stade du miroir : le moi et l'image du corps propre.

Il s'agit dans l'autisme d'une perturbation de l'instauration de ce que Freud appelle le narcissisme, comme Lacan l'aborde dans son séminaire 1 « *Les écrits techniques de Freud* », mais c'est dans le séminaire « *l'Angoisse* » que Lacan va développer ce point de la constitution de l'image corporelle originaire – Ur-Bild de l'image, l'image du moi primitif, prototype de l'image spéculaire, l'instauration de l'Ur-Bild de l'image spéculaire, de l'objet réel et de l'image réelle comme une totalité, comme la construction du corps propre. Bernardino (1999) souligne qu'il s'agit d'abord d'un narcissisme primaire, dans le schéma du miroir concave, tandis que dans le schéma du miroir plan, il s'agit d'un narcissisme secondaire lié à la constitution d'un moi idéal. Dans le même sens, Laznik (1993a) se réfère au premier schéma, du miroir concave, comme le temps pré-spéculaire, mis en rapport à la mise en place du narcissisme primaire. Laznik (1995/2004) situe l'origine d'une image corporelle originaire vers 6 mois à partir d'une reconnaissance possible de la propre image, d'une jubilation face à

l'image du corps propre et la quête du regard de l'Autre. La construction imaginaire du narcissisme est en rapport à l'investissement libidinal du corps propre. Laznik (1992/2004) désigne par Ur-Bild originaire du corps, une unité (avant la conclusion du stade du miroir : ce temps où se situe l'instauration de l'imaginaire et du moi). La psychanalyste signale que dans la figure du miroir plan, l'image i' (a) va être construite dans l'espace virtuel où le sujet peut se reconnaître en tant que « moi » (où elle observe que Lacan aborde le moi idéal, tout en faisant remarquer qu'on peut le formuler en termes de narcissisme secondaire).

Laznik (1992/2004) souligne l'existence d'une étape précédant la quête du regard de l'enfant vers l'Adulte, quand le bébé cherche l'assentiment dont on a parlé, serait une demande de reconnaissance de l'image qu'il assume, de l'ordre d'une demande, il y aurait une autre reconnaissance originaire, avant celle-là, qui serait une reconnaissance non-demandée créée à partir de la présence de l'Autre. L'hypothèse de l'auteur est que cette reconnaissance originaire est nécessaire comme condition de la construction de l'Ur-bild de l'image spéculaire, de l'image du corps ; la constitution de cet Ur-bild de l'image spéculaire comme condition préalable à l'instauration de l'image spéculaire proprement dite. L'auteur met en rapport cette reconnaissance originaire à une incorporation, à une prise des petits (a) sur le bord du corps réel. L'auteur suggère que des mères qui ne voyaient pas cette image – l'illusion d'une image qui n'existe pas – mais le réel ; cette absence de l'image du corps entrainant toute une problématique par rapport à l'unité du corps propre. La psychanalyste signale qu'on peut situer l'Autre à partir de la mise en place du miroir plan dans le schéma optique mettant en lumière le stade du miroir où on peut situer l'importance de la reconnaissance jubilatoire de l'image de l'enfant par l'Autre. Du côté droit du schéma, la psychanalyste signale qu'au-delà du miroir, il y a i' (a) – l'image spéculaire où le sujet pourrait reconnaître son moi. Du côté gauche du schéma, la psychanalyste situe l'Ur-Bild de l'image spéculaire, d'une unité de l'objet réel – l'organisme du bébé – et l'image réelle – les fleurs. Elle apporte, alors, deux précisions dont la mise en relief me paraît importante : la première est que les (a) – fleurs – vont constituer la réserve de libido et la deuxième est qu'à partir d'une incorporation, les (a) – fleurs – vont être prises comme corps réel dans le bord du vase. La psychanalyste indique que cette incorporation à partir de l'Autre, à partir du « regard » de l'Autre permettra la constitution de l'unité fleurs plus vase à l'origine de l'image du corps propre, de l'Ur-Bild de l'image spéculaire. La

psychanalyste précise qu'à partir de cette incorporation créant l'Ur-Bild de l'image, on aura la possibilité de l'instauration de l'image spéculaire (côté droit). Le vase + fleurs étant à l'origine de cette image originaire du corps propre, cette unité n'existe qu'à partir du regard de l'Autre.



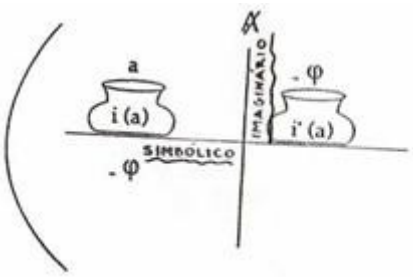
(Laznik, 1992/2004, p. 52)

La problématique de l'autisme se situe avant le stade du miroir, « C'est bien, en effet, avant la relation spéculaire que se fait un « ratage » sur lequel se développera l'autisme » (Siksou, 1993, p. 66). Laznik (1992/2004) souligne qu'on peut comprendre la clinique de l'autisme à partir des schémas optiques du fait qu'ils prennent en compte la phase antérieure du stade du miroir. Dans la figure 1 de la thèse, la psychanalyste met en relief le rôle de l'œil comme la place de l'Autre réel qui peut investir libidinalement l'enfant ; le moi et le corps peuvent être mis en place à partir de la marque de la présence d'un Autre. Alors, c'est à partir de l'Autre que les fleurs apparaissent dans le vase comme une unité, une unité de l'objet réel – l'organisme du bébé – et l'image – les fleurs – qui, ensemble, constituent l'image corporelle originaire – Ur-Bild. Du côté droit du schéma du miroir plan, il y a la constitution du i' (a), de l'image spéculaire en rapport à la mise en place du narcissisme secondaire, dont la condition préliminaire est la constitution de l'image spéculaire où le sujet peut se reconnaître comme moi, tandis que du côté gauche du miroir, il s'agit de la constitution d'une unité de l'objet réel plus l'image réelle, qu'on avait abordé comme la place du narcissisme primaire. Chez l'autiste, le défaut de la présence de l'Autre a « comme conséquence l'impossibilité de mise en place du temps constitutif de l'imaginaire, et donc du Moi, au travers du rapport spéculaire à l'Autre » (Laznik, 1993a, p. 109).

C'est le regard de l'Autre qui voit l'objet réel et l'image réelle comme une unité, ce qui est à l'origine du corps - de l'image corporelle imaginaire - et du moi, et qui n'est possible qu'à partir du regard de l'Autre. Dans l'autisme, Laznik propose comme hypothèse l'existence d'une impossibilité de l'instauration du stade du miroir qui

entraîne la non-assomption jubilatoire face à la propre image et la non demande de reconnaissance, la non existence du retournement vers l'adulte du regard tourné vers l'Autre. D'après la psychanalyste, Il s'agit d'une suppression des signes perceptifs de ce qui pourrait être la présence de l'Autre : une suppression des signes de la présence de l'Autre.

On va suivre pas à pas le parcours effectué par Laznik pour étudier la question de l'origine du corps réel à partir des schémas de Lacan. Revenons, à cet effet, au schéma proposé dans le séminaire « *l'Angoisse* » (1962-1963):



(Laznik, 1992/2004, p.54)

Au-dessous du vase, l'image réel n'est plus la copie d'un objet caché, comme c'était le cas par rapport au bouquet de fleurs, mais l'effet d'un manque moins phi. Laznik laisse entendre qu'à partir de ce schéma on s'aperçoit que l'Autre qui donne son manque, son moins phi est un Autre barré, un Autre manquant qui donne ce qu'il n'a pas, c'est un Autre amoureux qui investit libidinalement l'enfant. Ces objets (a) ne sont pas spécularisables, ce qui entraîne une image virtuelle avec un moins phi, un manque. Il faudrait signaler le A barré dans le schéma ainsi que cette partie non spéculaire, ce moins inscrit à partir de l'incidence de l'Autre.

Il y a une différence entre la partie droite et la partie gauche ; le (a) à droite devient moins phi à gauche. En conséquence, l'enfant sera marqué par ce moins. L'image réelle formée par l'ensemble des (a) serait, alors, liée à une marque inscrite de perte, un statut de l'enfant aimé, mis à la place de l'idéal aux yeux de la mère, d'un Autre marqué d'un manque. Pour Laznik, auréoler l'enfant, c'est donner ce qu'elle (la mère) n'a pas, c'est mettre cet enfant à la place de l'Idéal. Mais donner ce qu'elle n'a pas est directement lié

à ce qu'est pour elle, le père, donc lié à une incorporation primordiale du père, une identification antérieure à l'identification au trait unaire.

C'est à partir du manque dans l'Autre, que la mère peut auréoler l'enfant avec des réserves de libido, a, de l'investissement libidinal du bébé, cette « phallicisation de l'enfant n'a lieu que dans le regard de l'Autre et ici le A majuscule s'impose cliniquement puisque dans son rapport à son image, à l'autre son semblable, le sujet ne peut se voir que comme marqué du manque » (Laznik, 1993a, p. 114).

Pensant ce schéma par rapport à l'autisme, il n'y aurait plus d'objet (a) au bord du vase ce qui entrainerait une impossibilité du passage de la libido entre i (a) et i (a)', la libido restant enfermée dans le corps propre. L'absence de l'illusion anticipatrice, l'absence de cette l'image réelle laisse l'enfant sans image du corps, troublant son vécu d'une unité corporelle imaginaire. On se trouve, alors, pour Laznik (1992/2004) dans le domaine du Lust Ich, dans un niveau non-pulsionnel. Il faut, de ce fait, opposer ce corps de l'autiste au corps introduit à la conclusion du stade du miroir, ce corps construit à partir de l'Autre. L'auteur précise que pour mieux comprendre le corps de l'autiste il faut lire Freud à partir de Lacan, notamment, à partir de la lecture lacanienne de la pulsion, considérée non plus comme un concept limite entre le biologique et le psychique, mais comme un concept qui articule le signifiant et le corps.

Quand le circuit pulsionnel est mis en place, les objets (a) circulent sur les bords du corps et la libido est concentrée dans les zones érogènes. Or, dans l'autisme il y a un ratage de cette mise en place du circuit pulsionnel et ces zones ne font plus bord. Laznik fait observer que Lacan va lier la mise en place complète de ce circuit au surgissement d'un sujet – du sujet de l'inconscient, dans le champ de l'Autre. Le circuit pulsionnel a trois temps : le premier temps en direction de l'objet externe est actif, le deuxième, quand on prend une partie du corps propre comme objet, est réflexif – d'auto-érotisme - et le troisième est nommé passif mais il s'agit d'un se faire objet d'un autre qui est un mouvement actif. L'autisme est considéré par Laznik (2007b) comme le défaut de ce troisième temps du circuit pulsionnel où il n'y a pas cette réversion pulsionnelle.

La pulsion est liée au statut de l'objet en tant qu'objet (a). C'est une pulsion qui tourne autour d'un objet perdu, dont il faut rendre compte à partir du signifiant. Quand le sujet

va chercher sa satisfaction dans un objet, une dimension de l'Autre est en jeu et à travers la complétude du trajet, par la réalisation du trajet, il y a une satisfaction du corps propre. Le champ de la pulsion n'est pas du domaine de la satisfaction d'une nécessité organique. La satisfaction de la pulsion peut s'appuyer sur une nécessité mais elle est d'un autre registre, d'un registre signifiant. La satisfaction est accomplie dans la réalisation du trajet, d'aller et retour, autour de l'objet. Or, chez l'autiste, cette dimension signifiante, cette dimension de l'Autre est exclue, ce qui rate le but de la pulsion, qui est d'obtenir une satisfaction dans la réalisation du trajet complet autour de l'objet.

Étant donné que « la pulsion ne peut se boucler par l'obtention de sa satisfaction qu'à la condition de rencontrer une aide étrangère qui est une figure de l'autre » (Hoffmann, 1993, p. 132), Hoffmann souligne qu'il est « délicat d'évoquer la pulsion avant la rencontre avec cet autre. Freud ne parle que d'un stade préliminaire de la pulsion à son état originaire narcissique. L'autisme se situerait encore antérieurement à cet état narcissique qui suppose le regard sur le corps propre » (Hoffmann, 1993, p. 132).

La mère doit pouvoir s'écarter du réel du corps pour inscrire l'investissement libidinal de cet autre anticipé, d'une unité inexistante, des fleurs inexistantes dans le réel. Sans l'illusion des fleurs, la construction de l'image du corps propre est atteinte, la constitution de l'illusion narcissique chez l'humain est atteinte. N'ayant pas l'unité du vase plus fleurs, l'illusion construite à partir du regard de l'Autre n'existe pas. Être capable de s'étonner implique une capacité à se laisser tromper, à se laisser illusionner, à voir plus que du réel, plus que des morceaux du réel. Laznik situe dans le ratage de l'aliénation à l'Autre réel, le manque du marquage de la jouissance de l'Autre rendant impossible la mise en place du stade du miroir. Selon Dieren (1993), dans l'autisme « il y aurait une absence de marquage corporel par le signifiant, ce qui, c'est une proposition, serait un effet du ratage de cette première identification par incorporation » (Dieren, 1993, p. 52). Ce temps pré-spéculaire est aussi situé par Cabassu (1993) comme la place où l'on situe le ratage d'une rencontre structurante qui n'est pas mise en place chez l'autiste, chez qui il n'y a pas de « mise en place de ce préalable nécessaire à l'avènement du miroir » (p. 79), dont l'une des conséquences est le « ratage que nous observons dans le cas d'autisme dans la mise en place des rapports spéculaires » (p. 77), dans le ratage de l'établissement d'une condition préalable à l'établissement des

structures psychiques de l'humain, du ratage « de la rencontre devant conduire un sujet au spéculaire, c'est-à-dire au montage qui doit s'opérer entre le réel du corps de l'enfant et ce que la mère y loge de son désir » (Cabassu, 1993, p. 82).

C'est l'anticipation de l'Autre maternel, mais d'un Autre maternel qui peut offrir sa jouissance, la crochetant au corps du bébé, mettant des fleurs dans le vase, dans cet ensemble vase + fleurs où Lacan, dans le séminaire « *L'angoisse* », va situer le cross-cap, la postérieure double coupure d'où peut émerger l'objet (a) cause du désir, d'un investissement préalable, d'un investissement libidinal qui permet la construction du vase+fleurs où pourra s'inscrire le mouvement de construction de l'objet (a) de son détachement à partir de la double boucle.

Le manque d'inscription de la jouissance de l'Autre atteint la structuration du narcissisme par rapport à l'investissement de l'image du corps propre. Dans l'autisme, il y a un organisme qui peut fonctionner, un corps-organisme fonctionnant coupé d'un investissement pulsionnel, tandis que dans la schizophrénie, l'accent est mis sur le corps comme des morceaux du réel.

Chez l'autiste, qui n'a pas la mise en place de l'aliénation à l'Autre réel, il n'y a pas l'incarnation de l'Autre symbolique dans l'Autre réel, ni l'accès au stade du miroir ni à la constitution du moi. C'est le miroir/autre qui permet la construction du moi et de l'image du corps propre à partir de cette image de l'autre, de la mise en place d'une aliénation imaginaire, la matrice du moi étant l'image de l'autre, l'aliénation à l'autre. Or, pour cela il faut, au préalable, l'aliénation réelle à partir d'un investissement libidinal par l'Autre réel du corps du bébé, d'un crochetage de la jouissance de l'Autre dans le corps.

L'autiste reste renfermé sur son plaisir, sans réaliser de trajet autour de l'objet. D'après Laznik (1992/2004), en lui, il peut avoir l'incorporation des objets qui sont transformés en objets autistiques, comme une partie du corps propre caractérisant un système Lust Ich-Real-Ich. Pour sortir de cet enfermement en soi même, il faut qu'il y ait ce que Laznik appelle une aliénation réelle, c'est-à-dire que l'Ich se fasse objet de l'autre, de l'Autre pour mettre en œuvre le circuit pulsionnel. L'Ich qui doit aller vers l'autre, pour arriver à l'Autre – est quelque chose qui ne marche pas dès cette première aliénation

chez l'autiste, une aliénation à l'autre réel, avant que l'autre imaginaire soit même construit. Laznik distingue le moi dans la constitution spéculaire, par rapport à l'autre, de la désignation de l'Ich où il ne s'agit pas encore du spéculaire. Alors, Laznik nous explicite l'importance pour l'instauration du circuit pulsionnel du plaisir éprouvé de la part du bébé à se faire objet pour un autre – Autre et de la part de la mère, de l'offre d'une jouissance - d'un pas trop de jouissance, mais d'un suffisamment de jouissance pour appeler le bébé à mettre un autre dans son circuit de plaisir, à enregistrer l'existence d'un autre.

Il intéressant de souligner que Laznik propose qu'on puisse faire une nuance entre des manifestations autistiques qui se révèlent dans la deuxième année de vie et celles qui se manifestent dès le début de la vie. Dans le premier cas, il s'agit d'enfants autistes qui étaient des bébés sensibles à l'autre, aux éloges des autres dans le domaine narcissique, tandis que dans le deuxième cas il n'a même pas ce mouvement initial de plaisir dans le contact avec l'autre. Or, dans les deux cas, le troisième temps du circuit pulsionnel n'existe pas : c'est toujours un bébé qui ne s'offre pas comme objet à l'autre. Suivons les indications de Laznik à ce sujet qui me paraissent pertinentes pour comprendre cette question. L'auteur suggère que la clinique de l'autisme met en relief une distinction lacanienne entre les pulsions proprement dites et le narcissisme. Chez les autistes du premier cas, il s'agit d'une construction narcissique sans construction pulsionnelle. Chez Lacan, la construction pulsionnelle est articulée à l'Autre. On peut trouver un plaisir du registre narcissique chez l'autiste, un certain plaisir dans le premier et même dans le deuxième temps du circuit pulsionnel, mais dans les deux cas d'autisme, le circuit de plaisir ne se laisse pas marquer par les traits de l'Autre, le troisième temps du circuit pulsionnel n'existe pas quand il y a un :

> crochetage de la jouissance au champ de l'Autre (…) que c'est au moment même où cette jouissance est crochetée au champ de l'Autre (ce qui suppose, pour qu'il y ait jouissance, qu'un autre en chair et en os veuille bien se prêter à occuper cette place - que ce n'est que là que le champ de l'Autre peut se constituer et, rétroactivement, la fonction sujet proprement dite aussi (Laznik, 2007b, p. 25).

Dans le champ de l'autisme, on est alors dans le domaine d'une défaillance de l'aliénation structurante du sujet, du temps primordial d'aliénation dans les signifiants

de l'Autre, de marquage par l'Autre. Les mouvements de l'autiste vers un objet, ou prenant une partie de soi-même comme objet de satisfaction ne sont pas en rapport à un autre ou à un Autre, puisqu'il y aurait chez lui une élision des traits de l'Autre, ou mieux, l'élision de la possibilité de leur inscription.

Les études de Laznik sur les autistes et les bébés ayant des traits autistiques nous ont appris que pour que le circuit pulsionnel chez l'enfant soit mis en œuvre, ces traits de l'Autre qui doivent s'inscrire dans le registre de la satisfaction du bébé sont des traits de plaisir et de surprise transmis par le regard ainsi que par la prosodie.

Ces traits acoustiques s'inscrivent à partir de quelque chose de marqué à partir de la prosodie des parents, celle-ci étant notamment marquée par deux caractéristiques : le plaisir et la surprise, qui ensemble produisent un marquage de l'enfant. Ce qui se marque d'abord ce n'est pas ce qui se dit – un contenu - mais le registre de l'Autre, de la jouissance de l'Autre, de la présence primordiale de l'Autre dans les circuits du plaisir de l'enfant.

Dans le mouvement de la part de l'Autre, de donner le signe de son assentiment, du choix d'amour, d'amusement de l'Autre[7], c'est la trace du plaisir de l'Autre qui va nourrir l'enfant, que celui-ci va manger, c'est l'incorporation du plaisir de l'Autre, de son amusement, de son plaisir qui ouvrira la possibilité de l'inscription d'une deuxième identification, celle du trait unaire dans le mouvement de quête du regard de l'Autre dans le schéma du miroir. Lacan part des trois identifications chez Freud : la première identification sur le fond ambivalent de l'image de la dévoration assimilante, la deuxième identification liée au trait Einziger Zug – l'identification à un trait d'une personne aimée perdue - et la troisième identification à l'autre par l'intermédiaire du désir.

Pour aborder l'autisme, il faut problématiser l'inscription de cette première identification par incorporation qui s'est mise en place par « ces traces des coordonnés du plaisir de cet Autre primordial qui me garantissent que Éros est là présent et que nous sommes donc face à un auto-érotisme. Si nous élevons Eros, c'est face à l'autisme que nous nous retrouvons » (Laznik, 2007c, p. 214). L'Éros ici est celui de la mère qui,

[7] (Lacan, 1960-1961/2001, p. 418)

pour aimer son enfant, a besoin d'être dans un état d'extrême disponibilité à aimer, à placer l'enfant comme objet d'amour idéal, ce qui selon Laznik serait possible à partir d'un état de ce que l'auteur appelle l'existence chez la mère d'un vide intérieur, d'un manque similaire aux états avant l'éclosion d'une passion.

Ce n'est qu'après la donation du signe de l'assentiment, de l'amusement par la mère, par l'Autre, que le bébé peut inscrire ce plaisir-là, ce plaisir de l'Autre dans son circuit de plaisir, qui s'accomplit alors comme un circuit pulsionnel, c'est-à-dire un circuit où le plaisir est marqué par ce trait de l'Autre, où le plaisir du sujet aura toujours affaire à l'Autre, aux traits de l'Autre, et où on pourra parler d'un auto-érotisme proprement dit, où l'Eros a sa place. Sinon, on est dans l'autisme.

Dans la pulsion, il y a l'Eros, une marque de la jouissance de l'Autre. C'est la mise en place de ce circuit pulsionnel complet, incluant le trait de l'Autre, qui inscrit dans l'expérience d'hallucination primaire, la présence de l'Autre primordiale. À partir de l'inscription d'un trait de l'Autre incorporé et ainsi inscrit dans ce pôle d'hallucination lorsque le bébé prendra une partie de son corps comme objet, pour se sucer par exemple, il va refaire ce circuit de satisfaction du désir, lequel y inclut déjà le trait de la jouissance de l'Autre enregistré dans l'appareil psychique. Alors, même quand le bébé a affaire à son corps propre, dans l'expérience de réactivation du pôle hallucinatoire, il y aura une satisfaction d'un plaisir qui porte la marque de l'Autre.

Dans l'instauration du premier trait de l'Autre, il s'agit d'une marque incorporée de la présence de l'Autre, de la jouissance de l'Autre, tandis que dans l'instauration de la deuxième marque de l'Autre, il s'agit de l'inscription d'une absence, de l'inscription de ce qui manque dans l'appréhension de l'image : de l'Un – indivisible, du trait unaire inscrit par une deuxième identification à la conclusion du stade du miroir– et de l'objet (a) les deux qui sont absents de l'image, des hors miroir.

Laznik (2000a/2004) met en relief l'importance de la voix dans l'instauration de l'aliénation primordiale du bébé dans le champ de l'Autre. L'auteur a analysé les études linguistiques de la prosodie des voix des parents, des montées et descentes typiques de la surprise et de la joie et la réponse des bébés qui ne deviendront pas autistes – circuit qui n'est pas mis en place dans le cas des bébés qui deviennent autistes. Ce qui est mis

en œuvre dans ce circuit est un crochetage du bébé, à partir de la jouissance de l'Autre, des parents à l'occasion, dans le champ signifiant. L'auteur souligne, alors, le fait que cette prosodie permet à l'enfant d'identifier sa présence comme objet cause de jouissance et entraîner chez lui l'envie de se faire l'objet de cette jouissance de l'Autre.

Or, l'autiste refuse justement cette jouissance. Les troubles de l'autiste avec la voix sont marquants ; la voix en tant qu'objet (a) lié à une jouissance vocale est évitée par l'autiste. Ainsi, certains autistes parlent en effaçant leur voix, d'autres parlent avec une voix artificielle ou encore sans mettre en œuvre une jouissance vocale. Ils évitent aussi la voix de l'autre, ils peuvent même se boucher les oreilles ou construire d'autres barrières à la voix de l'autre et de la leur par le mutisme. Maleval (2009b) souligne la difficulté de l'autiste en présence du sujet de l'énonciation, l'émission de la voix qui implique une cession de l'objet, de la cession de la jouissance qui est mis en place quand on s'adresse à l'Autre. Il y a des autistes de haut niveau qui peuvent parler couramment mais dont le point décisif est leur effort d'annuler leur présence en tant que sujets d'énonciation, quelquefois par l'utilisation d'un facilitateur ou d'un ordinateur pour se communiquer. Selon l'auteur, leur problème n'est pas tant la communication de quelque chose mais le fait que par la voix, il y a une jouissance vocale qui se perd quand on parle dans une énonciation vécue comme une mutilation, dans cette cession de l'objet. L'auteur souligne que même les autistes de haut niveau qui n'ont pas de difficulté pour parler, ceux qui ont bien acquis le langage, peuvent avoir des difficultés majeures dans le maniement des caractéristiques prosodiques du langage, telles que l'intonation, la hauteur de la voix, le débit, la fluidité et l'emphase. Ce refus de la jouissance vocale, cette négation à s'accrocher à l'Autre, de se crocheter au champ de l'Autre est en rapport à la mise en échec de la constitution du signifiant unaire propre à représenter le sujet auprès d'autres signifiants, indicatif de la non aliénation du sujet dans le champ de l'Autre, de son exclusion du champ signifiant.

Or, si dans l'autisme, on est dans le domaine du manque de cette présence initiale, du manque de la première inscription de l'Autre, dans la schizophrénie, on peut formuler l'existence de la présence initiale de l'Autre, de l'inscription de la jouissance de l'Autre, mais que, tout comme chez l'autiste, il n'y a pas non plus l'inscription du Trait Unaire de la deuxième identification. Dans l'instauration du premier trait de l'Autre, il s'agit d'une marque incorporée de la présence de l'Autre, de la jouissance de l'Autre, tandis

que dans l'instauration de la deuxième marque de l'Autre, il s'agit de l'inscription d'une absence. Chez le schizophrène, il y a l'inscription de la présence de l'Autre primordial, mais il n'y a pas l'inscription de l'absence, du manque dans l'Autre, du blanc dans le stade du miroir qui rend possible la quête du regard de l'Autre, l'adresse à un point I. C'est ce qui se passe dans le lien entre le bébé et son Autre qu'il n'y a pas la possibilité d'un moins phi, d'un manque, d'un blanc dans l'appréhension de l'image du corps propre. Pour que le cri de l'enfant devienne un appel, il faut l'accusé de réception de l'Autre. C'est à propos du trait unaire de la deuxième identification que Lacan propose le rôle de cet Autre dont dépend le bébé pour transformer un cri en appel, pour marquer son corps par un premier signifiant.

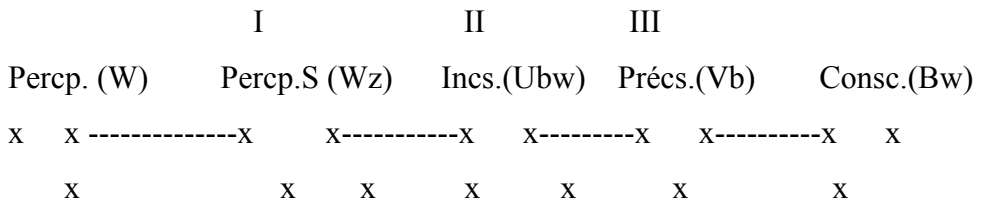
Considérant la formulation de Lacan dans le séminaire « *L'angoisse* » (1962-1963) du fait que le schizophrène n'est qu'un corps réel pour sa mère, on peut formuler que chez lui il y a l'inscription de la jouissance de l'Autre, dans la quête du plaisir, mais il n'y a pas de marquage de ce cri comme un appel. Le premier point est de reconnaître qu'il y a là du signifiant ; il n'y a pas de possibilité de surgissement du sujet de l'inconscient sans l'inscription de ce premier signifiant, du cri pris comme appel à l'Autre. Si on prend un cri pour un cri, il ne peut pas être pris, marqué par ce champ symbolique, le champ de l'Autre, et il reste cru, nu. S'il n'y a pas ce premier signifiant auquel s'identifier, à partir duquel s'épingler dans un point dans l'Autre, un point d'identification, le bébé n'arrive pas à trouver un point où se fixer, d'où se regarder. On ne trouve pas, généralement, dans la schizophrénie, la relation spéculaire privilégiée telle qu'on la trouve assez souvent dans la paranoïa. Dans la schizophrénie, il n'y a pas cette prévalence de l'imaginaire en rapport à l'autre spéculaire, ou s'il y a une relation spéculaire marquante, elle n'est plus suffisante pour construire des prothèses imaginaires. Comme on l'a déjà explicité, même l'image du corps propre chez l'humain n'existe pas à la naissance, elle doit être construite. Si le bébé n'a affaire qu'au réel, sans possibilité d'inscrire la marque signifiante sur ce corps réel, il n'aura pas une image de son corps propre et ses organes ne seront pas, non plus, marqués par le signifiant, restant dans un statut de cri.

Plusieurs schizophrènes hallucinent, ils entendent la voix, qui évitée chez l'autiste par élision de l'Autre, va être chez eux omniprésente. Il est important de souligner que la voix dont on parle quand il s'agit du statut d'objet (a) est la voix en tant qu'objet d'une

pulsion invocante, liée à la dimension de l'appel à l'Autre. La voix comme objet (a), c'est la voix dans sa dimension aphonique, ce n'est pas l'entendu. La voix peut s'incarner dans une voix phonique et être entendue mais elle est essentiellement faite d'un vidage de la substance sonore, de la substance physique. Or, chez le schizophrène, justement parce qu'il n'a pas eu la coupure de l'objet (a) voix, elle peut apparaître partout, n'importe où. Un schizophrène peut avoir quelques traits de paranoïa localisant la voix comme chez un petit schizophrène que j'ai rencontré lors d'un séjour de recherche dans une institution psychiatrique. Ce garçon, aux relations difficiles avec ses semblables, avait la certitude qu'ils voulaient le tuer quand, par exemple, ils prenaient un couteau pour beurrer une tartine, et il commençait à crier en disant que l'autre l'avait frappé, indiquant sur son bras la marque d'une vieille cicatrice. À cause de la non-stabilité de l'image du corps – de soi et de l'autre – l'autre était menaçant pour lui. Il entendait même, parfois, des injures qui étaient, en fait, des hallucinations auditives. Chez le schizophrène, il existe parfois des hallucinations, dans d'autres cas le mutisme, ou une oscillation entre les deux. Mais soit dans sa diffraction, soit en tant que muet, ce signifiant S1 n'appelle pas aux S2. Le mutisme et l'hallucination sont en rapport au déchaînement de la chaîne signifiante, l'intrusion du discours de l'Autre et l'envahissement de la jouissance.

Ce qui caractérise l'hallucination n'est point le fait d'avoir une perception qui ne correspondrait pas à la « *réalité* », mais le fait que celle-ci surgisse dans le registre du réel ; il s'agit avant tout du registre où apparaît ce qui est halluciné. Rabinovitch (2000) propose que l'hallucination – le retour du forclos – se localise dans ce lieu irreprésentable, de l'absence de la remémoration et de l'écriture.

On va essayer de situer cette problématique de l'inscription dans les systèmes à partir de la lettre 52 de Freud à Fliess, dans laquelle, il situe plusieurs niveaux de registre d'inscription et de traduction de traits mnésiques, qui constituent différents systèmes d'inscription entre la Perception et la Conscience.



La caractérisation chez Freud (1956 [1896] / 2002) est la suivante :

Percep (W) – « Ce sont les neurones où apparaissent les perceptions et auxquels s'attache le conscient, mais qui ne conservent en eux-mêmes aucune trace de ce qui est arrivé, car le conscient et la mémoire s'excluent mutuellement » (p. 154).
Percep. S. (Wz) « constitue le premier enregistrement des perceptions, tout à fait incapable des perceptions, tout à fait incapable de devenir conscient et aménagé suivant les associations simultanées » (p. 155).
Incs. (Ubw) « est un second enregistrement ou une seconde transcription, aménagé suivant les autres associations – peut-être suivant des rapports de causalité. Les traces de l'inconscient correspondraient peut-être à des souvenirs conceptionnels et seraient aussi inaccessibles au conscient » (p. 155).
Précs. (Vb) « est la troisième transcription liée aux représentations verbales et correspondant à notre moi officiel. Les investissements découlant de ce Précs. deviennent conscients d'après certaines lois. Cette conscience cogitative secondaire, qui apparaît plus tardivement, est probablement liée à la réactivation hallucinatoire de représentations verbales ; ainsi les neurones de l'état conscient seraient là encore des neurones de perception et en eux-mêmes étrangers à la mémoire » (p. 155).

Rabinovitch (2000) propose qu'en W, le perçu peut s'éviter, se fuir. Evité, le perçu ne fait pas trace (*Spur*) mais lorsque le perçu fait trace, celle-ci subsiste sous deux faces : la face de perçu réel (*Wahrnehmung*) et la face symbolique de signe (*Zeichen*). L'auteur indique que la Forclusion (*Verwerfung*) frappe au niveau de la Percep. S (*Wahrnehmungszeichen* - WZ) où s'inscrit le premier corps des signifiants constitué par l'effacement des traces mnésiques.

Il y a un premier niveau d'impressions qui peuvent ou non faire trace. Lorsqu'elles font trace, on passe à un système premier (I) où il y a un enregistrement et une première transcription de ces impressions comme des signes perceptifs. Ce système de signes (Wahrnehmungszeichen) est organisé uniquement par simultanéité. Dans le niveau Incs, il y a une seconde transcription où il s'agit d'une organisation selon une relation définie comme « peut-être » causale. Dans le Préconscient (*Vorbewusstsein* - Vb), est mise en

œuvre la troisième réécriture en représentations de mots. Dans le système Précs, il n'y a pas de nouveau registre, mais une traduction en représentations de mots ; elle insiste sur le fait que c'est grâce aux représentations de mots que le premier registre d'inscription est accessible.

En conséquence, en rapport au signifiant forclos, en rapport à ce qui est forclos chez le psychotique, les traces mnésiques du perçu (vu, entendu, senti) restent à l'état de perçu réel (*Wahrnehmung*) indifférencié, non passé à l'état de représenté, se manifestant dans le système perception-conscience sans s'inscrire.

Le rapport du psychotique par rapport au langage, selon Rabinovitch (2000), fait que des représentations de mots sont situées dans le préconscient et dans le monde extérieur, comme le retour de restes mnésiques de l'entendu via représentations de mots conscients. Dans ce texte, l'auteur suggère que dans la psychose, « ces représentations de mots, seules présentes chez le psychotique, situées dans le préconscient et dans le monde extérieur, sont des restes mnésiques de l'entendu » (Rabinovitch, 2000, p. 87). L'hallucination est, donc, le retour de ces restes, le retour du perçu dans ce lieu irreprésentable, c'est-à-dire le retour du perçu dans ce réel inhumain : « Ce retour du perçu – lu, entendu, vu, éprouvé – intéressant et concernant chacune des parties du corps du psychotique, différencie ce que l'absence d'inscriptions mnésiques a laissé indifférencié. Les voix s'y font entendre, les regards s'y font voir, et odeurs, goûts et douleurs s'y éprouvent » (Rabinovitch, 2000, p. 79). Les traces mnésiques du perçu peuvent être éprouvées dans le réel comme lieu du retour, étant irreprésentable étant donné qu'il ne s'agit pas du lieu de la perte puisque c'est le lieu où la perte elle-même n'a aucune espèce d'existence:

> L'hallucination ne répète rien, elle actualise l'affect en balade séparé des représentations refusées ou jamais inscrites, c'est-à-dire des premières traces du perçu en W ; elle actualise un reste obscur de jouissance contenu dans l'objet. L'actuel réinvestit une Spur qui n'a jamais pu entrer dans la chaîne signifiante parce que le signifiant auquel elle participait ne s'est jamais historisé. (Rabinovitch, 2000, p. 83).

Dès le début de son enseignement, Lacan a étudié ce signifiant hors chaîne. D'abord, Lacan l'a abordé, dans la psychose, à partir de la formulation de la forclusion (*Verwerfung*) du Nom-du-Père. Dans la première formulation lacanienne, la forclusion du Nom-du-Père est mise en lumière à travers l'étude du déclenchement de la psychose : au moment où le signifiant du père symbolique est appelé, et que le sujet n'a dans cette place qu'un trou, le signifiant apparaît dans le réel, hors symbolique. Le retour du forclos est donc le retour dans le réel du symbolique forclos, ce qui va être la seule trace du procès de la forclusion - forclos, puisque dans ce processus « la trace elle-même de ce qui aura été retranché, exclu, ne se retrouvera plus jamais » (Rabinovitch, 2000, p. 22). Le temps de retour du forclos n'est pas celui de l'après coup du refoulement, mais le « *hors mémoire* » :

> le Nom-du-Père forclos déchiquète la trame signifiante qu'empêche de se tisser le manque des inscriptions symboliques premières au niveau des signes de perceptions, des Wahrnehmungszeichen (WZ). Produit par l'absence du Nom-du-Père, ce manque en indique une définition possible, celle du signifiant qui initie et support l'organisation signifiante tout entière pour un sujet. La forclusion dans la psychose frappe le point même où une trace, Spur, devrait s'effacer pour passer au signifiant. (Rabinovitch, 200, p. 36).

Pour Rabinovitch (2000) « Le procès de la forclusion n'a d'autre trace que le retour du forclos » (p.76) et il est « localisé dans le vide crée par l'abolition d'inscription mnésiques, le retour du forclos habite ce bizarre lieu physique où rien ne s'imprime d'une trace, mais où ne cesse de reparaître » (Rabinovitch, 2000, pp. 75-76).

L'auteur fait une importante distinction entre le refoulement qui présuppose l'existence de ce qu'il nie ; il y a l'accès au savoir refoulé; le perçu est, ou non, admis ; ce qui du perçu sera admis deviendra un représenté, tandis que ce qui restera au-dehors parce qu'il en aura été exclu restera de l'ordre de la chose. Le représenté lui-même se divisera en représentations de mot et représentations de chose. L'auteur situe le refoulement toujours dans le discours, et donc au niveau de représentations de mots préconscientes et conscientes. L'auteur remarque qu'il y a dans ces différents mécanismes de négation, dans la forclusion ou dans le refoulement, une distinction de topiques de frontières et de temps.

> Les coordonnées du retour, lieu et temps, sont déterminées par le mode sous lequel quelque chose fait retour ; les modalités mêmes du retour modifient ce qui fait retour. La topologie lacanienne des registres réel, symbolique et imaginaire subvertit la disposition locale des topiques freudiennes en y incluant une dimension temporelle : anticipation de l'imaginaire, synchronie signifiante, caractère actuel du réel. Le temps et le lieu du retour se conjuguent différemment selon le processus en jeu. Ainsi le refoulé revient après coup dans le symbolique ; son contenu est inchangé, seul le temps du retour diffère. Le démenti revient dans l'imaginaire au moment où, venu du réel, il fait trou dans le symbolique sous une forme imaginaire ; ici c'est le lieu du retour qui diffère. La forclusion d'un signifiant revient dans le réel ; ici à la fois le temps et le lieu du retour diffèrent. Parce que le réel est un autre lieu et un autre temps, parce que l'altérité de ce lieu et de ce temps n'est ni pensable ni représentable, le reparu du forclos ne peut pas réparer le trou fait à l'origine par la forclusion. Le signifiant forclos reparu, parce qu'il a traversé le réel est devenu réel. (Rabinovitch, 2000. p. 74).

La forclusion du signifiant Nom-du-Père est caractéristique des psychoses. Le Nom-du-Père a été formulé dans sa fonction paternelle, d'une limitation de la jouissance par l'inscription signifiante de la perte inhérente à la division du sujet. La pluralisation des Nom-du-Père pour Lacan met en relief le rôle principal du Nom-du-Père, c'est une manière de « rendre possible une coordination du langage et de la jouissance permettant un chiffrage de cette dernière » (Maleval, 2000, p. 111) ; il s'agit d'une fonction de nomination qui ordonne la chaîne signifiante et permet de localiser la jouissance par le signifiant. Maleval (2000) suggère de considérer la forclusion psychotique, tel que l'enseigne Lacan, comme une défaillance du nouage borroméen, laissant la jouissance de lalangue déchaînée, c'est-à-dire laissant les S1s déchaînés et la jouissance que s'y attache à la dérive faisant retour dans le corps du schizophrène par des automatismes, des hallucinations.

Maleval (2010b) distingue la voix non extraite, mise en évidence dans les automatismes mentaux, dans les hallucinations, et la voix extraite qui devient la voix de l'Autre, étrangère. L'objet voix doit être perdu pour pouvoir être incorporé et, une fois incorporée, donner « forme au vide » (Maleval, 2010b, p. 189). La voix « incorporée, après avoir été détachée de son support, perdue, elle devient inaudible, elle disparaît, elle résonne dans le vide de l'Autre » (Maleval, 2010a, p. 189). Le psychanalyste suggère le terme d' « incorporation « extime » » (p. 187) pour caractériser l' « incorporation qui rend le sujet étranger à lui-même » (p. 187) puisque « le sujet doit

incorporer un élément étranger pour trouver son assise. Certes, cet élément était initialement une part de lui-même, mais il ne doit pas l'assimiler, ce qui serait faire Un avec lui, il doit d'abord le rejeter pour pouvoir ensuite l'incorporer comme un corps étranger » (Maleval, 2010a, p. 188).

Si l'objet (a) voix n'est pas extrait, n'est pas perdu, il n'y a pas la première perte de jouissance en rapport à l'inscription du signifiant primordial et à l'aliénation au signifiant de l'Autre.

Quand l'objet (a) est perdu, « le regard, en tant qu'objet pulsionnel, ne se voit pas, mais fonctionne en un point aveugle qui commande la vision, de sorte qu'il existe une schize dans le champ libidinal entre l'œil et le regard ; de même, la voix ne s'entend pas, il existe une schize entre l'oreille et la voix, mais cette dernière commande la parole à partir du signifiant » (Maleval, 2010a, p. 192-193), dans la psychose :

> il arrive au psychotique de percevoir l'objet regard, toujours sous la forme d'un mauvais œil angoissant, qui le surveille, l'espionne, le menace ; tandis qu'il entend parfois la voix, sous forme d'hallucinations verbales, dont on connaît la propension à injurier ou déprécier le sujet, à tel point que les psychiatres classiques faisaient mention d'un syndrome SVP (Salope, Vache, Putain) pour les caractériser » (Maleval, 2010a, p. 192).

L'existence des hurlements chez quelques schizophrènes met en lumière une jouissance d'avant l'aliénation, une jouissance vocale avant l'aliénation au signifiant et une jouissance pas encore limitée, pas encore localisée dans l'objet voix (a). On trouve la présence de ces hurlements non verbaux, de l'ordre du cri, chez quelques autistes, mais Maleval (2010a) souligne qu'ils sont aussi connectés aux sonorisations qui ne sont pas connectées à la voix, à l'objet (a), mais il s'agit chez l'autiste d'un hurlement issu du refus à l'aliénation, d'un hurlement qui n'est pas articulé au signifiant.

En continuant sur cette voie, ce fil des objets (a) pour discuter le corps dans l'autisme et dans la schizophrénie, il faut, maintenant, aborder les objets freudiens : oral et anal. L'objet (a) oral est construit à partir de la coupure, à partir de la séparation du sein. Ce qu'on appelle sevrage, est en effet, une séparation, un détachement du sein, le moment où le bébé se sépare de ce qu'il tient comme une partie de lui-même. L'objet anal n'est

pas l'excrément, mais il est fait du vidage de cette substance. Dans le cadre de la demande de l'Autre faite à l'enfant de retenir ses excréments puis de les lâcher, ceux-ci sont perçus comme une partie de son corps. À partir de ce second temps, lors de la demande de l'Autre, représenté à l'occasion par la mère, ces excréments commencent à jouer un rôle en tant que cause de désir. L'excrément devient un objet cessible, une partie de soi qui peut être donnée ou non, toujours par rapport à la demande faite. Lacan remarque l'importance de ces deux temps : dans un premier moment, les excréments obtenus à la demande de l'Autre sont admirés, mais dans un deuxième temps on apprend à l'enfant qu'il faut s'en séparer: *«* cette fonction de l'objet cessible comme morceau séparable et véhiculant, en quelque sorte primitivement, quelque chose de l'identité du corps » (Lacan, 1962-1963, p. 266).

Dans l'autisme, il existe un spectre très large de manifestations : des enfants qui ne montrent pas de problèmes vis-à-vis des objets (a) anal et oral jusqu'aux enfants aux manifestations violentes de difficultés à déféquer, à se laisser nourrir, exprimées par des refus alimentaires, des anorexies, des boulimies, une peur terrifiante face à la sortie des excréments, les enfants qui utilisent des couches, des encoprésies, des constipations. Mon avis clinique à partir des cas suivis est qu'on trouve toujours chez les autistes des problèmes manifestes par rapport à l'objet voix et à l'objet regard, mais aussi quelquefois seulement des problèmes par rapport à l'objet anal et oral. On peut suivre les indications lacaniennes concernant la différence entre les objets oral et anal comme liés plutôt au champ du besoin et de la demande, tandis que les objets voix et regard sont liés au champ du désir – ce qui est encore plus envahissant dans le champ de l'autisme. Les objets (a) sont des indices de la présence du désir et de la jouissance de l'Autre, face auxquels l'autiste cherche les mécanismes pour les mettre à l'écart. Les objets (a) en tant qu'objets de la pulsion ont une structure liée à l'Autre, à l'objet perdu, à l'objet marqué par une perte. Donc, dans l'autisme, dans ce ratage du circuit pulsionnel, c'est tout le champ d'un fonctionnement réglé par l'extraction de l'objet (a) qui est mis en échec.

> la clinique de l'autisme montre clairement que chacune des pulsions peut s'y révéler déréglée : tel enfant craint de perdre une partie de son corps en déféquant, quand l'objet de la pulsion anale reste trop présent ; tel autre souffre de graves troubles alimentaires, la perte n'ayant pas été assumée dans le champ de l'oralité ; beaucoup

> évitent toute mise en fonction de l'objet de la pulsion scopique, fuyant le regard de l'autre et n'engageant pas le leur dans le monde, tandis que la plupart se montrent incapables de faire la voix à l'échange, restant dès lors muets, écholaliques ou verbeux (Maleval, 2009b, p.140-141).

Ce qui est marquant chez l'autiste c'est que l'envahissement de la présence de l'Autre « se situe au-delà des champs de la demande et du désir. Il se situe au niveau de la pure présence de l'Autre qui est vécue en excès, du côté du regard ou de la voix » (Stevens, 2008, p. 10). On y trouve chez lui la quête d'une déconnexion de l'Autre, cherchant à l'annuler. Tandis que chez l'autiste, on trouve une mise à l'écart de l'Autre, des tentatives de rendre l'Autre inexistant, dans la schizophrénie, le schizophrène ne se situe pas hors de ce champ mais il a du mal à régler cette présence de l'Autre, qui pour lui peut être très envahissante.

Un article écrit par Czermak, Hergott et Tyszler (2009) me semble être une bonne illustration pour aborder les objets anal et oral dans la schizophrénie. Ils analysent le cas d'un psychotique chez qui ils observent une désintrication des fonctions alimentaire, respiratoire et orthophonique. Ce patient mangeait trop, avait des crises de constipation, des crises de diarrhée, vomissait, urinait dans les couloirs, buvait de l'eau compulsivement, crachait des aliments et de l'eau, ou ceux-ci lui sortaient du nez, mâchait l'eau, s'automutilait pour retirer ses excréments, défèquait partout, mastiquait des objets, mangeait ses excréments. Les auteurs montrent la désorganisation de la fonction alimentaire, le mauvais fonctionnement des fonctions de manger, de déglutir, de digérer, de produire des excréments. La fonction de la respiration accusait aussi quelques perturbations, des désynchronies et des oppositions à un bon fonctionnement physiologique. Ils citent entre autres le fait qu'il soufflait au lieu de respirer. Sa fonction orthophonique était entrecoupée de périodes de mutisme ou d'émission de phrases identiques répétées, de murmures de chansons, d'éclats de rires stridents. Sa fonction urinaire alternait un excès de continence et d'incontinence. Son fonctionnement moteur paraissait désarticulé, désordonné. Son regard, normalement absent, pouvait dans certaines situations se fixer sur un autre avec une telle plénitude que le sujet déréglait toutes les autres fonctions. Il ne paraissait rien entendre. Par ailleurs, il manifestait des oscillations dramatiques de température, de fréquence cardiaque et de pression artérielle, des altérations métaboliques, entre autres. Les auteurs analysent alors ces

manifestations comme la mise en œuvre d'une dissolution des fonctions, des confusions des orifices corporels / pulsionnels. Par rapport à l'oralité chez ce patient, les auteurs soulignent une désintrication pulsionnelle. Czermak (2009b), dans un autre texte, donne d'autres élaborations sur la pulsion dans la psychose : il ne s'agit pas d'une désintrication pulsionnelle, ou d'une libération pulsionnelle, mais d'une indifférenciation. L'auteur propose de penser la pulsion comme une élément structurant toutes les rythmicités : la manière de respirer, de manger, tout est en rapport à la présence ou à l'absence de l'objet (a). Alors chez le psychotique il s'agit d'une fonction de « despécificité » pulsionnelle puisqu'il n'y a pas eu de perte de l'objet (a).

Dans la schizophrénie, on perçoit la présence de troubles provenant de la non-extraction de l'objet (a) du corps. Je schématise un peu pour parler des objets dans leur spécificité parce qu'en effet il ne s'agit que d'une même chose – de l'objet (a) dans son essence d'objet perdu, pulsionnel. On essaie de mettre en lumière des conséquences en découpant des objets mais c'est toujours lié à une catégorie unique : l'objet (a). C'est la perte de l'objet (a) qui permet la mise en place de l'opération de la perte d'une partie de soi qui est la condition de l'inscription d'un manque structurant. Il s'agit d'un trou produit par le symbolique qui marque le sujet comme manquant et donc comme ayant des bords inscrits à partir de ces pertes. Il y a la mise en jeu des bords sur le corps produits par les objets (a). Il s'agit de la mise en œuvre d'un moins. C'est par la mise en acte d'une différentiation qui s'enracine dans le corps par des inscriptions signifiantes. L'alternance de la présence et de l'absence marque le corps, structurant ses bords pulsionnels. Il s'agit de la mise en place d'un corps marqué par les coupures que le signifiant opère. La libidinalisation du corps, mise en œuvre à partir de l'inscription des différences, marque une différenciation au niveau du fonctionnement corporel qui marque le corps. Les objets *a* circulent alors sur ces bords et la pulsion cherche une satisfaction en tournant autour d'eux. Les objets (a) sont repérés dans la structure de la pulsion et, dans le circuit de la pulsion, on perçoit de la dimension du signifiant qui fait que, dans ce trajet autour des objets (a), ils circulent sur les bords du corps. Or, le schizophrène est dénué de ces bords par où les objets (a) pourraient circuler. Il essaie quelquefois de les créer, de se faire réellement des coupures sur le corps, de se border, mais il n'y a pas chez lui le circuit de la pulsion, autour des bords coupés, marqués par l'Autre.

Chez l'autiste, d'après Laznik (1992/2004), le rapport aux objets autistiques serait un rapport à un objet en tant qu'incorporé, donc à un objet qui n'a plus le statut d'un objet mais d'une partie incorporée à soi. Il s'agit, selon elle, d'un fonctionnement au niveau du Lust-Ich qui est un niveau non pulsionnel, au niveau de l'organisme, tandis que le corps marqué par la pulsion n'est construit qu'à partir de i (a), de l'image unifiant. Autrement dit, la psychanalyste situe l'autiste dans un fonctionnement dans le système Lust Ich – Real Ich, un système non pulsionnel, conséquence d'une non-aliénation réelle que l'auteur situe comme antérieure à la constitution du moi dans son statut imaginaire, en rapport à l'image spéculaire à la conclusion du stade du miroir.

Chez le schizophrène, ainsi que chez l'autiste, il manque le marquage des bords du corps, des marques de l'Autre sur le corps qui donnent la prévalence de la libido dans les zones érogènes, marquent le fonctionnement pulsionnel, le fonctionnement du corps sous le signifiant.

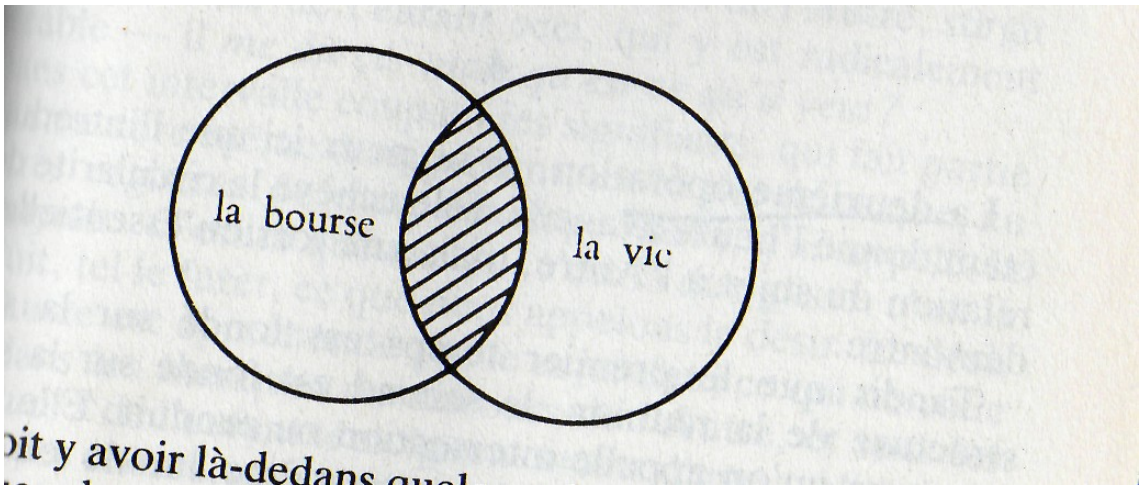
Le Gaufey (1997) a signalé le changement du statut de l'objet et du sujet qui est mis en œuvre autour de cet objet (a). Pour développer ces modifications, nous allons nous attacher à quelques considérations apportées par les séminaires à côté du séminaire « *l'Angoisse* » : le séminaire « *l'Identification* » et le séminaire « *Les quatre concepts fondamentaux* ». et reprendre les deux éléments soulevés à la conclusion du stade du miroir : l'objet (a) et le trait unaire. « Il n'y a d'apparition concevable d'un sujet comme tel qu'à partir de l'introduction première d'un signifiant, et du signifiant le plus simple qui s'appelle le trait unaire » (Lacan, 1962-1963, p. 23), lequel serait même une pré-condition à la constitution de l'objet (a) puisque « C'est parce qu'il y a un sujet qui se marque lui-même ou non du trait unaire qui est un ou moins un, qu'il peut y avoir un moins a » (Lacan, 1961-1962, cours du 28/02/1962). Ce trait décrit comme l'un, le trait de pure différence puisqu'il est un, et n'est pas un autre, c'est Un trait qui le distingue des autres. Masagão (2007) désigne le trait comme préalable à toute représentation, comme préalable au signifiant et nous suggère de suivre le rapprochement que fait Lacan de la lettre et du trait. Dans le séminaire « *L'identification* », Lacan (1961-1962) introduit la lettre comme support du signifiant et le trait unaire comme un signifiant qui seul peut supporter une lettre, ce signifiant introduisant le même. L'ancrage de l'identité chez l'humain a un rapport nécessaire avec ce trait qui suppose une fonction de comptage, du compte de l'un, de cet un qui va

marquer le sujet. Mais, pour que la fonction signifiante soit mise en place, il faut que ce trait soit lié à une absence. En effet, il faut une transformation de la trace du pas en pas de trace ; pour le surgissement du signifiant il y a la trace, son effacement, et puis l'apparition du signifiant. C'est l'absence du pas de trace qui marque sa présence passée. Masagão (2007) souligne que le signifiant implique que la relation du trait au pas effacé doit être elle aussi effacée, qu'il faut l'effacement du lien de la chose au signe puisque le signifiant est différence pure, tandis que le signe a encore ce lien à la chose qu'il représente. Dans le séminaire « *L'identification* » Lacan distingue le signe – qui représente toujours quelque chose pour quelqu'un - du signifiant – qui représente toujours le sujet pour un autre signifiant. Le Un, ce trait unique est à la base de l'automatisme de répétition, du comportement qui se répète pour faire surgir ce signifiant, lequel introduit toujours le même, mais à chaque répétition il s'agit d'un trait différent, c'est l'un en plus. Masagão (2007) souligne que quand ce trait comptable entre en série avec d'autres traits comptables, dans le rapport aux autres mêmes, aux autres traits uniques, le trait s'inscrit dans une série qui fonctionne alors comme signifiant. Il s'agit d'une identification signifiante et pas du tout imaginaire. Le trait unaire est ce qui opère et qui étaie l'identification comme fonction symbolique. Le sujet apparaît alors comme une négativité, un « *un pas un* », le changement de la trace du pas en pas de trace. Dans ce séminaire, Lacan abord la trace, l'isolement d'une marque distinctive, par rapport à l'écriture. Le trait unaire est ainsi une inscription, mais il ne s'agit pas d'une écriture au sens de l'écriture alphabétique. Lacet (2003) signale qu'il faut penser la lettre sans sens pour penser soit la constitution du signifiant à partir du concept de trace, de pas de trace, d'effacements, soit le passage de la lettre à l'écrit. L'auteur souligne l'importance de l'effacement des restes imaginaires du réel pour le surgissement du sujet dans le registre symbolique ; il s'agit pour l'auteur d'un signifiant sans aucune relation à l'objet, mais à un autre signifiant. L'auteur souligne qu'on peut remettre une première inscription du trait, comme un registre de la lettre tandis qu'après coup il y a son effacement et la constitution du signifiant et du trait unaire. « La lettre, elle, procède d'un pas de trace premier, impossible à représenter, d'où elle surgit comme rature » (Porge, 2010, p. 58).

Autant dire que le premier Un n'est pas encore un signifiant, il faut de la répétition pour que s'inscrive le signifiant, que cet Un devienne un S1. Le S1 est un trait marqué par le signifiant, c'est un signifiant unaire, c'est la marque de la réponse de l'Autre au cri, ce

qui, écouté comme appel, devient un signifiant, un cri marqué par le signifiant l'Autre qui transforme ce cri dans une autre qualité, non plus d'une chose mais d'un signifiant. C'est l'Autre qui reconnaît le sujet dans ce cri primordial, et qui transforme ce cri en signifiant. Reconnaître qu'il y a un signifiant dans le cri est une première marque signifiante, mais le sens donné à cette marque dépendra encore de l'ajout d'un autre signifiant. Du fait qu'il y ait un S1, que l'on peut avoir la réunion des cercles, on peut avoir des opérations d'aliénation et de séparation. C'est la réunion avec l'ensemble qui inclut un deuxième signifiant, S2, qui fait émerger le sujet où sa place était une absence. C'est seulement dans l'articulation avec l'autre ensemble, que ce premier trait devient une identification capable de situer le sujet dans l'Autre. C'est après son articulation avec un autre S que le premier S va être capable d'identifier le sujet. On pourrait formuler ainsi le surgissement du S barré. Il ne s'agit pas d'addition d'éléments mais de réunion d'ensembles ; l'élément S1 appartient aux deux ensembles. L'opération d'aliénation a dégagé l'ensemble vide, du côté du sujet, tandis que dans le schéma de la séparation, c'est l'objet (a) qui est dans la lunule centrale, à l'intersection des ensembles. Si on efface le S1 initial, on se retrouve avec le vide, l'ensemble vide, le manque du sujet, son vide constitutif. Il faut souligner qu'on a alors un temps 1 du S1 tout seul, un temps 2 du S1 aliéné à partir de l'apparition du S2, et un temps 3, de la séparation, du S barré. L'aliénation et la séparation sont les deux opérations inventées par Lacan dans le séminaire « *Les quatre concepts fondamentaux* » pour décrire et expliquer la causation du sujet : causation produite par l'objet (a) et par le trait unaire. Lacan (1964/1977) introduit l'aliénation à partir des formules d'un choix entre deux ensembles, mais il s'agit d'un choix forcé, traduisant l'inscription du sujet au lieu de l'Autre, qui s'opère en définitive comme une division du sujet. Il s'agit d'un choix forcé d'une perte obligatoire ; c'est le prix à payer pour être marqué par le signifiant.

Lacan (1964/1977) utilise l'exemple d'un choix entre deux ensembles : sa propre vie ou une bourse. On peut choisir entre la vie, ce qui implique donner sa bourse, et rester vivant mais avec une partie perdue (la bourse) ou choisir la bourse et alors perdre tout (la bourse et la vie). Donner la bourse est le prix à payer pour accéder au désir, à une vie désirante. Il s'agit de donner une partie de sa jouissance sous une forme distincte de cellle du signifiant, pensée sous la forme de l'objet (a), d'un plus-de-jouir, d'une jouissance complémentaire à la jouissance perdue.



SCHEMA LA BOURSE OU LA VIE (Lacan, 1964 / 1977, p. 237)

(LUNULE où l'on situe l'objet (a))

Si le sujet accepte de payer le prix pour accéder au désir, il choisit d'accepter la séparation. On a, donc, la lunule centrale, c'est une partie perdue, son propre manque, qui peut être aussi placé dans l'ensemble de l'Autre en tant qu'objet (a), en tant qu'extime à l'Autre, et aussi au sujet, où les deux manques se recouvrent.

Dans le schéma de la séparation (S barré, a, S1 et S2) le sujet se repère sur le manque dans l'Autre, dans l'intersection du sujet barré et du manque dans l'Autre signifiant, dans l'ensemble de tous les signifiants. Dans le premier mouvement de l'aliénation, de la réunion avec l'Autre, le sujet se prend pour S1, s'identifie à S1. À partir de l'inscription du S1 initial, le sujet ne rencontre plus le Un initial, mais rencontre déjà la réponse de l'Autre. C'est l'inscription du premier S1 qui permet la réunion, l'aliénation à l'Autre. Le S1 s'extrait, mais à sa place s'inscrit le -1, le sujet comme absence.

La séparation est l'opération établie à partir de l'intersection où le sujet peut trouver sa place dans l'Autre et en même temps s'en séparer. La séparation est située au point de manque dans l'Autre. Il s'agit de l'opération qui fixe sa place dans l'Autre là où il y a

un manque. C'est une intersection des manques où les deux manques se recouvrent. Ces derniers donnent la consistance logique à l'intersection entre l'ensemble vide et l'Autre. La séparation n'est pas seulement l'addition d'un élément, ce n'est pas seulement S1 plus S2, c'est une articulation d'un type plus complexe. Là où il y avait un ensemble vide vient s'inscrire S1. C'est seulement du fait que ce signifiant, S1, est propre à s'inscrire dans l'ensemble vide qu'il y a réunion avec l'Autre. La place originelle du sujet est seconde par rapport à ce signifiant S1. Il faut qu'il y ait eu la réunion à l'Autre pour que cette place originelle se dégage comme telle, par soustraction du S1 dans l'ensemble vide. C'est à partir du fading du sujet lors de l'inscription dans l'Autre que le sujet disparaît derrière le signifiant qui le représente, qu'il devient un moins, qu'il y a l'appel au S2. L'inscription signifiante du sujet à partir de sa représentation signifiante pour un autre signifiant tient à la structure binaire du signifiant S1-S2. Dans l'aliénation, le sujet est représenté dans l'Autre par S1, ce qui n'est pas le cas dans la séparation, il se repère dans l'Autre sur autre chose que du signifiant, il se repère dans l'Autre sur son manque.

Dans l'intersection entre le sujet barré et l'ensemble S1-S2, il y a l'objet (a). L'objet (a) est le solde de l'opération, de l'intersection du sujet barré et du A barré. Et la pulsion, abordée plus haut, tourne autour de ces deux manques, où va se placer l'objet (a), c'est la manière dont le sujet opère avec sa propre perte comme vide. L'objet (a) n'appartient pas à l'Autre en tant qu'élément mais comme partie ; il est inclus dans l'Autre, dans une position d'extimité, ce qui fait apparaître la connexion nécessaire entre l'inconsistance de l'Autre à la consistance logique de l'objet. Dans ce schéma, (a) met en relief la perte perdue, non-résorbable ni dans le sujet barré ni dans l'ensemble S1-S2 à partir de la mise en place de la séparation.

Or, chez le schizophrène et l'autiste, il n'y a pas le (a), perdu, proprement dit : chez l'autiste, il n'y a pas d'incorporation du S1 et chez le schizophrène il y a un Sx, un S1 découplé. Chez ceux qui ont des traits de paranoïa, on peut parler d'une identification au S1, non d'une représentation pour le S1 puisque le S1 n'est pas effacé par sa prise en S2. C'est une distinction par rapport à la schizophrénie. Chez le schizophrène, il y a un trait de l'Autre, un S1 découplé ou ce qu'on pourrait appeler Sx. Dans la schizophrénie où il manque la séparation, le sujet reste errant puisque l'opération de séparation est aussi une opération de fixation. Le schizophrène est quelqu'un qui a affaire à son statut

de cri originel tandis que l'opération de séparation fait que le sujet ne rencontre que des réponses de l'Autre. Même dans les cas où on peut parler d'un trait de paranoïa, un mixte, où il y a la fixation d'un S1 au cours d'un traitement, au niveau du S1 seul, le sujet n'est pas représenté par celui-ci, il se confond avec ce signifiant et il ne suffit pas à achever la causation du sujet. Quinet (2003) affirme que le schizophrène n'aurait pas le recours à un S1 qui puisse s'articuler à un S2, car, puisqu'il peut y avoir une multiplicité de S1 sans aucune hiérarchie, il en résulte que là où il devrait y avoir le S2 comme produit différentiel de la répétition du signifiant, il y a un ensemble vide. Le paranoïaque, par contre, aurait le signifiant qui le représente, auquel il est fixé ou retenu, mais c'est cela qui lui assure la possibilité qu'il advienne une métaphore délirante, laquelle serait le produit d'un signifiant-maître (S1) qui représente le sujet. Dans ce même sens, Soler (2002) signale que l'on rencontre chez le paranoïaque un certain dynamisme de la métonymie qui « se maintient ainsi dans le registre de l'aliénation à la chaîne signifiante et le rapport à l'Autre » (p. 120). Le signifiant qui apparaît tout seul dans le réel peut se reconnecter à une chaîne, à un S2, ce qui peut permettre au paranoïaque de lui donner un sens à travers le délire. Chez lui, on peut retrouver une sorte de rétroaction temporelle, quoique parfois sous une forme cyclique, tandis que chez le schizophrène, où il n'y a que des signifiants découplés, il s'agit plutôt d'une juxtaposition sans ordre de chronologies multiples a-historiques.

Dans la schizophrénie, il y a des traits de l'Autre, des accusés de réception du cri par l'Autre, sans que pour autant ils soient compris comme un appel à l'Autre ; dans l'autisme, par contre, il n'y a pas d'accusé de réception, pas d'accrochage dans l'Autre qui permettra la réunion, mais pas l'incorporation du S1, ce qui empêchera aussi l'opération de séparation.

On va penser ces questions à partir de quelques cas cliniques pour mieux les cerner.

III. ARTICULATIONS SUR LE CORPS DANS L'AUTISME À PARTIR DES CONCEPTS DE L'OBJET (a) ET DU TRAIT UNAIRE

Il existe plusieurs styles de traitement chez les psychanalystes dont on va aborder les concepts de l'objet (a) et du trait unaire. On va essayer de focaliser leur méthode d'articulation théorico-clinique sur les concepts clé de cette thèse.

III. 1. Le changement de l'économie de la jouissance et le rapport au corps propre à partir du maniement de l'objet et l'investissement sur le bord.

Je vais aborder, dans un premier temps, des vignettes cliniques sur le maniement de l'objet, sur un travail d'extraction de l'objet mis en place dans le traitement de l'autiste. Les vignettes du traitement de 7 à 9 ans d'un enfant autiste, décrites par Hody et Vose (2008) indiquent un maniement de l'objet comme effectuant des changements du circuit autistique, tout en respectant ce que les auteurs désignent la logique de travail de chacun.

Dans la vignette clinique des psychanalystes Hody et Vose (2008), l'extraction d'un objet du circuit autiste, respectant la logique du circuit de chaque autiste dans sa singularité, est réalisée à partir de l'inclusion initiale de l'analyste autour d'un objet privilégié, et à travers cette entrée initiale comme quelqu'un aidant l'autiste à maintenir son circuit en mouvement. Dans un second temps, l'analyste commence à intervenir plus activement dans le circuit en nommant les failles possibles qui, auparavant, déclenchaient des crises. Il s'agit donc d'un rapport où est consigné que l'établissement d'une sorte de partenariat avec l'autiste, à partir d'une entrée "docile" dans le circuit de l'objet, permet de réaliser des interventions qui aideront l'autiste à structurer ses inventions singulières.

Il s'agit d'un adolescent qui s'amusait seul et jouait, de manière répétitive, avec un bout de ficelle qu'il regardait tomber, ramassait et relançait. Le travail initial de la psychanalyste a consisté à s'approcher discrètement de lui et à l'aider, par de petites interventions, à remettre le circuit en mouvement, lui donnant l'objet quand il était

tombé hors de sa portée ou essayant de réparer les objets dont il aurait besoin. Puis, l'analyste a commencé à fabriquer avec lui des objets avec des ficelles. Dans le même texte, les auteurs relatent les vignettes d'un autiste de quatre ans. L'analyste essayait de se positionner progressivement dans son circuit qui, dans ce cas, correspondait à des mises en ordre de séries, des alignements ; l'analyste l'a d'abord aidé à monter un circuit en tubes, en remettant une bille à sa place quand elle tombait du circuit. Dans un deuxième temps, la psychanalyste a commencé à jouer un rôle de partenaire en l'aidant non seulement à réparer le circuit mais en y mettant elle aussi des billes. Lorsqu'une bille tombait - ce qui provoquait auparavant une crise -, l'analyste a commencé à dire « *Ohhhh, boum* », l'enfant s'est mis à répéter les sons et s'est apaisé. Les auteurs font, ainsi, remarquer la place de l'analyste comme partenaire possible de l'autiste, tout en respectant son travail de faire avec. Nous, pouvons, alors, observer la stratégie d'inscription de la présence de l'analyste comme un autre à partir d'une entrée dans le circuit autiste de l'objet pour, partant de là, intervenir en insérant de subtiles modifications du circuit, comme quelque chose d'un Autre dans le circuit de l'objet de l'autiste.

Le travail de Hody et Vose (2008) donne des précisions pertinentes sur la place de l'analyste dans le traitement de l'autiste. On y trouve des indications sur l'intervention possible dans le circuit autiste en tant que partenaire, soit en l'aidant dans la construction du circuit, soit en verbalisant les changements du circuit. Le psychanalyste Stavy (2003) ajoute l'importance, dans ces interventions, d'un travail d'inscription d'une extraction de l'objet du circuit, permettant un changement de l'économie de jouissance.

Nous allons exposer une vignette clinique de Stavy (2003) sur le traitement d'un enfant autiste de 7 ans. Il y est abordé un circuit autiste autour d'un objet que Stavy relie à un signifiant maternel, un signifiant par rapport à une ébauche d'inscription de cet autiste pour l'Autre maternel. À partir de son entrée dans ce circuit, l'analyste intervient en extrayant un objet du circuit, ce qu'il énonce en termes d'inscription d'un moins, de la chute de l'objet (a) qui aura pour conséquence d'inscrire une perte de jouissance, ayant des effets sur le circuit de jouissance de cet autiste. L'auteur décrit que l'enfant essaie de coller deux voitures qu'il tient dans les mains, en les pressant alternativement l'une sur le dos de l'autre. La voiture, signale l'auteur, est un signifiant très important pour la

mère, l'achat d'une voiture figurant parmi les conditions idéales pour avoir un enfant. De plus, les deux souvenirs marquants de cette mère sur la petite enfance de son fils sont, d'une part, une constipation qu'elle a soignée avec des laxatifs par voie rectale et leurs ballades en voiture. L'auteur aborde, alors, le rapport de l'enfant au signifiant voiture, et sa possibilité de créer une circulation à partir de ce signifiant. Pendant la séance, l'enfant construit un train de voitures au-dessus du buffet d'où il était tombé la veille sur le dos. Il prend une voiture qu'il alterne avec la précédente, puis répète ce geste jusqu'à la dernière et l'avant-dernière. L'analyste enlève l'une des voitures et l'enfant qui ne s'était jusque là exprimé que par « *tata* », réagit en poussant un cri. L'auteur prononce son nom. L'enfant prend alors une voiture et la met dans sa poche. Puis, comme l'auteur refuse d'en retirer une autre, l'enfant verbalise sa colère en disant « tu m'énerves ! ». L'enfant enlève alors une autre voiture et la fait tomber. Cet enfant qui, auparavant, paniquait avant d'uriner, dit « *pipi* », va aux toilettes et, pour la première fois, n'est pas terrorisé. L'auteur analyse cette séquence de soustraction et chute de la voiture provoquée par l'enfant, comme permettant la production d'un objet (a) hors corps.

Pour Stavy, le prélèvement d'un objet – la voiture - est un signifiant de la mère, à partir duquel l'enfant établit une circulation. Partant de l'extraction de l'objet de la chaîne des voitures par l'analyste, l'enfant arrive à localiser une jouissance hors corps. Dans cette vignette clinique, le travail a été mis en place autour de la construction d'une chaîne de cet objet par l'enfant, donc, le prélèvement par l'analyste et ensuite la production de l'objet (a), ou plus exactement, un objet condensant une jouissance hors corps, à partir de l'incidence du signifiant de l'Autre. Voilà l'articulation théorico-clinique de l'auteur sur le champ signifiant de l'Autre et l'objet (a). Signalons l'insertion de l'analyste dans le circuit de l'objet de l'enfant, là où il a inséré un moins, une absence, qui a permis à cet enfant d'insérer une négativité dans le circuit de l'objet et une localisation de la jouissance par la modification de l'économie de jouissance.

Dans le même sens, parmi les auteurs abordés (auparavant) dans cette partie de notre recherche, la psychanalyste Fauvel (2009) formule l'importance du travail sur l'objet, permettant un changement de l'économie de jouissance chez l'autiste, mais elle met en relief le rôle du corps de l'analyste comme un support pour l'extraction et l'inscription

d'une négativité sur le corps de l'Autre qui peut entraîner une nouvelle économie de jouissance chez l'autiste.

La vignette clinique de Fauvel (2009) relate le traitement d'une autiste qui, tout d'abord, alternait automatisme dans les comportements routiniers et inertie de l'objet chu, restant statique par terre ou en proie à des éclats, des errances, courant dans le vide. L'intervention se fait à partir de l'extraction d'un objet du corps de l'analyste, un objet lui appartenant, de l'inscription d'une négativité dans le corps de l'analyste, permettant un travail sur la circulation de la jouissance de cet autiste. Ce qui entraînera l'instauration d'une rythmicité, de coupures dans le temps qui vont mettre un terme aux crises auxquelles l'enfant était soumise. Un nouveau circuit est instauré à partir d'un objet désigné par le prénom de l'enfant et autour duquel elle va inscrire les circulations de cet objet, de cette partie d'elle-même, de l'instauration d'un moins et d'un plus. Dans une autre vignette clinique, Fauvel (2008) décrit le traitement d'un autiste, tournant autour d'un travail consistant à écrire le monde à partir d'une organisation des objets, en distinguant les lettres, en donnant aux objets différentes couleurs reposant sur un travail de comptabilité, l'inscription d'une perte de jouissance en excès, encadrant cette jouissance issue d'un travail d'écriture. A partir du transfert sur l'analyste, l'autiste borde l'objet pulsionnel de l'Autre, bordant comme une lettre une enveloppe à la jouissance de l'Autre/Analyste, autour de l'extraction et d'un encadrement qui permettent à l'enfant de commencer à parler à partir de la localisation de l'objet voix de l'analyste, de l'inscription de contours sur le corps de l'analyste. Une autre extraction sera réalisée autour de l'objet regard de l'Autre maternel à travers l'utilisation d'un ordinateur sur l'écran duquel l'autiste peut écrire son prénom, y localisant une jouissance qui était tempérée, bordant ainsi son circuit de jouissance.

L'auteur distingue deux axes du traitement : la construction d'un objet hors corps qui permet une localisation de la jouissance sur un bord et le traitement de l'Autre dans le transfert. À partir du prélèvement d'un objet de l'analyste, l'auteur souligne le tempérament de la jouissance, du traitement de la jouissance en la bordant. Cette dynamique change après le choix d'un objet du corps de la psychanalyste : ses chaussures. L'auteur décrit une séance où l'enfant tombée sur le sol, fixe son regard sur les bottes de l'analyste. L'analyste chante alors « *c'est beau, c'est beau, les bottes* ». L'enfant dit « bottes » à son tour, se lève, prend la main de l'analyste, et le regard fixé

sur ses bottes, va au parc où, mettant l'œil dans une fente, elle dit « *cassé* » et chante « Dansons la capucine, y' a pas de pain chez nous, y'en a chez la voisine, mais ce n'est pas pour nous » (Fauvel, 2009, p. 199). L'équipe suit le choix fait par l'enfant d'utiliser les chaussures pour introduire un rythme, ce qui va lui permettre de ne plus courir dans le vide et d'être capable de circuler en marchant, d'un pas rythmé par la danse. Il faut, toutefois, qu'un partenaire introduise le rythme, faute de quoi elle s'auto-agresse. L'étape suivante du traitement est alors mise en œuvre. L'enfant va prélever la chaussure d'un des membres de l'équipe et pour la première fois essaiera de se coller à quelqu'un. Elle déchausse ce « *partenaire* » et met la botte ; elle va, par la suite, répéter cette séquence avec plusieurs partenaires, prélevant un objet et le mettant, ce qui introduira la possibilité de se séparer des autres sans se laisser tomber.

Le traitement se poursuivant, Fauvel relate que l'enfant, faisant des promenades dans le parc, arrache des violettes, et l'auteur établit le rapport au prénom de la fillette qui s'appelait Violette. Elle donne alors des violettes à ses partenaires et la circulation de ces fleurs change sa relation à la jouissance:

> Elle borde désormais son pas par l'intermédiaire de l'objet fleur, elle n'est plus happée par le vide (…) la fleur devient le lieu à partir duquel la jouissance « en trop » va pouvoir se réguler. (…) V fait passer dans un jeu de va-et-vient, de plus et de moins les violettes de sa main à main (…) Dans un premier mouvement ces fleurs bordent son pas dans le parc de l'institution et dans une deuxième impulsion, elle efface leurs traces par la série des cueillettes (Fauvel, 2009, p. 201).

La psychanalyse articule cette séquence clinique riche d'enseignements dans une tentative d'inscrire une perte, permettant de réguler le circuit de la jouissance à partir d'un objet en rapport avec son prénom. Dans une séquence postérieure du traitement, l'enfant commence à prendre d'autres objets dans l'institution. L'enfant choisit une poupée qu'elle chausse des bottes des adultes et produit des sons avec sa « poupée bottée ». L'analyste souligne l'inscription d'une distinction dans ces sons entre graves et aigus. La poupée à la main, l'enfant peut se déplacer seul, sans être accompagnée d'un adulte. La seule situation qui fait s'effondrer l'enfant durant cette période est la perte des chaussures de sa poupée. L'auteur décrit une autre vignette dans laquelle l'enfant devant le miroir, chaussée des bottes de l'analyste, danse au son d'un air de musique, en disant : « t'as vu, t'as vu la bottée-beauté ? » (Fauvel, 2009, p. 205).

Le circuit de cet objet extrait de l'Autre est très intéressant. Il permet l'inscription d'un + / - et, à partir de cet objet de l'autre, l'établissement de la désignation de l'enfant face au miroir, de sa désignation incluant un trait de l'Autre, ce qui me semble mettre en scène un travail autour de l'objet dans sa dimension d'objet (a) et d'une marque d'investissement narcissique de l'Autre.

L'auteur décrit des vignettes de la suite du traitement lorsque l'enfant essaie de localiser l'objet voix à travers le maniement des objets cassettes et magnétophone. L'enfant tente d'introduire des cassettes dans le visage de l'autre, puis va donner un téléphone à l'analyste et lui introduire un magnétophone dans la bouche en chantant : « C'est la mort qui t'a assassiné Mathias, ta bouche est si immense mais quand tu danses, je danse aussi et quand tu ris, je ris aussi,… toi qui aimes tant la vie » (Fauvel, 2009, p. 205).

Une séquence du traitement me paraît, questionnable, quand l'analyste commence à appeler l'enfant « Belle » ce qui, d'après elle, désignerait une nomination à partir de son prénom (celui de l'analyste) :

> ma présence dans la salle au miroir devient au gré des jours un « en trop ». V. murmurant au miroir se retourne, me voit et me gifle : un double de trop. Privilégiant l'image au miroir comme point d'appui à celui de mon propre corps, je l'appellerais la « Belle » faisant varier une différence sonore avec mon prénom « Isabelle » pour introduire une distinction. Cette nouvelle nomination prend acte de sa construction qui habille l'horreur par la beauté, sa prédilection pour le « B » et son goût pour l'assonance. C'est aussi parier après la « Beauté bottée » qu'un point d'ancrage du transfert s'opérait à partir de mon prénom (Fauvel, 2009, p. 206).

Commençant à désigner l'enfant « Belle », dans le texte, l'auteur affirme que : « l'efficacité de cette nomination ne se fera pas attendre…plusieurs crises lors de sa cure furent arrêtées grâce à ce point d'où il devenait possible de la nommer. Nous pouvons penser aussi que lors de cette gifle, l'objet regard tente d'être soustrait » (Fauvel, 2009, p. 206).

Je considère que ce choix de nommer l'enfant par son prénom peut être mis en rapport avec les gifles ainsi que les réactions d'agressivité de l'enfant face au miroir, au regard

de l'analyste qui fait le choix de la désigner par son propre prénom. Par rapport à l'interprétation que fait l'analyste d'apparier le signifiant « Belle » au « Beauté botté », il me semble important de décrire une vignette antérieure où pour la première fois dans le texte les signifiants « *beau* » et « *belle* » sont introduits, mais ils sont introduits sur l'initiative de l'analyste, non sur celle de l'enfant.

> V. dresse sur la table deux verres d'eau qu'elle remplit de liquide vaisselle. Elle s'en sert un et me tend l'autre verre. V. lève son verre jusqu'à sa bouche, je bredouille : « *B, B, beurk, beurk ! [….] » Elle se lève, va au miroir, vide le contenu de son verre sur ses cheveux et dit « beurk !* » V. est face au miroir, je me munis d'un joli mouchoir, sèche les cheveux et chantonne « voilà un beau mouchoir pour les cheveux de la belle » (Fauvel, 2009, p. 204).

Ceci étant, le récit du traitement démontre tout un parcours, effectué à partir du travail analytique, qui me paraît très intéressant. Mes réticences sont dues aux manques d'identification au signifiant unaire chez l'autiste qui, à mon avis, ne peuvent pas être forcés par un signifiant de l'analyste, sans aucun rapport au champ signifiant de l'enfant.

Il vaut la peine de noter que l'expérience de Fauvel (2009) met en relief le travail sur le circuit des objets chez l'autiste par l'inscription d'une différence sur ce circuit-là, mis en rapport à un travail d'écriture, de comptabilité, ayant des effets sur l'économie de jouissance et permettant un rapport à un Autre réglé. Par rapport à la place de l'analyste y est accentuée l'importance d'un corps sur lequel l'autiste peut prélever un objet. L'importance du corps de l'analyste évoquée dans la vignette - qui sera décrite plus loin - introduit par ailleurs le prélèvement de l'objet de l'analyste, ayant un effet sur la jouissance chez l'autiste, l'importance de l'établissement d'un circuit d'échange de l'objet prélevé, et aussi une mise en comptabilité de ces objets, d'une façon d'opérer avec la jouissance, de pouvoir perdre de la jouissance par rapport à l'autre. Le psychanalyste met en lumière l'importance de l'écriture par rapport à l'inscription d'une différence dans le circuit des objets et de l'inscription d'une perte de jouissance possible chez l'autiste à partir du travail sur les objets prélevés de l'analyste, des objets encadrant la jouissance.

Dans le traitement d'un autre enfant autiste, Fauvel (2008) décrit la construction d'un abécédaire singulier. L'enfant demande, d'abord, à la psychanalyste d'écrire les lettres de son nom tout en se bouchant les oreilles. Puis, il « bouche » les espaces entre les lettres en utilisant des crayons colorés et s'apaise, n'ayant plus besoin de se boucher les oreilles. Il s'agit d'un travail d'écriture continue, d'étiquetage de chaque chose avec une couleur différente, permettant d'« *indexer* » d'un mot chaque objet et de rompre l'état de mutisme antérieur, à partir de l'inscription de ce travail d'étiquetage. L'enfant commence à utiliser l'horloge de l'analyste pour ordonner les nombres aux objets et les compter. L'auteur souligne l'importance des nombres et des couleurs comme organisateurs de son monde. Selon l'articulation théorico-clinique de l'analyste, l'enfant, en écrivant, a pu inscrire une perte de ce qui était en trop. L'auteur décrit aussi un cadrage de l'objet voix. La psychanalyste décrit d'abord une séquence dans laquelle l'enfant peint les lèvres de l'analyste, aspire sa salive avec une seringue, en compte la quantité sur le curseur, fait déborder la salive sur le visage. L'enfant a commencé à parler davantage après cette séquence. Il essaie ensuite de cadrer l'objet voix en utilisant le combiné d'un téléphone, puis reprend les activités avec la bouche et les lèvres de l'analyste et applique ensuite ses lèvres pour border une lettre qu'il met dans une enveloppe, disant qu'elle s'adresse à sa mère, ce qui d'après l'analyste va l'apaiser par le cadrage de l'objet voix, et l'enfant va commencer à parler « tel un ventriloque » (Favel, 2008, p. 62). L'analyste décrit ensuite la séquence d'un cadrage de l'objet scopique. L'enfant va à la fenêtre en indiquant que le regard des autres le dérange et il essaie de tout contrôler. Il met des lunettes mais cela ne l'apaise pas. L'analyste relate que l'enfant a une lettre qu'il a écrite et s'inquiète de savoir « qui va « rece-voir » ce courrier » (Favel, 2008, pp. 62-63). Il écrit son nom sur l'ordinateur et demande à l'analyste de regarder l'écran, celui-ci localisant l'objet regard, ce que l'analyste met en rapport à ce qu'elle considère être une élaboration de l'image corporelle chez l'enfant, l'écriture ayant un effet d'apaisement et d'« un allègement » (Favel, 20008, p. 63). Dans ce traitement, la psychanalyste focalise un travail sur le concept de l'objet (a), d'un objet qui condense une jouissance hors corps à partir de l'incidence d'un objet prélevé sur l'Autre qui marque le circuit de la jouissance.

L'entrée possible dans le circuit de l'autiste est mise en lumière dans le travail du psychanalyste Gerard. Il souligne l'importance d'être présent tout en s'occupant d'autre

chose, ce qui peut permettre le prélèvement de l'objet sur lui, sur l'équipe, et l'inscription d'un Autre manquant, pas-tout.

La vignette clinique de Gerard (2000) révèle l'importance de son entrée dans le circuit d'un autiste inerte, en étant présent à côté de lui, tout en faisant autre chose. L'autiste a, d'abord, extrait les voix des membres de l'équipe de l'institution, répétant quelques mots prononcés et chantant quand quelqu'un était présent et occupé à d'autres tâches. Le psychanalyste relate que la présence de plusieurs membres de l'équipe a permis une pluralisation des Autres desquels l'autiste pouvait extraire ces objets, encadrant sa jouissance à partir de l'extraction d'un objet de l'Autre, d'un Autre manquant. Exposons quelques éléments du cas. Au début du traitement le jeune autiste restait sur son lit, immobile, évitant tout contact avec l'équipe. L'intervention de l'équipe se limitait à être présente, occupée à autre chose. Le garçon a commencé à répéter quelques mots prononcés par les membres de l'équipe et à chantonner « Tatata tata » quand quelqu'un parlait. Le prélèvement de l'objet voix a permis au jeune un traitement de l'objet voix. Dans une vignette, l'auteur met en garde contre le risque d'un certain collement de l'autiste à celui qui occupe la place de l'Autre à ce moment-là. Face à l'impossibilité d'empêcher le garçon de se mutiler, Gerard et son équipe ont commencé à parler de lui à la troisième personne, ce qui lui a procuré un apaisement. Le patient a, selon Gerard, pluralisé son Autre, prélevant sur les autres membres de l'équipe des objets, pour construire un Autre décomplété. Roy a commenté au cours d'un débat (Baio, V. et al. 2000b), l'importance, dans ce cas clinique, de l'intervention de l'équipe qui, tout en étant présente faisait semblant de ne pas se soucier du patient, ce qui a permis une présence décomplétée de l'Autre. Dans ce débat, Stasse va dans le même sens et souligne qu'à partir de l'Autre décomplété, les interventions permettent à l'autiste de prélever de l'objet voix sur l'Autre. L'auteur signale l'importance de la manœuvre de celui qui incarne l'Autre puisque l'objet est d'abord l'objet de l'Autre. Nous observons, donc, le travail clinique autour des objets (a), de l'extraction de l'objet, de l'inscription du manque dans le champ de l'Autre.

Ainsi que dans le traitement précédent, la prochaine vignette mettra en évidence l'importance de l'objet prélevé sur l'Autre et de sa postérieure circulation. Il met en avant le corps de l'analyste comme étant l'Autre qui se laisse trouer, qui s'offre comme

support de l'objet, cet Autre réel incarné qui y laisse inscrire cette extraction, cette inscription d'un trou par l'autiste.

Une vignette clinique de Damave et Hosselet (2000) décrit le traitement d'un autiste qui, après une période initiale de fermeture autistique, vit une forte angoisse. Il marche dans l'établissement avec des morceaux de tissus et ne se calme qu'entouré de grands morceaux de tissus ou d'eau dans le bain. L'équipe intervient en lui offrant une écharpe qui sera placée dans un circuit d'objet où l'enfant pourra établir un jeu de cache-cache dans le cadre d'une interaction avec les Autres de l'équipe. Les psychanalystes expliquent que cet objet-écharpe allait prendre une dimension d'appartenance, à la fois à l'Autre, incarné par les membres de l'équipe, et à l'enfant, comme une partie de lui-même. Les psychanalystes commentent le début du traitement de cet autiste quand, après des périodes d'enferment, d'automutilation, d'agression envers les autres, il a vidé de manière compulsive armoires, boîtes, etc. Cet enfant, selon les auteurs, « est comme un contenant troué, la peau ne suffit pas à l'envelopper. Son corps doit être doublement bordé par l'eau du bain, de grands morceaux de tissus ou des pommades cicatrisantes. Dans ces moments, il ne s'automutile pas » (p. 244). L'enfant se promenait avec les bouts de tissus, se laissant tomber à tout bout de champ, jusqu'au jour de son anniversaire où l'équipe lui a offert une écharpe qui allait remplacer les morceaux de tissus. L'enfant crée alors un jeu : il jette l'écharpe et la rattrape. L'équipe commence à entrer dans le jeu. Un membre prend l'écharpe, joue un jeu de cache-cache répétitif, qui se poursuit après les promenades. Puis, à un moment donné, l'enfant jette l'écharpe au-dessus de la porte, nécessitant de l'aide d'un membre de l'équipe pour la récupérer. L'enfant, dès lors, ne se laisse plus tomber. L'équipe a mis en œuvre un atelier avec une boîte qu'il pouvait, alternativement, remplir et vider. Les auteurs mettent en rapport cette scène au jeu de la bobine et signalent que l'enfant a introduit d'autres jeux similaires avec un ballon en s'exclamant « *va-va* ». Dans un débat (Baio et al, 2000b) suivant l'exposé de ce cas clinique, Damave a donné quelques précisions par rapport à sa lecture théorico-clinique de l'objet. Alors que la balle était un objet extérieur, appartenant à un membre de l'équipe, l'écharpe était vécue comme un morceau de lui-même ainsi qu'un morceau de l'Autre, membre de l'équipe. Le commentaire de Laurent (2010) à propos de ce cas signale l'importance de la dimension de l'échange autour de l'objet impliquant une circulation d'objets qui place le corps de l'Autre comme support de l'extraction de l'objet et de sa circulation, à partir de l'inscription d'un trou dans

l'Autre, de l'Autre manquant incarné par l'analyste. Laurent (2007) souligne la place possible de l'analyste supportant l'objet pour l'autiste puisque l'objet est nécessaire pour qu'il y ait l'Autre. Le corps du thérapeute, de l'analyste, dans le traitement de l'autiste relevé par Laurent (2010) est important. Il met en avant le travail de mise en place d'un échange avec le thérapeute, en mettant en circulation des objets entre eux par exemple, ce qui n'est possible qu'à partir d'une relation de transitivisme, autrement dit, il faut le corps de l'autre pour qu'il cède un objet qu'il n'arrive pas à céder sans ce support. « Cela inclut le corps du thérapeute utilisé comme instrument, comme lieu d'hébergement de l'objet à prendre, à réinclure, réinsérer – parfois avec les dangers de ce type d'échange » (Laurent, 2010, p. 228). D'où, selon l'auteur, l'importance de l'extraction de quelque chose d'un objet privilégié de chaque enfant comme une marque du changement du bruit en cri, d'un marquage signifiant à partir d'une construction qui a besoin de passer par le corps de l'autre. L'auteur souligne qu' « il faut avoir du tact quand on offre le corps comme lieu où puisse s'inscrire cette transformation du bruit en cri » (p.229), puisque « c'est avec ce trou dans le corps que se constitue le cadre dans lequel va s'inscrire la procédure de l'extraction qui fait le sujet » (p. 229). D'un objet extrait du corps ou de quelque chose extrait de l'objet privilégié, il y a une inscription d'un trou dans ce que Laurent (2010) désigne l' « Autre réel » (p. 233) de l'autiste, comme celui chez qui il n'y avait aucun trou.

Nous allons maintenant aborder, à partir de quelques exposés cliniques, la place possible de l'analyste dans le traitement de l'autiste, en tenant compte de l'importance d'un travail autour de l'objet (a), permettant l'inscription de l'extraction d'une partie du corps, eu égard au changement du rapport à la jouissance chez l'autiste.

Perrin (2008) relate le parcours du traitement d'un enfant autiste de cinq ans. Au début du traitement, l'enfant alterne son branchement/débranchement sur des véhicules. Il s'agit, en fait, des on/off de ces objets qui lui permettent de produire une animation libidinale puisqu'« il s'anime lorsqu'il manipule des véhicules, mais la plupart du temps, son corps reste sans vie » (Perrin, 2008, p. 64). L'analyste intervient en aidant l'enfant dans son rapport aux véhicules, dans son travail d'ordonner le monde à partir de son branchement sur un véhicule. Devenue sa partenaire dans les jeux de constructions, il commence à l'inviter à participer à d'autres activités. Il n'a plus, ensuite, besoin d'être connecté à un véhicule pour aller aux séances. Puis, l'analyste décrit des vignettes

cliniques concernant un cadrage du regard dans le miroir, accompagné de la désignation de l'analyste par son prénom, au cours d'un jeu de regarder / pas regarder avec un rideau et le miroir. Il s'agit de la mise en place d'un cadrage de l'objet scopique dans le miroir, permettant à l'enfant de supporter le regard de l'Autre. La psychanalyste décrit ensuite la séquence d'un cadrage de l'objet voix dans le téléphone, après laquelle l'enfant se met à parler de plus en plus.

L'enfant alors commence alors à procéder à un travail d'extraction de l'objet voix du téléphone comme s'il y localisait l'objet voix de l'analyste, ainsi que l'extraction de l'objet regard à partir d'un jeu de cache-cache avec l'analyste. Perrin signale deux concepts-clé du traitement de l'autiste, l'importance de l'objet autistique initial, c'est-à-dire celui autour duquel l'autiste établit son on/off, forme d'investissement de la jouissance dans un bord, pouvant se lier à une jouissance sans être trop envahi, et l'importance de la construction d'un double comme possibilité de traitement par l'imaginaire de la jouissance. La psychanalyste relate le cas d'un autiste qui, à partir d'un objet autistique réalisé localise la jouissance, par rapport à ses objets oral, anal, voix et regard. L'utilisation de cet objet qui encadre la jouissance permet d'établir une circulation de l'enfant dans l'établissement. L'analyste situe son lieu initial dans le transfert comme celui d'un double qui permet de construire un système de connexion-déconnexion à la jouissance, à partir d'un traitement de la jouissance autour d'objets devant être extraits, à la jouissance devant être extraite de l'objet autistique comme de ses divers doubles (l'analyste, les autres enfants de l'établissement) comme une inscription d'un Autre manquant dont le trait extrait permet un traitement de la jouissance de l'autiste.

Le traitement par l'objet autistique simple et par le double est considéré comme des étapes nécessaires, mais provisoires, puisque celles-ci permettent difficilement de séparer l'autiste de ses objets, sachant que la solution proposée par la psychanalyste est la construction d'un objet autistique complexe qui permettra un système de traitement de la jouissance, à partir duquel la séparation entre l'autiste et l'objet serait possible. L'analyste considère que cet objet autistique complexe devient un système de traitement de la jouissance et est un pas important pour l'établissement de ce qu'elle nomme "Autre de suppléance" de l'autiste. La construction de l'objet autistique complexe, singulier à chacun, permet un traitement imaginaire, une soustraction imaginaire de la

jouissance à partir d'une identification imaginaire à cet objet et à un prélèvement de ces caractéristiques.

L'articulation théorico-clinique de Perrin est la mise en œuvre du cadrage de l'objet pulsionnel permettant le traitement d'une jouissance en trop. L'auteur distingue la capture de l'objet pulsionnel d'une chute de l'objet (a) car chez l'autiste il s'agirait d'une imaginarisation de la perte symbolique permettant une capture, non d'une chute de l'objet.

Étant donné l'importance de l'investissement sur le bord de l'objet dans l'autisme, Perrin (2009) s'oppose aux avis thérapeutiques préconisant le prélèvement des objets autistiques jugés objets destructifs et nocifs, mettant au contraire en évidence l'intérêt vital de ces objets pour l'autiste puisque « à défaut de l'aliénation signifiante, le sujet autiste compense par un appui aliénant à l'objet, un objet-bord » (p. 76), ce qui, selon elle, favorise la construction d'un « *objet appendice* » qui entraîne un dynamisme du psychisme de l'autiste et de cette utilisation des objets autistiques, ainsi que la création du double. Ces traitements par l'imaginaire permettent au sujet une localisation, l'arrêt d'un envahissement par la jouissance. Dans le même sens, Laurent (2010) met en lumière le bénéfice dans cet investissement sur un objet-bord, à partir duquel le traitement de l'autiste peut déboucher sur le déplacement de bords au fur et à mesure qu'avance le traitement, donnant plus d'espace aux échanges avec les autres, y compris avec l'analyste, créant le site où le bruit peut se transformer en cri.

On peut brièvement évoquer le cas clinique de Charlie décrit par sa psychanalyste, Perrin (2009). Le but de cette description est d'indiquer le maniement clinique de sa façon de construire la clinique de l'autisme à partir des concepts théoriques-cliniques et de la formulation de ce cas. L'auteur décrit que cet autiste regarde les objets en faisant des mouvements stéréotypés des mains devant les yeux, ce que l'auteur nomme « autogire », dont l'arrêt produit des crises de hurlement et un se laisser tomber. L'auteur considère qu'il s'agit d'une tentative de cadrage de la jouissance scopique qui est mise en place par l'autogire. Avant de produire ses excréments oral et anal, l'enfant était envahi par une jouissance dans son corps, ce qui va s'apaiser avec la fixation sur un objet accompagné de l'autogire. L'analyste y voit un cadrage de la jouissance anale. Ensuite, l'analyste décrit des extraits de séances où Charlie prend le téléphone, dit

« *allô* » puis « *c'est moi* » et met l'écouteur sur la bouche de l'analyste, en la lui obturant. Pour la psychanalyste, il s'agit d'une tentative de localisation de l'objet voix. Puis, tout en fixant son œil sur l'écouteur toujours sur la bouche de l'analyste, Charlie met le combiné du téléphone dans une main, un objet appartenant à l'analyste dans l'autre, et va commencer à exploiter d'autres objets et d'autres endroits. Tout déplacement est alors fait avec l'utilisation d'un objet, dont la séparation devient quasi insupportable puisque « Mise en position de double, nous comprenons que le prélèvement d'objets en fin de séances ne vient pas tant décompléter l'Autre, que, davantage, se saisir d'un objet du double pour en incorporer les caractéristiques et ainsi se restaurer, s'animer » (Perrin, 2009, p. 79). L'auteur considère qu'il s'agit de la construction d'un système de branchement au fil du téléphone, à un objet de l'analyste, qui permet une régulation de la jouissance, non régulée par le langage chez l'autiste.

Autre activité mise en place par l'enfant, le dessin par l'analyste de trains, puis de routes, que Perrin comprend comme la construction d'un circuit plus élaboré de circulation, d'un gire utilisant l'analyste comme double. L'auteur décrit, aussi, la construction d'un système avec des animaux de ferme qui, lorsqu'ils sont rentrés et enfermés, apporte à l'enfant un apaisement à la fin des séances. L'utilisation des éléments de la ferme – d'abord dispersés puis rassemblés dans ce que la psychanalyste appelle le corps de la ferme - accompagnée d'une fixation sur le robinet d'eau ouvert et des mouvements circulaires de l'eau produits par les doigts de l'enfant, permettent à l'enfant de déféquer sans être rempli d'angoisse. Selon la psychanalyste, l'enfant s'est approprié de la caractéristique - le mouvement de l'écoulement de l'eau - pour pouvoir déféquer en cadrant sa jouissance anale.

Charlie va, par la suite, se brancher à une petite autiste qui réalise des mouvements stéréotypés en faisant tourner circulairement les objets. L'auteur met, alors, en évidence l'importance du mécanisme de branchement et de débranchement sur l'objet autistique ou sur un autre. Plus tard, Charlie construit un circuit de marionnettes, demandant à l'analyste d'écrire ou de dessiner ce qu'elle veut en utilisant les marionnettes. Il utilise les marionnettes pour donner des objets à l'analyste ou il s'adresse aux marionnettes pour leur demander ce que l'analyste doit faire. Alors, Charlie commence à utiliser des objets d'autogire dont la séparation produit des crises de hurlement que Perrin analyse comme une coupure vécue, la mutilation d'une partie du corps propre, entraînant un

envahissement du corps par la jouissance et un se laisser tomber. La psychanalyste souligne que ce branchement à l'objet autistique ne doit être qu'une étape transitoire puisqu'il ne permet pas de séparation définitive de l'objet. Or, la construction d'un objet autistique complexe permet, de l'avis de l'auteur, cette séparation et devient une solution envisageable.

Le surgissement d'un système branché sur une machine à laver qui permet d'observer le mouvement circulaire du linge et celui d'entrée et de sortie contrôlé par un centre de commande sera le nouveau choix de Charlie. L'enfant demandait que l'analyste « regarde les yeux » dans la machine, l'appelant par son prénom, ce que la psychanalyste traduit comme un possible cadrage de l'objet scopique qui permettait à l'enfant de demander le regard de l'Autre et de regarder lui-même directement l'analyste à partir d'une capture de l'objet scopique. L'analyste décrit la possibilité d'une séparation à la fin de la séance, laquelle n'est plus vécue comme un morcellement depuis l'introduction de la machine à laver, qu'elle désigne comme un objet autistique complexe. Après cette capture de l'objet regard, Charlie commence à s'intéresser au système d'entrée et de sortie de l'eau, du contrôle de l'évacuation de la machine, ce qui lui permettait de traiter l'objet anal et de maîtriser le remplissage et le vidage de son propre corps, l'évacuation de sa propre jouissance anale. La psychanalyste met, de surcroît, en évidence qu'avec l'objet complexe, la machine à laver, l'enfant a une position de maîtrise du système de l'évacuation, de contrôle de la jouissance, tandis que, dans l'autogire, Charlie était soumis à un objet devenu tout puissant.

Charlie met, ensuite, des objets avec le linge dans la machine à laver et commence à s'intéresser aux bruits qu'ils pouvaient produire. La psychanalyste considère qu'il y a là une ébauche du traitement de l'objet voix par Charlie qui disait « écoute » et, tout en écoutant les bruits venant de l'intérieur de la machine, essayait d'y localiser la jouissance vocale.

En raison d'une décision institutionnelle de l'hôpital jour où Charlie séjourne, il sera quelques temps privé de la machine à laver, période durant laquelle sa psychanalyste relate de nouveau crises, rechutes et vaines tentatives de création de systèmes de contrôle de la jouissance en utilisant des objets autistiques simples qui ne lui permettent plus de supporter une séparation. L'enfant fait, à nouveau, des crises d'envahissement

du corps par les jouissances. Il introduit d'autres activités, demande à l'analyste de faire rouler sa voiture tandis qu'il est dedans, tout en fixant le porte-clés sur le contact, ou de dessiner la machine à laver avec des yeux et des oreilles.

Dans cet acte de prélèvement d'objets sur le corps de l'analyste par l'autiste, d'un côté, l'Autre devenait troué, décomplété, et de l'autre, l'autiste pouvait s'approprier une caractéristique dynamique de son double, ou de l'objet autistique, et même mieux tolérer une séparation. Selon Perrin (2009), « une structuration de l'image du corps » (p. 96), serait alors possible, d'un corps complété par cet objet du double porteur de vitalité et de dynamisme. L'autre hypothèse émise par l'auteur est que le prélèvement d'objets sur le corps de l'analyste est un mode défensif pour traiter la jouissance, un traitement des objets pulsionnels permettant une tentative de « « mise à distance, de coupure, de séparation d'avec l'objet réel par cet arrachage d'un morceau de corps » (p. 97) de l'analyste à la place du double. Perrin (2009) précise que se faire partenaire de l'autiste, être ce double, « supporter l'image du double n'équivaut aucunement à susciter un branchement sur le moi fort du clinicien, dans un rapport d'ego à ego » (p. 96). D'où pour Perrin, l'importance que l'analyste occupe cette place de double au cours du traitement de l'autiste :

> Pour conclure, disons qu'une psychanalyse avertie du stratège de l'autiste ne peut faire l'économie du double. C'est en passant par le double que la construction du sujet autiste pourra s'élaborer, à charge pour celui qui en supporte l'image d'asseoir une position réglée pour ne pas incarner un Autre tout-puissant (…), la position de l'analyste devra être celle d'un double peu présent, quand il est support de la créativité, mais sachant faire barrière à la jouissance en excès (p. 97).

Lors d'une étape suivante, selon Perrin, après avoir occupé la place du double, l'analyste peut occuper une place au-delà du double, rompant le risque d'être trop présent et envahissant. Si l'autiste ne possède pas ses objets autistiques, et ne reste qu'avec son double, cette relation peut devenir très intrusive, entraînant des réactions de destruction vers ce double tout-puissant. Il s'agit pour la psychanalyste d'aider l'autiste dans sa construction, il ne s'agit pas d'offrir des objets qu'elle désigne « *prêt-à-l'emploi* » mais d'être témoin de la construction faite par l'autiste avec son propre savoir, sa propre solution. Il n'est pas question d'interpréter la construction de l'autiste,

du travail auto-thérapeutique de l'objet autistique complexe. Il s'agit d'établir les conditions d'une relation supportable pour l'autiste, permettant à l'analyste d'occuper une place d'opposition à la jouissance envahissante, déréglée.

Dans le traitement de Charlie, l'analyste souligne qu'il avait, d'abord, besoin d'utiliser le corps de l'analyste comme un outil pour se brancher à son système, mais qu'au cours du traitement il n'avait plus besoin de le faire et que l'analyste devenait un « témoin de sa construction, témoin qui, dès que s'en présente l'occasion, s'oppose à la jouissance (…) s'y opposer chaque fois qu'elle surgit, n'est-ce pas cela faire entendre au sujet que c'est en s'opposant à ces envahissements et en soutenant l'élaboration de ses constructions défensives, que s'en trouveront dynamiser ses inventions » (Perrin, 2009, p. 98). L'hypothèse de la psychanalyste est qu'à partir de la création de cet objet complexe Charlie a pu faire un traitement des pulsions et un « travail de structuration, de maîtrise de son fonctionnement corporel » (p. 91) qui a permis de constituer « un au-delà du double, vers un Autre de suppléance » (p. 89). Elle souligne, alors, sa position de partenaire dans le transfert, en aidant l'autiste à construire sa solution.

> Notre hypothèse est que c'est par la mise en mouvement et l'accompagnement du travail sur l'objet que se dessinent les modalités de la position du clinicien, cet au-delà du double, c'est-à-dire, supposons-nous, un double comme canal du traitement de la jouissance et comme canal vers l'Autre de suppléance. Le clinicien pourrait donc en faire partie. La position de l'analyste dans le transfert autistique prend la position d'un double non désirant, porteur de vacuité, afin de permettre au sujet de s'en saisir comme canal vers ses interventions et son Autre de suppléance (p. 100).

La voie de l'imaginarisation de la perte chez l'autiste est mise en lumière par Perrin (2009) à partir des récits de Grandin, autiste de haut-niveau. Druel-Salmane (2009) décrit que Grandin avait d'abord créé son objet autistique, une « machine à serrer » qui s'était constituée comme un bord et avait permis par la suite de constituer un double. Grandin a construit un double qu'elle considère son « *alter-ego* », s'agissant non pas d'un semblant de l'autre, ni d'une identification signifiante à l'autre mais d'une connexion imaginaire à cet autre, ressentant ce qu'elle pense que l'autre sent. Druel-Salmane (2009) postule, dans le même sens de Perrin (2009), la possibilité pour le double de fonctionner comme une protection qui contribue à une structuration de

l'image du corps à partir d'une identification imaginaire, du cadrage de la jouissance et de l'articulation à un « *Autre de suppléance* ».

Suivons quelques indications concernant le cas de Dibs traité par Axline, selon la description de Perrin (2009), pour continuer notre analyse de la construction théorique-clinique de Perrin sur l'objet dans la clinique de l'autisme.

> « Ici, Dibs, dit-il, rapporte H.G. Axline. Écoute-moi bien magnétophone. Tu vas attraper et garder ma voix. Ici Dibs, qui parle. Je suis Dibs. C'est moi. » Il arrêta l'enregistrement, rembobina la bande et s'écouta. Ensuite, il l'arrêta et me sourit. « Ça, c´était ma voix, dit-il. J'ai parlé et Il m'a enregistré. Je vais faire un long enregistrement et nous le garderons pour toujours et pour toujours. Ce sera juste pour nous deux. » En effet, Dibs recommença et insiste nettement, il veut y laisser l'objet réel voix, « je suis en train de parler dedans » ; puis, après plusieurs vérifications, il retira la bande et la tendit à H.G. Axline : « rangez ça », me dit-il, rapporte-t-elle, Mettez là dans la boîte et rangez-là, et gardez là juste pour nous deux (Axline apud Perrin, 2009, p. 90).

Et, dans une séance suivante :

> « Tu as été enregistré, Dibs », dit-il. « Tu as fait parler cette bande. Cette bande a attrapé ma voix et elle l'a gardée. C'est ma voix sur une bande. […]. Est-ce que je peux encore ajouter quelques mots sur cette bande ? » demanda-t-il, si tu veux, répond H.G. Axline. « Oui je veux. Je vais attraper et garder ma voix sur cette bande. J'aime bien le magnétophone. »[…] « C'est la dernière fois que je viens dans cette salle de jeu », dit-il dans le microphone. « C'est Dibs qui parle. C'est ma voix. Je suis venu dans la salle de jeu. J'ai fait tant de choses dans cette salle de jeu. Je suis Dibs (Axline apud Perrin, 2009, p. 90).

Perrin (2009) voit dans le traitement de Dibs un exemple de la possibilité de capture de l'objet voix à partir de l'utilisation de l'objet autistique. Il ne s'agit pas, selon elle, de la chute de l'objet voix mais d' « une soustraction imaginaire de la jouissance vocale » (Perrin, 2009, p. 91), ce qu'elle met en rapport avec l'imaginarisation de la perte faite par son patient Charlie, élaboration imaginaire qu'elle considère comme une solution possible chez l'autiste. Perrin (2009) utilise aussi l'exemple de Joey - cas de Bettelheim sur lequel repose son livre « *La forteresse vide* » - pour donner quelques indications par rapport au rôle possible de l'analyste comme double permettant à l'autiste d'aller au-

delà du double. Joey se branche sur une machine dont le fonctionnement devient la source de sa propre énergie.

> Le corps de Joey est mû par des machines : il se munit d'ampoules électriques, de lampes, de bouts de ficelle. Pour respirer, il a son carburateur ; pour manger, son gros moteur ; pour dormir, un appareillage complexe installé au pied du lit […] . Il ne pouvait rien faire sans être mûr par des machines. Avant de se mettre à lire, même avant de pouvoir s'asseoir, il devait brancher sa table à une source d'énergie. Ensuite, il devait se brancher lui-même (Druel-Salmane, 2009, p. 45).

Joey, enfant autiste traité à l'École Orthogénique par Bettelheim[8], n'existait que connecté aux lampes, aux appareils électriques, son corps fonctionnait comme une machine ; lorsqu'il était branché à une lampe ou à une ampoule, il passait brutalement d'un état d'inertie - muet, sans bouger - à un état d'agitation, courant dans tous les sens, criant « *crack* » ou « *explosion* » en lançant cet objet. L'objet une fois brisé, Joey lui-même s'éteignait, retournant à l'état d'une apparente non-existence. Avant n'importe quelle activité (manger, dormir,..) il devait se connecter à un fil, à une source d'énergie électrique pour que ses systèmes corporels fonctionnent. Son corps fonctionnait libidinalement à partir du branchement à une source d'électricité.

À une certaine époque Joyce prenait quelques précautions comme s'asseoir sur du papier et se couvrir avec du papier pour créer l'isolement et éviter que le courant électrique ne soit coupé. Ensuite, Joey a essayé de contrôler sa défécation ; auparavant il avait essayé de trouer son corps propre pour faire sortir les déchets mais après avoir associé les matières fécales à une production faite par l'électricité, il s'est apaisé. La construction de systèmes plus élaborés a pu rendre compte d'une circulation de la libido, permettant à Joey d'avoir plus de prise sur son circuit et une meilleure localisation de la jouissance, notamment anale, qui avant menaçait son existence, dans un vécu où son corps allait tomber en morceaux. L'auteur souligne, alors, que les tentatives de se séparer par des coupures réelles de l'objet réel, vécues auparavant comme des situations où la vie sortait de lui, ou produisant des retours envahissants de la jouissance mais qu'après la création des doubles, copains de l´école - Kenrad, et

[8] Bettelheim, B. (1969/2008) La forteresse vide. L'autisme infantile et la naissance du soi. Saint-Amand : Éditions Gallimard.

surtout Mitchell - il commence à régler son énergie par le circuit des fèces. La psychanalyste souligne le risque pour l'autiste d'être fortement suspendu à un autre et que celui-ci vienne à manquer (sortie d'un de ces doubles de l'école, par exemple), entrainant un retour à l'utilisation de l'énergie vitale des lampes. Mais, après coup, Joey construit deux nouveaux objets autistiques plus complexes, une famille imaginaire, Carr, et un double imaginaire nommé Valvus qui lui permettra de maîtriser l'énergie à travers la production des fèces. Pour Perrin, il faut encore que Joey aille au-delà de ce double ce qui deviendra possible quand il aura construit un objet autistique complexe qui permettra une « régulation maîtrisée et durable de la jouissance » (Perrin, 2009, p. 93), en créant, par exemple, une machine à réguler le courant électrique dans le cadre du métier qu'il exerce dans le domaine de l'électricité.

Dans la relation de l'autiste au corps propre, Soler (2002) distingue des perturbations corporelles « où le corps du symbolique s'incorpore » (p. 73), c'est-à-dire que, par rapport aux demandes et désirs de l'Autre, il y a des manifestations des perturbations du rapport à l'Autre, tandis que débranché de l'Autre-machine, l'autiste est comme un « paquet de chair » (p. 75), inerte, sans vie libidinalement, même si le corps en tant qu'organisme continue à fonctionner, notamment les fonctions qui n'ont pas de rapport aux demandes et au désir de l'Autre.

Le besoin de se brancher sur un Autre machine est formulé par Soler (2002) comme une tentative de compenser le défaut du manque du branchement du langage sur le corps comme instrument de jouissance, du manque chez l'autiste du « langage qui fait l'organe-libido » (p. 75). Tandis que, dans l'autisme, Soler (2002) formule un branchement machinal sur l'autre comme un branchement « sur l'Autre comme machine signifiante, sur le corps du langage, qu'il se branche » (p. 75), « à la place du corps incorporel du signifiant » (p. 76), les psychanalystes Maleval et Perrin formulent un branchement sur un objet autistique/double/partenaire imaginaire et d'un Autre, non pas constitué de signifiants mais de signes. Ils formulent, en outre, la possibilité qu'à partir de la relation branchée à cet autre, l'autiste arrive à un changement de sa jouissance. Alors que le rapport à l'Autre de signes est un rapport à un autre coupé de la jouissance, ainsi que Soler formulait l'existence d'un branchement possible à un corps sans la jouissance du signifiant comme une solution autistique, il y a d'autres rapports possibles au langage, où la jouissance peut être vécue comme moins coupée du corps.

Laurent s'oppose à la formulation de l'autiste comme enfant-machine car en effet il n'a pas affaire à un objet déshumanisé, il ne s'agit pas d'un rapport à une machine mais à un Autre extériorisé. L'auteur désigne l'enfant autiste comme « enfant-organe » (Laurent, 2007, p. 114) et son Autre « *comme* extériorité, comme organe sans fonction » (Laurent, 2007, p. 114). Les efforts de l'autiste d'extraire ou d'introduire un objet ayant la fonction d' « organe supplémentaire » (Laurent, 2007, p. 114), est d'après l'auteur une tentative d'introduire l'organe au langage dans son corps, du langage qui chez l'autiste est « nettoyé de la jouissance » (Laurent, 2007, p. 115).

> Le rapport de l'autiste à son corps nous présente un corps nettoyé de tous les organes d'échange possibles. Le corps-autiste serait le vrai « corps sans organes ». Le morcellement du corps par ses organes est surmonté au prix de l'enfermement dans une « carapace » comme certains ont pu l'appeler. Le sujet « se jouit » sans le trajet de la pulsion qui pourrait articuler le corps du sujet à l'Autre. Cette distinction est présente dans la schizophrénie où le retour de la jouissance se fait dans le corps du sujet. Elle est présente dans la paranoïa où la jouissance mauvaise est « de l'Autre » ; Elle s'abolit dans l'autisme par inexistence du trajet pulsionnel. Ou encore, on peut dire que le corps-carapace est ce qui advient d'un corps dont tous les orifices sont bouchés (Laurent, 2007, p. 115).

Il faut noter le relief donné par Perrin à l'importance de l'investissement sur un objet/ double qui a un rôle compensatoire, permettant un traitement de la jouissance, une localisation de la jouissance dans le bord, un arrêt de l'envahissement de jouissance, la jouissance étant trop envahissante à cause du défaut de l'incorporation initiale chez l'autiste. Le travail sur des échanges à partir des circuits établis entre l'autiste et l'objets/bords/doubles, peut permettre un élargissement des bords (bien noté par le psychanalyste Eric Laurent), de nouvelles possibilités d'échanges avec les autres. De plus, ce travail d´échanges est un traitement de la perte de jouissance, à partir de la mise en acte de la cession de l'objet. Il s'agit d'un travail mis en acte par la voie de l'imaginarisation de la perte. Selon la psychanalyste, à partir de l'identification imaginaire au double et de ses effets, l'autiste pourrait structurer une image du corps et cadrer la jouissance. Les psychanalystes travaillant sur ces concepts de double et d'Autre de suppléance, souligne l'importance pour l'autiste d' aller au-delà d'une dépendance au double et d'arriver à construire un objet autistique complexe permettant

un cadrage de la jouissance non dépendant de la présence de l'autre, et la construction d'une suppléance, d'un Autre de suppléance à la place de l'Autre signifiant. La construction d'un Autre constitué de signes, d'images iconiques pourrait créer une suppléance au manque d'assimilation du signifiant, jusqu'à permettre un nouage non borroméen de RSI.

Dans le même sens, Perrin (2009) souligne l'importance de cet investissement sur le bord dans l'autisme : « Branchement/débranchement pour une animation libidinale et cadrage de l'objet pulsionnel pour une localisation de la jouissance débordante » (p. 78). La défense autistique spécifique de l'autiste est mise en œuvre par cet investissement de bord à partir du rapport à son objet autistique ou son double. Laurent (2007) précise qu'au cours du mouvement d'animation libidinale du corps de l'autiste, celui-ci va tenter de se recoller à un « objet supplémentaire (…) à quoi s'appareille le sujet » (p. 111). Laurent précise la caractéristique de cet objet d'être hors corps, ce qui justement renvoie à un rapprochement de la fonction d'objet (a), localisant une partie de la jouissance hors corps.

La solution de la construction d'un bord dans l'autisme est mise en relief par Laurent (2010), mettant en rapport cette création de bords « aux effets d' « encapsulation » » (p. 226), et il précise cette localisation de la jouissance possible chez l'autiste :

> l'autiste encapsulé c'est ce qui permet à ce sujet de faire tenir quelque chose comme corps. Ce n'est pas une image qui puisse donner une limite à ce corps, ni une âme qui pourrait lui donner une forme, ce qu'il y a, c'est la capsule. Et cette capsule, ce bord, peut se déplacer. Au début, quand le sujet entre en thérapie, on peut dire que son corps est ainsi bordé avec une limite qui définit son espace de sécurité face à un Autre menaçant. Mais au fur et à mesure de l'avancée du traitement, on constate, dans la diversité des cas que nous avons écoutés, que ce bord se déplace, se desserre, peut s'étendre (…) un espace qui n'est ni de l'un, ni de l'autre et dans lequel peuvent se produire des nouveaux échanges articulés avec un Autre, non menaçant. Un Autre avec lequel quelque chose peut se négocier, à l'intérieur de cet espace (pp. 226-227).

La stratégie défensive de l'encapsulement, constituant une capsule ayant des barrières corporelles, que Laurent (2011) met en rapport à l'absence de l'image du corps et de

« avoir un corps » chez l'autiste. Si « l'autiste n'a pas de corps, il a sa capsule ou sa bulle très solide derrière laquelle il se tient » (Maleval, 2011, p. 56). À partir de la construction de ces barrières, de la capsule, l'autiste arrive à investir dans les bords, approfondissant, déplaçant ses bords vers les autres, vers le monde.

Laurent (2007) décrit que :

> On peut décrire les différentes modalités du couplage du sujet autiste avec un objet particularisé, supplémentaire, électivement érotisé. C'est cet objet de jouissance hors corps, qui relève de la catégorie de l'objet a. Le corps du sujet est avec lui dans un rapport de recollement incessant, de tentative de se situer par rapport à lui. Aussi bien de se coller, que de le rejeter. Cet objet (…) est inséparable du sujet. (Laurent, 2007, p. 114).

L'importance de la quête de cet objet supplémentaire, de la construction de cet objet pouvant exercer la fonction d'organe hors corps, est évidente dans les traitements que l'on vient d'exposer dans ce chapitre.

> Les différentes constructions produites par les enfants autistes, nous indiquent la fonction d'un organe supplémentaire que l'enfant tente, au prix de sa vie, s'il le faut, d'extraire ou d'introduire comme l'organe qui conviendrait au langage dans son corps (Laurent, 2007, p. 114).

Il faut, alors, relever les nuances soulignées de l'objet (a) et de l'objet supplémentaire. On pourrait dire que l'objet supplémentaire chez l'autiste peut être un tenant lieu d'une jouissance hors corps, comme l'objet (a) mais que contrairement au dernier, l'objet supplémentaire serait inséparable du sujet, que l'autiste aurait besoin d'avoir cet objet supplémentaire comme un appendice, collé au corps.

> On peut décrire les différentes modalités du couplage du sujet autiste avec un objet particularisé, supplémentaire, électivement érotisé. C'est cet objet de jouissance hors corps, qui relève de catégorie de l'objet *a*. Le corps du sujet est avec lui dans un rapport de recollement incessant, de tentative de se situer par rapport à lui. Aussi bien de se coller, que de le rejeter. Cet objet (…) est essentiel. Il est inséparable du sujet (Laurent, 2007, p. 114).

Il y a un choix préférentiel des autistes pour les objets qui font bord avec le corps tels que chaussures, gants, vêtements, des objets qui deviennent comme leur peau de protection, un objet pris de l'extérieur mais qui sera pris dans un « tracé qui entoure réellement le corps du sujet. Cet objet, d'abord « hors corps », vient à être pris, à être enserré à l'intérieur d'un montage du corps plus un objet hors corps » (Laurent, 2007, p. 114).

Sous certaines conditions, l'autiste est capable de construire cet objet corps, à partir de l'extraction et de l'échange de l'objet. Laurent (2011) cite l'exemple d'un travail effectué avec un groupe d'autistes dans lequel les échanges d'objets cessibles qui arrivaient à franchir les bords de protection de l'autiste se sont mis en place. Le psychanalyste observe que ce travail autour des objets a eu des effets thérapeutiques chez plusieurs enfants du groupe. Il relate qu'un enfant peut échanger, sans toutefois le supporter, un objet avec le thérapeute, objet faisant partie du bord/de la capsule d'un autre enfant, mais dont la mise en échange par un autre enfant peut résonner en lui. Des échanges sont, en outre, possibles entre les corps des autistes dans une mise en place d'échanges. Ce travail permet de déplacer la limite du bord autistique, à partir d'une cession de jouissance mise en place par l'échange des objets. L'analyste doit, selon lui, accompagner cette cession, ces échanges par « une parole dérivée des phonèmes ou des mots dont le sujet dispose » (Laurent, 2011, p. 58), marquant ce passage de bord.

La localisation de la jouissance sur un bord, ou sur un objet-bord, est soulignée par Perrin (2009), qui considère que la relation des autistes aux objets doubles, aux objets bord permettent de localiser la jouissance, ces objets menant au cadrage d'une jouissance auparavant déréglée.

La reprise de l'idée de l'investissement sur le bord, faite par Maleval lors d'une « conversation » (Cottes et al., 2011) publiée, fait état d'un élargissement de l'idée de bord, telle que formulée par Laurent, pour inclure le rapport de l'autiste aux objets autistiques mais aussi aux doubles et aux îlots de compétence. Le psychanalyste considère que la formulation du modèle d'encapsulement est juste par rapport aux objets autistiques, mais qu'il faudrait ajouter d'autres stratégies où il serait plus juste la formulation en termes de retour sur le bord.

> Le bord est une frontière érigée par le sujet autiste, à partir de son objet, entre son monde sécurisé et immuable et le monde des autres, incohérent et angoissant. Outre l'objet et le double, un troisième élément peut venir enrichir le bord : l'îlot de compétence. Il appartient d'abord au monde sécurisé et maîtrisé du sujet (…) mais il peut constituer un de ces pseudopodes étendus vers le monde extérieur (Maleval, 2010, p.252).

Les limites de l'investissement sur le bord de l'objet/double sont soulignés par Perrin (2009), car il s'agit d'un passage nécessaire mais temporaire du fait qu'ils ne permettent pas de séparation, la jouissance n'est cadrée qu'en contact avec ces objets, ce qui entraîne le risque que l'Autre devienne tout puissant.

> la construction du double est apaisante. Initialement, le sujet autiste a un rapport transitiviste aux petits autres, comme aux objets. Alors le double est partout. Pour souligner l'absence de médiation, certains cliniciens font état d'une identification adhésive. À ce niveau de fonctionnement, le rapport à l'autre risque aisément de verser dans la violence (…). Le double autistique apaisant n'advient que quand il est construit sur un bord protecteur, qui localise la jouissance, et dont le sujet possède la maîtrise. Alors ce n'est plus un rival, mais un appui (Maleval, 2010, p.254).

La fonction d'appui, de support pour constituer ces « pseudopodes » vers le monde/ autres étant mise en relief, il s'agit de l'indication d'une place possible pour l'entrée de l'analyste, place où l'analyste pourra intervenir. « La prééminence du double dans la défense autistique nous amène à considérer que c'est de cette position que l'analyste pourra très vite s'orienter » (Maleval, 2011, p. 100). Le psychanalyste caractérise le rapport de double à l'autiste comme une manière de trouver une place, d'obtenir un consentement à sa présence. Il ne s'agit pas de créer pour l'autiste un objet ou de faire le forçage d'un double, mais de mettre à profit l'existence de cet objet et de pouvoir occuper la place du double, en considérant que si l'autiste accepte l'analyste à la place d'un partenaire/double, l'analyste sachant l'importance de cet objet/double, peut manier le traitement pour permettre à l'autiste de profiter d'un possible changement de l'investissement, de son économie de jouissance, à partir de l'investissement possible sur les bords, sur une localisation possible de la jouissance.

Le rapport d'investissement libidinal possible de l'autiste à un objet autistique est un aspect de la dynamique autistique déjà bien exploré, tandis que l'investissement sur le double n'avait pas encore été systématisé, avant les études actuelles. Les travaux de Perrin et Maleval nous donnent des indications précieuses dans leurs observations sur l'importance du double comme autre voie possible d'investissement de la jouissance sur un bord. Le double peut être un autre ayant quelques caractéristiques préliminaires, pour que l'autiste puisse se brancher au corps du double.

Dans le même sens, Druel-Salmane (2009) postule la possibilité d'un travail à partir de l'imaginaire, à partir de ce que l'auteur désigne comme une identification imaginaire à un objet, au double qui permettrait alors une structuration de l'image du corps, un cadrage de la jouissance et la construction d'un Autre de suppléance chez l'autiste. Perrin (2009) considère aussi qu'à partir de l'identification imaginaire au double - puisque l'identification au S1 n'est pas accessible à l'autiste - l'autiste arrive au traitement par l'imaginaire, à la soustraction par l'imaginaire.

Le traitement par un cadrage imaginaire possible de la jouissance est aussi mis en relief par Maleval qui souligne des nuances de l'objet autistique, l'objet double jusqu'à l'« *Autre de synthèse* » comme moyen d'appui pour une mise en jeu imaginaire de la perte d'une partie de la jouissance chez l'autiste. L'auteur fait état d'un travail possible à partir d'un « *Autre de synthèse* » permettant un rapport au langage à partir d'un Autre constitué de signes. L'auteur mentionne qu'il ne s'agit pas d'une identification symbolique au double. Il souligne, en outre, que l'Autre de synthèse est marqué d'une fixité puisqu'il n'a pas le hasard, la souplesse des signifiants et ne permet pas non plus un chiffrage de la jouissance. Or, il est possible, pour l'autiste d'avoir une relation à la jouissance « *moins coupée* » du corps. Par rapport aux limites de la régulation de la jouissance possible par l'imaginaire, Maleval souligne que, par exemple, dans le brancher/débrancher d'un double qui permet une régulation de la jouissance chez de nombreux autistes, il s'agirait d'une différenciation du type signifiant mais connectée à une image, structurée par des signes iconiques à partir de connexions rigides à l'objet. L'Autre constitué de signes chez l'autiste désigné l'Autre de suppléance, permettrait selon l'auteur, un cadrage de la jouissance, l'affirmation d'une image du corps et la construction d'un nouage entre RSI, permettant à l'autiste de faire un nouage non

borroméen de RSI, encore dans l'autisme. L'auteur affirme que l'autiste pourrait même se faire représenter auprès de signes de cet Autre de synthèse.

Selon Maleval (2009b), dans un cadrage imaginaire de la jouissance, dans la mise en jeu imaginaire de la perte d'un objet de jouissance, subsiste une limite : « le double ne permet pas de nouer le langage à la jouissance » (p. 115). L'auteur cite l'exemple de Joey, l'enfant-machine, dont le branchement à une machine était lié à sa propre vitalisation. Maleval (2003) désigne la machine de Joey, ainsi que d'autres machines autistiques comme des « boîtes de jouissance » (p. 202), des objets qui condensent la jouissance. Tandis que chez Joey le travail de cadrage est de la jouissance anale, chez Williams – une autiste de haut niveau qui a écrit des livres de témoignage -, il s'agit du cadrage de la jouissance scopique par le double Willie qui incorpore l'objet regard, entraînant un cadrage donné par rapport à l'objet oral. Maleval (2008) souligne également que la consistance du double chez Williams est encore un peu fragile et que dans les moments où son autre double, qui est spéculaire, s'efface, Williams éprouve un vécu d'horreur face à son propre visage. Selon Maleval (2008) il s'agit de l'horreur lié à sa position d'objet (a), sans l'aide d'un double, pour s'interposer entre l'autiste et l'Autre. Son double Willie qui n'est pas spéculaire et qui est ancré dans l'Autre de synthèse n'est d'aucun secours dans ces situations où l'autiste a besoin d'un objet, d'un double auquel s'identifier imaginairement pour se protéger. Dans le cas de D. Williams, le psychanalyste souligne que son double Carol lui ressemblait trait pour trait à l'exception de son regard qui avait un éclat et non un abîme comme celui de Williams lui-même; derrière l'image de son double Carol se cachait un double non humain, un animal qui représenterait son moi. Plus tard, l'image de Carol n'existera plus comme reflet de Williams et elle aura incorporé l'éclat de Carol, en même temps que sa représentation d'un chat derrière son double va disparaître aussi. Le psychanalyste décrit chez Williams un phénomène qu'il attribue également à d'autres autistes : un parcours de changement de la relation au miroir. L'auteur désigne le miroir de Carol, le premier miroir. Dans le deuxième miroir, Williams considère que son corps propre a une vie propre indépendante d'elle-même. Selon le psychanalyste, il s'agit encore d'un rejet de sa jouissance, d'un corps qu'elle ne possède pas, son corps étant vécu comme un objet horrible avec lequel elle n'a pas de lien. Ce n'est que lorsqu'elle arrive au troisième miroir qu'elle pourra habiter son corps. Dans ce même texte, Maleval remarque que la création de l' « *Autre de synthèse* » ne suffit pas pour accéder au corps

propre. Dans le troisième miroir, le reflet de Williams sera entouré de fleurs, comme « l'image d'un objet narcissique séparé du reflet s'introduit dans sa position subjective » (Maleval, 2008, p. 59), ce que l'auteur relie à la publication de son premier livre autobiographique ; Maleval émet l'hypothèse d'une relation entre ses fleurs dans le miroir comme une suite du traitement de l'objet regard, qui avait commencé par la création de son double Willie, lequel capturait l'objet scopique, et qui se poursuivrait par l'appréhension spéculaire des fleurs. La décision non seulement d'écrire mais de faire publier ses livres, de parler de sa vie, est comprise par Maleval comme un changement de la position du sujet, puisque, en se séparant du livre, « elle cède aux autres un objet précieux (…) en introduisant la dimension du manque dans sa subjectivité. Un manque qui reste cependant maîtrisé : l'objet ne cesse pas de lui appartenir » (Maleval, 2008, p. 60). L'auteur met en rapport l'achèvement du troisième miroir au changement de son mode de jouissance.

Maleval (2008) synthétise ainsi le parcours du deuxième au troisième miroir à partir d'un changement de l'objet regard dans l'économie de jouissance de Williams :

> les fleurs du miroir témoignent de l'enchâssement du regard dans le livre. Le décollement qui s'opère grâce à sa publication intervient sur le traitement de la jouissance scopique, permettant pour la première fois à Williams de se percevoir sans coller à son reflet, à partir de ce regard distancié. Les effets sur son appréhension d'elle-même sont spectaculaires. Jusqu'alors, rapporte-t-elle, quand elle entrait dans une pièce, la perception de son image se réglait sur le reflet perçu dans l'image des proches (…) Le troisième miroir témoigne d'une modification de ce fonctionnement : elle devient en mesure de se percevoir d'un autre endroit que dans son reflet réel (p. 60).

Selon le psychanalyste, la publication a eu la fonction d'une perte de l'objet, faisant se déplacer une partie de la jouissance de Williams de son reflet au livre, par l' « enchâssement de fleurs dans l'image du corps » (Maleval, 2008, p. 61). Elle devient, alors, capable de s'approprier de ses doubles, et l'intégration de son double lui permet, d'après l'auteur, de ne plus rejeter la jouissance comme avant et de s'approprier un moi. « Elle n'est plus seule dans le miroir, mais elle y voit un moi narcissique complété par un objet qui le comble : il se mire dans le livre » (Maleval, 2008, p. 61). L'auteur suggère d'utiliser le schéma optique de Lacan du bouquet renversé pour penser

les miroirs chez Williams: « Les trois miroirs de Williams restent des miroirs réels, cantonnés sur la gauche du schéma optique ; celui qui se produit, au champ de l'Autre, dans lequel apparaît une image virtuelle, celui-là n'advient pas. Le miroir réel permet d'unifier l'image du corps, mais il ne donne pas accès au réglage sur l'idéal du moi » (Maleval, 2008, p. 62).

L'auteur signale que l'autiste n'ayant pas accès à l'image virtuelle - qui a besoin du miroir de l'Autre pour se produire - la perte à laquelle l'autiste peut accéder s'inscrira toujours en-deçà et non au-delà du miroir, ce qui permet un décollement du double, ce qui peut permettre à Williams de chercher, par exemple, son ami dans le miroir mais elle n'arrive pas à chercher l'Autre hors du miroir, la perte de l'objet (a) ne pouvant pas être mise en place. D'où l'importance du troisième miroir dans la mise en place d'une appréhension du corps propre. Mais il souligne que la jouissance reste rejetée dans les livres de Williams, qui ont pour fonction de localiser sa jouissance. Elle aura, en outre, des crises au cours desquelles elle se sentira regardée par son propre reflet. Or, l'auteur nous pose la question de la viabilité que d'autres autistes puissent accéder au spéculaire, au stade du miroir à partir de la mise en place du troisième miroir.

Maleval (2008) systématise, alors, quatre positions subjectives à partir de l'analyse des miroirs chez les autistes :

> Du premier, le sujet se détourne, craignant d'y percevoir son être de déchet, il se trouve alors soumis à la jouissance de l'Autre sans la protection du double. Dans le second miroir, un objet capte sa jouissance, il se situe dans une dépendance douloureuse à celui-ci (machine, compagnon imaginaire, animal, etc.) mais il s'anime en se branchant sur lui. Dans le troisième, l'objet est mieux accepté, parce qu'il représente le sujet sans médiation (être scopique du reflet, production telle que le livre de Williams avant sa publication (…), il constitue encore le point d'insertion de la jouissance. Dans le dernier, le sujet n'y est plus seul, il se trouve divisé par un objet dont il garde cependant la maîtrise, la jouissance dont il s'anime se répartit entre son être et son objet, d'où le sentiment d'intégration du double, et l'aptitude à investir un objet doté d'une indépendance contrôlée (machine à serrer, livre après la publication, partenaire humain) (p. 67).

Il faut souligner l'importance d'un travail réalisé par les psychanalystes, à partir de l'imaginaire permettant l'inscription d'une perte à partir de l'identification imaginaire

au double et l'acquisition de caractéristiques de l'autre/double, ayant comme conséquence un cadrage de la jouissance. L'affirmation des psychanalystes Perrin et Maleval sur l'efficacité de cette « compensation », de cette régulation possible par l'imaginaire, jusqu'à permettre à l'autiste la construction d'une image de corps est intéressante. Ils mettent, toutefois, en relief des limites, en ce qui concerne le non chiffrage de la jouissance, même si elle peut être vécue comme moins scindée du corps.

Le rapport à l'objet autistique et au double permet une dynamique à partir « d'une charge imaginaire de jouissance, obtenue soit en incluant un objet de jouissance tel que la voix, soit en se prêtant à contenir une image du vivant » (Maleval, 2003, p. 201), ce sont des « objets de jouissance » pour l'autiste. Selon Maleval (2008), les deux – le double et l'objet autistique – servent de support pour que l'autiste arrive « jusqu'à un assujettissement imaginaire à l'Autre, par l'intermédiaire d'une identification transitiviste » (p. 67). L'auteur met en garde contre une certaine fragilité de la solution du double puisque l'autiste s'enferme dans une relation de dépendance si grande que ce double ne devient pas seulement son protecteur, mais peut aussi devenir un objet menaçant qui se rapproche de l'Autre jouisseur.

Il importe, alors, de souligner quelques précisions sur la manière dont l'analyste peut occuper cette place de double, dans le traitement de l'autiste, sans devenir cet Autre tout, jouisseur, menaçant.

> Le sujet autiste ne peut se corréler à un autre qu'à en annuler toute dimension d'adresse et même de présence. Quand le clinicien, par une indifférence calculée, sait se faire absent de son énonciation, sur le chemin du hors-sens, vers la sonorité de la parole, par une attitude, un certain positionnement du corps (…), le sujet autiste semble pouvoir supporter la présence d'un partenaire nouveau (Perrin, 2011, p. 100).

Il faut que celui qui donne son appui sache « écouter, sans imposer méthodiquement ses vues, s'orientant dès lors d'une connaissance du fonctionnement autistique » (Maleval, 2010, p. 255) pour aider l'autiste, sans se situer comme un modèle à suivre, d'une identification impossible, mais plutôt comme un facilitateur de la construction de solution de dynamiques constructives. L'utilisation du double et celle de l'objet

autistique pour se mettre en contact avec le monde tout en créant un bord de protection nécessaire sont les solutions particulières les plus reconnues chez les autistes.

Maleval (2008b) analyse le récit de D. Williams, autiste, au sujet de son traitement avec une psychiatre orientée par la psychanalyse. L'autiste décrit sa relation avec la psychiatre comme une relation positive, un lien de confiance, qui l'a plutôt apaisée et a servi de support à la construction de nouveaux objets doubles qui la calmaient. Le traitement mis en place reposait sur son adaptation à penser comme la psychiatre, non sur un changement de sa position de sujet puisque ce traitement « a échoué à modifier sa position subjective en la laissant dans un fonctionnement qui implique le recours à une incarnation de ses doubles pour s'adapter socialement, ce qu'elle vit comme douloureux et mutilant» (Maleval, 2008b, p. 36). Le psychanalyste donne quelques précisions sur son désaccord par rapport à la formulation d'une destructivité qui serait inhérente au transfert avec l'autiste. Il considère qu'il y a chez l'autiste la prévalence d'un rapport de destructivité à son Autre réel puisque, pour lui, il s'agit dans l'autisme d'un « Autre trop réel » (Maleval, 2009b, p. 88). Une des indications du maniement envisageable du transfert dans le traitement de l'autiste est mise en relief par le récit du deuxième traitement de D. Williams. Cette fois, le traitement n'était plus ancré dans une copie en miroir du thérapeute mais dans le positionnement de son psychologue, un psychologue scolaire qui se présentait comme un « Autre attentif, réglé, limité et averti » (Maleval, 2008b, p. 42). Ce psychologue connaissait l'autisme et pouvait aider Williams à traiter son Autre chaotique, en lui donnant des règles absolues, et ses difficultés de généralisation, de mise en contexte. Williams avait alors essayé de construire avec ce psychologue un rapport lui permettant de construire elle-même son « Autre de synthèse stable, organisé, rassurant » (Maleval, 2008b, p. 41). Williams se rend alors compte de la manière dont les autres humains pensent et découvre ses propres stratégies défensives. Le travail de ce psychologue s'ajoute à celui des autres partenaires, par exemple les propriétaires à qui elle loue son appartement, qui vont se dédier à répondre à la demande de Williams, à savoir qu'ils montrent des émotions en dessinant leurs concepts d'émotion ainsi que d'autres concepts sociaux, des conventions et des règles. Il s'agissait d'un « travail de traitement de son Autre de synthèse, fondé non sur des expériences internes, mais essentiellement sur l'acquisition de signes visuels, sur la définition de concepts, et sur l'assimilation de règles » (Maleval, 2008b, p. 44). Son travail d'écrivain, l'écriture de ses récits, vont contribuer à cette construction

de son « *Autre de synthèse* ». Maleval (2008b) oppose le premier traitement de Williams comme étant une relation au niveau du double, presque d'un ami, tandis que le deuxième traitement l'a aidée à changer sa position de sujet, à ne plus recourir systématiquement aux doubles, lui a fourni un savoir réglé, l'a aidée à établir une relation avec une réalité moins chaotique, moins imprévisible, à ne plus nier tout ce qu'elle ressentait comme sentiment ou au niveau corporel. Maleval mentionne qu'à la fin de ce traitement, il existe encore des limites puisque « le détour par l'Autre que nécessite le circuit de la pulsion n'est pas restauré pleinement » (p. 42), il s'agit d'un « Autre de synthèse de l'autiste qui ne dispose pas de la petite machine à chiffrer la jouissance que constitue le signifiant » (p. 47). Mais il a été possible de changer le rapport à la jouissance de la patiente, « son rapport à sa jouissance s'est modifié : elle est moins coupée de son corps et la réalité lui apparaît moins chaotique » (p. 46). Or, il n'y a pas de possibilité de refoulement ni d'organisation à partir d'un signifiant primordial qui n'existe pas chez l'autiste, ce qui entraîne toutes ces difficultés par rapport à la compréhension du champ qui échappe au signe, au champ du signifiant et de la polysémie.

> La jouissance du sujet rejetée dans le miroir est une constante de l'autisme (..) si l'on entend par « bord » autistique un miroir plein, qui protège le sujet de la jouissance de l'Autre, la formule d'Eric Laurent, selon laquelle dans l'autisme la jouissance fait retour sur un bord, cerne remarquablement un élément essentiel de la structure autistique. Elle la différentie du syndrome schizophrénique dans lequel la jouissance fait retour dans le corps, et du syndrome paranoïaque dans lequel elle fait retour dans l'Autre (Maleval, 2008b, p. 50).

De l'avis de l'auteur, le traitement de l'autiste doit permettre un changement de position du sujet, qui n'est possible que par le changement de l'économie de la jouissance, par le changement de sa jouissance.

> le sujet autiste ne dispose pas de la défense paranoïaque, il n'est pas en mesure de construire une réalité délirante, briser les défenses le conduit à un marasme d'allure schizophrénique. L'autiste n'évolue pas vers la paranoïa (…) l'autiste évolue, dans le meilleur des cas, vers un autisme mieux compensé, compatible avec une vie sociale, ou, trop souvent encore, vers une stagnation dans un retrait autistique (Maleval, 2009a, p. 11).

Maleval (2008b) souligne qu'il est impossible de parvenir à se couper de toute jouissance puisque la jouissance revient de manière encore plus chaotique. Chez l'autiste, le psychanalyste considère qu'un cadrage de la jouissance est possible, mais pas un chiffrage de la jouissance par le signifiant. L'autiste aurait une identification symbolique défaillante, car il n'a pas à sa disposition de trait unaire auquel il aurait été identifié, un signifiant maître. Il n'a que des repères dans la dimension imaginaire qui peuvent l'aider dans les situations sociales pour essayer de comprendre l'autre, mais cela a des limites.

Le double autistique a un rôle dans la construction de l'image du corps chez l'autiste permettant de cadrer la jouissance chez l'autiste qui n'arrive pas à se situer. L'un des axes du traitement est de limiter la jouissance excessive, si nécessaire, l'autre axe est de supporter la solution de l'autiste, de supporter son besoin de signes pour penser, jusqu'à la construction d'un Autre de suppléance.

> À l'instar de l'objet autistique, le double possède une portée protectrice et il contribue à une structuration de l'image du corps, mais ses deux fonctions principales résident dans sa capacité à cadrer la jouissance, ce qui peut permettre une animation libidinale du sujet, et dans son aptitude à s'articuler avec un Autre de suppléance, qui contribue à mettre de l'ordre dans la réalité et à tempérer lui aussi la jouissance (Maleval, 2003, p. 201).

Il faut distinguer l'Autre de suppléance et le double. Ce sont deux méthodes différentes de traiter la jouissance chez l'autiste. L'objet double permet de cadrer la jouissance, donnant lieu à une animation libidinale de l'autiste, ce qui peut l'aider à s'articuler à un Autre de suppléance. Puis, à partir de la constitution solide d'un Autre de suppléance l'autiste parvient à assimiler un savoir structuré plus élaboré, effectuant des classements plus complexes que du type on/off. Or, Maleval (2009b) souligne que la distinction entre les trois ressources chez l'autiste – l'objet autistique, le double et l'Autre de suppléance – n'est pas toujours nette et qu'il peut y avoir une interdépendance entre elles :

> à partir du retour de la jouissance sur le bord autistique, en prenant appui sur trois formations inhérentes à celui-ci. Leur interdépendance ne permet pas toujours de les distinguer nettement : l'objet est un double, qui se concrétise volontiers ; l'objet se

> développe en s'associant à des îlots de compétence ; l'Autre de synthèse prend naissance, par l'écholalie à retardement, dans les paroles du double. La sortie du repliement sur soi pour s'orienter vers l'autonomie passe nécessairement par une utilisation des éléments du bord autistique (Maleval, 2009b, p. 220).

L'importance de l'investissement sur un bord est, alors, mise en relief comme étant cette voie nécessaire vers toutes constructions possibles dans l'autisme.

Il faut souligner l'importance de l'objet-bord dans le rapport de l'autiste à son corps propre, ce qui a été mis en relief par les auteurs abordés dans la thèse. Perrin (2010) souligne qu' « à défaut du langage comme organe hors-corps qui organiserait son monde, le sujet autiste compense par un appui aliénant à l'objet-bord » (p. 355), le rapport à ces bords permettant un élargissement des bords. Or, l'autiste garde encore un refus à la cession de la jouissance, un refus de la « connexion de la jouissance au langage » (Perrin, 2010, p. 354).

L'objet pour l'autiste peut constituer « une partie supplémentaire » (Maleval, 2003, p. 198) de son corps, permettant une localisation de la jouissance qui était délocalisée et donc de pouvoir la réguler. Il met en garde, toutefois, en ce qui concerne les limites, puisqu'il ne s'agit que d'une régulation de la jouissance par l'imaginaire, toujours précaire, ce qu'il oppose à une régulation articulée au langage, plus élaborée. Il s'agit, dit-il, de deux modalités de traitement de la jouissance qui peuvent être présentes chez l'autiste. L'auteur souligne les efforts de régulation de la jouissance par le langage dans la mise en œuvre des jeux différentiels de + et – dans les conduites de on/off, allumer/éteindre, brancher/débrancher, ouvrir/fermer. L'auteur précise qu'il s'agit en effet d'une « différenciation signifiante, connectée à des images » (Maleval, 2003, p. 200).

Maleval (2003) fait quelques observations à propos du récit de Grandin dans son livre « *Penser en images* » où il décrit sa pensée autistique comme une pensée structurée par signes iconiques, les mots étant rapportés aux images visuelles, aux référents, ce qui expliquerait la difficulté des autistes à manier des mots dont le sens surgit de la relation qu'ils ont avec les autres mots dans une phrase, dans un contexte, puisqu'ils n'utilisent pas le champ signifiant mais le champ de signes figés pour construire la pensée, des

images pour construire un concept, ce qui peut impliquer un développement des capacités de la mémoire pour réaliser un travail d'articulation à partir des images particulières pour construire des classifications, des concepts construits à partir des connexions rigides à l'objet. L'auteur signale que l'autiste arrive à construire un répertoire à partir des connexions rigides qui entrainent une pensée machinale basée sur ces signes chez la plupart des autistes. Cette rigidité, due à la prévalence du signe, est l'une des conséquences de l'absence du signifiant unaire qui permettrait une identification au-delà de toute image. Le manque de l'identification primordiale étant, alors, traduit par une déconnexion de la jouissance.

> En favorisant le branchement sur les éléments du bord, que peut espérer le thérapeute pour le sujet autiste ? Pour l'essentiel, semble-t-il, la construction d'un Autre de synthèse, permettant au sujet d'ordonner sa réalité, à partir d'une mémorisation de signes. (…) Cependant, l'Autre de synthèse étant constitué de signes et non de signifiants, son inaptitude à chiffrer la jouissance fait barrière à la possibilité de construire un sinthome, puisque ce dernier s'enracine en un dit premier qui marque le corps (Maleval, 2010b, p.255).

L'auteur donne, alors, la description suivante de l'Autre de suppléance de l'autiste :

> L'Autre de suppléance de l'autiste est constitué d'éléments linguistiques appris par cœur, ou enregistrés de manière photographique, qui possèdent un caractère objectal très marqué : il s'agit de signes et non de signifiants. Le signe ne se présente pas nécessairement sous la forme d'une écriture alphabétique : on sait que certains autistes-savants mémorisent des pictogrammes qui leur permettent de dessiner ce qu'ils ont vu avec une précision de détails qui surprend l'observateur du phénomène. D'autres mémorisent des chiffres ou de la musique (Maleval, 2003, p. 206).

L'Autre de suppléance étant constitué de signes, il permet un maniement de la langue mais il s'agit d'un fonctionnement trop figé. Ayant un Autre de signes, l'autiste peut se passer du support d'un objet autistique ou d'un objet double. L'Autre de suppléance peut aborder l'acquisition d'un savoir pour les choses routinières jusqu'à la construction d'un savoir dans un domaine. Maleval (2003) considère que chez les autistes-savants, l'Autre de suppléance n'aide pas à créer des liens sociaux, tandis que chez les autistes de haut niveau, l'Autre de suppléance ne sera pas figé, mais aura une certaine dynamique qui leur donnera quelque habilité d'adaptation. Pour l'auteur, il s'agirait

d'un mode d'appropriation du langage par le double, différent de celui utilisé quand on se sert de l'Autre pour s'approprier du langage, puisque selon l'auteur cet Autre de suppléance constitué de signes est observé dans la tendance à prendre tout « au pied de la lettre » contribuant à une inflexibilité linguistique, à la difficulté de changer le sens des mots dans chaque contexte, ce que l'auteur attribue au « primat du signe iconique » (Maleval, 2003, p. 209).

Prendre en compte la prévalence du signe chez l'autiste donne quelques indications sur la place de l'analyste dans le traitement de l'autisme. La relation de l'autiste au langage sera marquée par cette fixité du signe, de la chose, que l'auteur désigne comme « *des signes parasités par le référent, et non par des S1 ni par des S2* » (Maleval, 2003, p. 209).

Il faut, alors, prendre en compte le rapport singulier de l'autiste au langage pour arriver à comprendre ce que l'autiste a à dire.

III. 2. Le travail sur l'objet et sur les traits avec les petits autistes.

Dans ce sous-chapitre, on aborde le traitement des tout petits, chez qui on pourrait formuler une « sortie de l'autisme », une structuration autre chez ceux dont la structure n'est pas encore décidée, dont le travail sur le champ de l'objet (a) et de l'inscription du trait de l'Autre peut permettre la naissance d'un sujet désirant.

Dans le traitement de trois autistes, Laznik (2003) décrit ce que nous pouvons caractériser comme un axe de son intervention que nous pourrions situer par rapport au signifiant: l'écoute des signifiants de la langue du sujet (se référant, dans ce cas, à la langue maternelle de l'enfant), l'écoute des signifiants de la mère, et des traits du signifiant de l'enfant et un axe que nous pourrions situer par rapport à l'objet (a), le travail d'instauration de la séparation d'une partie de soi, à partir de l'instauration d'une coupure par rapport au champ du signifiant de l'Autre signifiant, jusqu'à la formulation de l'inscription d'un trait unaire chez l'enfant.

En ce qui concerne le travail dans le champ des signifiants, la psychanalyste souligne l'importance de l'écoute qui permet d'instaurer des coupures dans la chaîne signifiante écoutée, faisant apparaître de significations possibles. L'écoute de la langue maternelle sera également travaillée à partir de la place de la traductrice, de l'écoute des signifiants qui pourraient constituer le bain de langage de l'enfant, autant à partir de l'inscription des signifiants de la mère, que de l'inscription de ces signifiants pour l'enfant. En ce qui concerne l'inscription du trait unaire, la psychanalyste souligne que l'enfant peut, à partir du nom de l'analyste comme un trait, un trait de différence pure, inscrire un trait de différence, permettant en partie une identification à partir du trait du nom de l'analyste, sans toutefois que celui-ci donne une base qui ne peut être fournie que par la lignée du patrimoine.

A propos de la construction de l'objet (a), Laznik souligne l'importance des résultats du travail dans les séances sur l'objet comme un « travail de pensée » mis en acte sur la séparation. Il y aurait la mise en scène de la perte de l'objet de l'Autre incarné par

l'analyste comme quelqu'un qui peut être manquant, et à partir du manque de l'Autre, l'enfant peut vivre le propre manque, la propre perte, en assumant cet acte de perte d'une partie de lui-même. L'analyste supportant son incomplétude, formulée d'ailleurs au niveau de son corps, permettra, également, à la mère de faire face à sa propre incomplétude et tolérer, ainsi, la séparation de l'enfant d'une partie d'elle-même.
Laznik (1995/2003) dans le premier chapitre de son livre intitulé « *Vers la parole* », désigné « la traduction dans la cure » (p. 17) raconte le parcours du traitement psychanalytique dès l'âge de deux ans, d'un enfant autiste, dont les symptômes autistiques étaient déjà très marqués : l'évitement du regard, l'absence d'appel et de réponse à l'Autre, des signes d'hypotonie, des mouvements stéréotypés de balancement du corps, des mouvements de retournement sur soi. L'enfant se tapait, parfois, la tête contre les murs. Il avait des crises, des terreurs nocturnes depuis l'âge de neuf ou dix mois qui s'étaient déclenchées au retour de la famille après l'enterrement de son grand-père paternel et de la dépression du père qui s'en était suivie.

Laznik souligne l'importance de pouvoir entendre les signifiants de la langue du sujet -dont l'origine était turque – de l'apprentissage de ne pas avoir l'illusion de comprendre, ce qui obligeait à un travail de « déchiffrement, de traduction et d'interprétation » (Laznik, 1995/2003, p. 22), en même temps qu'apparaissait chez l'analyste le « besoin d'une trace des signifiants de la mère et de ceux de l'enfant » (Laznik, 1995/2003, p. 22).

Les stéréotypies très marquantes chez l'autiste vont être décrites comme ce qui était d'abord un acte – le début d'un travail de représentation - mais qui a trop vite disparu et dont on n'a maintenant que « la trace » (Laznik, 1995/2003, p. 23). D'où l'importance pour la psychanalyse de restaurer la valeur de représentation de ces comportements devenus stéréotypés, et de permettre la mise en œuvre en tant que représentation des vécus chez l'autiste qui n'avaient « jamais été liés à des représentations de mots » (Laznik, 1995/2003, p. 23).

Suivons le parcours du traitement psychanalytique conduit par Laznik dans le cas d'un enfant autiste qui répétait un mouvement pour séparer deux plaques de Meccano. La mère insistait d'abord pour interrompre ce mouvement, puis, à la fin de chaque séance, remettait la vis qui tenait les deux parties. L'intervention de l'analyste consistait à

permettre ce comportement en aidant la mère à y voir un début de travail symbolique, celui du travail d'un sujet, un « *laisser tomber* » la vis qui tenait ensemble les deux parties liées. La psychanalyste a expliqué à la mère qu'il s'agissait « d'une tentative de représenter la séparation ; une séparation qui ne détruit pas, puisqu'on peut se retrouver, comme les deux pièces du Meccano » (Laznik, 1995/2003, p. 24). L'enfant prononce alors « *Dede* » que la mère traduit par « *papi* », ce que l'analyste associe au grand-père décédé et à l'impossibilité pour le père de réaliser les rites culturels, de faire le travail de deuil. Elle évoque le lien pour cet enfant entre la séparation et la mort. Laznik décrit un fragment de ce début du traitement, lorsque la mère s'obstinait à dire que l'enfant avait cassé le Meccano et à relier les deux parties à la fin de chaque séance. Laznik met en relief l'importance de l'intervention de l'analyste dans un cas d'autisme où il faut supporter cette place de traductrice - traduction autant pour l'enfant que pour la mère/ les parents – de ce qu'elle écoute chez l'enfant, ainsi que les productions de l'autiste, même quand elles paraissent insignifiantes ou sont comprises par l'entourage comme destructives, comme des tentatives de communiquer un message que l'Autre anticipe comme adressé.

Ensuite, Laznik relate une partie du traitement où la question de la séparation se poursuit. La mère suit l'enfant dans le coin de la salle qui était à lui, où il se réfugiait, et l'enfant lui dit en turc « *Atta* ! ». La mère agit d'abord comme si de rien n'était et traduit le mot à la demande de l'analyste par « *partir* », ou « *pars* ». L'analyste découvrira l'ambigüité de cette traduction puisque la signification est aussi « *va promener* », ce que Laznik considère comme un « *mot séparateur* ». D'où l'importance du rôle de l'analyste qui soutient le message que l'enfant adresse à sa mère, un message ici de séparation, qui signale les mots de l'enfant signifiant bien plus que le rien que la mère avait formulé. Dans le même sens, Cabassu (1993) fait mention d'une « *surdité signifiante* » de certaines mères d'autistes, inaptes à remplir la fonction de tiers, d ´écouter le message et y ajoutant son propre trait, le trait singulier qui dépend de cet Autre particularisé, un Autre incarné qui se laisse surprendre, capable d'anticiper mais aussi de se laisser étonner, de se laisser surprendre.

> Que la mère n'ait tout d'abord pas réagi est un phénomène habituel au début du travail thérapeutique avec des parents d'autistes. Quand je lui demandais la traduction d'un ou deux phonèmes qui me paraissaient articulés, il lui arrivait de me

> répondre que ça ne voulait rien dire, que son fils chantait. Il est vrai que la façon dont le mot est énoncé par l'enfant peut désorienter : non seulement il n'est adressé à personne, mais encore il paraît sortir de la bouche de l'enfant sous l'effet d'une décharge motrice – comme c'est le cas lors d'émissions de bruits – et non en vertu d'un souhait de communiquer. En revanche, que les sons deviennent *message* pour un tiers, qui le reçoit en tant que tel, a des effets après coup sur l'enfant lui-même ; il peut alors se reconnaître comme agent de ce message. C'est en tout cas vrai chez les enfants très jeunes (Laznik, 1995/2003, p. 28).

Alors, la psychanalyste décrit une deuxième version du fort-da, une deuxième mise en scène de ce que l'auteur désigne comme un travail de la pensée, un travail de penser avec l'objet la séparation.

Laznik souligne l'importance de l'analyste de pouvoir occuper cette place de l'Autre comme traducteur quand ce lien est cassé entre la mère et l'enfant pour qu'il puisse s'établir un procès d'écoute de l'enfant, d'écoute de ses signifiants, qui permettront d'établir des coupures dans la masse sonore entendue, précipitant une signification possible. Par la suite du traitement, cet enfant a repris la question de la séparation à partir de la formulation d'un jeu parlé de fort-da, dans une nouvelle version du fort-da mis en œuvre par le jeu du Meccano.

Dans un certain épisode, l'enfant fait une construction avec deux parties nettement différentes, que la mère désigne l'un et l'autre, mais qui pourraient aussi bien être désignées comme l'un et différent, auxquelles l'enfant ajoute un tiers : le père. Dans un autre épisode, où la mère essaie de mener la main de l'enfant qui dessine, l'analyste suggère que la mère et l'enfant peuvent dessiner séparément. L'enfant dessine sur le sol tandis que sa mère dessine de petits hommes en disant les noms du père et des frères de l'enfant, lequel les répète après la mère. Ensuite, l'enfant sépare la couverture d'un magazine et l'analyste traduit ce mouvement comme la représentation d'une séparation, semblable au travail symbolique réalisé avec le Meccano. L'enfant utilise cette couverture pour produire des pièces de papier et ils disent un, deux, auxquels l'enfant ajoute trois. Au cours d'autres séances ont été mises en place des variations du jeu du fort-da et du travail de représentation de l'absence correspondante. C'est après une séance où la mère est absente que l'enfant arrivera à l'inviter à jouer avec lui au moment où il jouera avec la vis du Meccano. La psychanalyste mentionne qu'à cette époque là,

l'enfant commence à utiliser des mots ensemble et non plus des mots isolés. L'analyste raconte, ensuite, une séance où elle interrompt le mouvement de l'enfant qui, après être entré et sorti de la salle de consultation, commence à tourner sur lui-même. Il s'arrête, les parties du Meccano se séparent et il invite sa mère à jouer, et pour la première fois ils jouent à échanger des objets, des parties du Meccano. Dans la suite de la séance, il élève des pièces du Meccano, une dans chaque main, qu'il voit séparées dans le miroir. Il positionne l'analyste face à la scène, et Laznik relate qu'il accède ainsi pour la première fois au stade du miroir. La mise en place des échanges de l'enfant avec un Autre a, ainsi, permis la chute de l'objet, la séparation d'avec une partie du corps propre. Cette séparation n'a été possible qu'après le travail quotidien de l'analyste qui a créé cette place, soit en l'anticipant chez l'enfant, soit en intervenant pour permettre à cette mère de l'anticiper et d'être obligée, elle aussi, de supporter la perte de l'objet. A partir des jeux de mise en scène d'une séparation, de la création d'une absence, a surgi la place du manque chez la mère ainsi que chez l'enfant. La mise en place d'une séparation implique l'instauration préalable d'une aliénation dans les signifiants de l'Autre. Dans le cas de l'autisme, l'analyste doit permettre l'inscription de l'enfant dans ce premier temps de l'aliénation pour qu'il puisse réaliser la séparation après coup. Le premier pas est prendre le cri comme un appel. C'est supposer qu'un mot de l'enfant veut dire quelque chose, qu'il faut l'entendre.

La psychanalyste raconte que, dans la suite du traitement, la mère sortait de temps en temps de la salle. L'enfant a alors commencé à nommer l'absence de sa mère, sa place absente, et a désigné l'analyste par un nom tiers. Cette intervention calculée dans le temps du traitement par l'analyste permet que, dans une séance suivante, l'enfant supporte de devenir lui-même l'objet chu, l'objet (a) perdu de l'analyste. Il s'agit d'une séance dans laquelle l'enfant, à partir de la mise en scène de la perte d'une corde à laquelle il était très attaché, et ayant demandé à son analyste de la prendre (et non de la lui donner), a vécu cette expérience comme une mutilation de soi, mais parallèle à son vécu symbolique, c'est-à-dire qu'il s'agit là de la mise en scène de la perte de l'objet (a) à partir de l'assomption de cet acte par l'enfant. Pour Laznik, il s'agit du corps de l'analyste qui perd une partie. Après cette séance de la perte de la corde par l'enfant, de la séparation d'avec l'Analyste, l'enfant met en scène la coupe de cheveux d'une poupée et la coupure d'une feuille de magazine trouvé dans la salle d'attente. La psychanalyste analyse cela comme elle étant elle-même à la place de l'Autre dont une

partie se sépare. En séquence, une séance mettra en scène la séparation de l'enfant du corps de la mère à partir de la désignation des parties séparées du corps de chacun, comme la mienne et la tienne (celle de son corps différente de celle de sa mère). D'autres séances suivront, marquées par des thèmes de l'inscription d'une perte dans l'Autre/analyste et dans l'Autre/mère aux niveaux réels, imaginaires qui se sont traduits en manques symboliques, parallèlement au surgissement plus fort de la parole du père.

Il faut souligner dans la description du traitement, son articulation théorico-clinique de l'importance du temps d'un travail, ce que la psychanalyste désigne un travail de pensée qui a permis la chute de l'objet, le vécu de la perte d'une partie du corps propre, pouvant être ressenti comme une coupure structurante au-delà d'une mutilation incessante, étayée par l'analyste à la place de l'Autre capable de supporter la perte, de supporter aussi sa propre décomplétude. Dans ce traitement, Laznik fait tout un travail d'articulation théorico-clinique à propos des difficultés de l'Autre de cet autiste de supporter le propre manque, et du travail sous transfert pour que la séparation puisse être mise en place à partir du manque de l'Analyste à la place d'un Autre qui peut être décomplété, ce qui a permis à la mère de parler de son propre manque. Laznik avance qu'une intervention précoce pourrait, peut-être, permettre à l'Autre que la mère incarne pour l'enfant de se reconnaître manquante permettant ainsi à l'enfant de « nommer des objets absents, c'est-à-dire d'accéder à des représentations qui s'organisent entre elles, produisent des scénarios imaginaires » (Laznik, 1995/2003, p. 76).

La psychanalyste essaie d'articuler l'absence marquante de l'espace imaginaire chez l'autiste à l'absence des mises en scène, à ce qu'elle nomme leur difficulté à projeter sur des personnages dans l'espace imaginaire de la mise en scène, ainsi qu'un manque de figurabilité des dessins qui signalerait l'existence de représentations imagées où on pourrait remarquer des mécanismes inconscients de déplacements et de condensations, ce qui n'existerait pas chez l'autiste.

Laznik tente de rendre compte de ce manque de capacité de représentation de l'autiste, de la non constitution des mécanismes inconscients même s'ils ont eu le premier registre des traces mnésiques. Suivons l'articulation minutieuse de Laznik (1995/2003) : « la capacité de représentation fait défaut à l'enfant autiste. En tous cas, si des

représentations ont pu se constituer chez lui, l'enfant ne semble plus y avoir accès » (Laznik, 1995/2003, p. 73).

L'auteur tisse, alors, les considérations suivantes :

> La clinique de l'autisme nous autorise à poser que ce premier registre d'inscription des traces mnésiques peut exister, même si l'inconscient ne parvient pas à se constituer. Nous savons cependant que ce n'est qu'une fois réinscrites au registre de l'inconscient que l'on peut avoir accès aux traces mnésiques – aux représentations. Celles-ci peuvent alors être traduites par le préconscient en représentations de mots, ou être exprimées dans des mises en scène sans paroles, comme les enfants mutiques nous en donnent l'exemple. D'ailleurs, chez eux, il est manifeste qu'un texte soutient la mise en images, comme au temps du cinéma muet. Si l'appareil psychique de l'enfant ne fonctionne qu'au premier niveau d'enregistrement des traces mnésiques, celles-ci resteront inaccessibles (Laznik, 1995/2003, p. 75).

Laznik considère que le concept de signifiant chez Lacan ne se superpose pas à celui de représentation des mots ; le concept de signifiant, d'après Laznik, pourrait être appliqué aux traces mnésiques ainsi qu'aux signes perceptifs. Ceux-ci pourraient même être organisés dans une « synchronie signifiante » (Laznik, 1995/2003, p. 76), caractérisant chez l'autiste, « des signifiants sans qu'ils soient pour autant capables de se représenter en images ou se traduire en mots comme si quelque chose leur barrait la route, bloquant la fonction de représentation » (Laznik, 1995/2003, p. 76).

Elle met en relief le mécanisme d'élision comme le processus spécifique de ce registre singulier d'inscription des traits mnésiques :

> Chez un autiste, la perception d'un objet quelconque peut subitement cesser, non seulement comme s'il n'y en avait jamais eu inscription au niveau des traces mnésiques mais même comme si cet objet n'avait jamais existé – car le phénomène peut avoir lieu en présence de l'objet. Cela suppose non seulement un retrait massif d'investissement du système perceptif, mais encore un ratage de la deuxième inscription de l'inconscient (Laznik, 1995/2003, p. 76).

Laznik (1995/2003) souligne l'importance de sa capacité, en tant qu'analyste, à anticiper la valeur d'un acte, la valeur d'une séparation, ce qui peut éviter la tendance

chez l'autiste de répéter en stéréotypies des actions, ce qui fait perdre la valeur de ces actes. L'auteur commente avec pertinence l'importance de distinguer ce comportement de stéréotypie d'une destructivité de l'ordre d'une compulsion de répétition qui est du registre pulsionnel, tandis que les stéréotypies sont des moyens de décharge, des défenses du type d'élision des perceptions douloureuses ou de traces mnésiques. Ces stéréotypies

> n'ont donc pas (ou plus) une visée d'acte, elles ne mènent pas à la mise en scène, à la représentation de l'absence. Le matériel clinique dont nous disposons permet de penser que les gesticulations automatiques ont été, à l'origine, de l'ordre d'un *acte*. Les stéréotypies seraient les ruines de cet acte (Laznik, 1995/2003, p. 88).

Le parcours théorico-clinique de Laznik met en évidence que le traitement de cet enfant autiste – qui avait débuté quand il avait moins de deux ans -, va aboutir, lors de la troisième année du traitement, alors qu'il en avait quatre, à un état post-autistique. Selon Laznik (1995/2003), cet enfant a pu « suppléer au défaut du réseau des représentations inconscientes » (p. 225).

La psychanalyste décrit son travail en signalant le lien d'une image sonore du mot que l'enfant disait en l'absence de l'objet et d'une possible image visuelle. Dans une séance l'enfant parle de « Robotix », que la psychanalyste confond avec un robot. A la séance suivante, l'enfant apporte une publicité de jouets et lui montre l'image du mot « Robotix », lui disant alors : « Regarde tata, c'est là Robotix » (Laznik, 1995/2003, p. 226), tata étant la désignation de Laznik par l'enfant. Laznik décrit la jubilation de l'enfant face à cette reconnaissance du lien de l'image visuelle du mot à son image sonore, ce que la psychanalyse comprend comme une articulation signifiante d'un nouveau type qui lui permettrait de se reconnaître lui-même. Laznik tisse, alors, des considérations sur la prévalence des images publicitaires de la télévision comme favorisant ce nouage entre l'image visuelle du mot – du nom de la marque de jouets – et de l'image acoustique correspondante puisque

> une marque de publicité se reconnaît au lien parfaitement repérable entre l'image sonore de son nom et l'image visuelle, le graphisme particulier qui la représente : son logotype, son seing, garant de sa souveraineté. L'intérêt de Halil provient peut-être de ce que le signe ainsi formé entre le signifiant et le signifié paraît constituer

> une unité fixe – échappant ainsi au glissement propre à la chaîne signifiante habituelle (Laznik, 1995/2003, p. 226).

L'analyste commence, alors, à mettre dans le placard toutes les images de revues et de catalogues de publicité que l'enfant apporte à la séance. L'enfant pouvait lui-même aller les prendre et les feuilleter rapidement en commentant certaines images. Alors, à partir de la correspondance de l'image sonore du Robotix, l'enfant s'intéresse à la trace correspondante.

Par rapport aux dessins, aux images dessinées, Laznik décrit que l'enfant ne montre pas d'intérêt à ce qu'il dessine à la demande de la mère ou de la sienne, ni à ce que la psychanalyste dessine jusqu'à une séance où Laznik, l'entendant dire en turc les mots « *mosquée* » et « *minaret* », les dessine. L'enfant va demander à plusieurs reprises qu'elle les lui refasse. Dans une autre séance, l'enfant fait des gribouillages, puis demande à la psychanalyste de dessiner une mosquée. En s'exécutant, elle essaie d'imiter les traits des gribouillages faits par l'enfant. A leur vue, l'enfant dit « *Mosquée, coucou* » et rature la mosquée en la griffonnant tout en répétant « *coucou* ». Après avoir fait disparaître la mosquée, il dit « La porte…coucou la porte ! Le minaret » (Laznik, 1995/2003, p. 228). Par la suite, l'enfant se désigne par son prénom, dit bonjour, son pronom et Robotix à la place du patronyme. Laznik (1995/2003) met en évidence l'importance des images publicitaires dans la construction d'une suppléance qui « servent à pallier chez lui un défaut central d'organisation des pensée inconscientes (…) sous-tendue par l'organisation de la représentance – par la signifiance » (p. 227). Le travail de cet enfant s'étendra aussi aux images des livres. Laznik souligne alors l'importance des images pour qu'une symbolisation soit possible, sur des images qui vont soutenir la chaîne signifiante chez cet enfant. « La chaîne discursive de l'enfant prend appui sur la possibilité de réévoquer des traces mnésiques visuelles, des images » (Laznik, 1995/2003, p. 230). Ensuite la psychanalyste décrit une vignette où l'enfant raconte pour la première fois quelque chose qui lui est arrivé, qui lui revient en mémoire dans une ébauche de narration en évoquant à nouveau ces images à partir des traces mnésiques visuelles.

En raison de l'intérêt de l'enfant pour les images bidimensionnelles de publicité, les images qu'il a choisies, la psychanalyste émet l'hypothèse qu'il s'agissait d'un travail

sur des représentations. Il fallait supposer que l'enfant faisait une association de ces images, même si celles-ci se présentaient de manière déroutante, et les comprendre comme un travail de sa pensée. Pour pouvoir introduire des scansions afin qu'une signification émerge, la psychanalyste devait être très attentive aux repères donnés par la chaîne de l'enfant ; elle a alors analysé la séquence des images ainsi que les formulations de l'enfant, puis a introduit des scansions qui ont permis aux énoncés de devenir audibles, de gagner des significations. Elle a dû, ensuite, analyser les énoncés marqués d'une absence d'espacement pour arriver au décryptage suivant : « Le skeet… le bébé, in quoi, Okene, skeet, la faire, la framboise » (Laznik, 1995/2003, p. 238), qu'elle a interprété : « le ce que t'as…le bébé, il est quoi, où qu'elle est : Ce que t'as ? » (Laznik, 1995/2003, p. 239). Pour elle, il s'agit d'un énoncé de l'Autre non encore inversé, à partir d'une énonciation du père. D'après cette séquence, « l'enfant se trouve pris dans le symbolique » (Laznik, 1995/2003, p. 204), et elle le désigne comme post-autiste. Mais la psychanalyste met en garde contre l'apparente richesse polysémique de son discours, étant donné qu'il s'agit du registre de ce qu'elle désigne comme une holophrase, de plusieurs significations non pas échangeables mais solidifiées. Elle souligne, alors, l'importance des scansions qui permettent de faire apparaître les « césures manquantes » (Laznik, 1995/2003, p. 243) dans les énoncés.

De plus, pour la psychanalyste, dans les énoncés holophrastiques, les commentaires des images que l'enfant fait en feuilletant à toute vitesse les publicités, les magazines, il « semble repasser par les mêmes représentations comme s'il devait répéter un mouvement circulaire autour d'un centre qui reste invisible. Mais chaque fois, il semble opérer de nouvelles mises au point entre les images » (Laznik, 1995/2003, p. 246). Elle considère, donc, qu'il s'agit de la mise en œuvre d'un travail de la pensée. En commentant sans cesse, les images, l'enfant est en train d'établir des associations dans la pensée. La psychanalyste y voit aussi un travail de marquage dans le réel des images permettant de « suppléer à un défaut imaginaire chez lui, qui rendait problématique l'organisation des représentations propres au registre de l'inconscient » (Laznik, 1995/2003, p. 251) pouvant arriver jusqu'à des « mythèmes qui sont incorporés dans les images publicitaires pour dépasser ses propres apories et parvenir à une ébauche de construction mythique personnelle » (Laznik, 1995/2003, p. 251).

Laznik (1995/2003) affirme, dans une autre vignette, que l'enfant dit le premier « *mensonge* ». Elle parle d'une équivoque de l'enfant qui désigne une image à la place d'une autre dans un moment d'angoisse. Dans cette situation, la psychanalyste pense qu'il « trouve donc, grâce à ce support d'images, une possible interchangeabilité, une souplesse entre les éléments, qu'il ne possède pas au niveau du discours » (p. 247). Elle décrit une autre vignette de cet enfant évoquant l'image d'une petite fille dans une publicité de son dossier, par l'énoncé « feuille…aplat » (p. 248), que la psychanalyste interprète comme une équivalence homophonique de « *aplat* » qui signifie en turc sœur et feuille. La psychanalyste repère, alors des mises en évidence de cette équivalence des feuilles-fille mortes : entre les feuilles mortes tombées de l'arbre et la fille morte - sa sœur est morte avant sa naissance - ce qui lui a permis de créer un support pour penser la mort et représenter.

L'écriture et le logo de Robotix, nom de la marque de publicité que l'enfant préfère, a pu aussi aider l'enfant dans son travail de la pensée. Il est possible que le Robotix « ait pu faire office pour lui d'une orthopédie imaginaire du nom du père » (Laznik, 1995/2003, p. 244). En effet, l'enfant dit le prénom de son frère, ainsi que le sien, suivi du patronyme Robotix. L'enfant prononce le patronyme maternel en désignant une image et dit « *tombé* ». Analysant une séquence de son graphisme, qu'il désigne par toboggan, la psychanalyste l'associe à quelqu'un qui est tombé. En établissant un rapport avec les autres vignettes cliniques qui mettent en scène des chutes, elle considère qu'il y a là une tentative de rendre compte de ses vécus d'effondrement psychique. La psychanalyste décrit ensuite quelques vignettes où elle met en œuvre un effort de scansion des dessins, place des coupures signifiantes pour essayer de produire des significations. Ce travail prend est évidemment beaucoup de temps, mais selon la psychanalyste, l'enfant finit par réussir à faire des scansions entre les figures qui deviennent ainsi lisibles. Le point de mutation après lequel cet enfant qui, d'habitude, dessinait des graphismes successifs de telle façon que rien n'était lisible, va être capable de dessiner des figures nettes autour d'un trait et du patronyme de l'analyste. Celle-ci raconte une situation où l'enfant a dit le nom de l'analyste, puis a tracé un petit trait vertical, puis a dit à nouveau le nom de l'analyste et tracé un autre petit trait vertical, constituant une séquence à la fin de laquelle il a réalisé un dessin lisible pour la première fois. Dans cette répétition de l'un dont la différence est mise en place par son caractère d'être un en plus, il arrive, à la fin, à inscrire, à écrire une « différence

signifiante », à partir de la fonction du nom propre de Laznik comme trait unaire, comme lettre inscrite dans le réel :

> mon patronymie se trouve réduit à n'être qu'un pur trait distinctif. Il joue là le rôle d'une marque capable d'incarner la différence comme telle, puisqu'il permet une opération d'espacement. Le trait ôte à mon nom propre toute différence qualitative pour ne lui laisser que ce que Lacan appelle la *différence signifiante*. Nous nous trouvons là devant la définition exacte que Lacan, dans son séminaire sur l'*Identification*, donne du *trait unaire*. Cette séquence de la cure de Halil nous fait toucher du doigt ce que Lacan pointe comme étant l'élément principal d'un nom propre, à savoir son caractère distinctif, et qu'il situe comme *fonction de la lettre* (Laznik, 1995/2003, p. 262).

Il est intéressant de noter que cette inscription du trait de l'analyste est mise en place après l'énonciation d'une absence – la psychanalyste allait réduire le nombre de consultations par semaine. On peut peut-être considérer que cela a joué le rôle d'une perte de cet Autre aimée dont un trait est prélevé dans la deuxième identification, à ce trait unaire dont on parle. Laznik souligne qu'il faut nuancer la mise en place de l'identification au trait unaire à partir de son patronyme, car elle considère qu'en effet l'enfant a pu l'utiliser pour inscrire dans le réel une différence signifiante, inscrire comme lettre une première coupure. Cependant la psychanalyse mentionne qu'un travail d'inscription dans la lignée patronymique n'a pas été possible, cette inscription qui garantit la place du sujet dans l'Autre, l'identification à un ancêtre qui permettra la constitution de l'idéal du moi. Le patronyme du père n'a pas abouti à l'inscription d'un trait différentiel lui permettant ce que la psychanalyste désigne comme une coupure de l'Autre maternel. Laznik relate qu'à l'époque de la rédaction du livre où elle fait le récit de ce cas, l'enfant essaie d'autres tentatives d'inscrire un support identificatoire à partir de chants religieux, très importants dans la tradition turque.

Dans le traitement de cet autiste, la psychanalyste met en évidence sa place de déchiffreur, de traducteur et d'interprète, autrement dit en position de créer un pont, auparavant rompu, entre les messages de l'enfant, entre l'enfant et son Autre maternel. Dans le même sens, Cabassu (1993) situe la place de l'analyste dans le traitement de l'autiste comme soutenant un miroir plan, soutenant la fonction de l'Autre et « fournissant ainsi à la mère un support identificatoire à un autre regard posé sur

l'enfant » (p. 85). Laznik y place le rôle du psychanalyste par rapport à ce maniement de l'Autre maternel dans une position de miroir plan. Dans le cas de l'autiste, chez qui la psychanalyste situe un défaut au niveau de la possibilité d'une anticipation de la part de son Autre, il s'agit, à partir du transfert, d'instituer un miroir soutenu par l'analyste. Dans le transfert, un investissement libidinal de l'image du corps serait, alors, possible, ainsi que la construction de l'image réelle du corps réel. La place de Laznik dans ce traitement permet de rétablir la valeur du message de ce que l'enfant disait ou faisait, à partir de sa propre position comme secrétaire, comme accusé de réception de ces messages (même qu'anticipés dans une valeur de message adressé).

Laznik montre l'importance de travailler sur les traces d'un travail de représentation qui avait disparu, trop vite, pour ne laisser que ces traces des vécus jamais liés aux représentations de mots. L'essentiel est d'entendre l'enfant, d'écouter ses signifiants principaux pour pouvoir couper la masse sonore et précipiter une signification chez l'enfant et chez l'Autre maternelle. On perçoit la position de la psychanalyste en tant qu'aide à l'instauration du champ signifiant, de l'aliénation primordiale chez l'enfant. Pour Laznik, il est fondamental d'entendre le signifiant de l'enfant, d'écouter ses signifiants principaux, les signifiants de son Autre.

Dans le récit du cas, on observe l'intérêt du travail d'une mise en scène qui s'avère une mise en acte d'une séparation. Il y a tout un travail de séparation de l'enfant à partir des jeux, des mises en scène de séparations d'avec les objets, à partir d'un « *laisser tomber* », des mises en scène du fort-da, des mises en acte de la représentation de l'absence. Laznik souligne sa place à côté de l'enfant et supportant cette mise en jeu, ainsi qu'à côté de la mère l'aidant à supporter la séparation d'avec son enfant, de l'inscription de la perte de l'enfant, de l'inscription d'un moins, de l'inscription d'une absence.

Les mises en jeux des circuits des objets aboutissent à l'inscription de cette absence, d'un moins, et d'un, qui permet un comptage : de l'enfant et de sa mère comme un et autre et du père comme un tiers, ainsi, le comptage d'un, deux, trois.

À la suite de ce travail sur la séparation, l'enfant arrive à construire des phrases en utilisant des mots ensemble et non plus seulement isolés. Il y a alors la mise en scène /

la mise en acte de l'échange des objets entre mère et fils et la mise en scène d'une séparation face au miroir jusqu'à la mise en scène par l'enfant de lui-même comme objet chu (a), de la séparation d'avec l'Analyste puis d'avec sa mère.

Brauer (2003), dans le cas de plusieurs enfants qui n'arrivaient pas à se séparer corporellement de leur mère a choisi, pour débuter le travail psychothérapeutique, un traitement non pas familial mais individuel avec une intervention clinique sur la famille, les deux facettes de l'intervention étant réalisées par le même psychanalyste, puisqu'il s'agirait encore d'un moment d'aliénation, d'un même champ signifiant en jeu. Ces situations d'un collage corporel de l'enfant à la mère étaient en parallèle à un collage du corps de la mère à l'enfant. L'auteur a observé que, dans le déroulement du traitement de l'enfant, certains signifiants commençaient à « parler dans le corps de la mère », que des maux se manifestaient sur leur corps. L'auteur nous indique l'absence d'une notion de corps propre chez ces mères en rapport à leur intervention dans le corps de leur enfant, produisant une capture imaginaire de l'enfant, d'un collage par le signifiant. Il fallait mettre en œuvre un processus de séparation devant s'inscrire sur le corps de la mère, un corps devant se reconstruire chez les mères, un trait à migrer du comportement de l'enfant au corps de la mère, devenant signifiant après coup. L'analyste était celui qui pouvait se mettre en position de lire ce trait, car il fallait écouter la place de l'enfant pour sa mère afin de parvenir à un changement. Le processus de séparation serait alors mis en place dans la séance, à partir de l'écoute d'un signifiant auparavant exclu. Lacan (1969) formule que l'enfant comble le désir de la mère, sature le manque de la mère « quelle qu'en soit la structure spéciale : névrotique, perverse ou psychotique ». Lacan introduit dans la position du (a) l'enfant, quand « il devient « l'objet » de la mère et n'a plus de fonction que de révéler la vérité de cet objet ». Cette saturation du manque du désir par un objet qui réalise l'objet a, qui le matérialise, qui « aliène en lui tout accès possible de la mère à sa propre vérité, en lui donnant corps, existence et même exigence d'être protégé ». Ces indications de Lacan mettent en lumière l'importance du travail avec les parents dans le traitement de l'enfant, l'importance de l'écoute de la place de l'enfant pour l'Autre incarné.

Jerusalinsky (2002) souligne la perméabilité du bébé devant être marqué par le symbolique, de son désarroi physique et symbolique, ayant besoin d'un Autre pour constituer un sujet. Mais il faut qu'il y ait un Autre incarné, un Autre désirant pour

crocheter son désir, ses signifiants au corps de l'enfant, pour inscrire des marques signifiantes. Selon Vorcaro (1999), on pourrait parler de certains cas de psychoses non décidées, de cas où il y a le temps d'inscrire l'aliénation et la séparation à partir de la chute de l'objet (a) et de l'inscription du trait comme signifiant. Lacet (2004) considère qu'une fois la lettre inscrite, elle ne s'effacera plus, mais il y aurait des cas chez l'enfant où l'inscription n'est pas encore faite mais où l'on a encore du temps pour l'inscrire, en construisant une suppléance qui permettra un point d'arrimage. Jerusalinsky (2002) souligne, dans le travail avec les tous petits, l'importance du déplacement d'un élément qui permet un changement de toute la structure. L'auteur désigne par « aventure du désir » cette ouverture de la clinique à un travail symbolique sans savoir où il va aboutir. Il s'agit d'une ouverture de possibilités. L'auteur distingue les cas d'autisme où il n'y a pas le crochetage de la pulsion dans le champ de l'Autre, d'autres cas où il s'agit d'une restriction très grande des possibilités de compréhension de l'écoute des productions du bébé. Dans ces cas il faudra construire des séries de S1-S2 pour augmenter l'extension de la corde pulsionnelle, du circuit, produisant une série, une chaîne signifiante plus large dans la quête de la satisfaction, d'un étirement de la corde pulsionnelle, lié au déplacement signifiant, de l'élargissement de la série substitutive et d'un effacement de l'aspect représentationnel de l'objet substitué. Les travaux de Jerusalinsky (2002) mettent en relief quelques nuances mises en place dans le circuit pulsionnel : il y a un étirement de la corde pulsionnelle, elle peut être plus aplatie, plus courte, plus longue, en fonction de la façon dont la pulsion s'articule aux demandes de l'Autre, c'est-à-dire que les demandes de l'Autre introduisent des signifiants qui produisent ou non cet étirement de la corde pulsionnelle, produisant parfois des stéréotypies si les productions ne sont pas prises en compte en tant que productions d'un sujet. En ce qui concerne un travail possible avec les parents par rapport au bébé, l'auteur souligne que la demande de l'Autre peut contribuer à l'étirement de la corde pulsionnelle en rendant possible différentes places aux différentes productions du bébé, puisque le parcours du circuit de la pulsion autour de (a), l'étirement de la corde de la pulsion autour de (a) est en un rapport étroit avec le déplacement signifiant, en raison d'un mouvement métonymique du désir possible à partir des signifiants de l'Autre incarné, de la lecture de l'Autre de l'enfant comme sujet. Le lien avec l'Autre incarné comme celui qui permet un fonctionnement pulsionnel, un fonctionnement marqué d'une « pulsionalité », à partir de la lettre imprimée dans le corps par la jouissance et par le désir de l'Autre. Selon l'auteur, après avoir être marqué par le désir de l'Autre et

par sa jouissance, il existe un temps logique nécessaire pour sortir de l'aliénation et arriver à une séparation. Jerusalinsky (2002) signale le temps où il faut permettre l'incorporation des marques de l'Autre chez l'enfant, d'où l'importance du travail d'une scansion du discours des parents qui rend possible un travail d'inscription de l'enfant par un tissage symbolique, de crocheter des signifiants sur le corps du bébé.

Dans la vignette clinique du traitement d'une enfant autiste par Laznik (1995/2003), la psychanalyste souligne l'importance du travail sur le champ du signifiant de l'Autre maternel, à partir duquel l'enfant ne peut pas encore s'inscrire. Autrement dit, la non inscription de cet enfant comme un – en raison de l'absence d'inscription de la perte du fils aîné -, du travail autour du père comme cause du désir de femme de la mère, ainsi qu'autour des signifiants de la langue maternelle de la mère et de son interdit. En ce qui concerne le travail autour du concept de l'objet (a), il est intéressant d'observer le parcours clinique réalisé par le transfert. En écoutant des morceaux de mots, que la psychanalyste a réussi à déchiffrer, elle a su comprendre l'expérience de l'enfant, le fait qu'il se laisse tomber, son vécu de la chute face au non investissement libidinal de son Autre maternel, et du travail de transfert face à un Autre incarné, de l'enfant mettant en acte le se laisser tomber et que l'analyste, à la place de l'Autre incarné, peut se situer comme la personne qui tente de soutenir l'enfant pour qu'il sorte de l'identification à la place de l'objet (a) chu. L'un des travaux analytiques de mise en scène du danger de ce trou, du péril d'être aspiré par le trou du vide maternel (des crises d'absence de la mère et de la non inscription de l'enfant dans le désir de cette mère) sera mis en acte à partir de l'analyste envisagée comme la personne qui peut couper la relation avec la mère, vécue comme ce trou qui menace de dévorer l'enfant, inscrivant par la coupure une structure de bord. Mais il existe encore un chemin à parcourir entre sortir de la position d'objet (a), et celle de cause du désir d'un Autre.

Si l'on suit le récit du traitement de Mourad, enfant autiste traité par Marie-Christine Laznik, la portée du travail de la psychanalyste sur le champ signifiant parental, de l'Autre incarné, et sur le champ de l'objet (a) est évidente. Laznik souligne l'importance de son écoute de la relation de la mère de Mourad à son premier enfant Amar. La psychanalyste travaille sur son transfert pour mettre en avant le fait que Mourad tombait par terre quand la psychanalyste parlait avec sa mère à propos de son frère et qu'il « se sentait tomber par maman » (Laznik, 1995/2003, p. 92) et quand elle était face au trou,

soit par rapport à l'interdit envers sa propre langue maternelle, soit par rapport à l'interdit d'avoir un contact avec son propre fils. Laznik mentionne que quand elle touche « quelque chose de vrai, même seulement dans l'appareil psychique de la mère, l'enfant se montre extrêmement attentif » (Laznik, 1995/2003, p. 94). L'importance donnée par la psychanalyste aux signifiants de la mère par rapport à l'enfant est évidente. Les interdictions par rapport à la langue et à l'enfant s'inscrivent aussi par rapport à l'histoire du père de Mourad qui avait vécu le départ de son pays d'origine comme un trou. Le rôle de l'analyste semble, en effet, primordial, en tant que « secrétaire » prenant note de ce qui ne paraissait que des bruits autistiques[9] mais qui, après coup, à partir de la réception de l'analyste, peuvent être transformés, y compris comme l'ébauche d'un message.

L'analyste travaille l'inscription d'une perte, du manque du fils ainé chez la mère, qui pour elle était Amar[10], alors que dans la famille maternelle les enfants morts étaient toujours remplacés par le suivant vivant, dans un système qui « rendait « le manque nul et le comptage impossible » (Laznik, 1995/2003, p. 113). Une des interventions de la psychanalyste consistait à appeler l'enfant par le prénom de son frère quand il ne répondait pas aux appels qu'on lui adressait en le nommant par son prénom ou par son nom. En effet, Laznik mentionne que la première fois que l'enfant répond à un appel dans la séance est quand elle demande : « Alors, c'est Amar qui est là. Où es-tu Amar ? » (Laznik, 1995/2003, p. 101).

Ainsi, Laznik synthétise-t-elle la première période du traitement de cet enfant où l'importance du champ signifiant de l'Autre maternel est évidente:

> rien de ce que je lui ai dit le concernant personnellement ne semblait percer le mur de sa surdité, pas même son prénom. Pourtant, lorsque je tombais juste sur quelque chose concernant des événements non symbolisés chez sa mère – et la perte d'Amar en était

[9] « *les séquences de conduites de l'enfant apparaissaient tout à fait décousues et les sons qu'il proférait, quand il y en avait, effectivement autistiques, c'est-à-dire sans aucune intention de communiquer, sans aucun rapport avec ce qui disait ou se passait autour de lui. Après-coup, lorsque nous relirons les notes des séances, il apparaîtra que ces sons pouvaient renvoyer à des trognons de mots, plus tard, à des mots* » (Laznik , 1995 / 2003, p. 92).

[10] Prénom du frère ainé de Mourad.

> l'exemple type – il sortait de son monde emmuré et rivait ses yeux sur mes lèvres (Laznik , 1995/2003, p. 101).

L'importance du travail autour des trognons de mots est mis en relief suite à l'écoute de plusieurs vignettes où la psychanalyste met en évidence l'importance du champ signifiant maternel pour rendre compte des expressions de l'enfant, de ce que l'enfant profère même sans intention de communication avec l'Autre mais qui est en intime relation au champ de son Autre. Suivons l'un des exemples donnés par Laznik au sujet d'une série phonématique qui se répétait souvent pendant les séances et en dehors:

> Nous découvrîmes que *nau* se traduit par triste, et que neuneu, *aneié* pouvait s'entendre comme *chute, tombe*. Le dictionnaire fournissait même un exemple qui fut très « parlant » pour la mère : « *Wi k-yess neynin* ? » (Qui t'attristé ?) Elle avait souvent entendu et même parlé cette phrase. Or, ce *neu neu* surgissait toujours chez Mourad à des moments de tristesse (Laznik , 1995/2003, p. 103).

On signale alors le travail d'écoute des signifiants de l'Autre de l'enfant puisque d'après Laznik :

> Il semble que l'enfant autiste constitue un cas particulier de parasitisme, non pas du corps de la mère (puisque ces enfants sont déjà sevrés)mais de l'inconscient maternel. Une preuve de ce parasitisme est que l'enfant qui reste impassible quelle que soit l'interprétation qu'on lui adresse, réagit et reprend vie, en rivant son regard interrogateur à notre bouche, dès qu'on donne une interprétation juste à la mère concernant son fonctionnement mental à elle. (Laznik, 1995/2003, p. 106).

La psychanalyste considère, alors, que dans le cas de l'autiste on serait « au delà du surgissement d'un sujet différencié au niveau d'un moi primitif englobant sinon la mère tout entière, du moins des parties du corps maternel et des parties de son inconscient » (Laznik, 1995/2003, p. 106) et que le but de l'analyse serait la naissance d'un sujet de désir et d'un fantasme personnel. L'analyste met en relief un moment qu'elle nomme trauma, d'un vécu de perte d'une chose vécue comme une partie du corps propre dans la séance comme rendant possible la naissance du sujet. Cette caractérisation de la perte de l'objet (a), de la séparation d'une partie du propre corps, d'une partie détachable d'un

morceau du corps d'un « tissu de même nature que l'enfant lui-même » (Laznik, 1995/2003, p. 109), mais l'analyste donne une importante précision :

> c'est au lieu même de cet objet chu que l'enfant pourra ultérieurement se désigner comme sujet. Or l'objet chut ne peut venir représenter le sujet qu'à condition d'être investi libidinalement, c'est-à-dire de ne pas être pur déchet. Selon moi, c'est ce que j'appelle le rôle fondateur du regard de l'Autre primordial qui permet que l'enfant soit un objet d'investissement libidinal (…). Ce n'est que dans le regard d'amour de l'Autre réel que l'enfant peut retrouver sa propre valeur d'objet cause du désir (Laznik, 1995/2003, p. 109).

Laznik souligne l'importance dans la clinique du vécu de cet épisode de coupure et de la constitution d' « un objet chu mais marqué par l'investissement libidinal » (Laznik, 1995/2003, p. 110).

Il faut tout un parcours pour que soit possible la mise en scène de l'automutilation et le vécu de la constitution de l'objet (a). Laznik décrit un travail minutieux fait d'abord à partir de la construction de la propre analyste comme récepteur des trognons de mots de Mourad et de son effort d'en prendre des notes en considérant qu'il s'agissait de quelque chose de plus important qu'un bruit sans valeur. Se rendant compte que l'enfant prononçait un bruit « *brbr* » dans des moments de détresse avant ses replis autistiques, Laznik découvre, en cherchant dans le dictionnaire, que divers mots de la même racine signifiaient détacher, ne pas s'occuper, tout laisser, divorcer, répudiation, tomber. Après la mise au point de cette formulation, le jeu du laisser tomber est mis en scène par l'enfant, se plaçant lui-même comme l'objet qui choit. Laznik décrit des mises en scène où lui est le bébé en position de tomber et l'analyste la personne qui fait le geste de protection, ce qui, dans le transfert, le « ne pas laisser tomber vient matérialiser l'investissement libidinal par l'Autre » (Laznik, 1995/2003, p. 111). La psychanalyste souligne que, dans ces monstrations, Mourad est à la place de l'objet (a), s'identifiant comme étant l'objet (a) et non pas comme ayant l'objet. Il n'est pas encore assuré d'avoir une place de cause du désir de son Autre maternel. D'où l'importance pour la psychanalyste de sa place dans le transfert de recevoir la monstration de l'enfant, y répondant à la place de l'Autre primordial, ne le laissant pas tomber.

Laznik considère que la mise en scène / la mise en acte de la coupure et de la constitution de l'objet (a) chez l'enfant, donc de l'inscription d'une perte, n'a été possible que par le travail parallèle qu'elle faisait avec la mère à partir de la récupération de sa langue maternelle, en se rendant compte de ce qu'elle avait perdu dans son divorce, au-delà de la séparation de son enfant, le frère ainé de Mourad, de la perte de son premier époux qui causait son désir. Alors, c'est cette inscription de la mère comme marquée par la perte que la mère va sortir de la place de manque du manque et prendra une position désirante. Laznik met en relief l'importance du désir de la mère et de l'inscription du manque, du désir dans le travail clinique : « La théorie de la place structurale du manque comme constitutive du désir est un des apports lacaniens utiles pour travailler la clinique de l'autisme » (Laznik, 1995/2003, p. 114), sur ce qui « doit venir de l'Autre pour qu'un enfant puisse s'assumer comme sujet de son propre énoncé » (Laznik, 1995/2003, p. 138).

La psychanalyste travaille sur le tissage du tissu de la trame où la coupure peut être mise en scène / mise en acte autant du côté de la mère que du côté de l'enfant :

> Chez l'enfant autiste, il n'y a, en tout cas au départ, aucun sujet répondant à l'appel de son nom. Il n'articule aucun appel, encore moins une quelconque demande. Nous sommes encore face au cri du besoin, auquel, en général, la mère s'empresse de donner une réponse qui remet rapidement la situation en état d'équilibre (…) « Quand un tiers intervient pour demander à la mère de ne pas combler immédiatement le besoin supposé, l'enfant fait une violente colère. Si personne n'apporte une réponse rapide à ses cris, nous voyons s'installer en lui une souffrance réelle, souffrance en deçà de la différentiation entre le psychique et le physique, et qui ne fait que renforcer l'isolement autistique (Laznik, 1995/2003, p. 106).

Un travail de coupure, exigeant par exemple que l'enfant parle pour demander quelque chose, et des mises en scène par l'enfant d'une coupure entre mère et enfant à partir de l'analyste à la place d'une marionnette avec une grande bouche qui va mordre en séparant mère et enfant. Il importe de souligner la remarque de Laznik sur la jubilation de l'enfant face à cette morsure mise en scène par l'analyste à partir de la demande de l'enfant, que la psychanalyste met en rapport à la morsure paternelle à la place de la dévoration par le trou maternel, par le vécu d'être « engouffré » par le vécu du vide, du « trou du réel, en tant que vide de toute représentation » (Laznik, 1995/2003, p. 122-

123) chez la mère, tandis qu'à partir de la morsure paternelle, se « produit une coupure, se délimite une structure de bord qui circonscrit le trou » (Laznik, 1995/2003, p. 123).

Dans l'acte de la morsure[11], Laznik précise qu'il s'agit aussi d'une dimension positive puisqu'il n'y a pas de raison d'avoir envie de mordre, de manger ce qui n'est que déchet. Il s'agissait, donc, d'une possible phallicisation de Mourad mis en scène là où, auparavant, il n'était que l'objet chu. Après la mise en acte de la morsure, de la coupure entre mère et enfant, interviendra le non du père, la fonction d'interdiction de la parole du père mis en scène dans la séance analytique. À partir du travail de l'analyste avec le père, faisant valoir son non, il y a un changement du regard du père vers l'enfant – qui d'un malade devient symboliquement un « futur petit homme, digne de l'estime et de la rivalité de son père » (Laznik, 1995/2003, p. 127). Il y a la mise en place de l'interdiction paternelle lors des mises en scène de l'enfant au moment où celui-ci créait des scènes dans lesquelles le rôle de l'analyste était de formuler des interdictions : l'enfant « buvait ces non… ne … pas » (Laznik, 1995/2003, p. 126). L'analyste rappelait la parole du père, l'interdiction du père, le non du père à plusieurs mises en scène quand l'enfant provoquait les interdits. Il surgit, alors, dans une séance, la première formulation de l'enfant d'une prise de position négative, d'un « non pas » en réponse à une demande de l'analyste ce que Laznik souligne avec pertinence : « Le non du père a permis à Mourad d'avoir accès à la négation qui est constitutive de l'ordre du langage » (Laznik, 1995/2003, p. 131).

Dans une autre vignette clinique, le travail de mise en acte des séparations des chaînes signifiantes de la mère et de l'enfant. Laznik raconte une séquence où l'enfant arrive en disant qu'il a mal au doigt (en utilisant le je/j'ai, demande un pansement, en utilisant l'expression de sa mère pour expliquer son absence la semaine précédente « Je ne peux pas, je n'y arrive pas » (Laznik, 1995/2003, p. 139). L'enfant joue, en outre, avec les trains en disant « *maman* » et « *à la défense* », ce que Laznik associe au fait que sa mère aime bien aller à la station de métro la Défense. Laznik dit à l'enfant « qu'en effet cette maman-voiture est absorbée par ses soucis et ne regarde pas son enfant. Il fait tomber à nouveau le bébé-voiture » (Laznik, 1995/2003, p. 142) et suggère que l'on lui mettent

[11] Il importe de souligner la mise en rapport par Laznik de l'importance du père d'abord comme celui qui prive la mère de son enfant, et on sait que le registre de la privation c'est du réel. Or, quand il n'y a pas le père n'arrive pas à être reconnu dans cette fonction, la morsure servirait « à imaginariser l'entame nécessaire de l'Autre primordial » (Laznik, 1995/2003, p. 124).

un pansement. A partir de cette mise en scène de l'objet que l'enfant lui-même désigne comme le « *Métrou* » (Laznik, 1995/2003, p. 142), Laznik dit qu' « il est tombé avec sa maman dans le trou » (Laznik, 1995/2003, p. 142), et l'enfant lui-même s'adresse à sa mère en disant « Maman met Mourad dans le trou » (Laznik, 1995/2003, p. 142). Il importe de souligner l'articulation théorico-clinique de Laznik au sujet de cette séquence clinique par rapport à l'utilisation du « je » par l'enfant. La psychanalyste souligne que l'enfant met en scène la souffrance de la mère en disant qu'il a mal au doigt, en utilisant le « *j'ai* » en tant que « porte-parole de la mère ne pouvant dire ce dont elle souffre » (Laznik, 1995/2003, p. 115), mais la psychanalyste souligne, d'abord, que dans l'acte de montrer le doigt, l'enfant est sujet de cet acte, et que la mère a pu nommer son manque par rapport à l'événement vécu, tout en soulignant le risque du vécu de chute ou de vide chaque fois que la mère souffre et s'enferme dans des états d'absence, s'enferme dans une erre évoquée dans « *la Défense* ». Le troisième Je formulé par l'enfant et mis en relief par la psychanalyste est un « je veux aller au jardin d'enfants » (Laznik, 1995/2003, p. 145) que la psychanalyste met en rapport au nom du centre de traitement mère-bébé qu'il a fréquenté à l'époque avec sa mère. Selon elle, il s'agissait peut-être d'un « endroit capable de contenir quelque chose de difficile pour la mère » (Laznik, 1995/2003, p. 145). Laznik souligne le chemin qu'il reste encore à parcourir pour que Mourad arrive à être sujet de son désir.

Dans les cas de Laznik que l'on a abordés, il est intéressant d'observer le travail sur le temps nécessaire d'une aliénation – y compris dans le traitement chez le tout petit – pour pouvoir travailler la séparation. Laznik utilise un terme que je trouve singulier, le « sevrage d'un regard fondateur de l'Autre primordial » (Laznik, 1995/2003, p. 270) qui met, semble-t-il, en relief un temps d'aliénation nécessaire et un temps pour la nécessaire séparation, du sevrage. Laznik souligne dans le traitement de Halil le moment de « la mise en place du temps et de la représentation de l'objet absent » (Laznik, 1995/2003, p. 279) où après la séparation des vacances et la possibilité pour l'enfant de parler de l'épisode de la mort de son frère, ce qui va être un point de mutation, de l'inscription à partir de là de la temporalité, de l'acquisition chez cet enfant des repères temporels, capable d'établir des scansions, de situer ses narrations au présent, au passé et au futur : « À partir de ce jour, le temps s'est installé de façon définitive chez cet ancien autiste qui ne connaissait jusqu'alors que le présent absolu (…) Non seulement cet enfant parle d'un fait passé, en mettant le verbe au passé, ce

qu'il n'avait jamais fait auparavant, mais encore il peut nommer en tant que tel le temps de l'absence » (Laznik, 1995/2003, p. 279). En ce qui concerne la temporalité chez l'autiste, la référence à l'utilisation des images de la publicité permettant une suppléance est intéressante : le travail avec les images à la place de ce qui n'est pas mis en place comme fonctionnement de l'inconscient, mais qui sera développé comme une chaîne signifiante basée sur ces images visuelles. À partir du travail psychanalytique sur ces images en séquence, cet enfant est arrivé à une circulation temporelle, tandis que sans le support des images organisées il restait dans un état synchronique.

Il importe de souligner dans la structure de l'autisme, dans le manque d'un rapport au mamanais de l'Autre, le mamanais qui consiste dans le « rallongement du temps de césures entre les mots, comme si, dès le départ, la mère s'employait à aménager les coupures permettant à la signification de surgir » (Laznik, 1995/2003, p. 47), d'un temps de l' « aliénation dans la mélopée maternelle et l'opération de la coupure qui produit la signification » (Laznik, 1995/2003, p. 47). Le temps de l'aliénation et le temps de la séparation ne sont pas mis en œuvre dans l'autisme « on ne peut pas séparer ce qui n'a pas été préalablement aliéné » (Laznik, 1995/2003, p. 48). La psychanalyste formule que les scansions dans les énoncés holophrastiques permettent l'entrée dans la temporalité. Il y a un temps nécessaire, le temps d'une répétition nécessaire, d'un double tour, d'un retour pour que s'inscrive le temps, l'absence. Vorcaro (1999) signale, avec pertinence, que dans le traitement des enfants tous petits, on pourrait même parler de certains cas où il existe le temps d'inscrire l'aliénation et la séparation à partir de la chute de l'objet (a) et de l'inscription du trait comme signifiant, comme marque de l'Autre.

Nous aborderons, dans le sous-chapitre suivant, les cas d'autisme, où il n'y a eu ni aliénation pleine, ni séparation. Laznik (2006) souligne que la non mise en place de certaines structures peut mettre hors jeu leurs fonctions, notamment, tout le champ du pulsionnel, du crochetage de la jouissance par rapport à l'Autre. Le défaut de ces structures peuvent aller jusqu'à l'incapacité pour l'autiste de repérer « quelque chose qui a trait au registre de l'énonciation dans l'énoncé. C'est la question de la pulsion » (Laznik, 2006, p.46). Sans mise en place des structures liées à l'enregistrement de la pulsion ancrée dans l'Autre, de l'énonciation marquée par la jouissance, l'autiste peut

trouver d’autres solutions dans son rapport au langage, notamment dans le registre des signes.

III. 3. La prévalence du signe chez l'autiste.

Les psychanalystes mentionnés dans ce sous-chapitre abordent la question sur la manière de penser la prévalence des signes dans l'autisme et, partant de là, de penser la relation au corps chez l'autiste, puisque les signes ne peuvent pas être inscrits dans le corps comme une lettre, car ils seraient davantage dans la dimension de l'image, du signe iconique, que dans celle de la matérialité réelle de la lettre qui permettrait l'incarnation du signifiant.

L'importance du signe chez l'autiste est soulignée par Simonetti (2008) à l'issue du traitement d'un patient qui tente de réaliser un corps avec des panneaux de signalisation. L'auteur signale l'inscription d'une perte de jouissance par cette construction d'un corps à partir de ce travail sur des signes qui mènera l'enfant à se désigner par son nom. L'auteur formule une perte possible de la jouissance du corps, d'une jouissance qui s'est localisée dans l'objet, dans le panneau de signalisation, ce qui permet à l'enfant de se nommer en se regardant dans le miroir pendant la séance suivante. L'enfant commence à créer des hommes de papier en forme de panneaux de signalisation. L'auteur décrit le savoir-faire de l'enfant utilisant ces Autres en papier, cet Autre en papier de marques de signalisation. Cet enfant de cinq ans qui découpait les mots, en les décomposant était soumis à ce que l'auteur nomme des pensées imposées : « *«* Assieds-toi sale bête », « Je suis le roi », « Il faut tuer le père *»* » (Simonetti, 2008, p. 140-141), sa relation aux autres était marquée de transitivisme – l'analyste raconte que quand sa sœur tombait, il pleurait - , quand l'analyste demandait « qui parle ? », il répondait que ce n'était pas lui mais sa sœur, et « eux deux » (Simonetti, 2008, p. 142). Il ne jouait pas avec les autres enfants, ne dessinait pas. L'analyste explique que, pendant une certaine période, l'enfant a éparpillé des objets-balises dans la salle, auxquels ont ensuite succédé des bouts de papier. Il répétait un scénario de dispersion de ces bouts de papier, puis tentait de les avaler et de les glisser sur son corps. Durant le trajet pour se rendre aux séances, l'enfant a commencé à s'intéresser à la signalisation routière, et a demandé à son analyste de dessiner des « *stop* », qu'il découpait en séparant les lettres, ainsi que d'autres panneaux de signalisation comme « *danger* » et « sens interdit ». Quand l'analyste lui a demandé de faire des « *stop* » et non des « *s.t.o.p* », il a tout jeté et lui a

demandé d'écrire « *sens interdit* », puis a jeté le mot « *sens* » à la poubelle, qu'il a remplacé par le mot « *danger* ». La psychanalyste désigne cette première séquence du traitement « *l'empire du signe et le refus du sens* ». Dans la deuxième étape du traitement, désignée « *se faire un corps* », l'enfant pour la première fois dessine et écrit pour réaliser une ébauche de représentation de son corps. L'analyste remarque qu'il ressemble à un panneau de signalisation. La psychanalyste signale que la tentative de construire son corps est réalisée par le versant du signe, du dessin du panneau « stop » de forme humaine – avec un visage et des bras. Par cette inscription réelle du corps, une partie de la jouissance de son corps s'est perdue, s'est localisée dans ce dessin, dans l'objet. A la séance suivante, il se regarde devant une glace avec un biberon et se nomme pour la première fois. Puis il commence à créer des hommes de papier en forme de panneaux de signalisation. Ces hommes deviennent des marionnettes et il "les fait s'adresser à lui dans un discours hors sens. C'est l'image de S1 qu'il reproduit à l'infini sur du papier. Ses dessins témoignent de ce déchaînement sans frein du langage et des effets sur le corps. Pour lui, il n'y a qu'un seul signifiant, le deuxième n'est pas advenu pour le représenter » (Simonetti, 2008, p. 144). L'enfant porte ces hommes en papier partout, ils deviennent ses partenaires. La psychanalyste souligne que l'enfant a par la suite développé l'écriture, mais avec les lettres à l'envers, en miroir. Parallèlement, il accouple des personnages de contes, d'abord Blanche-Neige dans une main, dans l'autre la pomme empoisonnée, puis Aladin et sa lampe, Jasmine et sa fleur, Alice et son lapin. La psychanalyste désigne cette séquence « l'appareillage de lalangue avec le signifiant » (Simonetti, 2008, p. 144). La psychanalyste décrit ensuite une vignette très touchante de l'enfant disant ce conte, appris à l'insu des autres : « Un premier baiser … Lalangue … enterré vivant … Lalangue… Une pomme empoisonnée… crotte de lapin et les yeux de la victime dans un sommeil de mort… Le fruit…pomme et Blanche neige » » (Simonetti, 2008, p. 145).

La séquence de construction de papier est désignée par la psychanalyste « construction d'un Autre de papier » (Simonetti, 2008, p. 145). L'auteur décrit une séquence dans laquelle elle interrompt le monologue de l'enfant en lui disant qu'il n'était pas tout seul et qu'elle comptait, à quoi il répond qu'elle comptait pour lui mais qu'il faudrait qu'elle l'aide à écrire certaines choses qu'il ne pouvait pas écrire. Dans la séance suivante, l'enfant construit un homme de papier ressemblant au tampon de l'analyste, et formule ce qu'il avait fait en prononçant le prénom et le nom de l'analyste.

Laissant de côté le tampon-analyste-homme de papier, il s'intéresse à son image dans le miroir, revient vers le tampon, montre de son index le miroir, détourne son regard du miroir et dit « regarde ». Il répète la scène plusieurs fois jusqu'à ce qu'il appelle l'analyste par son nom et lui dise « regarde ». Alors, l'analyste va au miroir et dessine son prénom sur la glace. Il se regarde et lit son prénom. Puis, il ne s'intéresse plus à ce jeu de miroir et commence à dessiner des personnages, un grand et un petit, dessine ensuite des membres de sa famille, se dessine et inscrit son prénom. Il commence alors à réciter à plusieurs voix :

-C'est la première fois que tu t'occupes de moi.

- Jamais je n'en ai eu besoin !
- Écoute !
- Si j'avais su, je ne t'aurais pas sauvé la vie !
- Tu lui as sauvé la vie !
- Ce n'est pas pour ça qu'il aurait pris mon parti !
- Tu n'étais pas obligé de me mentir.
- Oublie ses sarcasmes !
- Oublie-le dans le noir ! (Simonetti, 2008, p. 146).

Les dernières séquences désignées par la psychanalyste « savoir y faire avec son autisme » (Simonetti, 2008, p. 147) montrent qu'avec des personnages en papier dans la main cet enfant arrive à avoir des liens sociaux. Elle souligne, toutefois, que la difficulté à se situer comme sujet d'une énonciation persistera :

Regarde en toi
Et vois ce que tu es devenu
Il faut reprendre sa place dans le cercle de la vie
Mais comment reprend sa place ?
Il faut revenir sur son passé (p. 148).

L'auteur souligne qu'un moment d'angoisse est survenu après cette première énonciation, puis l'enfant continue :

Quelque chose va exploser,
Tu ne savais pas que c'est dangereux,
Un nouveau petit garçon est là,
Avant qu'il ne termine sur une chaise électrique (p. 148).

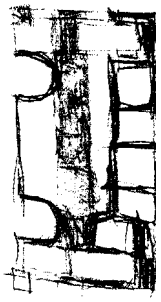
Dans les formulations de la psychanalyste, il est important de souligner la caractérisation d'un S1 constituant une lalangue pour cet autiste en même temps que l'existence d'un Autre de signes. Il semble plus approprié, toutefois, sur la base de la vignette décrite, de parler de l'existence d'une assimilation du champ signifiant qui ne peut pas être caractérisé comme une lalangue qui impliquerait une articulation du S1 avec la jouissance, articulation inexistante dans l'autisme comme conséquence de la non identification primordiale.

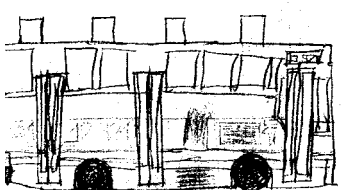
Le travail de l'autiste autour de la construction du corps est abordé dans la vignette clinique de l'un des traitements relatés par Mira Wajntal (2004). La psychanalyste réalise un travail sur les inscriptions signifiantes d'un enfant autiste à partir de son histoire familiale. Il s'agit d'un champ signifiant que l'autiste n'arrive pas à incorporer. Il essaie un travail d'écriture, d'inscriptions sur le corps de l'analyste, de marques de ces inscriptions que l'autiste n'a pas incorporées mais assimilées - dans le sens lacanien selon lequel la voix ne s'assimile pas, elle s'incorpore. Cette assimilation se manifestait au travers du découpage de certaines phrases issues de la télévision, de la publicité qui véhiculaient quelque chose de cette assimilation du bain de langage d'où il était né.

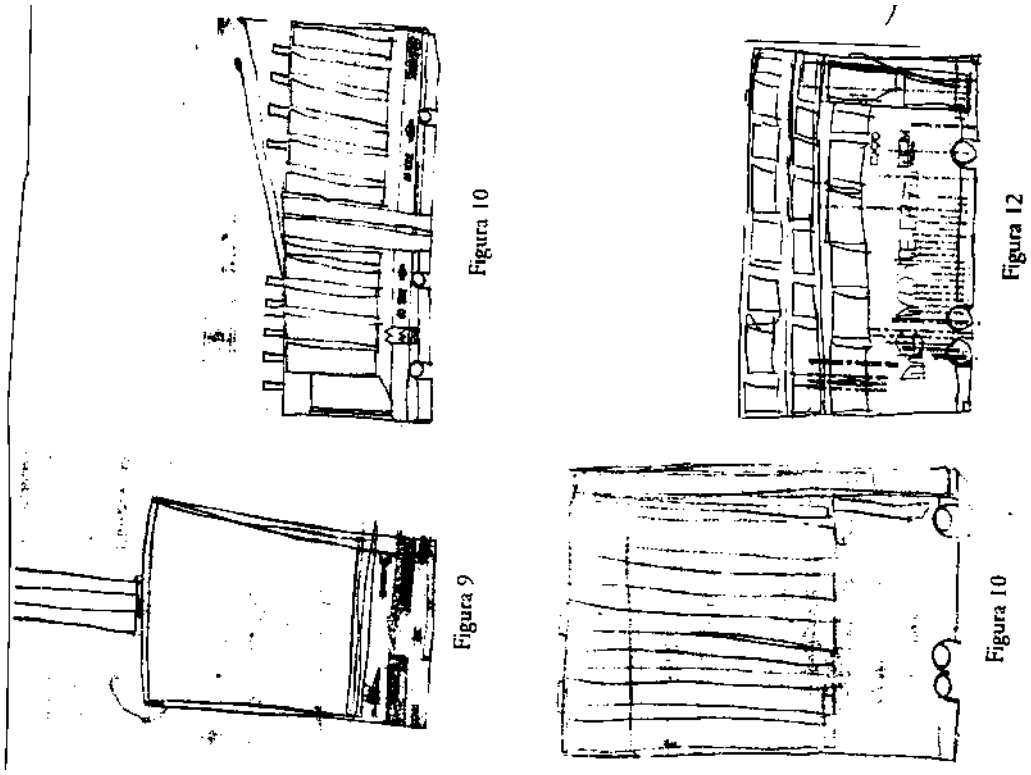
Je vais maintenant aborder quelques aspects du cas dont le récit se trouve dans son livre « *Une clinique de la construction du corps* ». Il s'agit d'un enfant autiste de 8 ans, qui, dès les premiers entretiens, dessinait et redessinait un autobus et écrivait des phrases de publicité et de télévision, notamment la phrase « *Qui a tué Jorge Tadeu* ». Dans le traitement de l'autiste, l'auteur souligne que celui-ci est capable de prononcer des phrases provenant de discours publicitaires, de la télévision, de la littérature, se collant aux signes perceptifs et que ces phrases, à partir de l'écoute de l'analyste à la place de l'Autre, pouvaient gagner une valeur de signifiant pour l'enfant.

Cet enfant pris dans des stéréotypies s'est arrêté pour la première fois dans les séances quand, après le récit de l'histoire familiale, marquée par le décès de sa mère après l'accouchement, il est interpelé par la psychanalyste qui lui demande s'il se posait des questions sur la mort de sa mère. Dans le déroulement de ces entretiens où est mis en évidence un héritage familial dans lequel les garçons meurent, l'analyste construit l'hypothèse d'un choix fait par la mère de mourir pour ne pas voir son fils homme

mourir, à laquelle l'enfant répond « Dieu me garde de cette ligne directe » (la ligne directe peut ici désigner autant la ligne d'autobus que la lignée familiale) et puis un appel à l'aide : « *Tout va tomber, Mira. À l'aide* ». L'énonciation d'un héritage jusque là nié à cet enfant à qui on refusait le droit de fêter ses anniversaires et à qui on ne parlait jamais de cette histoire, lui a permis de changer de position tel qu'on le voit dans le changement de ses dessins. « Une perte forclose dans la lignée maternelle » (Dieren, 1993, p. 54), hypothèse de Dieren (1993) par rapport à défaillance de l'Autre, incarné par la mère, qui n'arrive pas à fonctionner comme une présence fondatrice pour l'autiste. Wajntal (2004) souligne que l'enfant a utilisé des slogans, des chansons et ses dessins pour inscrire des phrases dans l'autobus, pour construire son monde. Dans la suite du traitement, l'enfant a commencé à inscrire ces mêmes phrases et slogans sur la voiture de l'analyste. : « Je circulais avec toutes ces inscriptions sans m'en rendre compte », mettant en relief l'importance de la relation de l'autiste aux phrases détachées des discours publicitaires et de la télévision. Maleval (2003) mentionne des jeux avec des lettres que des autistes collent sur l'objet autistique, des répétitions de phrases entendues à la télévision, la télévision pouvant être un « Autre de suppléance » (p. 202) chez l'autiste, ce que l'auteur désigne comme un substitut de l'Autre humain, en tant que modèle de partenaire de langage, déconnecté de la présence de l'Autre. Selon l'œuvre de Wajntal, les pièces détachées du discours s'étaient collées aux signes perceptifs enracinés dans l'appareil psychique, que l'analyste devait élaborer, pour recouvrer sa valeur de signifiant, de chaîne signifiante pour cet enfant, à partir de l'inscription sur l'analyste, sur la voiture vue comme une partie du corps de l'analyste où étaient inscrites les marques de l'héritage jusque là nié. Il faut noter l'importance du corps de l'analyste par rapport à la construction du corps de l'enfant, au travail de marquage par les signifiants de son Autre.

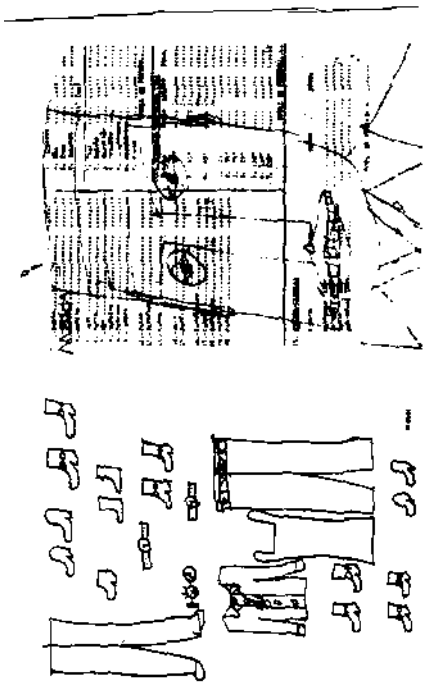






(Wajntal, 2004, p. 48-52)

Après cet épisode, l'enfant a dessiné des vêtements détachés, puis il a été capable de dessiner des figures humaines portant des vêtements.



(Wajntal, 2004, p. 49)

La construction de l'image du corps propre sera abordée dans la thèse d'après l'avis d'autres psychanalystes, notamment Perrin, Maleval et Fauvel, qui formulent cette construction en rapport à une nouvelle économie de jouissance chez l'autiste, chez qui manque l'incorporation du signifiant unaire, avec pour conséquence la scission de la jouissance.

Le signifiant unaire, non incorporé chez l'autiste, est celui qui permettrait une identification primordiale, autrement dit, c'est « l'élément qui, dans la structure, cheville la jouissance à la lettre ; il ne cesse de faire défaut pour le sujet autiste » (Maleval, 2003, p. 216). Les inventions des autistes, leurs créations, leur permettent « de se faire représenter auprès des signes de l'Autre de suppléance » (Maleval, 2003, p. 216), comme une façon de compenser leur impossibilité de se représenter dans le champ de leur propre langage, mais ils arrivent à se représenter auprès de ce que l'auteur désigne « l'Autre de suppléance extensif » (Maleval, 2003, p. 210). Le Rhun (2009) suggère la désignation d'un « S1 de synthèse » (p. 122) créé à partir de « *l 'Autre de synthèse* », ce S1 n'étant pas une identification, mais un savoir qui peut se construire, à partir d'un autre rapport au langage que celui de l'énonciation, puisque l'inscription symbolique n'est pas possible pour l'autiste. Maleval (2003) mentionne l'élaboration d'un nouage possible entre l'imaginaire, le réel et le symbolique chez l'autiste qui, dans un premier temps, avant ce nouage, était a-structuré. Le psychanalyste souligne qu'il n'existe pas chez l'autiste la possibilité d'un nouage borroméen de RSI. Il s'agit, donc, de permettre un nouage qui, même non borroméen, puisse être articulé, de sorte que le sujet autiste d'abord a-structuré puisse construire cette suppléance à partir d'un Autre de suppléance, un Autre de signes, figé, mais qui permet un ordonnement du symbolique, un tempérament de la jouissance - même qu'il y ait des débordements temporaires - et l'affirmation d'une image du corps. Or, l'Autre de signes aura toujours des limites, car « Les signes avec lesquels l'autiste se structure induisent une propension à recourir aux images et aux icônes pour appréhender le monde. Or celles-ci ne s'inscrivent pas dans le corps » (Maleval, 2009, p. 189). Cette prévalence du signe est à noter dans le récit de Tammet (2010):

> J'aime la date de mon anniversaire parce que lorsque je visualise les nombres qui la composent, je vois leurs formes lisses et rondes, comme des galets sur une plage. Il s'agit de nombres premiers, 31, 19, 197, 97, 79 et 1979 qui ne sont divisibles que par eux-mêmes et par 1. Cette impression immédiate de « galet » me permet de reconnaître chaque nombre premier, jusqu'à 9973, C'est ainsi que mon cerveau fonctionne (p. 9).

La prévalence des éléments qui ne sont pas du domaine signifiant est évidente, la relation aux nombres étant d'un type de signe :

> Penser à des nombres m'apaise. Les nombres sont mes amis (…) Le nombre 11 est amical, 5 est bruyant, 4 est à la fois timide et calme – c'est mon nombre favori, sans doute parce qu'il me ressemble. Certains sont grands et gros : 23, 667, 1179. D'autres sont petits : 6 , 13, 581. Certains sont beaux, comme 333. D'autre sont laid, comme 289. Pour moi, chaque nombre est particulier (p. 10).

Et encore :

> (…) les nombres m'apparaissent comme autant de formes, de couleurs, de textures et de mouvements. Le nombre 1, par exemple, est d'un blanc brillant et éclatant (p. 11).

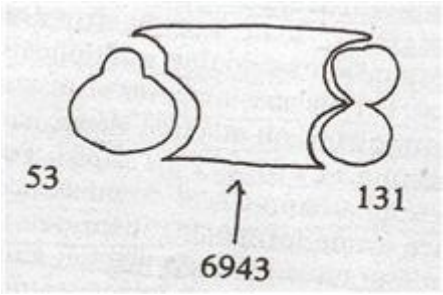
Et l'auteur poursuit :

> Selon les opérations, les formes diffèrent. De même, selon les nombres, j'éprouve des sensations et des sentiments distincts. Lorsque je multiplie par 11, je vois toujours des chiffres qui dégringolent dans ma tête. Les 6, quant à eux, sont les plus difficiles à mémoriser de tous, parce que ce sont pour moi de minuscules points noirs sans aucune forme ni texture.(…) Il y a des nombres qui se marient bien avec des nombres noirs comme les 8 et les 9, mais moins bien avec des 6 (pp.14 -15).

Tammet (2010) donne une description éclairant son processus de visualisation mentale liée aux calculs :

> Quand je fais une multiplication, je visualise les deux nombres et leurs deux formes distinctes. Puis, l'image change. Une troisième forme apparaît : la réponse. Le processus prend quelques secondes et s'effectue de lui-même. C'est comme faire des maths sans y penser (…) Je « vois » chacun des deux nombres telle une forme

> unique et distincte que je dispose à l'opposé l'une de l'autre. De l'espace ainsi crée entre les deux formes résulte une troisième (p. 14).



(Tammet, 2010, p.14)

Ainsi Tammet synthétise-t-il ce qui me paraît très proche de la description d'un « Autre de synthèse »: « J'ai toujours eu une expérience visuelle et synesthésique des nombres. Ils sont ma langue maternelle, celle dans laquelle je pense et je ressens » (p.17). Il en donne des exemples :

> (…) comme j'ai du mal à comprendre ou à réagir aux émotions des autres, j'ai souvent recours aux nombres pour y arriver. Si un ami me dit qu'il se sent triste ou déprimé, je m'imagine assis au creux de la cavité noire d'un 6 et cela m'aide à faire l'expérience d'un sentiment similaire et à le comprendre (p. 17)

Tammet (2010) signale aussi l'importance visuelle dans sa construction du langage, Pour lui, les mots ont des couleurs et des textures, et c'est ainsi qu'il a appris plusieurs langues étrangères : le « *at* » est rouge ; le « *hat* » est blanc, le « *that* » est orange, le « jardin » est « *un jaune baveux* ». Il mentionne, toutefois, que la facilité était restreinte à la langue visualisée mentalement et non pas écrite.

> Je visualisais chaque mot dans ma tête en partant de la forme des lettres. Le mot dog (chien)par exemple est fait de trois cercles avec une barre ascendante sur le premier et une boucle descendante sur le dernier. Le mot ressemble de fait assez à un chien si vous imaginez la barre ascendante en lieu et place de l'oreille et la boucle descendante comme une queue (p. 70).

Et il précise que :

> La suite des mes pensées n'est pas toujours logique, mais procède souvent d'associations visuelles (p. 102).

L'importance de l'image dans la pensée, mais aussi de la musique, de la sonorité non verbale, peut caractériser l'accès de l'autiste au langage, dans un rapport au langage ancré dans les signes, dans les référents concrets.

Pour rendre compte de situations où manque le rapport fixe au référent concret, l'autiste peut essayer de transformer des mots abstraits, des notions abstraites, en icônes. « Quand un référent concret n'existe pas, l'autiste se trouve souvent contraint à l'inventer, pour satisfaire à la nécessité de penser avec des signes » (Maleval, 2011, p. 89).

L'intérêt chez l'autiste pour les icônes parmi les différents signes, c'est-à-dire des signes motivés qui représentent schématiquement ce qu'ils désignent, comme, par exemple, des images d'hommes ou de femmes à l'entrée des wc. « Ils les apprécient parce que l'icône constitue le signe le plus approprié à leur recherche de codage du monde : en elle s'avère immédiatement manifeste une connexion rigide du signe à l'image du référent » (Maleval, 2011, p. 87). La prévalence du rapport à une image, à un référent concret, est en rapport à la non incorporation du champ signifiant. « Il en résulte une adhésitivité du mot à la situation première dans laquelle il a été acquis » (Maleval, 2011, p. 85), c'est-à-dire qu'il y a une adhésitivité du mot au référent chez l'autiste.

La fixation rigide au référent peut, alors, mettre en lumière plusieurs aspects observés dans la clinique de l'autisme. La difficulté à comprendre un mot dans le contexte, la difficulté à comprendre des situations quotidiennes qui doivent être mises en contexte, la persévérance d'une connexion d'un mot à la situation du premier apprentissage, une tendance à prendre « au pied de la lettre » les mots, les échanges, les énonciations, l'évitation de toute polysémie, la difficulté à généraliser et à faire les abstractions. Or,

> il est abusif d'affirmer que les autistes n'ont pas accès à l'abstraction : si leurs capacités de symbolisation qui en passent essentiellement par l'indice, voire par l'icône, sont plus rudimentaires que celles du sujet du signifiant, elles mettent malgré tout en œuvre un processus de substitution qui permet de porter la chose au

> langage. De plus, pour décrire le monde, la langue fonctionnelle de signes parvient à utiliser des signes sonores ou scripturaux issus de la langue de l'Autre (Maleval, 2011, p. 88).

Il y a alors la possibilité que s'établisse un rapport de l'autiste au langage, ancré non pas dans l'incorporation signifiante mais dans la construction d'un langage marqué par la prévalence des signes, des référents concrets.

L'attirance des autistes pour les règles et les structures, la construction d'une langue laissant le moins possible de place à la polysémie, est une conséquence du primat du signe. Maleval (2011) indique que l'idéal pour l'autiste serait un code où il y aurait une connexion rigide entre le mot et le référent, ayant une fixation entre le signe et la chose, la prévalence de la rigidité du signe déterminant un rapport singulier de l'autiste au langage.

La prévalence du référent concret chez l'autiste, de l'association visuelle, peut être analysée à la lumière des observations de Laznik (2000/2004a). La psychanalyste tisse des considérations très pertinentes sur l'existence de traits mnésiques chez les autistes, lesquels pourraient se trouver complètement désinvestis. L'auteur suggère que, dans ce cas, il s'agit d'une faille dans le registre de l'inconscient. Elle remarque que les énoncés écholaliques témoignent d'un défaut d'organisation du registre proprement inconscient, ce qui fait que des morceaux de réel du langage viennent se coller aux signes perceptifs de l'appareil psychique. La psychanalyste signale deux traits marquants dans les traitements des autistes : l'apparition - disparition inespérée des mots et les répétitions des représentations de mots, sans qu'on ait l'impression qu'elles soient liées au contexte. L'auteur rapporte le cas clinique d'une petite fille de 5 ans, autiste, qui ne présente aucun langage, si ce n'est un « gazouillis » : « *Tik, Tik, Tik* », qu'elle répète la plupart du temps durant les séances et qui est fréquemment associé à des mouvements stéréotypés des mains devant les yeux. Quand, lors d'une séance, l'analyste lui renvoie la question : « *Tiki ? T'es qui* ? » en se servant de l'homophonie, la mère qui, jusqu'alors disait que ce son n'avait pas de signification, révèle que dans sa langue tiki il voulait dire triste, et raconte que ce « gazouillis » avait commencé lors de la naissance du petit frère, premier fils de cette mère africaine. A partir de là, l'analyste a commencé à utiliser ces mots lors des échanges avec l'enfant, imitant les mouvements de sa

bouche, ainsi que son ton triste dans une association entre l'image acoustique et les situations de tristesse. L'auteur soutient que dans ce cas il y a eu un registre de trait mnésique, qui se trouvait réinvestit, mais se demande si l'on peut parler de représentation. Tout au long de cette analyse, l'image acoustique commence à être suggérée en association avec l'image représentant la tristesse et pas seulement l'expérience vécue, à partir de laquelle, l'enfant commence à dessiner des enfants qu'elle nomme tiki quand ils ont les coins de la bouche vers le bas. Mais, selon Laznik ce processus n'est possible que via l'appareil psychique de l'analyste. Par ailleurs, elle considère que le trait mnésique avait été enregistré, et que pour cela, il avait dû y avoir un investissement de cette perception acoustique. Elle signale que la représentation consciente se distingue de la représentation inconsciente par son lien avec celle du mot, inexistant dans l'inconscient. Laznik se demande si l'on pourrait se contenter de dire que dans l'autisme il y a eu échec dans la constitution de la représentation de la chose, puisqu'elle consiste, selon Freud, dans les investissements des traits mnésiques dérivés de choses. Laznik distingue, alors, l'existence des représentations isolées, ce qui, en soi, ne permet pas que s'instaurent des organisations de chaînes associatives, combinatoires ou que se créent de nouveaux liens ; il n'y aurait pas investissement de ces traits ni, en conséquence, leur organisation associative comme des représentations inconscientes. La psychanalyste suggère que l'on peut comprendre ces désinvestissements des traits mnésiques à partir d'une défaillance dans l'instauration du circuit pulsionnel, aussi le représentant de la représentation de la pulsion ne peut-il pas s'installer. L'auteur reprend le texte freudien « *L'esquisse d'une psychologie scientifique*» pour tracer la constitution de l'appareil psychique et du branchement de celui-ci dans l'Autre (*Nebenmensch* – l'autre secourable). L'auteur signale qu'à la naissance, le bébé humain est en désarroi, et qu'il faut une aide extérieure, pour que cesse son excitation endogène et qu'existe l'expérience de satisfaction, laquelle a des conséquences radicales sur la complexification de l'appareil psychique. L'auteur souligne que si l'expérience de satisfaction est assez répétée, l'investissement trouvera des voies efficaces qui reviendront à ces images. L'auteur remarque que dans la lecture freudienne, la « *vivification* » de ces images produit la même chose qu'une perception (ce que l'on appelle l'expérience de satisfaction hallucinatoire primordiale). Ensuite, l'auteur explique que la répétition de l'expérience de satisfaction peut assurer l'impression de traces mnésiques qui entraînent la création des voies permanentes liées à décharge, l'investissement dans l'Autre et les voies associatives entre les deux. Alors, le bébé peut

revenir à ces images à travers cette vivification qui produit la même chose qu'une perception et organiser le monde de la représentation par le biais de l'installation du représentant de la représentation de la pulsion. L'auteur situe l'importance de l'inscription d'un trait de l'Autre marqué de jouissance dans ce pôle hallucinatoire de satisfaction. C'est à partir de ce trait de l'Autre et de sa jouissance, que le circuit pulsionnel peut se compléter.

La parole écholalique et les répétitions du discours de l'Autre, sans inversion, pourraient donc témoigner d'un défaut d'organisation du registre proprement inconscient comme lieu du refoulé. Chez l'autiste, on trouverait le fonctionnement du premier niveau des signes perceptifs organisés par simultanéité mais non le deuxième niveau d'inscription où l'auteur situe le refoulement et l'inconscient freudien.

Laznik (1996/2004) met en rapport des stéréotypies et des automutilations au manque de l'inscription du pôle de l'Autre, de la jouissance de l'Autre. ce qui a empêché l'instauration future des mécanismes psychiques de condensation et de déplacement propres à la pensée inconsciente qui exigent l'inscription de la jouissance comme trait dans l'appareil psychique. Alors, les mouvements de l'autiste vers un objet, ou prenant une partie de soi-même comme objet de satisfaction ne seraient pas attachés à un autre ou à un Autre. Il s'agirait d'une défense d'élision d'où les traits de l'Autre pourraient être enregistrés. Les décharges d'excitation seraient une conséquence d'une non-possibilité de liaison psychique, ce qui entraîne des manifestations d'automutilation et de stéréotypies. C'est la mise en place de ce circuit pulsionnel qui supportera le trajet de représentations inconscientes dans l'appareil psychique puisque, pour que la représentation puisse circuler, elle doit passer par le pole hallucinatoire de satisfaction du désir, où sont inscrits les traits mnésiques des premières expériences marquées par l'Autre, par la jouissance de l'Autre. Laznik (1996/2004) nous parle d'une psychosomatique de l'autisme, c'est-à-dire que la non-instauration du circuit pulsionnel et la conséquente non instauration des structures psychiques produisent des lésions des organes qui supportent ces structures. L'instauration du circuit pulsionnel est indispensable à la mise en place de certaines structures psychiques due à la prématuration du sujet humain.

Chez l'autiste, on voit souvent une forme différente d'inscription psychique, d'organisation des traits. D'abord, quand on demande à un autiste de dessiner quelque chose dont on parle, il n'est pas rare qu'il dessine les lettres du mot, mais pas un dessin figuré. On peut accompagner quelques observations de Laznik (1995/2003) sur cette question ainsi que sur les possibles maniements dans le traitement de l'autisme. La psychanalyste raconte une vignette d'un autiste qui lui parle de « *Robotix* », marque de publicité de jouets, et lui apporte une publicité portant l'image visuelle de ce mot. La psychanalyste indique la joie qu'a l'enfant de pouvoir faire le lien entre l'image visuelle du mot et son image acoustique. Il fait, même, du mot « *Robotix* » son patronyme.

Dans le même sens, Maleval (2009b) analyse la prévalence du signe chez les autistes comme leur manière de privilégier une connexion rigide du signe à l'image. Les corrélations entre le mot et la chose s'effectuent parfois par l'intermédiaire d'associations métonymiques originales, davantage fondées sur l'image que sur le son, n'arrivant pas à les situer dans le champ d'oppositions signifiantes. L'auteur propose que l'autiste n'efface pas la chose représentée. Laznik (1995/2003) signale que « le langage de l'enfant autiste garde la marque du Réel d'où il provient » (p. 168).

Le cas clinique d'une petite fille, Louise, autiste de 4 ans, traitée par la psychanalyste M-C Laznik (1995/2003) permet de penser la prévalence du signe chez l'autiste. La psychanalyste signale qu'au début du traitement n'existait pas l'impression d'un sujet qui parlait mais celle d'un automatisme, et que, par la suite, le regard de l'analyste a permis de voir, d'écouter des signifiants dans ce qui paraissait de l'ordre du cri.

> Si elle donne à entendre quelques mots, ils sont souvent brisés, tronqués ou marmonnés de façon incompréhensible. Parfois son discours devient une pure ritournelle dans laquelle elle répète inlassablement une histoire de bébé qui fait pipi ou caca sur le pot. Ou encore elle reproduit des bouts de phrases, parmi lesquels on reconnaît des fragments de chansons enfantines qui semblent se dévider automatiquement (Laznik, 1995/2003, p. 169).

Laznik décrit, au tout début, une vignette où Louise prend un jouet en forme de petit loup et dit « Je suis Lou, le petit loup des steppes » (Laznik, 1995/2003, p. 170). La psychanalyste signale qu'il s'agit de l'incarnation d'une ritournelle, de la reprise textuelle d'un extrait d'une histoire enfantine que l'enfant écoute sur un disque incarné

sur le plan imaginaire à partir de l'objet – du jouet du loup. La psychanalyse voit plus qu'une écholalie : c'est l'incarnation imaginaire dans un scénario à partir du support d'un objet, d'une représentation « sur le plan symbolique, car Lou est le sobriquet que sa mère lui donne » (Laznik, 1995/2003, p.170), donc un élément signifiant qui pour la psychanalyste porte « la trace d'un investissement maternel certain » (Laznik, 1995/2003, p. 170).

Le compte rendu du traitement de Louise met en lumière l'importance de la place de Laznik travaillant sur des énoncés d'abord déconnectés et à partir de l'interlocution avec le père de Louise présent dans les séances, ils ont pu reconnaître dans un énoncé déconnecté de tout contexte et lancé à la cantonade, la strophe « Rivière profonde » de la chanson « Aux marches du palais » :

> *Aux marches du palais / Y a une tant belle fille / Elle a tant d'amoureux/qu'elle ne sait lequel prendre / c'est un petit cordonnier / qui a eu sa préférence / c'est en la lui chaussant / qu'il lui fit sa demande / la belle si tu voulais / nous dormirions ensemble ; dans un grand lit carré / couvert de toile blanche / Dans le mitan du lit / la rivière est profonde* (….) (Laznik, 1995/2003, p. 170).

Laznik raconte que le père chante une des strophes de la chanson que l'enfant reprend et chante par cœur. Quand Louise entend son père chanter y a une tant belle fille, elle éprouve un grand plaisir. Laznik décrit alors la séquence suivante : comme à cette séance elle perd encore une fois ses chaussures et que, selon son habitude, son père les lui remet, je demande à celui-ci que nous chantions la strophe suivante : « *C'est en la lui chaussant.* ». Louise qui, auparavant, se laissait rechausser comme une poupée de chiffon, tend cette fois le pied à son père – comme « une tant belle fille », pourrait-on ajouter » (Laznik, 1995/2003, p. 170-171). Que Louise donne son pied pour être chaussée, qu'elle ne soit plus une poupée mais une fille, une belle fille représente un grand pas en avant. Par la suite, la psychanalyste arrive à détecter une nuance dans la prononciation des bouts d'une chanson prononcée par l'enfant où il serait possible de reconnaître l'accent de la région d'origine de son père, donc du grand-père. Et Louise en entendant parler du grand-père prononce son nom et chantonne une strophe qui serait la parole du roi dans la chanson.

Laznik souligne que Louise manifeste de la détresse quand elle fait un mouvement vers un objet féminin appartenant à sa mère ou à l'analyste et, lorsque la mère évoque une chaîne en or qu'elle s'est fait offrir à la naissance de Louise, l'enfant émet deux sons que la mère reconnaît comme ceux d'une chanson de son pays d'origine dont la traduction d'après Laznik (1995/2003) serait la suivante :« Une maman s'en vient à un puits, Qu'est-ce qu'elle vient chercher ? Elle vient chercher une fille. Comment s'appellera cette fille ? Cette fille s'appellera Louise. Qu'est-ce qu'on lui donnera ? On lui donnera une chaîne exquise. » Après cette séquence vécue dans l'analyse, la mère de Louise lui donne une chaîne en or. Louise la montre à la psychanalyste et la désigne par son nom dans la langue d'origine de la mère, après quoi elle cesse de baver car, d'après Laznik, cela a fait bord pour Louise.

Il y a, ensuite, une séquence où, dans la séance, Louise émet à la cantonade « Alexandre » ou « Monsieur Alexandre » déconnecté de tout contexte. Après quelques recherches, la mère de Louise reconnaît qu'il s'agit du nom d'un ami qui regarde Louise comme une enfant extraordinaire. Laznik signale, alors, que Louise qui avait l'air absent, affirme : « Un bébé formidable[12] ! A voir ! à voir ! » (Laznik, 1995/2003, p. 174), ce qu'elle disait comme si de rien n'était. Dans la séance, la mère reconnaît un passage de Rabelais que sa fille écoute. La psychanalyste lit l'histoire pendant la séance et signale les parties de l'histoire qui retiennent l'attention de Louise :

> Il était une fois, au château de la Devinière, en Touraine, un géant…qui n'était pas encore né. Son futur papa, Grandgousier, seigneur de l'endroit (…) Ce Grandgouisier avait pris pour femme Gargamelle, fille du roi des Parpaillots (…) Un bébé formidable (Laznik, 1995/2003, p. 174).

Laznik mentionne qu'« au lieu du premier cri du bébé Gargantua, à boire ! à boire !, Louise s'écrie : « À voir ! à voir ! » (Laznik, 1995/2003, p. 174). Elle souligne, aussi, l'importance de la filiation paternelle, de la fonction de reconnaissance attribuée au père dans les fragments de chanson que Louise choisit. Selon la psychanalyste, en changeant « *à boire* » par « *à voir* », cela ne signifie pas chez Louise une satisfaction du besoin mais un registre du désir, d'un appel à l'Autre.

[12] Laznik (1995 / 2003) souligne l'importance chez Louise de "formidable" comme portant encore son sens premier d' « *avoir peur, craindre, redouter (...) il porte la trace de épouvantable, effrayant, terrible* » (Laznik , 1995 / 2003, p. 205)

La séquence qui attire l'attention de Louise est la suivante : « Gargantua eut un fils de Badebec qui hélas mourut en mettant le bébé au monde ». Gargantua, d'abord inconsolable, s'exclame en voyant son fils : « Oh ! mon fils, mon petit peton, que tu es joli, que je suis heureux ! » (Laznik, 1995/2003, p. 174). Louise jubile en disant cette séquence et son strabisme très marquant disparaît presque, note Laznik.

L'articulation théorico-clinique de Laznik est celle d'un discours qui se tient en dehors de Louise comme un discours du préconscient, dans le réel du langage qui s'est crocheté à « quelque chose d'une chaîne signifiante ; venu « lire », dirais-je, quelques-unes des représentations inconscientes capables de constituer Louise comme sujet » (Laznik, 1995/2003, p. 175).

Laznik situe la place de l'analyste comme celui manquant, celui qui accepte que son savoir n'est pas tout et qui essaie à partir d'un trognon de mot ou d'un signifiant incompréhensible d'être surpris par l'expression de l'enfant. S'il n'y a pas cette ouverture, les énoncés de l'autiste tournent « indéfiniment dans le réel, comme une ritournelle » (Laznik, 1995/2003, p. 176). La place où Laznik situe l'analyste n'est « pas nécessairement de celle à qui s'adresse l'énoncé de l'enfant, mais de celle qui se laisse sidérer » (Laznik, 1995/2003, p. 176), l'enfant à la place de l'Autre, créateur de quelque chose qui déborde le code, et la possibilité d'être sidéré témoignant « d'un vide intérieur, d'un manque, d'une décomplétude » (Laznik, 1995/2003, p. 176). Il s'agit, d'après la psychanalyste, de l'importance que cet Autre soit étonné et puisse éprouver un plaisir en rapport à la jouissance phallique. Pour se laisser sidérer, l'analyste doit se faire destinataire des trognons de mots en tant que messages.

> Revenons aux énoncés écholaliques d'un enfant autiste. Même si, au départ, un énoncé l'a traversé, puis est sorti de lui sans qu'il le destine à personne, ni le module en aucune demande, lorsqu'on le lui retourne comme ayant une signification, comme faisant message, quelque chose s'inscrit alors pour lui (Laznik, 1995/2003, p. 178).

En accordant de l'importance aux énoncés écholaliques de l'enfant, l'analyste permet la production « des coupures symboliques dans le réel du langage » (Laznik, 1995/2003, p.

181), ce qu'elle considère comme une possibilité de « suppléer au défaut de vie fantasmatique, c'est-à-dire à l'échec de la fonction de représentation elle-même » (Laznik, 1995/2003, p. 181) chez l'autiste. En raison du défaut d'imaginaire, Laznik écrit « Si je n'avais pas eu accès à la source même où Louise puise le langage dans le réel – en l'occurrence, le livre (…) – je n'aurais jamais pu trouver la clé pour entendre son énoncé » (Laznik, 1995/2003, p. 192).

Laznik signale la richesse du langage autistique. En effet, il « suffit de ramasser dans le réel de la culture autour d'elle des matériaux pour continuer à donner des représentations à l'impossible auquel elle doit faire face » (Laznik, 1995/2003, p. 195), en exemplifiant par les fragments d'une chansonnette que Laznik reconstitue à partir de son écoute de l'enfant:

> « C'était un petit caillou, un pauvre petit caillou
> Perdu dans la forêt noire. Il criait à tue-tête
> Mais personne ne l'entendait. Il avait perdu tout espoir
> Il était tombé de la poche du Petit Poucet » (Laznik, 1995/2003, p. 195).

Laznik suggère l'interprétation suivante du texte de la chanson prononcée par Louise : « Au-delà de l'aspect maniaque, mais réussi, de la défense contre l'expérience primaire de détresse (…), la détresse sans nom du caillou qui n'est même pas un être humain et qui a perdu tout espoir de se faire entendre» (Laznik, 1995/2003, p. 195), mis en rapport au mutisme autistique. À l'objection que rien ne prouverait l'identification de Louise au caillou, Laznik répond que, par la suite, l'enfant exprimera des énoncés différents de celui de la chansonnette en disant « Je suis un petit caillou, un pauvre petit caillou » (Laznik, 1995/2003, p. 196). La psychanalyste émet l'hypothèse que la place de l'analyste dans le transfert, en écoutant l'enfant, a permis à Louise de parler à la première personne. Laznik mentionne d'autres histoires où il est question de détresse originelle et de personnages fragiles, victimes d'abandon. Il y a aussi d'autres identifications possibles récurrentes aux géants qui portent « un sabre phallique » (Laznik, 1995/2003, p. 197), et auxquels Louise s'identifie, mais elle s'identifie peut-être aussi à la détresse de l'ogre en tant que personnage chu, comme le bébé formidable qui fait peur mais qui a besoin que sa détresse soit reconnue. Laznik souligne que l'objet chu, pour devenir cause du désir, a besoin de perdre la caractéristique de déchet,

pour être investi par l'Autre. Quoi qu'il en soit, il importe de noter que Laznik ne privilégie pas une voie d'interprétation, qu'il ne s'agit pas de parler des interprétations de ces chansonnettes à Louise mais de se laisser sidérer par les trouvailles de l'enfant, soutenant qu'il s'agit d'un travail « dans sa recherche de représentations capables d'opérer des liaisons psychiques pour elle. L'important est qu'au travers des coupures, des regroupements, des déplacements métonymiques » (Laznik, 1995/2003, p. 201), l'enfant « donne consistance à la dimension imaginaire qui lui fait défaut » (Laznik, 1995/2003, p. 201).

> Chez Louise, comme chez d'autres enfants autistes, c'est comme si le travail de liaison qu'effectue le processus primaire n'avait pas lieu dans l'inconscient mais à ciel ouvert, au niveau même de ces représentations de mots. Suppléant en permanence la carence de sa vie fantasmatique, un mécanisme particulier l'obligerait à arracher des bouts de discours dans le réel. à chaque étape de son processus de pensée (Laznik, 1995/2003, p. 195).

Laznik met en relief l'utilisation des déplacements et des condensations « qui interviennent en Louise, car son travail sur le texte est analogue au travail du rêve, régi par le processus primaire » (Laznik, 1995/2003, p. 206), associant par le processus primaire, se situant à diverses places dans les expressions des extraits des histoires. Or, « Louise ne peut « fonctionner » qu'en s'appuyant à chaque instant sur un énoncé prélevé dans un fragment de discours appartenant au réel de la littérature pour enfants à sa disposition » (Laznik, 1995/2003, p. 220).

> Elle se trouve là assujettie au champ des signifiants de l'Autre, même si, chez elle, l'Autre reste marqué d'une extériorité réelle, celle du texte écrit par exemple. Quand elle va se placer sous un signifiant, puis sous un autre – ogre puis bébé ; petite fille puis petite mère – Louise s'aliène en tant que sujet. Cette aliénation est une opération fondamentale pour pouvoir parler d'un sujet. L'autre opération est celle de la séparation, mais Louise n'est pas encore là (Laznik, 1995/2003, p. 220).

Par exemple, Laznik parle du thème de la transformation dans le choix des histoires de Louise. Il s'agit d'un personnage monstrueux, le bébé formidable qui devient amoureux. Laznik signale dans ces histoires la reprise de la question « de l'amour de l'Autre primordial (…)[de] comment être belle, phallique, désirable après avoir vécu

l'expérience de n'être que le déchet, voire l'objet de dégoût » (Laznik, 1995/2003, p. 217).

Laznik note l'importance de la langue anglaise pour Louise. Louise avait, par exemple, du mal à supporter la lecture d'un livre en français mais pouvait aisément le lire en anglais. Ci-dessous, l'extrait qui pour Louise était insupportable:

> On y voit le père malade couché dans un lit, disant à sa petite fille : « Zéralda, ma chère enfant, je me ses bien bas, je ne peux plus bouger aucun membre, et tout me tourne devant les yeux. Jamais je ne pourrai aller demain au marché. Il faudra que tu ailles toute seule à ma place» Comme on s'en doute, Zéralda aura donc à affronter l'ogre toute seule (Laznik, 1995/2003, p. 198).

Laznik fait remarquer que Louise utilise l'expression du début du texte en anglais « My loving child (…) encore aujourd'hui dans des formulations signifiant un déni d'abandon » (Laznik, 1995/2003, p. 199). Il importe de souligner la construction théorique-clinique de la psychanalyste d'un vécu d'un « désinvestissement libidinal massif soudain » (Laznik, 1995/2003, p. 209) de la mère ou de celui qui tient cette place de l'Autre primordial pour l'enfant, ce désinvestissement étant éprouvé comme une chute.

On va suivre, alors, l'articulation théorico-clinique de Laznik au sujet de son rapport à certains extraits du texte « comme si les mots de ces phrases n'arrivaient pas à acquérir un statut de signifiant (…) comme si le texte se solidifiait autour d'elle (…) toute polysémie semblant exclue » (Laznik, 1995/2003, p. 202). Alors, à partir de l'utilisation de l'autre langue, à partir de cette substitution, la psychanalyste considère que : « Le détour par une autre langue permet l'écart nécessaire pour que les mots deviennent pour Louise des signifiants. Du fait qu'ils peuvent être traduits, ils se mettent à renvoyer à d'autres signifiants, dans un rapport qui n'est pas univoque, puisque le génie des deux langues n'est pas le même » (Laznik, 1995/2003, p. 202). Et la psychanalyste précise : « sans la ruse du détour par l'anglais, il me semble que Louise serait restée engluée dans certains énoncés » (Laznik, 1995/2003, p. 202), tandis que par le détour d'une autre langue la psychanalyste tisse l'hypothèse de l'acquisition d'un statut de signifiant, le recours à une autre langue permettant un espacement entre les signifiants dans la langue

elle-même. Alors, prenant en considération le récit du traitement de Halil où le travail sur deux langues a permis un travail signifiant aboutissant aux significations, Laznik suggère l'importance du recours à une autre langue permettant ce qu'elle caractérise comme un « décollement vis-à-vis des mots que produit la traduction » (Laznik, 1995/2003, p. 203).

Il importe de souligner l'hypothèse de Laznik selon laquelle l'aptitude des autistes pour les langues, notamment du fait que certains autistes parlent et chantent dans une langue étrangère, serait « peut-être un fait de structure. Le jeu entre deux langues suppléerait au défaut d'espacement entre les signifiants dans la langue elle-même, défaut que l'on retrouve chez les enfants autistes » (Laznik, 1995/2003, p. 202).

Mais Louise n'a pas accès à la séparation, ne pouvant ni être un sujet du désir ni être marqué de l'objet qui causerait son désir. Chez Louise, il ne s'agit pas de faire un deuil de la perte de sa place comme un phallus, comme la cause du désir de la mère, d'un objet (a) dont l'enfant serait porteuse causant le désir de la mère, car « Louise se situe justement dans l'impossibilité où elle se trouve de se présenter comme une image phalliquement investie au regard de l'Autre » (Laznik, 1995/2003, p. 221).

> Louise, en tant que sujet, vacille de signifiant en signifiant ; et rien, pour l'instant, ne semble venir la marquer d'un manque qui lui permettrait de viser un objet cause du désir. (…) Néanmoins, grâce à son travail Louise parvient à entrer dans l'aliénation. Et c'est là une réussite, car on peut penser que sans tout le travail qu'elle a accompli, Louise n'y aurait pas eu accès ; elle serait restée en deçà. (Laznik, 1995/2003, p. 221).

Laznik (2003) remarque le manque du registre de l'équivoque chez l'autiste, le manque de la béance qui n'existe qu'entre deux signifiants ; alors l'auteur met en relief dans le langage post-autistique désigné par les holophrases « mot-tout » et l'utilisation de signes où le registre de l'équivoque n'existe pas. L'autiste travaille la perte par le signe et non pas par une mise en scène de la perte par le signifiant. Laznik (1995/2003) désigne en effet les traitements décrits comme des cures, ayant des étapes post-autistiques[13] chez ces enfants.

[13] Dans un texte postérieur, Laznik (2002/2004) considère que l'on pourrait formuler l'existence de la structure de l'autisme, tout en soulignant qu'il faudrait la formuler à partir d'une lecture ayant une

Aussi peut-on penser qu'il existe d'autres cas qui resteront toujours dans cette non incorporation du registre de l'aliénation et là, il s'agit d'un autre travail à la fois possible et envisageable. En effet, les traitements relatés dans le livre par Laznik sont ceux de tout petits enfants. Il faudrait, donc, se poser la question de la prise en charge des adultes autistes ou des enfants plus âgés. La question de la temporalité de l'intervention a toute son importance dans la clinique pour l'élaboration d'une structuration non autistique chez les enfants qui n'ont pas encore incorporé l'aliénation à l'Autre.

Les formulations de J-C Maleval et E. Laurent sur l'autisme semblent très pertinentes, notamment dans les cas où on ne peut plus envisager de sortie de l'autisme, mais une structure d'autisme établie.

« Le langage n'est pas un simple outil de communication, c'est, selon Lacan, l'habitat du sujet, il tresse dans le corps des brins de jouissance » (Maleval, 2011, p. 89). Or, chez l'autiste, la prévalence du signe en dépit du signifiant est en rapport au manque de tressage entre signifiant, corps et jouissance, car, chez l'autiste, les « signes se s'inscrivent pas dans le corps et ne sont pas porteurs de jouissance » (Maleval, 2011, p. 89).

Alors, pour rendre compte du rapport de l'autiste au langage, il faut considérer les possibilités de la construction d'un langage, ancré dans les signes, marqué par les référents, permettant un rapport aux autres et à l'Autre, ayant, toutefois, des limites par rapport à une incorporation de la jouissance, possible par la mise en place de l'incorporation signifiante, inexistante dans l'autisme.

Dans le langage autistique, la dissociation de la jouissance vocale de l'énonciation est une stratégie constante mise en évidence dans la construction d'une langue marquée par le code, par les signes.

subtilité qui ne serait possible qu'à partir des nœuds.

La langue d'accumulation de faits, d'une langue factuelle, d'une « langue fonctionnelle » (Maleval, 2011, p. 84) caractérise la langue marquée de la non implication de l'autiste en tant que sujet par rapport à son refus de céder à la jouissance. Il s'agit d'une langue qui permet à l'autiste de se communiquer, mais dont « la jouissance de la voix s'y trouve gommé » (Maleval, 2011, p. 85). C'est une langue marquée par un effort descriptif des faits, ayant un « ancrage dans la concrétude » (Maleval, 2011, p. 85) de l'adhésivité du mot au référent, évitant l'implication de l'interprétation, caractérisant une évitation de la cession de la jouissance vocale qui serait mise en place dans une énonciation porteuse de jouissance, à partir de la mise en circulation des signifiants. Dans l'énonciation factuelle, « ces successions de faits sans commentaires, sans affects, semblent viser à une simple présentation des choses, sans implication de la voix énonciative » (Maleval, 2011, p. 84), évitant le risque de perte de la jouissance vocale.

Rarement, toutefois, la langue d'accumulation de faits est l'unique stratégie linguistique chez l'autiste. En effet, chez certains autistes, une scission est mise en place dans le traitement linguistique. Alors qu'avec la langue factuelle, l'autiste écarte le risque de céder sa jouissance, pouvant se communiquer, mais au prix de son absence énonciative en tant que sujet, dans la langue verbeuse, il y a la mise en œuvre d' « une jouissance solitaire du sonore » (Maleval, 2011, p. 84). Dans la langue factuelle, il s'agit de communiquer des informations, souvent d'ailleurs en utilisant une voix mécanique, dans la langue verbeuse, il ne s'agit pas de sens, mais d'un investissement sur les sons, sur la musicalité sans le sens, mais en rapport à la jouissance, au vécu solitaire d'une jouissance. Il s'agit, d'une part, d'une langue des signes coupée des affects, mais propre à la communication et, d'autre part, d'une langue privée peu propre à la communication.

> Dans l'une, le sujet parvient à communiquer avec une langue désaffectivée, mais composée de signes dont la signification est partageable par l'interlocuteur ; ce sont les autistes de haute niveau qui la manient le mieux ; en revanche, il est d'autres autistes qui privilégient une langue privée (…) plus connectée à la mélodie qu'à la signification. Elle peut entrer en résonance avec les émotions, mais ne les communique que de manière indirecte. Chez un même sujet autiste, ces deux usages du langage ne sont pas exclusifs l'un de l'autre (Maleval, 2009b, p. 249).

Cette scission des langues chez l'autiste est en rapport à la non incorporation du signifiant primordial et à la non cession de la jouissance vocale, résultant en « une insertion dans le langage tout à fait originale » (Maleval, 2011, p. 84), dans un rapport de non aliénation totale au signifiant de l'Autre.

Du côté factuel, l'autiste peut avoir une langue fonctionnelle bien développée à partir des processus d'imitation, de mémorisation et de compréhension intellectuelle des informations. Maleval (2011) précise que la langue factuelle de l'autiste ne se restreint pas aux signes car « tous les éléments de la langue fonctionnelle ne sauraient être réduits à des signes, l'abstraction de certains résiste à leur saisie par l'indice ou l'icône de sorte qu'intervient pour la complémenter un processus de mémorisation qui imite les usages de l'Autre » (p. 89). Toutefois, ce processus d'imitation de l'usage de l'Autre ne permet pas la prise de position d'une énonciation ni la renonciation à la jouissance.

La langue factuelle peut aboutir à une énonciation technique, à la construction d'un savoir scientifique permettant une insertion professionnelle. Mais il s'agit d'une modalité de la langue, d'un usage fonctionnel, qui n'implique pas la jouissance, d'un savoir qui n'est pas en rapport au « chiffrage de la jouissance par lalangue, qui fait défaut aux autistes » (Maleval, 2011, p. 91). Il s'agit, en effet, d'une autre manière pour l'autiste de faire le clivage de S1 et a.

Du côté de la langue verbeuse, Maleval (2009b) fait état d'une prévalence de l'intérêt de l'autiste pour la sonorité, la mélodie, et moins d'intérêt pour la signification, pour le message d'une énonciation. L'auteur note que l'autiste n'entend pas sa voix quand il est verbeux, mais qu'il panique quand il s'entend dire dans des situations critiques une phrase expressive.

> Tous les autistes ne sont pas muets, beaucoup peuvent mobiliser le son de leur voix pour parler, et accepter d'entendre le son de la voix d'autrui. Mais il y faut certaines conditions. La plus manifeste est que l'énonciation soit gommée. La parole verbeuse, et l'acte de ouïr orienté vers la mélodie, s'y emploient avec un certains succès. C'est la présence de la jouissance vocale qui angoisse l'autiste (p. 242).

D'autres stratégies mises en œuvre dans l'autisme tournent aussi autour de la mise à l'écart de la jouissance. L'autiste est capable d'une énonciation par l'utilisation d'un double ou d'un objet pour parler à sa place, à partir desquels il arrive à s'exprimer personnellement. Il s'agit d'une manière de « s'effacer pour parler par procuration » (Maleval, 2011, p. 90). En utilisant l'autre pour s'exprimer, l'autiste maîtrise l'échange, se protégeant par la distance assurée par le double qui supporte cette « énonciation artificielle » (Maleval, 2011, p. 90) comme une marionnette.

Ces diverses stratégies mises en place chez les autistes qui arrivent à sortir du mutisme et de la langue verbeuse comme stratégies privilégiées, démontrent une capacité d'inventions singulières pour s'autoriser à parler, à condition de ne pas rompre la scission entre la jouissance et le langage, conséquente du refus de l'aliénation pleine à l'Autre.

D'autres manifestations chez l'autiste peuvent être mises en lumière à partir de la prise en compte du refus de la cession de l'objet vocal en rapport à cette non aliénation, à la non incorporation au signifiant Autre.

> les autistes éprouvent une difficulté spécifique à habiter subjectivement et affectivement une parole adressée, leur démutisation passe souvent par des chansons, ils se confrontent à un dysfonctionnement de la pulsion invoquante, et ils s'avèrent plus réceptifs à des paroles ludiques et cajolantes, notamment au « motherese », qu'à des intonations impératives (Maleval, 2009b, p. 245).

La prise en considération des conditions dans lesquelles l'énonciation est possible chez l'autiste donne des indications sur les manières possibles d'intervenir dans le traitement de l'autiste. Suivons les orientations de Perrin (2011):

> le sujet autiste ne peut se corréler à un autre qu'à en annuler toute dimension d'adresse et même de présence. Quand le clinicien, par une indifférence calculée, sait se faire absent de son énonciation, sur le chemin du hors-sens, vers la sonorité de la parole, par une attitude, un certain positionnement du corps (…) le sujet autiste semble pouvoir supporter la présence d'un partenaire nouveau » (p. 100).

Il existe une exception tout à fait intéressante par rapport aux stratégies de mise en acte de la scission S1 / a. C'est le phénomène de l'énonciation fugace, chez des autistes muets, de phrases spontanées où « il s'agit d'une énonciation en prise avec sa jouissance » (Maleval, 2011, p. 91), d'une énonciation qui engage la jouissance vocale du sujet, qui implique le sujet autiste dans son énonciation.

L'énonciation fugace de cette « phrase spontanée n'est pas une laborieuse construction intellectuelle, mais une parole qui sort des tripes » (Maleval, 2011, p. 91), en prise avec la jouissance vocale. Il s'agit d'une énonciation où il n'y a pas d'inversion pronominale et où la présence dans l'énonciation est bien marquée. Ces phrases témoignent, en outre, d'un appel à l'Autre, dans « une énonciation fugace, qui rompt un instant avec la rétention de l'objet vocal » (Maleval, 2011, p. 91).

Cette énonciation presque explosive est une expérience angoissante pour l'autiste, et celui-ci essaie de s'en protéger, après coup, s'enfermant dans le silence, ou évitant d'assumer ce qu'il vient de dire. Or, ces phrases spontanées, dont le statut diffère autant de la langue verbeuse que de la langue factuelle, peuvent toujours réapparaître comme « des phénomènes étranges et exceptionnels » (Maleval, 2011, p. 91). La question de ces énonciations spontanées sera reprise dans le chapitre de la thèse intitulée « *La lettre dans l'autisme* » dans lequel on abordera la présence de l'autiste dans l'énonciation de ces phrases, par rapport à la manière singulière d'être de l'autiste dans le langage et de ses stratégies de défense pour faire la scission S1 / a.

IV. ARTICULATIONS SUR LE CORPS DANS LA SCHIZOPHRÈNIE À PARTIR DES CONCEPTS DE L'OBJET (a) ET DU TRAIT UNAIRE.

IV. 1. Le travail sur la jouissance et le bricolage d'un corps.

Je vais, d'abord, utiliser la formulation théorico-clinique du groupe de travail et de recherche du RI3 (Réseau International d'Institutions Infantiles du Champ Freudien) constitué par les institutions qui travaillent avec les enfants et adolescents autistes et psychotiques. On va essayer de tisser quelques considérations sur leur façon de travailler la question du corps dans la schizophrénie, notamment, en mettant en lumière leur abord des concepts clés de cette thèse : L'objet (a) et le trait unaire, tout en soulignant les différents abordages de ces concepts. Dans le RI 3, il s'agit du traitement de l'Autre, de la construction d'un Autre institutionnel incomplet qui peut ne pas tout savoir, tout en ouvrant la place au savoir du psychotique, à sa solution. Le travail est orienté sur l'accompagnement de la solution du psychotique, de son propre bricolage, de sa création, modifiant l'économie de jouissance du sujet. Il s'agit de construire, dans le transfert, la place d'un Autre qui permet de border la jouissance, tout en respectant les solutions du sujet pour se défendre du réel. Stevens (2000) fait des observations très intéressantes à propos du travail sur la psychose. Pour l'auteur, dans le traitement de la psychose, il faut permettre la création de « modes de bricolages des sujets psychotiques avec le réel de la jouissance et avec l'Autre du signifiant » (Stevens, 2000, p. 35). Chez le psychotique, le sujet ne peut pas trouver l'ancrage de la jouissance, la fixation donnée par le désir mais est « à la dérive par rapport à la jouissance » (Stevens, 2000, p. 34). L'auteur signale la différence entre l'ancrage de la jouissance et l'ancrage dans l'Autre. L'ancrage dans l'Autre peut être un aspect thérapeutique du signifiant maître dans l'institution, s'opposant à un Autre déréglé, mais il s'agit d'un support précaire, temporaire, tandis que l'ancrage de la jouissance est une solution particularisée de chaque sujet. Dans le même sens, Borie dans un débat (Baio et al. 2000) met en relief l'importance, dans le travail institutionnel, de la place du partenaire comme un Autre défaillant, et non pas à partir du père comme Autre, de même que Roullion qui, dans ce

même débat, donne quelques indications sur l'importance de supporter le psychotique sans recourir au père, de supporter la réponse du sujet face au réel.

Les travaux du groupe du RI3 focalisent le suivi de la solution singulière de chaque schizophrène à traiter la jouissance, de son invention pour construire un sinthome permettant au sujet de réaliser un nouage de RSI. Les institutions faisant partie du RI3 ciblent l'importance de l'établissement d'un Autre institutionnel incomplet, d'un espace où le savoir de chaque schizophrène peut se construire dans sa singularité. La position du psychanalyste peut être celle de limiter la jouissance, en donnant des bords à la jouissance illimitée, mais l'important est la création du schizophrène lui-même, comme forme singulière d'ancrage de son économie de jouissance.

On va alors présenter quelques cas cliniques publiés par l'équipe du RI3. Damase (2000) raconte le traitement d'un schizophrène qui alternait des moments de ravage, d'automutilation jusqu'au morcellement, et des moments d'inertie. Le psychanalyste considère qu'il y avait un traitement de sa jouissance par des passages à l'acte, par les coups et les gifles qu'il se donnait dans sa chambre. L'entrée de quelqu'un dans la pièce était perçue comme une agression, d'après les observations de l'équipe. L'auteur décrit une période dans laquelle l'enfant arrête son dialogue et dit d'une voix féroce qu'il hallucinait et commence à dire quelques mots isolés comme « slip », « drap », « bonnes vacances ». L'équipe donnait le slip et les draps au jeune, qui les mettait en lambeaux, les envoyait dans la cuvette des toilettes, s'automutilait, agressait celui qui lui avait donné l'objet et s'habillait ensuite avec ce slip et une paire de chaussettes. Après une période d'inertie, le jeune revient de vacances avec l'objet dont l'équipe lui a fait cadeau avant son départ. Il prend soin de cet objet, à savoir une poupée fabriquée avec deux noix de coco et un corps sculpté dans le bois. Pour la première fois depuis le tout début de son traitement, le jouet à la main ou assis à côté de lui en le regardant, le jeune s'est calmé. Quand Damase lui demande des nouvelles de sa poupée, il la nomme par le nom de son analyste et fait des gestes de tendresse envers la poupée. L'auteur signale que même la motricité fine du jeune garçon s'est améliorée après l'introduction de cet objet. Par la suite, le jeune continue à être très attaché à cette poupée qu'il finit par nommer « *Pouli* » et qu'il garde tout le temps avec lui, même pour prendre son bain. Après quelques bains, la poupée commence à perdre ses cheveux, les traits de son visage s'estompent jusqu'à disparaître et les deux parties de la poupée se séparent. Le

jeune part en vacances avec les restes de la poupée et revient avec une girafe en paille comme substitut de la poupée, qu'il appelle également « *Pouli* ». Cet objet exerce les mêmes fonctions que l'ancien. Damase signale une amélioration remarquable au niveau du corps du sujet, de sa posture, de ses vêtements, ce que l'auteur considère met en rapport avec l'objet comme point d'ancrage pour lui. Après cette construction des objets, l'auteur décrit un état d'apaisement chez l'enfant, qui s'amuse dans les conversations hors sens lors d'activités d'écritures. De l'avis de l'auteur, il s'agit d'un bricolage, mais encore temporaire. Bosquin dans un débat (Bosquin et al 2000) interprète la construction de « *Pouli* » comme ayant permis de condenser une jouissance qui était en trop, qu'il essayait d'automutiler, mais qui, localisée dans cette poupée, a pu se séparer du corps comme un « organe supplémentaire », ce qui lui a permis de prendre consistance. Dans ce même débat, Laurent affirme que cet objet installe une sorte de représentation de l'image du corps qui lui permet de stabiliser son corps. Il signale, aussi, qu'il ne s'agit pas d'une représentation du miroir, mais d'un objet qui échappe au miroir. C'est, dans ce cas, un objet qui se décompose, qui se sépare, mais dont la dissolution, le fait de ne pas tenir comme une unité imaginaire ou comme une représentation, n'empêche pas sa fonction de permettre une image du corps plus stable et l'établissement d'un nouveau rapport au signifiant. La vignette clinique de Damase (2000) montre l'importance pour certains schizophrènes de construire un objet, une poupée par exemple, dont la fabrication a des effets d'amélioration, y compris sur sa motricité. Cet objet, échangé par un autre objet exercera la même fonction et permettra de localiser la jouissance excessive dans un objet supplémentaire extérieur au corps. Cet objet ne s'inscrit pas comme un sinthome, mas comme un objet supplémentaire ayant des effets apaisants en raison de l'encadrement de la jouissance. Dans le débat cité, Laurent signale que cet objet-poupée a pour ce schizophrène la fonction d'un objet qui n'a pas de dimension spéculaire et qui permet, ainsi, une stabilisation de sa propre image du corps. Mais cette localisation de la jouissance dans un objet n'est pas une "recette de succès"; dans le parcours du traitement de la schizophrénie, le recours à un objet peut ne pas permettre de localiser la jouissance, comme nous allons le voir dans la vignette clinique de Coekelenbergh et Hennau (2000).

Coeckelenbergh et Hennau (2000) donnent quelques indications sur le traitement d'une jeune schizophrène. Dans ses crises, elle se mord et mord les autres, se gifle, se crache dessus, s'injurie et injurie les autres, son corps souffre tous les maux, ce qui provoque

en elle une panique généralisée. Ces crises sont accompagnées par des épisodes hallucinatoires, d'invasions de voleurs qui menacent sa mère, ou de la mère qui veut la tuer, en même temps que son corps éprouve des sensations douloureuses et agréables. Son corps est débordé par une jouissance qui n'arrive pas à être localisée, ayant besoin de l'autre pour arriver à localiser un endroit du corps qui doit être soigné. Cette schizophrène commence à écrire mais n'arrive pas à localiser sa jouissance, encore débordante. Les auteurs opposent ce cas à un autre, celui d'un jeune psychotique qui manifeste au début du traitement des crises similaires, mais dont le déroulement a permis de diagnostiquer une paranoïa. Ce jeune psychotique avait des crises au cours desquelles il menaçait de s'automutiler, déchirait ses vêtements, cassait ses personnages héros, lorsqu'il considérait que l'équipe avait de mauvaises intentions ou qu'il ratait son activité, et accusait l'Autre méchant, malveillant, d'en être le responsable. Il va traiter ainsi sa jouissance, en opposant les bons et les méchants. Les auteurs signalent une place possible comme témoin même dans la crise, ne suivant que sa logique, suffisante pour aider ce jeune à traiter sa jouissance, à traiter son Autre, et se calmer. Hellebois dans un débat (Borie et al, 2000) oppose la possibilité pour ce jeune de localiser la jouissance dans l'objet, pouvant traiter sa jouissance et tempérer le côté persécuteur, par rapport au traitement de l'objet de la jeune schizophrène qu'il considère non seulement inachevé mais même inachevable.

La possibilité chez le schizophrène d'une localisation de la jouissance en trop à partir de la création d'un objet hors corps est décrite par Damase (2000) à propos d'un cas où le rapport au corps propre se serait stabilisé à partir de la création d'un « *objet supplémentaire* » où localiser une partie de la jouissance, solution insuffisante dans l'autre vignette clinique d'un enfant traité par Coeckeleborgh et Hennau (2000), où la jouissance continuait à déborder de partout. Wathelet (2006) décrit la localisation de la jouissance à partir de l'extraction de l'objet d'un schizophrène ayant des traits paranoïaques. Il importe que chaque schizophrène trouve sa façon singulière de faire avec sa jouissance, de sa défense du réel, la place de l'analyste étant de respecter cette solution, lui permettant de trouver un point d'ancrage de la jouissance qui n'est pas donné par l'Autre puisque même si l'analyste peut border, limiter la jouissance excessive, cela serait toujours un support précaire, tandis que la création du propre ancrage de la jouissance par le schizophrène à partir d'un bricolage avec du réel serait une solution qui peut effectivement modifier l'économie de jouissance du sujet.

Abordons, maintenant, un cas d'autisme diagnostiqué, mais pour lequel il est possible d'avancer une autre hypothèse diagnostique, basée dans le récit du transfert et des données cliniques décrites par son analyste.

L'impossibilité du recours aux discours établis pour fixer la jouissance pourrait trouver une solution à travers la mise en place de l'écriture et de la lettre, limitant la jouissance, en la localisant. Mais il existe d'autres solutions possibles pour le schizophrène. Holvoet (2008) signale que le schizophrène incarne par sa position subjective le réel sans avoir recours à une structure de fiction construite par des discours établis – ce qui est possible dans la névrose et même dans la paranoïa, mais, dans la schizophrénie, le symbolique n'est pas mis en œuvre pour éviter le réel. Ce n'est pas que le symbolique n'existe pas mais il n'est pas ordonné, et pour lui tout symbolique est du réel, le langage ayant un effet réel sur le corps puisque chez lui « la chose fait irruption par la langue elle-même et avec des effets de réel » (Holvoet, 2008, p. 84). Le symbolique est une défense du sujet face au réel puisque le monde sans la mise en place de la fiction par le symbolique est « trop lourd de réel » (Holvoet, 2008, p. 84), et le schizophrène attaque ce trop lourd. La question qui se pose est de savoir « comment avec du réel faire du moins, comment faire entrer le moins dans le réel alors même que le manque n'existe pas dans le réel. » (Holvoet, 2008, p. 86). Une des défenses utilisées par le schizophrène est l'ironie qu'il utilise pour attaquer l'Autre. Une autre modalité de défense sera la négativation réelle, la mise en place d'une perte réelle qui peut concerner le réel du corps.

Nous allons aborder quelques éléments travaillés dans le livre « Les structures de la psychose » (1988) où les auteurs font des observations sur la psychose à partir du cas d'un enfant psychotique. Le traitement de Robert, cet enfant de structure paranoïaque réalisé par Rosine Lefort, commence à l'âge de trois ans et neuf mois et dure environ deux ans. Au début du traitement, Robert n'utilise que trois signifiants : « *madame* », « *oui-non* » et « *bébé* ». Selon Rosine Lefort, à sa vue, Robert disait « madame », mais également quand il voulait faire taire des enfants qui criaient. La conjecture de Rosine Lefort, c'est qu'il s'agissait d'un S1, mais d'un S1 pétrifié, faute du S2. « L'objet (a) est tout à fait absent pour Robert, et son rapport au petit autre, par l'intermédiaire de

l'Autre, le détruit complètement. Rien ne choit, ni de lui ni de l'Autre, si ce n'est lui-même » (Lefort & Lefort, 1988, p. 30).

Robert est placé dans une institution après une période de vie marquée par les crises psychotiques de sa mère paranoïaque – au cours desquelles elle avait essayé de l'étrangler et avait du mal à satisfaire sa faim - et des interventions chirurgicales abruptes pendant lesquelles le biberon, dont il était auparavant privé, lui était imposé de force, pour l'empêcher de crier pendant l'opération. Selon la psychanalyste, le signifiant « *madame* » que Robert émet, doit être mis en relation avec les cris - son propre cri et celui de sa mère, séparée de lui lors de l'hospitalisation. Il s'agissait selon la psychanalyste du surgissement de l'Autre sans manque, de l'Autre tout puissant avec le biberon en trop, sans le cri du sujet, le biberon sans cesse présent.

Pendant le traitement de Robert, Rosine Lefort fait un récit détaillé du travail minutieux mis en place autour des séparations des objets : oral (le biberon, du lait, de l'eau), anal (les excréments), scopique (les lunettes, la lumière), la voix, le pénis désigné par l'objet crayon qui devient ce que Rosine Lefort appelle « un objet à prendre sur l'Autre » (Lefort & Lefort, 1988, p. 67), un objet qui n'est pas spécularisable. Il s'agissait de pouvoir faire un trou dans l'Autre non manquant, de permettre une séparation, une coupure, pour que l'objet puisse appartenir au sujet. La compréhension de la psychanalyste sur les manifestations d'automutilation de la part de cet enfant serait celle d'un essai de coupure réelle.

Dans le traitement, il y a tout un travail autour des objets prélevés sur l'analyste, sur le corps de Rosine Lefort dans l'effort d'inscrire un moins, une négativation qu'il essaie de faire dans le réel. Il tente de chercher ce moins dans le réel. Il y a une construction en analyse qui permet à l'enfant d'élever le biberon en faisant le vide autour du biberon, isolant un objet, isolant un, ce qui entraine le mouvement de faire entrer le moins, à partir d'une coupure dans le réel du corps. Après l'inscription dans le réel du corps de ce moins, l'enfant va retrouver « le signifiant de l'Autre disparu » (Lefort; Lefort, 1988, p. 103), le « *maman* » qui remplace le « madame », et puis autour du trou, du trou du signifiant mis en scène par le trou réel du vase sanitaire, l'enfant va désigner un nouveau signifiant. On suit le surgissement du signifiant « loup » que la psychanalyste considère comme « un signifiant pur qui ne renvoie à aucun autre signifiant, mais

seulement au Réel d'un trou ». (Lefort & Lefort, 1988, p. 127). Le « loup » surgit face au trou et va permettre une désignation d'un dehors et d'un dedans. Le « loup » va être situé dehors, au-delà de la fenêtre et de la porte de la pièce, et l'intérieur de la salle de consultation va être divisé en deux : une partie pour l'enfant et une partie pour l'enfant et l'analyste. Les séances vont se dérouleur autour du circuit des objets entre ces trois parties. Selon Rosine Lefort, dans le transfert, dans la relation de Robert avec l'analyste, il s'agissait d'une relation à un Autre d'abord tout complété (A plus a) qui va, par la suite, pouvoir exister comme un Autre qui peut manquer. Ce surgissement d'un signifiant nouveau permet à l'enfant d'y localiser une jouissance qui était dispersée, ce « « loup », signifiant du trou » (Lefort & Lefort, 1988, p. 189). Par la suite, l'enfant parviendra à utiliser son prénom pour désigner les objets, puis pour désigner leur possession, enfin pour se désigner face au miroir. À propos du traitement de Robert, Soler (2002) donne les indications suivantes sur cette construction : le « *madame* » était un signifiant absolu d'une « présence toute jouissante » (p. 142), le « maman » prononcé par Robert est lancé dans le vide, comme le signifiant d' « une toute absence » (p. 142), c'est le « signifiant de la perte réelle de la présence, ainsi que de la perte réelle de la satisfaction des besoins subordonnée à la présence (…) c'est un être tout pas là » (p. 141). Soler souligne l'existence d'une aliénation qu'elle désigne comme mortelle puisque « soit le sujet se propose comme miroir de l'Autre, soit il tombe dans un laisser choir absolu » (p. 141). Le trou du WC « supplée (…) au trou symbolique qu'il n'y a pas dans l'Autre, et que « loup » supplée au signifiant de ce trou dans l'Autre (…) ce serait un retour dans le réel (…) de la négation qu'implique le symbolique » (p. 142). Soler désigne le signifiant « *loup* » comme un signifiant nouveau surgi dans le traitement, comme « le signifiant du persécuteur – ce qui nous explique sans doute le diagnostic de paranoïa » (p. 142). Soler signale la réalisation de la négativité du langage mise en place dans le traitement de Robert, dans le transfert, de la création du manque, du trou, permettant la localisation de la jouissance dans le signifiant « le loup ». Soler considère que chez Robert, le traitement de Rosine Lefort était « une suppléance à l'opération primordiale de symbolisation de l'absence » (p. 146), l'enfant pouvant effectuer « la réalisation de la négativité du symbolique » (p. 147), car chez Robert, il s'agissait de créer dans le transfert d'abord une place qui manque, l'inscription première d'un manque qui doit surgir pour que la première inscription puisse être faite, l'inscription du désir de la mère, d'où l'importance du corps de l'analyste dans le traitement des petits enfants comme Robert où le travail serait d'abord centré sur le

concept de l'objet (a) et sa relation à l'Autre barré, au désir de l'Autre. L'analyste devait pouvoir « supporter le corps à corps avec l'enfant, parce qu'il est clair qu'avec Robert, il ne s'agissait pas seulement d'écouter. (…) elle prête son corps, mais toujours avec le postulat du transfert » (p. 145). Il s'agissait d'un Autre marqué du désir, un Autre réglé, avec qui il a construit un « Autre à perdre » (p. 149).

Holvoet (2008) signale que le traitement conduit par Rosine Lefort a permis de transformer une jouissance non marquée par le signifiant au départ à une jouissance qui a perdue une partie. L'auteur distingue quatre temps dans le traitement : le premier est celui de la castration réelle mise en place par la tentative d'automutilation du pénis par l'enfant. L'auteur met en rapport cette tentative de castration dans le réel avec les tentatives de l'enfant de commencer à faire le vide à partir de l'objet biberon comme une forme de créer un bord qui cerne l'objet pulsionnel. L'auteur signale que c'est le bord qui cerne le trou, qui permet de faire le vide autour d'abord du biberon, puis autour de Rosine Lefort.

> « Faire le vide autour » est ici une façon de faire bord et d'isoler un objet, le biberon, qui se présente alors comme +1. C'est l'érection de ce 1 qui, corrélativement, appelle l'exigence à faire entrer dans le réel du corps un moins. Il y a comme l'entrée en fonctionnement, dès le début du traitement, d'un moins qui tente de s'inscrire dans le réel. Ce moins va décliner de différentes façons puisque l'objet suivant que Robert va prélever c'est tout simplement le trou des WC. Il va aller chercher les WC en dehors du local où il rencontre Rosine Lefort, emmenant l'analyste par la manche pour lui montrer le trou. A la place du trou surgit un signifiant : « loup » (Holvoet, 2008, p. 89).

Holvoet (2008) souligne, alors, que dans cette séquence il s'agit du deuxième temps du traitement, d'une « réelisation » du symbolique, que ce trou que l'enfant cherche, le trou des WC incarne le manque dans le réel, une coupure, une annulation permettant une séparation entre symbolique et réel. Il y a la nécessité de cette négativation, une nécessité symbolique que l'enfant effectue dans le réel et qui le conduit vers le symbolique. L'auteur signale que « c'est bien un trajet qui va du réel vers le symbolique, qui attaque le symbolique avec du réel et non l'inverse » (p. 90). C'est le contraire d'une symbolisation où il s'agirait du symbolique produisant le réel, l'objet (a). Ce qui correspond à (a), c'est « le moins ou ses tenants lieu puisque le manque

n'existe pas dans le réel.(…) il n'y en a que des tenants lieux, par exemple le trou d'un WC » (p. 90).

Le troisième temps du traitement est celui de l'extraction de l'objet. L'auteur signale le moment de l'extraction de l'objet anal dont l'enfant fait cadeau à l'analyste et le moment de l'extraction de l'objet regard quand il pose son regard sur l'analyste et que le regard n'est plus intrusif mais apaisé. Il s'agit alors d'une extraction « *réelisée* » de l'objet, une « *réelisation* » de l'extraction de l'objet (a) à partir du tenant lieu du moins, le trou qui a permis l'extraction de l'objet (a).

À partir de l'extraction de l'objet anal et de l'objet regard, s'inscrit un moins qui va permettre le repérage chez l'enfant de son propre reflet sur la vitre. A ce propos, Rosine Lefort relate deux séquences : dans la première l'enfant s'offre nu à son regard et, dans l'autre, l'enfant se pose la question de son être comme un moins à partir d'une poupée fille. Holvoet (2008) signale que cette déclinaison du moins peut permettre à cet enfant d'avoir un corps. Le quatrième temps du traitement est, alors, celui de la construction d'un corps. Il s'agit d'une acquisition d'un avoir qui est traduite par « *Robert possède* ».

Alors, Holvoet synthétise-t-il ainsi le traitement:

> Il y donc une opération de vidage qui consiste à faire le vide autour d'un objet qui produit ainsi dans le traitement un simulacre de castration réelle, qui permet la « réelisation » du symbolique ; celle-ci produit l'extraction de l'objet (anal et scopique). Et enfin nous avons un enfant se construire un corps et passer de la pétrification à l'identification, c'est-à-dire à *avoir* un corps (Holvoet, 2008, p. 91).

L'importance du corps de l'analyste est mise en lumière dans le récit du cas et dans les analyses postérieures du maniement clinique dans le traitement de Robert. Pour Solano-Suárez (2010), il s'agit pour l'enfant de l'incarnation de l'analyste en loup, le corps de l'analyste comme support à l'expulsion du « *le loup* » hors de l'enfant. Alors, le traitement met en relief l'importance de la présence du corps de l'analyste pour que l'enfant puisse construire le sien, pour qu'il puisse « « détacher » les objets en les découpant de la surface du corps de l'analyste » (p. 27). Il faut d'abord le temps de la construction de la fonction du pot vide, à partir de la présence de l'Autre / analyste dont

le corps est en jeu dans la séance. Dans le même sens, Guéguen (2010) souligne l'importance du corps de l'analyste, du fait que Rosine Lefort laisse l'enfant en traitement manipuler son corps, C'est dans les manipulations du biberon, des fèces, de l'eau, etc. comme une « dialectique des objets, qui précède toujours l'usage du signifiant, que se porte l'attention de l'analyste. Il s'agit – selon elle – de « morceaux » de corps » (Guéguen, 2010, p. 52). Selon l'auteur, la constitution de l'objet chu ne serait mise en place qu'après une double opération : l'objet est un reste et il est devenu hors corps, à partir d'une opération de séparation qui va être l'opération même de séparation d'avec l'analyste, d'avec l'Autre.

Le rôle de l'analyste était d'introduire un « Autre sur mesure » (Lacadée, 2010c, p. 69), un Autre signifiant et aussi de « supporter le corps à corps, sous l'angle du transfert » (Lacadée, 2010c, p. 69). Dans le même sens, Vicens (2010) affirme l'importance du corps de l'analyste dans le traitement, comme un objet de l'analyste en tant que réel, qui va permettre une intervention sur l'objet, une intervention sur le réel. C'est dans cette intervention sur le réel, que peut s'extraire un objet. C'est à partir du concept de l'objet (a) que l'auteur nous propose de comprendre la place de l'objet dans tout traitement, et notamment dans le traitement de la psychose.

L'objectif du choix du traitement de Robert est de souligner les lectures qui ont été dégagées sur le maniement à partir du concept de l'objet, de l'inscription d'une négativité dans ce travail de « *réelisation* ». La mise en évidence d'abord des efforts de l'enfant pour créer une coupure réelle, des automutilations comme des tentatives de créer un bord qui cerne l'objet, qui permet d'isoler un, puis la mise en scène d'une construction autour du trou réel du wc jusqu'au surgissement du signifiant loup permettant l'inscription d'une expulsion d'un dehors. La lecture éclaircissante de Holvoet (2008) indiquant alors un parcours achevé du traitement de la jouissance et de l'inscription d'un moins à partir du travail avec l'analyste, met en relief la place de Rosine Lefort comme Autre barré. Holvoet souligne le travail de « réelisation » du symbolique à partir du trou incarnant le manque dans le réel, comme différent de la production de (a) puisque chez Robert il s'agit de ce que l'auteur désigne d'un tenant lieu du moins où peut s'inscrire un moins dans le réel.

Pour suivre nons réfléxion sur le corps de l'analyste dans le traitement, voici, également, quelques éléments portant sur ma rencontre avec un jeune schizophrène lors de mon séjour de recherche dans une institution psychanalytique de traitement des enfants et adolescents autistes et psychotiques. Cet enfant était très persécuté par mon entrée dans l'institution lors de ma première semaine. Dès qu'il me voyait, il se cachait et criait « *ne me regarde pas* » ou « *ça ne te regarde pas* ». Moi, j'évitais le contact direct des regards. Puis, un jour il va me surprendre, alors que j'étais distraite. Je ne me suis pas rendu qu'il avait pris mes gants. Au moment du dîner, je vois qu'il montre ses mains recouvertes de mes gants et me salue d'un ciao. Surprise, je me mets à rire. Les autres adultes commencent aussi à rire et disent qu'il m'a fait une blague. Il répète la scène à plusieurs reprises et puis me rend les gants, en me disant « *on joue à cache-cache, Marina, on joue à cache-cache* ». Il peut alors jouer à cache-cache avec moi, tout en portant mes gants. Après cet épisode, il va souvent me demander de jouer à cache-cache avec lui. La construction de ce jeu est le seul moment où il arrive à utiliser le Je pour se désigner quand c'est lui qui disparaît, ainsi que s'appeler par son nom, quand il produit lui-même le trou de l'absence en se cachant. Ce jeu d'alternance présence / absence où il se cache derrière ses mains et dit coucou, va se dédoubler dans un jeu de cache-cache dans lequel son absence est désignée par le mot anglais qu'il dit « *lose / loose* », c'est-à-dire perdre. Cela pouvait aussi bien désigner – mon hypothèse - un loose (I loose / You loose), c'est-à-dire que moi, je perdais quelque chose, une partie de moi-même. Il s'agissait d'une place dans l'autre manquant / l'Autre qui manquait, marqué par une perte, et lui aussi perdait une partie de lui-même. La place de (a) dans l'Autre, nécessaire à l'extraction du regard du champ scopique, par l'inscription d'un jeu d'absence – présence. Il faut souligner le fait que cet enfant – français - n'allait pas à l'école mais il utilisait l'ordinateur où la langue anglaise faisait partie de « *la langue de l'ordinateur* ». Cet enfant, peut-on-dire, avait procédé à l'extraction d'un objet sur mon corps, d'une partie détachable de moi, qui lui avait permis de s'apaiser. À la fin de mon séjour dans cette institution, la responsable de mon contrôle (Véronique Robert) m'entendant parler de ce cas et du transfert en jeu m'a recommandé la lecture d'un article qui allait paraître sur cet enfant. Voyons, maintenant, d'autres questions qui ont été abordées dans l'article de Céline Aulit « *Ça ne te regarde pas* » et dont le thème montre d'autres facettes du transfert de ce garçon avec l'équipe responsable de sa prise en charge. La psychanalyste raconte que l'enfant avait du mal à accepter d'être regardé lors de son arrivée à l'institution. Il lui fallait se cacher de tous. Mais, un jour, il a

appelé la psychanalyste dans la salle de bain où il venait de prendre sa douche et lui a montré du doigt le miroir embué où il avait inscrit son nom pour la première fois, alors que le miroir lui était jusque là insupportable. Il a, ensuite, commencé à utiliser un appareil photo pour regarder le monde et la formule « *Ça ne te regarde pas* », qui mettait le regard intrusif à distance. La psychanalyste analyse cet épisode comme la possibilité de border le regard dans le miroir à écrire son nom comme permettant de supporter l'objet regard et de pouvoir ensuite se laisser regarder dans le jeu de cache-cache.

Ceux qui travaillent dans le cadre de la clinique de l'autisme et de la psychose relèvent l'importance de la présence de l'analyste en corps, d'un analyste chez qui il y a un vide, un manque, qui ne suture pas son manque. Lacan met en relation la place de l'analyste dans le transfert à mise dans lui de l'objet (a). La charge de l'analyste étant décrite comme « d'avoir à l'intérioriser, ce petit (a), le prendre en lui (…) et que c'est de là que surgirait toute la créativité par où il doit restaurer, du sujet, l'accès au monde » (Lacan, 1962-1963, p. 105) et « pour manier la relation transférentielle, nous avons, en effet, à prendre en nous, à la façon d'un corps étranger, une incorporation dont nous sommes le patient, le petit (a) dont il s'agit, c'est à savoir l'objet, au sujet qui nous parle, absolument étranger en tant qu'il est la cause de son manque » (Lacan, 1962-1963, p. 108). Le vide dans l'analyste est situé, selon Julien (1990) par rapport à l'inscription chez lui du vide créé par une nouvelle structure, du second tour mis en évidence dans cette figure de topologie car le re-tour du double huit intérieur *«* instaure un espace vide, un écart spécifique entre le premier et le deuxième tour » (p. 22). L'objet (a) « se tient entre le sujet et l'Autre (…) comme plaqué et amarré sur chacun des deux corps » (p. 151). La barre sur l'analyste, sur l'Autre est mise en relief par Julien, d'où l'importance de l'inscription d'une place vide dans l'Autre, inscription possible par la lettre ; le rôle de l'objet (a) dans sa fonction d'inscription du vide, du trou. L'auteur décrit l'importance de l'analyste en corps (la présence de l'analyste /le corps de l'analyste) – corps imaginaire, corps réel et corps symbolique. Signalons que le corps imaginaire n'est pas ici le corps du narcissisme, il ne s'agit pas du moi, de l'image du corps de l'analyste, mais de son imaginaire par rapport à la consistance du nœud. Le corps réel, c'est le tissu, l'étoffe. Il faut mentionner l'importance de l'inscription du trou dans la lecture suggérée par Julien. On pourrait considérer qu'entre l'imaginaire, des premiers séminaires de Lacan, l'imaginaire du narcissisme, et le dernier imaginaire de Lacan,

l'imaginaire dans les nœuds, dans la topologie, par rapport aux trous, à la consistance, il faudrait aussi situer un écart entre le premier tour et le retour comme permettant la création du vide. Dans la séance du 21/06/1972 du séminaire « …Ou pire » (1971-1972), Lacan affirme que « l'analyste en corps installe l'objet a ». Dans la clinique de l'autisme et de la schizophrénie, il ne s'agit pas de l'analyste à la place du semblant, mais du corps de l'analyste en chair sur lequel peut s'inscrire un moins. L'analyste supporte l'inscription sur son corps d'un tenant lieu de l'objet (a) pour le schizophrène, d'où l'importance de la présence corporelle de l'analyste.

Je vais extraire quelques vignettes de la prise en charge d'une petite fille de 4 à 7 ans pour discuter quelques considérations sur la schizophrénie. Dans les entretiens initiaux, les parents ont déclaré que l'enfant s'automutilait, passait d'un sujet à l'autre dans une conversation, parlait sans arrêt, disait des choses bizarres, des choses que l'autre pensait sans les avoir encore dites, mangeait trop, paniquait en entendant des bruits, volait les aliments d'autres étudiants, était incapable de communiquer quand elle avait une souffrance physique, ne sentait pas de douleur même quand elle se cassait un membre du corps, et parlait d'elle à la troisième personne. Une intervention autour d'un établissement possible de différences, de positions, de places, a été réalisée en montant un arbre généalogique, où les hommes se différenciaient des femmes par des couleurs (bleu – rouge), et les différentes générations, au travers de collages. Il s'agissait, en fait, de construire quelques repères. Elle a effectué quelques paires d'oppositions. Au cours de la deuxième année du traitement, elle a commencé à jouer avec des poupées. Lors des séances, nous avons travaillé la question de la définition des femmes et des hommes, des traits physiques caractérisant chacun d'eux. Autre question travaillée, la définition des générations (grands-parents, parents, enfants fils et filles et un bébé) ; pour elle, les personnages étaient toujours les membres de sa famille. Quand elle faisait du théâtre, quelques règles se sont établies, par exemple : la poupée grand-mère ne peut pas embrasser la poupée mère ou la poupée fille, et la poupée fille ne peut pas embrasser le poupon père. Diverses séances ont, donc, tourné autour de ce qui était permis ou interdit dans les rapports des personnages de différentes générations. Elle a commencé aussi à mettre en scène d'autres questions qu'elle trouvait difficiles; un des thèmes très présent dans cette phase du traitement était la différence entre dormir et mourir. Pour elle, il était difficile de situer parmi ceux dont les yeux étaient fermés, si l'un était mort et l'autre vivant (endormi). La possibilité pour l'enfant de créer un

premier couple d'opposition peut être comprise comme un premier pas vers l'établissement d'une différenciation qui permettrait d'enregistrer une différence au niveau du corps.

J'ai introduit, alors, un journal intime où j'écrivais ce qui s'était passé après chaque séance. À la fin, elle me demandait toujours d'y ajouter son dessin que je considérais comme le compte-rendu de sa séance. On écrivait aussi une marque quand elle était absente ou en vacances. Adopter ce journal intime, ce compte rendu où elle pouvait inscrire quelque chose l'a plutôt apaisé.

Elle n'arrivait pas à se représenter dans ces dessins ; si l'on lui demandait quel était son prénom, quand elle se parlait à la troisième personne, elle se montrait. Par contre, elle était incapable de se dessiner sur une feuille. Comme au départ, elle était très intéressée par l'écriture de mon prénom, nous en avons travaillé les lettres. À la fin de chaque séance, elle s'intéressait à l'écriture de son nom dans l'emploi du temps de l'institution. Quand on lui demandait d'écrite son prénom, elle dessinait quelques traits, et plus tard, elle a commencé à faire un cercle quasi fermé pour se montrer dans les dessins.

Dans la deuxième année du traitement, elle a commencé à dessiner mon corps quand on lui demandait de se dessiner. Couramment, au début de chaque séance, elle venait se coller à mon corps, je lui parlais et lui demandais peu à peu de s'asseoir, alors elle se décollait pour aller à sa place. Soler (2002) signale la fonction du corps de l'analyste à la place de l'Autre mis en rapport à la possibilité de construire des bords qui n'ont pas encore été construits, mais qui peuvent être organisés à partir du corps à corps avec l'analyste. Dans ce cas, comme il est courant dans la clinique avec les enfants psychotiques, l'on s'aperçoit de l'entrée en jeu du corps de l'analyste comme bord.

Après cela, elle était capable de dessiner le corps - pas le sien mais le mien- ce qu'elle faisait avec un cercle fermé pour le corps et deux traits barrés pour les membres. Au moment où je suis sortie de l'institution, elle a commencé à faire une première lettre pour se désigner. Dans la clinique de la schizophrénie, l'analyste doit impliquer son corps propre pour permettre la réalisation d'un travail où une perte réelle peut s'inscrire, modifiant l'économie de la jouissance.

IV.II. Lalangue et le corps dans la schizophrénie.

Les vignettes cliniques décrites ainsi que les articulations théoriques dans ce sous-chapitre, focalisent le vécu de la dispersion du corps dans la schizophrénie, par rapport à l'absence de recours à un discours établi, ce qui peut être supplanté par une construction singulière d'un nœud entre RSI. On aborde aussi l'incidence directe du langage sur le corps dans la schizophrénie, d'où le soin à apporter dans le traitement du schizophrène qui, ayant une écoute au pied de la lettre de ce qui est dit, prend ce qui est dit comme réel.

L'une des rencontres les plus marquantes dans mon travail avec les schizophrènes est celle d'un adolescent que j'ai connu lors d'un stage de recherche dans un hôpital psychiatrique plein temps. Il donnait l'impression d'être une jonction de parties d'un corps sans colle. Il avait le corps désarticulé, comme si il partait dans tous les sens. Il tombait tout le temps, avait toujours faim ce qui, pour lui, était comme un trou dans le corps qu'il fallait vite combler. Son corps semblait ne pas tenir ensemble et l'on avait la sensation qu'il pouvait en perdre une partie à chaque mouvement. Face à son angoisse de morcellement, il se calmait quand je bordais son lit. Malgré toutes ces difficultés dans le domaine moteur il arrivait à ranger ses affaires dans sa chambre, mais border le lit était pour lui une tâche impossible. Parfois, le fait d'être habillé désamorçait la crise qui se préparait ; mais quand celle-ci était déclenchée, aucun vêtement ne pouvait maîtriser ses angoisses corporelles de morcèlement et il essayait même, parfois, de couper une partie de son corps. Dans ses crises de colère, quant il était envahi par des angoisses de morcèlement, la seule intervention capable de l'apaiser était de le mettre dans la baignoire, de lui donner un bain. Laurent dans un débat (Boen et al, 2010) raconte que dans le cas d'un schizophrène, soulignant qu'« une fois qu'il est entré dans la dérive, après ce point de réel qui a fait basculer un système, il faudra trouver « un point d'ancrage » (Laurent, 2010, p. 81). Ce point qui permet un ancrage est en rapport aux traits singuliers de chacun « qui ont compté pour ce sujet-là, et dans lesquels les intervenants se sont glissés, ce qui a permis d'obtenir une traduction de jouissance, d'obtenir une jouissance qui soit compatible avec certains régimes de plaisir, d'obtenir le moment de penser à rien, d'obtenir quelque chose qui arrête » (Laurent, 2010, p. 81),

ce qui peut être mis en place par un bain, par un entourer le corps, étant donné que « se trouver dans le bain, retrouver les limites du corps, joue une fonction apaisante » (Laurent, 2010, p. 80), créant un point d'arrêt, un point d'arrimage, là où il n'y a pas de structure point de capiton entre le symbolique et le réel.

Le jeune schizophrène que j'ai rencontré aimait beaucoup chanter, surtout en mixant des chansons de langues étrangères. Il aimait les intonations des langues étrangères et transformait les mots en chantant, ce qui donnait une langue inconnue, complètement hors sens. L'un des moments où je l'ai trouvé le plus apaisé était une fois où il chantait ses musiques face à la TV seul dans la pièce. Sans trop réfléchir, je me suis mise à côté de lui et j'ai commencé à danser au rythme de la musique. Puis, une autre psy (Nathalie) est rentrée et s'est mise elle aussi à danser. Quand je repense à cet épisode, après coup, je crois que cela a permis d'établir une forme de lien social sur la création de cette langue qui le calmait, alors qu'à chaque mouvement on avait la sensation qu'une partie de son corps allait marcher seule ou tomber, qu'il était en train de se fragmenter. L'avis clinique de l'équipe était que son corps n'avait aucun point d'ancrage du côté du signifiant, du branchement signifiant sur son corps. Diverses situations même quotidiennes (ne pas arriver à faire un calcul mathématique) pouvaient provoquer de fortes angoisses. Quelquefois il se tranquillisait quand on lui parlait, en chantant, en lui prenant la main mais d'autres fois il fallait le laisser se calmer dans la baignoire. L'eau qui l'entourait semblait lui donner un corps. Il parvenait à faire des activités quotidiennes, mais il fallait qu'un adulte borde son lit, ce qui pour lui était impossible et qu'il vivait comme une situation très angoissante. L'habillage du corps paraissait rassembler son corps.

Il existait chez lui, d'après la description qu'on m'en avait faite, une certaine forme de débridement. Son père lui avait offert des pistolets à pétards, et cela avait fait le 'pétard'' dans le groupe, vu l'agitation dont il avait été pris : « le pétard, ça fait tout péter » ; c'était l'éclatement du corps. D'autre part, il inventait des mots n'appartenant pas au lexique, il s'agissait plutôt d'une décomposition et d'une recomposition de la langue qui lui était propre : « *un esquelêtre* » pour un squelette

Pour réfléchir sur le corps chez ce schizophrène, les formulations de Holvoet (1993) par rapport aux questions du corps dans la psychose, à partir du concept de la jouissance,

me semblent intéressantes. Dans la schizophrénie, la jouissance reste dans la chair. L'auteur signale que n'ayant pas recours à une signification phallique, la jouissance peut « faire des ravages sur le corps, plus précisément d'ailleurs sur la chair du corps, car dans ce cas rien ne fait corps » (Holvoet, 1993, p. 59). Nous pouvons suivre quelques indications sur le cas d'une schizophrène de douze ans dont l'auteur commente le traitement dans ce même texte. La question centrale était de savoir comment il était possible à la jouissance de « s'appareiller sans le moyen du discours » (Holvoet, 1993, p. 59). L'auteur part des propos de Lacan, à savoir que chez le schizophrène le langage n'a pas mordu sur le corps et que pour cela il a du mal à s'arranger avec ses organes. L'auteur nous propose de réfléchir sur un phénomène clinique fréquent dans la clinique avec les schizophrènes et qu'il a pu observer chez cette schizophrène qui alternait les moments de totale inertie et d'absence dans les groupes, et ceux d'un branchement presque machinal quand elle parlait avec un autre. L'auteur émet l'hypothèse qu'il s'agirait d'une tentative d'articuler quelque chose, d'une tentative d'appareillage de la jouissance sans le recours du nouage d'une signification (qui est toujours phallique), ni le recours d'un nouage à une métaphore délirante. Dans la schizophrénie, on ne retrouve pas de fixation en S1, ni de fixation imaginaire au niveau imaginaire, ni un arrêt au niveau symbolique. Ces signifiants Sx qui ne sont pas associés comme entités séparés mais confus dans la schizophrénie, indiscriminés.

À partir des formulations de Holvoet (2008), on aborde la manière de penser une négativation de la jouissance en excès dans la schizophrénie, considérant que le langage dans la schizophrénie a un effet réel sur le corps. Faire entrer un moins avec le réel est une question très pertinente soulevée par le psychanalyste – présente dans le quotidien de notre clinique avec les schizophrènes. Holvoet souligne les tentatives d'inscription d'une perte réelle, principalement par rapport au corps propre, où il suggère que nous pouvons situer la question de l'extraction de l'objet (a). Plusieurs psychanalystes commentent l'importance du corps de l'analyste dans le traitement de la psychose, d'avoir un corps marqué par le désir, marqué par le manque comme un « outil » du traitement, aidant une possible construction du corps chez le psychotique.

Quinet (2006) souligne que l'unité orthopédique ne suffit pas à construire l'un du corps puisque chez l'humain, l'inscription des signifiants est nécessaire : à partir de ce que l'auteur désigne comme l'inscription du corps symbolique, le corps inscrit par les

signifiants, l'appréhension du corps par un discours qui permet au sujet de trouver les fonctions des organes, sinon le corps risque de se disperser dans le réel. Chez le schizophrène, le langage ne mord pas sur le corps et sans la construction d'un corps symbolique, les mots ont une incidence directe sur le réel du corps. Les phénomènes d'automatisme corporel marquants chez le schizophrènes sont en effet, selon l'auteur, une tentative de récupérer l'organe par le mot, au risque d'un effet de cadavérisation ou de catatonie, puisque n'ayant pas le recours aux inscriptions d'un discours sur le corps, le manque de l'incidence du signifiant sur l'organe est exemplifié par l'auteur par un cas clinique d'un schizophrène chez qui il y a avait une équivalence entre les maux invisibles dont il souffrait sur le corps et les maux de mots.

Le travail autour de la lettre dans la schizophrénie, autour des S1s de lalangue, peut créer un site où localiser la jouissance, le site de la face réelle de la lettre. À ce propos, on va aborder brièvement le compte rendu du traitement d'une jeune schizophrène de six à dix-huit ans décrit par Haarscher (2003). La jeune fille avait des sacs remplis d'objets qu'elle ramassait et qu'elle disait être des mots. Un jour, on lui propose de dicter le nom des choses. L'équipe les tapent et les impriment. Et la jeune fille décide de ne garder, dans le sac, que les mots écrits. Elle est décrite comme très rigide par rapport à une exigence de perfection dans l'utilisation de la langue. La plus petite erreur pouvait l'amener à des crises d'automutilation, des ritournelles sans cesse, jusqu'aux auto-agressions. Quand elle demande au psychanalyste d'écrire, ce qu'il va faire puisqu'elle-même ne sait pas écrire, elle va cesser de se mutiler, ce que l'auteur analyse comme la lettre pouvant l'aider à se fixer, à trouver un point d'arrêt. L'auteur aide, alors, la jeune fille à élargir son lexique, dans un travail sur la langue. Il signale toutefois une différence entre l'utilisation automatique de la langue, au moment où après s'être trompée de mot, elle le répète à l'infini, et commence à avoir des soubresauts immaîtrisables, et une utilisation de la langue sur laquelle elle fait un travail au niveau de la sonorité, comme par exemple en répétant « tout tout tout tout suite » ce qui va moduler son rapport à la langue, son corps n'étant plus agité.

Il ne s'agit pas d'interpréter ses investissements de mots / lettres car les interpréter pourrait n'avoir aucun effet ou, pire, déchaîner la jouissance que ces mots / lettres accueillaient. Mais il est peut être nécessaire d'intervenir dans le sens de soutenir ce travail d'investissement de lettres, avec quelquefois la nécessité pour l'analyste

d'intervenir afin d'aider le sujet à stopper l'envahissement d'une jouissance Autre illimitée. L'hallucination peut être la source d'un travail d'élaboration. Dans la paranoïa après l'émergence de la perplexité face au signifiant déchaîné et la jouissance délocalisée, il peut y avoir un nouvel investissement de la jouissance sur le signifiant, un nouvel ancrage de la jouissance au signifiant, pouvant, dans les cas d'une construction délirante réussie, suturer, restructurer la chaîne signifiante. Or, chez la plupart des schizophrènes, notamment ceux qui n'ont pas de traits de paranoïa, le travail sur le signifiant déchaîné n'arrive pas à construire une suture de la chaîne signifiante et la jouissance débordante envahit leur corps. Tandis que le paranoïaque peut lier les S1 déchaînés avec les S2, dans la schizophrénie, l'hallucination peut être élaborée à partir d'un travail sur les Sx, les S1 à partir de la dimension de la lettre.

À propos du primat de la lettre dans la schizophrénie, mentionnions quelques constatations sur le cas d'un schizophrène soigné par la psychanalyste Ana Beatriz Fernandes Lopes[14]. Dans le traitement de ce schizophrène, elle souligne l'importance de l'écriture de poèmes, de journaux intimes, où sont consignées les pensées, les expériences personnelles. La psychanalyste relate, par exemple, qu'après avoir raconté son "secret", il a observé qu'il avait dévoilé son "trait différentiel", l'unique trait qui le différencie des autres et, s'est senti de ce fait, exposé, épié. Puis il a raconté qu'il était allé voir une exposition. Ce "secret" prend toute son importante dans ses poèmes où il apparaît à plusieurs reprises, notamment dans celui qu'il intitule "autoportrait". Il s'agit de secrets gardés un à un, qui l'enrichissent et qui, racontés aux autres, perdent le trait qui, selon ses propres mots, le distinguent, son trait différentiel. "AUTOPORTRAIT : je fais des conjectures / je ne crois pas en la foi / j'ai des convictions personnelles / je plonge dans la nuit / comme s'il n'y avait rien / je suis léger et hostile au futur / je suis du temps présent / mon ange m'a dit / de rester calme / et c'est ce que je / j'embrasse les ( ) / je crois aux petits secrets / je les garde un à un / pour qu'ils m'enrichissent peu à peu / j'écoute la fatigue / je vais au travers des ( ) / chercher de l'espace ". Il est intéressant de noter comment sans avoir la "foi", sans avoir d'idéaux, sans avoir d'inscription dans l'Idéal de l'Autre, de cet autre dont il dénonce avec ironie, lors des séances, le statut de semblant de ces idéaux, son unique trait différentiel est ce qu'il désigne par ses secrets – gardés un à un – et dont l'exposition est celle de tout son être.

[14] Rapport clinique non publié, élaboré par la psychanalyste qui a aimablement autorisé sa publication dans le cadre universitaire, uniquement.

Lopes fait état du long parcours universitaire de ce schizophrène, antérieur à son premier séjour psychiatrique, qui faisait une recherche sur le corps chez Deleuze, plus spécifiquement sur la perception par rapport aux organes s'y rapportant, "les organes du sens". Nous pouvons observer dans le poème ci-dessous l'importance donnée à ce quelque chose qui l'envahit, que nous pouvons imaginer comme le retour de la jouissance dans le corps. Après la formulation de ce quelque chose qui l'envahit, il existe une prévalence des organes et des sens, comme nous pouvons l'observer dans la description du poème intitulé QUELQUE CHOSE M'ENVAHIT: Il est plus tard que jamais / je respire une odeur agreste / je vais vers l'est / je suis les étoiles / je revois mon passé / je suis comme un vent aride / aride de sens / surgir des cendres / (respirer) la poussière des choses / habiter le chaos / révéler des secrets / abréger la saveur des lèvres / une larme pèse sur mes yeux / un atome se libère / une fente s'ouvre / je vois sa silhouette / elle se devine sous la robe / c'est un temps de fête.

Ce schizophrène avait commencé sa quête sur les organes du corps à l'université, cherchant dans les discours établis les réponses qui manquaient. Cela ne lui a pas permis de tenir face aux épreuves quotidiennes et il lui a fallu plusieurs hospitalisations psychiatriques. Il est, aujourd'hui, suivi en consultations par son psychiatre et sa psychanalyste, et continue son travail en essayant de fixer la jouissance dans la lettre, dans les poésies qu'il continue à écrire et qui lui tiennent à cœur.

Le schizophrène doit trouver sa solution singulière à partir de son rapport au langage – étant hors discours et n'ayant pas perdu l'objet (a) – il peut localiser dans la lettre, la jouissance Autre, cette jouissance illimitée du corps, tellement débordante dans la schizophrénie. Le psychanalyste Éric Laurent dans un débat (Boen et al, 2010) affirme qu'il y a plusieurs façons de se servir de la matérialité de la lettre, qu'il s'agit de créer un point d'ancrage particulier à partir de la matérialité. Il ne s'agit pas d'une technique prêt-à-porter mais d'un bric-à-brac singulier de chaque sujet.

Freud (1915b/2006) avait déjà remarqué que, dans la schizophrénie, on peut nettement observer une désorganisation des phrases dont le contenu est lié à une sorte de « *langue d'organe* » et la prévalence des relations des mots sur la relation s choses.[15]

[15] « Une des malades de *Tausk*, une jeune fille qui fut conduite à la clinique après une dispute avec son bien-aimé, se lamente : « *Les yeux ne sont pas comme il faut, ils sont tournés de travers.* ». Ce qu'elle explique elle-même, dans un langage cohérent, en lançant une série de reproches contre le bien-aimé :

> Dans la schizophrénie, les *mots* sont soumis au même processus qui, à partir des pensées latentes du rêve, produit les images du rêve et que nous avons appelé le *processus psychique primaire*. Les mots sont condensés et transfèrent, sans reste, les uns aux autres, leurs investissements, par déplacement ; le processus peut aller si loin qu'un seul mot, apte à cela du fait de multiples relations, assume la fonction de toute une chaîne de pensées (Freud, 1915b / 2006, p. 113).

Dans le texte « *Complément métapsychologique à la théorie du rêve* », Freud donne des précisions qui permettent une distinction plus nette entre le fonctionnement du processus primaire dans le rêve et dans la schizophrénie :

> Ici apparaît la différence décisive entre le travail du rêve et la schizophrénie. Dans celle-ci, ce sont les mots eux-mêmes, dans lesquels était exprimée la pensée préconsciente, qui deviennent l'objet de l'élaboration par le processus primaire ; dans le rêve, ce ne sont pas les mots mais les représentations de chose auxquels les mots ont été ramenés. Le rêve connaît une régression topique ce qui n'est pas le cas pour la schizophrénie ; dans le rêve, la circulation est libre entre investissements de mot (Pcs) et investissements de chose (Ics) ; il est caractéristique de la schizophrénie que cette circulation soit coupée (Freud, 1915a / 2006, p. 133-134).

Freud remarque que l'investissement de mots que l'on perçoit chez le schizophrène est une tentative de guérison car « Ces efforts tendent à récupérer les objets perdus et il se peut bien que dans cette intention ils prennent le chemin de l'objet en passant par l'élément mot de celui-ci, ce qui les amène alors à devoir se contenter des mots à la place des choses » (Freud, 1915b / 2006, p. 120).

L'investissement pulsionnel est retiré des représentations d'objets inconscientes, tandis que la partie des mêmes représentations d'objet, qui correspondent aux représentations de mots dans le système Pcs, est surinvestie.

« elle ne peut pas du tout le comprendre, il semble à chaque fois différent, c'est un hypocrite, un *tourneur d'yeux*, il lui a tourné les yeux, maintenant elle a les yeux tournés, ce ne sont plus ses yeux, elle voit maintenant le monde avec d'autres yeux ». […] je fais ressortir de cet exemple le fait que la relation à l'organe (à l'œil) s'est arrogé la fonction de représenter le contenu tout entier. » (Freud, 1915b / 2006, p. 111-112).

Il faut, alors, se repérer dans la caractérisation freudienne des fonctionnements de ces systèmes. Chez Freud, dans l'inconscient il y a des représentations de choses seules et il n'y a pas de représentations de mots et, au préconscient, il y a des représentations de choses et des représentations de mots. Les représentations de choses doivent trouver l'accès au système préconscient en s'articulant avec les représentations de mot de façon à ce que l'on rencontre dans le préconscient, des représentations de choses associées à ces représentations de mots.

En ce que concerne le travail d'investissement des mots chez le schizophrène, Quinet (2006) parle d'un rôle possible de secrétaire dans le traitement du schizophrène afin de l'aider dans l'établissement de scansions du dit, ce qui peut l'aider dans l'établissement d'une rupture du déroulement à l'infini des S1, établissant des paires d'oppositions, et stopper l'automatisation de la pensée ainsi que l'automatisation des phénomènes corporels, la perturbation de la pensée, de l'association des idées. Il préconise de suivre les indications de Freud pour qui l'investissement des mots est chez le schizophrène une tentative de guérison, une tentative d'établir un rapport avec le monde.

Les hallucinations peuvent aussi être comprises comme des tentatives de récupérer l'investissement aux représentations d'objets. Même dans les injures, Quinet (2006) souligne l'importance de comprendre qu'il s'agit de tentatives d'accoupler un S1, de restaurer une représentation. Or, l'hallucination dans la schizophrénie, contrairement à la paranoïa, ne peut pas s'articuler dans un S2, et en raison du manque d'une possible articulation à un S2, l'auteur souligne que l'effet ne peut pas être celui d'une métaphore délirante comme dans la paranoïa, mais d'un effet « tuant » de ce signifiant toujours tué dans la schizophrénie.

Les hallucinations corporelles, les vécus de fragmentations du corps chez le schizophrène mettent en lumière l'absence de la prise du corps par le symbolique puisque le corps du schizophrène n'a pas d'étiquettage des discours et les organes restent dispersés, le corps morcelé par les pulsions. Quinet (2006) mentionne ces phénomènes corporels, l'utilisation de la langue de l'organe comme une tentative de guérison, comme une tentative de faire en sorte que le corps soit mordu par un discours. Or, l'incidence du signifiant sur l'organe a des conséquences sur le réel dans des tentatives de castration, ou l'effacement du sujet dans les états de cadavérisation et de

catatonie. Le délire est compris aussi comme une tentative de guérison dans la schizophrénie, mais le psychanalyste signale que contrairement au cas du paranoïaque dont le délire peut complètement localiser la jouissance dans le champ de l'Autre, dans la schizophrénie, la dispersion de la jouissance persiste, l'Autre étant fragmenté, scindé.

Quinet (2006) distingue selon trois champs les manifestations dans la schizophrénie : dans le registre de l'imaginaire, il y a la prévalence des images du corps morcelé, la tendance à la fragmentation du corps, la non-constitution du moi (le moi fragmenté) et la dispersion du sens et la dispersion de l'image. Dans le registre du réel, il y a la dispersion de la jouissance, la jouissance est dispersée et envahissante anarchiquement. Et dans le registre du symbolique, l'Autre n'existe pas, autrement dit, il y a une fragmentation de l'Autre. Le psychanalyste oppose la dispersion chez le schizophrène au mécanisme de rétention d'un signifiant maître (Verhaltung) qu'on pourrait observer dans la paranoïa, ce que l'auteur met en rapport à une entrée possible du paranoïaque dans un des discours. En revanche, dans la schizophrènie, le réel de la jouissance envahit le psychisme, il y a une dispersion des signifiants et du corps.

Le travail du schizophrène par la lettre, par le délire, par l'art sont des tentatives de guérison, des tentatives de faire en sorte que son corps soit mordu par le langage. Toutefois, l'incidence du signifiant étant prise dans le réel, il y a le risque des tentatives de coupures réelles sur le corps, ainsi que le risque de défaillance du sujet en état de catatonie et de cadavérisation. La création d'un sinthome peut être pour le schizophrène une solution pour réaliser le nœud RSI. L'importance du travail sur la lettre dans la schizophrénie est décrite dans les cas cliniques mentionnés, ainsi que dans les analyses mises en évidence par le travail d'écriture. Dans les cas de schizophrénie, il est possible de travailler la dispersion du corps, la dispersion de l'image corporelle et la dispersion de la jouissance par la lettre, la matérialité de la lettre.

La lettre permet d'inscrire quelque chose dans le littoral du corps, en inscrivant dans le corps une construction entre Sx + a, entre le trait de l'ordre du cri, du Sx e du (a).

V. LE CORPS ET LA LETTRE

La lettre est marque inscrite sur le corps, ancrage dans le corps des traits. C'est l'inscription précipitée de lalangue, d'un ravinement de lalangue marquant dans le corps les traits de lalangue et des marques de la jouissance. La lettre est, alors, issue des marques de l'Autre de l'ordre du Sxs, des S1 découplés, non pas de la chaîne signifiante.

Le rapport entre la lettre et le trait est formulé de différentes manières pour les auteurs mentionnés dans la thèse. Tandis que chez Porge, la lettre est formulée par rapport aux traits inauguraux, avant le signifiant, Julieta Jerusalinsky (2011), aborde la lettre comme issue du signifiant. En effet, l'ordre de la lettre oscille entre symbolique/signifiant et réel. On pourrait mettre ces premières inscriptions, ces traits, l'Uns, en rapport avec la formulation de Porge sur la lettre, dans l'ordre d'un écrit tout primordial. Porge (2011) distingue, en effet, dans le concept de la lettre, la lettre qui surgit d'un pas de trace originel, impossible à réprésenter, dont la lettre est la rature, de la dimension de la lettre de l'ordre signifiant par rapport à la rature qui surgit après l'effacement de la trace, du pas de trace. J'ai, alors, décidé de formuler les premières inscriptions comme des traits et de désigner par lettre, l'inscription en rapport à lalangue, aux Sxs.

Je mets le trait en rapport à l'un, en rapport à l'inscription du singulier un de chacun, de ce « un » qui compte. C'est de la répétition de l'un, du trait, qui peut surgir la dimension du trait unaire. Mais il y a une toute première inscription de la jouissance au niveau de l'un. On va, maintenant, élaborer l'inscription du trait, de l'un, distincte de l'inscription du trait unaire, distinction qui peut être particulièrement utile dans l'étude de l'autisme et de la schizophrènie.

V. 1. Du vide aux traits.

La production de l'objet (a) et du trait unaire est en rapport à l'existence d'un vide médian. Mais on essaie dans ce chapitre d'élaborer autre voie pour la création d'un marquage de La chose, pour la transformation d'un vide non pas plein, mais médian, construit sur le fond d'un ensemble vide, à partir des études sur la schizophrénie.

Oury (1989) fait un parcours original pour penser la schizophrénie à partir de la question du vide, l'opposant structuralement au vide enclos dans la névrose, du vide maintenu par le refoulement originaire, tandis que dans la psychose, il y aurait « une fuite du vide » (p. 72). L'auteur met en parallèle la construction d'une ville autour d'un point, d'un vide enclos et la construction du vide enclos dans la structure de la névrose, celui du refoulement originaire. Il faudrait une différence, une interruption à partir d'un enclosement du vide, d'un marquage d'un vide central, qui rend possible le mécanisme du refoulement, tandis que chez les schizophrènes, ce vide n'est pas enclos, n'est pas marqué, et il s'agit d'un vide plein : « le vide c'est du plein » (Oury, 1989, p. 209) chez le schizophrène puisque « Si tout est pareil, il ne se passe rien…Si c'est homogène, massif, rien ne bouge. Pour qu'il se passe quelque chose, une sorte de vectorisation est nécessaire » (Oury, 1989, p. 84), laquelle permet de s'ouvrir au monde. C'est le vide qui permet l'usage du vase ; si c'était un bloc massif il ne serait plus un contenant. L'auteur met en rapport des difficultés de rassemblement chez le schizophrène au manque du vide enclos. L'auteur oppose la création dans la schizophrénie, d'une compulsion au remplissage due à l'impossibilité de tolérer le vide. Il utilise alors une intéressante désignation pour un schizophrène qui construisait ces *rassemblements* en un objet : « un schizophrène « bricoleur » » (Oury, 1989, p. 49), comme sa façon d'essayer de bricoler ses bouts de réel qui étaient partout, dispersés, d'une création permettant une autocréation de quelque chose qui tienne ; à cause du manque de l'enclos du vide, il faudrait au schizophrène bricoler une structure autre qui tienne : c'est du bricolage.

« Das Ding, la Chose rend possible l'inscription qui va être à la base d'une création » (Oury, 1989, p. 73). Selon Oury, la manière d'aborder la Chose qui détermine qu'il y a du vide permettrait une inscription qui serait la base de la création ; il faut qu'il y ait un

effacement, l'effacement de la trace, du pas de pas. Oury (1989) souligne que dans la création de l'art, quand le schizophrène construit quelque chose, il construit lui-même. L'auteur met en relief l'importance du processus d'élaboration comme une manière singulière de faire avec le vide, la caractéristique de la production schizophrène étant de ne pas supporter le vide. Oury (1989) met en rapport la difficulté chez le schizophrène aux relations de distance à l'autre par rapport à sa difficulté d'intégrer le vide, ainsi qu'à une difficulté par rapport au « rythme » ; l'auteur utilise le concept de rythme par rapport à la création du temps et de l'espace : « pour qu'il puisse y avoir du temps, il faut qu'il y ait du rythme qui crée l'espace ; et le temps lui-même sera déjà bouclé : boucle rétroactive » (Oury, 1989, p. 40). L'auteur considère que ramasser des objets partout peut être un effort pour faire du rythme, en rassemblant le corps éclaté en établissant un rythme singulier dans la construction, dans la création d'un rythme dans ce qui était dysrythmé, d'un travail de tissage. L'importance pour le schizophrène de créer un « site » où manifester ce procès de création, ce procès de création ; ce site où le rassemblement instaure une discontinuité, qui crée l'espace. L'auteur désigne un site comme un rassemblement, un recueil et un lien, c'est ce qui rassemble. Selon l'auteur il y a une difficulté chez le schizophrène avec la forme, le rythme, le fond, et c'est justement cela qu'il va pouvoir construire. Mais l'auteur signale qu'il faut de l'espace de création pour que cela puisse être mis en œuvre. Il met cela en rapport à l'affirmation lacanienne de « *Y a d'l'un* », et contrairement aux autres auteurs, il met en relief non pas le « *un* » mais le « *y* » qui, pour lui, marque le lieu : « « Y » » indique un lieu ; dans ce lieu, de l'unicité apparaît » (Oury, 1989, p. 67). Alors, à partir du « *y* » il y a un rassemblement qui permet le surgissement de l'unité, même qu'il y ait un corps morcelé à partir d'un lieu, il y a une unité. L'auteur met en rapport la difficulté du schizophrène à se détacher de son œuvre en raison de cette difficulté avec « *y'a de l'un* » et il souligne l'importance du processus, l'importance de l'œuvre elle-même pour rétablir ce « *Y'a de l'un* ». Parfois le schizophrène ne peut pas se détacher de son œuvre mais il lui faudrait conserver cette production qui lui appartient comme ses « tenant-lieux » (Oury, 1989, p. 67), comme un soutien, un lieu pour tenir ensemble ce qui était à la dérive, le rassemblement possible dans le « *y* », dans le lieu, tenant lieu de lui-même où il s'agit de tricoter la propre existence, de tenir lieu, de lier ensemble, de créer un tissage puisque « on peut dire que dire que le tricot est le tissage de ce qui est question dans le « support d'une reprise d'existence » »(Oury, 1989, p. 101). L'auteur souligne l'importance de respecter le processus de création, acceptant qu'il puisse ne jamais finir

chez le schizophrène puisque d'après lui il faut repérer les rapports entre le jamais fini et le réel. Dans la psychose le lieu des manifestations psychotiques serait le même lieu, le même site de l'émergence de la création, le même site artistique et de la manifestation de la psychose, mais il faut repérer les difficultés de pouvoir y accéder dans la psychose une fois que dans la dissociation schizophrène il faudrait réaliser des « greffes d'espace » (Oury, 1989, p. 159), pour retisser un espace, permettant de créer des objets, des œuvres : les tenant-lieux, les sites à partir des ébauches qui peuvent rassembler des bouts constituant même partiellement un retissage. L'auteur met en rapport le « *Y'a de l'Un* » avec le nœud de rassemblement qui permet la constitution d'un nœud.

Dans la schizophrénie, Oury (1989) postule que le schizophrène est toujours ailleurs. Il faut une scansion pour se rendre compte de ce qui se passe, pour créer du rythme. L'auteur considère que l'œuvre, même une œuvre inachevée, est une tentative de créer un rythme. Les choses qui paraissent insignifiantes peuvent jouer un rôle important dans l'effort de rassemblement dans la psychose, et dans l'essai de création du lieu, du site.

> si on a cette chance, rare, éphémère, qu'il puisse y avoir un tenant-lieu de fabrique du corps, une sculpture, un dessin, une façon d'être… c'est alors qu'il faut faire extrêmement attention pour ne pas briser ce qui, extrêmement fragile, est souvent la chose la plus important qui peut permettre au psychotique s'acquérir un certain site (Oury, 1989, p. 87).

Ce site selon Oury (1989) est « une sorte de carrefour : lieu, souvent méconnu, d'émergence de la création artistique proprement dite, et, en même temps, lieu d'émergence des symptômes, des tableaux morbides de la psychose, de la schizophrénie » (p. 168). L'auteur souligne la nécessité logique du vide ; le vide en question quand on parle de la Chose, le vide autour de quoi quelque chose peut se construire, c'est autour d'un vide qu'il est possible de construire un monde, « il y a du vide, difficilement accessible, et la possibilité d'une inscription. S'il n'y avait pas de vide, il n'y aurait pas d'inscription » (p. 72).

Dans le traitement des schizophrènes, l'introduction des scansions de l'espace et du temps peut introduire une logique temporelle et de l'espace là où elle était inexistante, constituant des bords. Dans une institution accueillant des schizophrènes, il faut tout un

rapport singulier au temps afin qu'ils puissent construire du temps et de l'espace à partir d'un point d'arrimage, un point à partir de leur propres traits. Or, la plupart des institutions soulignent l'importance d'organiser les activités, la répartition horaire reposant sur les explications non arbitraires pour découper le plein, découper le vide, introduisant des surfaces, des bords, d'un point qui permet d'ordonner, de construire de l'espace et du temps à partir des points de repère qui ne passent pas par le père, permettant un ancrage aux psychotiques auparavant à la dérive, à l'erre. Le schizophrène interroge nos conceptions de la temporalité, ayant une certaine néantisation du temps, du temps figé, un meurtre du temps, démontrant la fabrication de notre horaire de l'horloge face à la singularité de la temporalité de chacun, d'une fixation forcée qu'on construit par la scansion signifiante pour créer la conception du temps, tandis que chez le schizophrène un rapport au temps rompt avec l'idée de la pensée traditionnelle d'un ordre passé-présent-futur. Le psychotique, peut-on dire, est en accord avec une non-linéarité du temps. Alors que chez le paranoïaque, il y a le temps d'une certitude conclusive, chez le schizophrène, il y a la fixité, il n'y a pas de scansion du temps, il n'y a aucune rétroaction possible. En ce qui concerne le temps dans la psychose, Roy (2003) relève une démesure, d'un temps: « qui n'a pas subi cette mortification symbolique (…) sans commencement ni fin, ou bien un temps morcelé, constitué d'instants juxtaposés, ou bien un temps qui n'est que pur battement » (p. 60). L'auteur distingue un temps pulsatile dans l'autisme, un temps sans fin dans la paranoïa et un temps morcelé dans la schizophrénie. Mais il ne donne pas davantage de précisions.

Chez le schizophrène, le travail sur la lettre – de l'investissement dans les lettres jusqu'à la création d'une œuvre, de l'art, ou du travail sur la langue, peut permettre de mettre des virgules dans des moments de sidération qui, étaient auparavant éternels, produisant même des chutes réelles ou des états de catatonie dans un temps qui était sans début ni fin. Il s'agit dans la schizophrénie d'un travail possible sur la temporalité du sujet qui n'est pas la temporalité de la chaîne signifiante, ni celui de la rétroaction, mais il peut se créer des coupures de cette temporalité, produisant des coupures qui bordent, qui créent des surfaces, des lieux d'existence, le travail dans les institutions basé sur les changements de lieux, des coupures du temps par des divers ateliers. En ce qui concerne l'importance du travail sur l'espace, le travail sur les lieux comme des lieux traversés peuvent être un outil majeur, permettant soit une fonction contenant, soit une fonction

de circulation d'où l'importance d'avoir une discontinuité des lieux, une hétérogénéité, permettant des scansions.

Le marquage du signifiant structure le temps, changeant le vécu du temps, mais chez le schizophrène, il n'existe pas de marquage du rythme à partir du signifiant, la temporalité rétroactive de la chaîne signifiante, mais l'écriture, l'œuvre, le sinthome peuvent introduire des scansions dans le temps, à partir des introductions de coupure, faisant surgir des surfaces qui délimitent un certain forçage de la découpe d'un temps.

Partant des formulations de Goetz (2003) sur l'architecture, nous allons faire quelques remarques sur cette question de l'espace et du temps dans la schizophrénie, pour tenter de penser qu'avant l'inscription d'une différence, d'une coupure, on est partout et nulle part. Goetz signale que pour que l'architecture soit possible, il faudrait concevoir la première dislocation comme la chute hors du paradis où rien ne manque et où toute place est équivalente, puisque dans ce lieu sans hétérogénéité, sans altérité, il n'y a ni bord ni limite et que le déplacement y est impossible. C'est l'expulsion hors du paradis, hors du tout qui permet d'inscrire une négativité où le temps et l'espace peuvent s'inscrire. Les points d'ancrage dans la schizophrénie et dans l'autisme sont des solutions pour ne plus être partout et nulle part. La possibilité de s'ancrer ouvre la voie d'un déplacement possible et de l'établissement d'exister de manière singulière.

> L'architecture donne cours à la liberté. Si elle peut entraver la liberté – et la forme la plus claire de cette entrave est bien entendu l'emprisonnement – c'est bien parce qu'elle est de manière générale la condition de la liberté qui ne se comprend pas par hasard, d'abord, comme la possibilité physique d'aller et de venir. La liberté, au sens le plus commun, c'est la possibilité de se déplacer (Goetz, 2003, p. 46).

L'architecture en tant qu'organisation autour du vide - « *l'architecture primitive peut être définie comme quelque chose d'organisé autour d'un vide* » (Lacan, 1959-1960/1986, p. 162) - de ce moins à partir duquel peut se constituer quelque chose, le creux d'un moins dans le réel.

La possibilité d'inscription dans le monde, la possibilité d'exister dépend des tranchements, des séparations, de la création d'un ici et d'un ailleurs, d'un point qui

peut accueillir l'événement en même temps que la construction, la création de l'architecture qui fait exister le lieu ; c'est l'établissement d'une différence, la mise en place d'une singularité de l'espace, d'une scansion du temps, de la mise en place à partir d'une coupure d'une différence qui singularise. Il me semble intéressant de rappeler quelques commentaires de Lacan (1959-1960) dans le séminaire « *L'Éthique en psychanalyse* » sur Das Ding, La Chose, comme ce qui est originellement hors-signifié, qui se conserve dans un rapport qu'il désigne d'« antérieur à tout refoulement » (Lacan, 1959-1960/1986, p. 68). La Chose va être située topologiquement au centre tout en étant exclue, comme un étranger, comme cet exclu à l'intérieur essentiel pour concevoir la Spaltung, la division du sujet.

Lacan utilise l'exemple du vase comme celui qui introduit comme tel le vide et le plein: « C'est bien le vide qu'il crée, introduisant par là la perspective même de le remplir. Le vide et le plein sont par le vase introduits dans un monde qui, de lui-même, ne connaît rien de tel. C'est à partir de ce signifiant façonné qu'est le vase, que le vide et le plein entrent comme tels dans le monde, ni plus, ni moins » (Lacan, 1959-1960/1986, p. 145). Le vase est « un objet fait pour représenter l'existence du vide au centre du réel qui s'appelle la Chose, ce vide, tel qu'il se présente dans la représentation, se présente bien comme un nihil, comme rien » (Lacan, 1959-1960/1986, p. 146). Lacan souligne que c'est pour cette raison que le potier crée le vase à partir du trou, autour de ce vide. Lacan définit, alors, la Chose par rapport à ce qui est antérieur au refoulement, comme le rapport primordial au réel, à la jouissance.

Dans le séminaire « *D'un Autre à l'autre* » (1968-1969 / 2006), Lacan revient au pot en donnant quelques précisions : « le pot est fait pour produire ce trou, pour que ce trou se produise » (Lacan, 1968-1969/2006, p. 15), ce qu'il va mettre en rapport avec la valeur d'échange de celui-ci, le mettant en relation à la conception de l'objet (a) à partir de l'objet plus-value de Marx, ce qu'il va rapporter au plus-de-jouir, en rapport à la renonciation de la jouissance comme un effet du discours et du plus-de-jouir comme fonction de cet effet du discours de renonciation d'une partie de la jouissance. « Autour du plus-de-jouir pourtant se joue la production d'un objet essentiel dont il s'agit maintenant de définir la fonction – l'objet a » (Lacan, 1968-1969/2006, p. 18), ce reste de jouissance par l'effet du discours. Lacan souligne que la plus-value marxiste et le

plus-de-jouir lacanien sont les deux effets du trait de ciseau du discours, ce discours qui détermine un mode de jouir.

> Si l'on passe le trait de ciseau quelque part, des rapports changent, si bien que ce qui ne se voyait pas avant se voit après. Tout en disant que ce n'est pas une métaphore, je l'ai illustré du trait de ciseau dans la bande de Moebius, qui en fait une bande qui n'a plus rien à faire avec ce qu'elle était précédemment. Le pas suivant à faire est de s'apercevoir à partir de cette transformation que le trait de ciseau est en lui-même toute la bande de Moebius (Lacan, 1968-1969/2006, p. 31).

Il importe de souligner la mise en relief des coupures produites chez l'humain, coupures qui changent totalement le statut de ce qui existait avant. On peut alors revenir au schéma que l'on a pris pour hypothèse dans la schizophrénie. Il n'y a pas de vase, il n'y a pas le pot que Lacan utilise justement pour délimiter l'inscription d'un signifiant, du symbolique, du manque du marquage du cri, du manque du marquage du réel par le signifiant, n'ayant pas l'enclosement du vide, le cri restant dans son statut de la Chose.

Nous avons abordé la création possible autour du vide, le pot étant un exemple de cette création, ce qui met en lumière l'importance du concept du trou et le rôle qu'il tient dans la topologie. Dans le séminaire « *D'un Autre à l'autre* » (1968-1969 /2006), Lacan suggère le terme d'extimité pour définir la position de l'objet (a), désignant l'extériorité intime du sujet mis en évidence dans les constructions topologiques. Porge (2005) précise le rapport entre l'extimité et la Chose, « ce site très particulier et structural du sujet (…) cette extériorité intime, cette extimité, qui est la Chose » (p. 105), autour de ce vide topologique qui est un vide bordé où se situe l'objet (a). Il importe de souligner alors l'importance de l'objet (a) soit dans la construction du stade du miroir produisant le trait unaire et l'objet (a) hors miroir, soit dans les nœuds borroméens où il se situe dans le lieu du coinçage RSI borroméennement. Porge (2005) indique que la topologie de l'extimité de l'objet (a) et de la Chose est mise en lumière par le trou qui marque un extime intime dans ces structures par rapport à cet étranger au plus intime de la structure. L'importance du trou est soulignée dans la conférence "*La troisième*", Lacan (1974) situant l'objet (a) au point de croisement de RSI dans le nœud borroméen.

Il faut souligner dans le séminaire « *RSI* » de Lacan la formulation d'un trou symbolique, d'un trou imaginaire et d'un trou réel : le trou dans le Symbolique, c'est le refoulé primordial, c'est l'Autre barré : il n'y a pas un Autre dans l'Autre ; le trou du réel, c'est l'impossible, c'est l'impossibilité du rapport sexuel, c'est le non rapport, et le trou de l'imaginaire est en rapport à l'image du corps propre, il faut un trou dans l'image corporelle pour que le corps prenne consistance, dans la mesure où il y a un trou, une élision dans l'image.

Le trou est la propriété du symbolique, la consistance est la propriété de l'imaginaire et l'ex-sistence est la propriété du réel mais les trois propriétés définissent chaque rond car « le réel est réel par son existence, symbolique par son trou et imaginaire par sa consistance. Il en va de même pour les deux autres dimensions. Chacune des dimensions R, S, I est donc à la fois réelle, symbolique et imaginaire » (Porge, 2010, p. 38). Dans la séance du 17 décembre 1974 du séminaire RSI (1974-1975), Lacan met en relief l'importance du trou au cœur de chaque rond pour qu'ils se nouent, et que quelque chose puisse ex-sister. La consistance est en rapport à la matérialité du rond autour du trou, la consistance étant liée au caractère imaginaire de chaque rond, de R, de S et de I, ainsi que le fait que les trois ronds sont troués. Quilichini (2006) formule qu'« il faut préciser aussi que si chaque rond participe de la consistance, chaque rond ex-siste aux deux autres, et ne peut se nouer aux autres que parce que sa consistance est trouée » (p. 38). Melman (1981-1982/2002) souligne que c'est la consistance des nœuds donnée par la matérialité du rond, et que grâce à cette matérialité les trois ronds peuvent se nouer. Il y a, en outre, la consistance donnée par le nouage, une consistance réelle[16] ; il y a, donc, la consistance de chaque nœud, puis la consistance du nouage, que Quilichini (2006) caractérise comme la consistance réelle du nœud, le fait que les nœuds tiennent ensemble. L'auteur utilise le concept d'étoffe et de tissage nécessaire pour faire tenir ensemble et donner la consistance à RSI. L'auteur souligne l'importance du sinthome comme celui qui permet de tenir ensemble, celui qui donne la consistance aux nœuds chez lui. Quilichini (2006) décrit la perte de consistance du rond imaginaire par un imaginaire sans moi, la perte de la consistance du symbolique par la perte de la cohérence de la chaîne signifiante et la perte de consistance du réel par le réel qui devient instable, qui n'est pas toujours à la même place. Dans la séance du 10 décembre 1974 du séminaire « RSI », Lacan met en relief la propriété de consistance des nœuds

[16] Vadermersch fait ces signalements en débattant l'exposé de Michel Jeanvoine (2006)

par rapport au fait que si on rompt l'un des anneaux, à partir de trois, les autres seront déchainés. Dans les séances du 21 janvier et du 11 février 1975 du même séminaire (1974-1975), Lacan souligne le fait qu' « il n'y a pas d'étoffe qui ne soit tissage », cela étant mis en rapport aux cordes, à la démonstration de la consistance du nouage dans une topologie de structures ayant des trous. Melman (1981-1982/2002) signale que l'ex-sistence, ce qui peut ex-sister à chacun des ronds est ce qui ex-siste au Réel de chaque trou. L'ex-sistence est figurée dans l'intervalle entre deux consistances, dans la corne, démontrée par Lacan à travers l'ouverture du rond en une droite infinie.

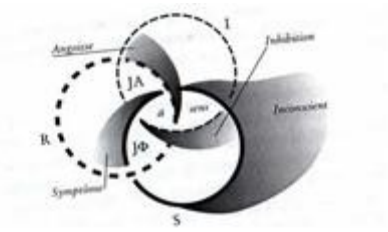
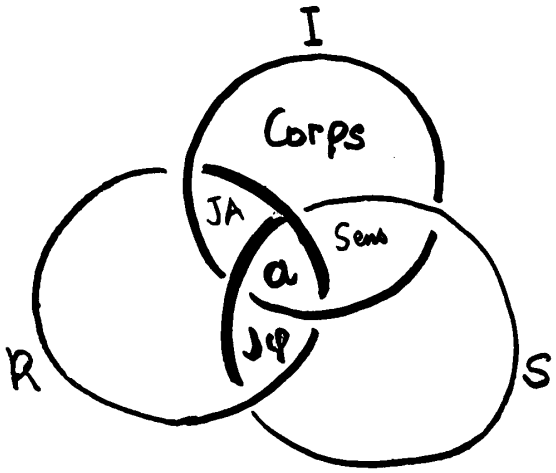
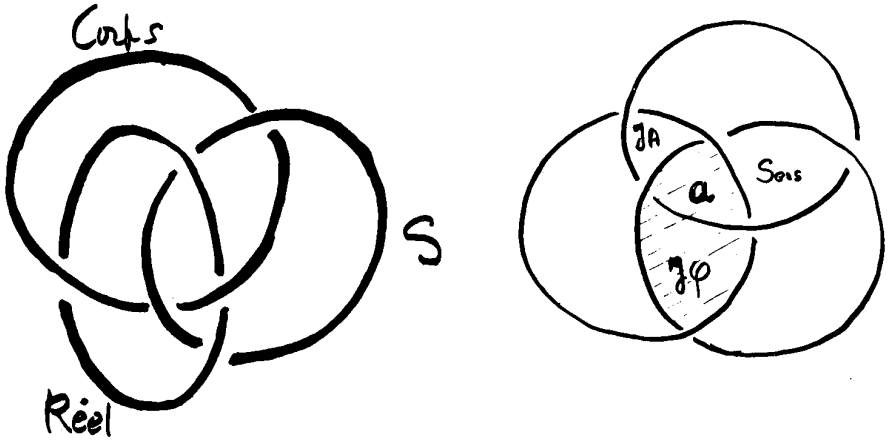


FIGURE DES CORNES HACHURÉES Melman (1981-1982/2002) relative à la séance du 21 janvier 1975 du séminaire « *RSI* » de Lacan (1974-1975).

Dans la figure des cornes hachurées, l'objet (a) est au centre, entouré par la jouissance de l'Autre, la jouissance phallique et le sens en position d'ex-sistence par rapport à lui.





(Figures dans le texte de la conférence « *La troisième* » de Lacan (1974).

Dans la conférence « *La troisième* », Lacan (1974) signale que, dans le nœud, l'objet (a) sépare la jouissance phallique de la jouissance du corps désigné par JA, jouissance de l'Autre, désignée hors langage. (a) c'est le plus-de-jouir, c'est le reste du marquage de la Chose, le reste de la transformation de la chair en corps, (a) est un produit du signifiant qui n'est pas un signifiant mais un surplus de jouissance. La jouissance phallique est la jouissance marquée du phallus, dans son effet de castration symbolique, d'une perte par l'inscription signifiante, le phallus en rapport au sujet comme barré, le phallus comme un objet moins. La jouissance phallique est située dans la figure des nœuds comme hors I, donc hors corps. Lacan désigne la jouissance phallique comme hors corps, comme « anomalique à la jouissance du corps » et la jouissance du corps comme la « jouissance de la vie ».

On peut observer que l'objet (a) se situe dans le croisement de RSI, la jouissance phallique s'inscrit dans l'articulation de R et de S, et la jouissance A s'inscrit dans l'articulation de R et de I ; le sens étant dans l'articulation entre S et I. Il est à noter que la jouissance Autre est hors S, hors symbolique. Braustein (2005) désigne la jouissance Autre de la jouissance ineffable, de la jouissance de l'Autre sexe. Il suggère alors de caractériser un cercle central où il situe la jouissance de l'être, comme le noyau de l'être pâtit du signifiant, un cercle au milieu où il situe la jouissance phallique comme l'espace de la jouissance marqué par la chaîne signifiante, et le cercle extérieur comme celui de la jouissance au-delà, qui excède la jouissance phallique, en rapport à la femme

pas-toute, la jouissance de l'Autre sexe. L'auteur suggère alors d'utiliser la structure de la Bande de Moebius pour mettre en relief, à partir du marquage du langage comme coupure produisant la jouissance phallique hors-corps, la jouissance du corps qui aurait un endroit et un envers, notamment, la jouissance de l'être antérieur à la coupure et la jouissance de l'Autre après la coupure – les deux en rapport au corps propre. La jouissance phallique introduit, par le branchement du langage, la différenciation des jouissances et cette discontinuité entre jouissance de l'être, jouissance phallique et jouissance Autre. Braustein (2005) souligne que la jouissance féminine met en lumière l'au-delà de la jouissance. La jouissance féminine fait apparaître le signifiant qui manque à l'Autre, l'Autre barré et l'impossibilité du rapport sexuel. La jouissance féminine est au-delà du phallus, c'est la jouissance supplémentaire.

Braustein (2005) suggère de désigner la Jouissance de la Chose, la jouissance originaire avant le langage, la Jouissance de l'être[17]. À la place de la Chose vient le manque de l'objet et la marque de la jouissance perdue, de la jouissance de la Chose perdue. A la place de la Chose perdue surgit le plus-de-jouissance : (a). La jouissance phallique est rendu possible par l'effet du langage, produisant le plus-de-jouissance, le langage devient alors un « appareil de la jouissance » (Braustein, 2005, p. 99). Il suggère d'utiliser la structure du tore (figuré par l'image de la chambre d'un pneu) pour mettre en relief les jouissances: dans la chambre à air, deux vides sont créés par la surface du tore. L'un des vides, celui qui est périphérique est celui qui est fermé et enveloppé par le caoutchouc de la chambre, et l'autre est le vide central, le trou. Braustein (2005) distingue le réel antérieur à l'effet du langage par la Chose où il situe la jouissance de l'être, et le réel après-coup de l'objet (a) où il situe la jouissance phallique, effet de la loi du langage. Pour distinguer la Chose et l'objet (a) Braustein (2005) situe les objets (a) dans le mouvement pulsionnel autour du trou du tore, dans la surface intérieure de la chambre à air, et dans cette figure, la vacuole centrale de la Chose est inaccessible. La Chose est au cœur, en extimité. S'il n'y a pas d'inscription de cette extimité, d'un vide autour duquel s'organise la structure, il n'y a pas d'inscription de différence délimitante, il n'y a pas d'inscription de perte, il n'y aura pas de perte de l'objet (a) où pourrait se situer une partie de la jouissance, qui deviendrait hors corps.

[17] Braustein (2005) fait une distinction entre Jouissance de l'être et Jouissance Autre, les deux étant des jouissances corporelles contrairement à la jouissance phallique, mais s'en distinguant car il situe la jouissance de l'être comme celle liée à la Chose, antérieure au langage, et la Jouissance de l'Autre, de l'Autre sexe comme celle qui « émerge au-delà, effet du passage par le langage mais en dehors de lui, ineffable et inexplicable, qui est la jouissance féminine » (pp. 124-125).

Il y a une jouissance phallique centrée sur la jouissance hors-corps, localisée dans le phallus qui limite la jouissance du corps, le vidant. La jouissance phallique se rapporte au phallus, au signifiant, au langage, à un jouir, ainsi qu'à une limite de ce jouir. On a alors la Jouissance Phallique hors corps, cette partie de la jouissance en rapport au phallus, une jouissance marquée du signifiant, et il y a une jouissance illimitée, qui caractérise la position de la femme et du psychotique. Il s'agit de la jouissance Autre, en rapport au corps propre.

Braunstein ne distingue pas la jouissance Autre de la jouissance de l'Autre, mais cette distinction mérite, à mon avis, d'être faite. On distingue la jouissance de l'Autre, nécessaire au crochetage de la jouissance et du signifiant, de la jouissance Autre, illimitée, débordante. Jerusalinsky (2011) formule la jouissance de l'Autre en termes de jouissance primordiale, dans une position de s'offrir comme l'objet qui comble l'Autre, comme l'objet qui fait jouir l'Autre. La psychanalyste considère qu'il s'agit d'une jouissance du corps, qui peut être limitée par la jouissance phallique, hors corps. Il importe de souligner que cette jouissance de l'Autre peut être prévalente dans un effort d'être objet, pas encore phallique, qui manque à l'Autre. Par contre, la jouissance Autre est en rapport à la jouissance féminine et à la jouissance psychotique comme des jouissances hors-phalliques. Autant la jouissance Autre que la jouissance de l'Autre sont des jouissances du corps. La psychanalyste suggère de distinguer la jouissance de l'Autre – en un rapport de complémentarité, la jouissance phallique la limitant, mais assurant le maintien de cette place idéale d'être l'objet qui complète le manque de l'Autre - de la jouissance Autre, en un rapport supplémentaire, par rapport à la jouissance phallique. Autant la jouissance Autre comme la jouissance féminine échappent à être prises par le Un phallique, n'étant pas mises hors corps.

La jouissance féminine tout comme la jouissance chez le psychotique échappent au phallus et sont des jouissances du corps, mais Maleval (2000) signale avec pertinence que la jouissance chez une femme est pas-toute, mais toute sans limite pour le psychotique. Il faut ici opposer la jouissance chez une femme de la jouissance de La femme. Il s'agit de l'incarnation de La femme dans la psychose, La femme toute qui n'existe que dans la psychose, en tant que La femme est « une incarnation de la jouissance infinie » s'agissant, alors, dans l'analyse du psychotique de s'orienter sur un

« tempérament de la jouissance de l'Autre » (Maleval, 2000, p. 133). Les formules de la sexuation « incitent à mettre l'accent sur la fonction de barrière à la jouissance du corps instaurée par le Père symbolique, de sorte que sa forclusion apparaît après elles fortement corrélée à un déchaînement de la jouissance, et de manière plus spécifique à un pousse-à-la-femme » (Maleval, 2000, p. 132), ouvrant la voie pour l'entrée en scène du Père réel, jouisseur, persécuteur, qui cherche à jouir du psychotique qui devient objet de sa jouissance illimitée, une jouissance ravageuse non soumise à l'interdit phallique. Le pousse-à-la-femme est un des signes de la forclusion du Nom-du-Père. La formulation de la jouissance Autre illimitée permet de mettre en lumière une indication sur le traitement des psychoses qui s'en dégage : le travail sur la limitation de la jouissance Autre.

Il importe de distinguer la manifestation de la jouissance de l'Autre dans la schizophrénie. Alors que dans la paranoïa, la jouissance est située dans le lieu de l'Autre, dans la schizophrénie la jouissance de l'Autre revient dans le corps. Dans la schizophrénie, le retour de la jouissance de l'Autre se fait sur le corps propre sans se limiter à certaines zones, sans limites. C'est la Jouissance Autre, envahissant les organes, des morceaux du corps, car la Jouissance Autre « trouve sa satisfaction en des objets a non extraits. N'étant pas soumise à la jouissance phallique, elle apparaît folle, centrée sur le corps du sujet, sur ses organes, sur des objets envahissants » (Maleval, 2000, p. 233).

Le travail autour de la lettre permet un traitement de cette jouissance Autre débordante, une localisation de cette jouissance dans la matérialité de la lettre. L'importance des ronds pour la construction du concept de la lettre est signalée par Porge (2010), car les ronds représentent « des lettres selon une nouvelle conception de la lettre comme précipité de lalangue et non issue du signifiant » (p. 47). « Avec le nœud borroméen, c'est la fonction de la lettre (…) qui prime » (p. 47), c'est la distinction de la lettre dans le réel qui prime, la lettre qui fait l'écriture. L'écriture dans la topologie vient, d'ailleurs, du signifiant. Porge (2010) met en relief l'importance du concept de trait unaire dans la conceptualisation de la lettre et de son rôle dans le séminaire de « l'Identification ». Selon l'auteur, au début du séminaire, dans la formulation des traits à partir de la préhistoire, « le trait unaire vaut à la fois comme lettre et comme signifiant » (p. 14), tandis qu'à la fin du séminaire, le trait unaire est formulé a partir de

la topologie, comme trait de coupure, rattaché au réel : « Le réel de la coupure qui se recoupe (celle du huit intérieur) permet de distinguer le trait unaire comme signifiant non identique à soi-même du trait unaire comme lettre bord de réel » (p, 14). Dans « *Liturattere* », Lacan distingue nettement le signifiant de la lettre ; la lettre dans sa dimension de n'être pas du semblant, mais la lettre faisant « *bord de jouissance, littoral* » (Stevens, 2009, p. 9). Stevens (2009) note que Lacan y souligne la lettre comme arrivant toujours à sa destination, qui n'est la communication ni à soi, ni à l'Autre, mais dont le but est la jouissance du sujet. Selon Stevens (1997), la lettre dans « *Lituraterre* » est la trace d'une jouissance, une trace du réel qui fait tenir la structure d'un sujet, chacun avec son trait singulier. La lettre qui fait bords, qui se trouve au littoral du signifiant et de la jouissance. Dans « *Lituraterre* » les effets de bord de la lettre, par rapport à la jouissance, deviennent marquants.

La formulation du trait unaire à partir de la double boucle en huit intérieur[18], de « L'engendrement de la surface par la coupure permet de saisir l'entrée du signifiant dans le réel » (Porge, 2010, p. 129), c'est à la coupure mise en évidence comme le « trait de coupure engrenant une surface, que revient la fonction de représenter le trait unaire. Lacan peut alors rattacher la lettre au réel » (Porge, 2010, p. 14). D'après l'auteur, le huit intérieur est une structure topologique du trait unaire décrivant la répétition du tour du même :

> Le huit intérieur est une courbe fermée et c'est une ligne de coupure, de coupure qui engendre une surface. Or elle se recoupe. C'est là où elle se recoupe, après un tour, qu'il y a du même. Mais on ne le sait en quelque sorte qu'après coup, à la fin du deuxième tour, quand la courbe se ferme. Quand on le sait c'est déjà trop tard, on ne le voit plus. Le même n'est pas visible d'un seul coup. C'est pourquoi ça vient du réel. Quand la courbe se ferme on change de surface (Porge, 2010, p. 128).

À partir de la désignation du trait unaire dans la structure topologique, Porge (2010) indique que la structure du trait unaire de la répétition permet de mettre en évidence la distinction du réel du symbolique dans le trait unaire. C'est de la répétition de l'un que

[18] Le huit intérieur est pour Lacan « *un manque auquel le symbolique ne supplée pas* » (Lacan, 1962-1963, p. 104) et la « pièce manquante » c'est l'objet (a), c'est une absence qui ne peut pas être comblée par le symbolique.

surgit du symbolique, c'est du parcours de re-tour, c'est du temps de re-tour que surgit la coupure engrenant une transformation. L'importance du re-tour, du second tour mise en évidence dans cette figure de topologie car le re-tour du double huit intérieur « instaure un espace vide, un écart spécifique entre le premier et le deuxième tour » (Julien, 1990, p. 22).

Dans le séminaire « *l'Angoisse* » (1962-1963), Lacan souligne le trait unaire comme la marque de l'Un, la répétition de l'Un. Dans le séminaire « …Ou pire » (1971-1972), dans la séance du 19 avril 1972, Lacan précise que « L'UN commence au niveau où il y a UN qui manque », le UN commence de son manque, d'où l'ensemble vide mis en relief, mais cet Un seul est à distinguer de la répétition de l'Un à la base de l'Un du trait unaire. Dans la séance du 10 Mai 1972, Lacan distingue nettement le trait unaire du « *Y a de l'UN* », le trait unaire se marquant de la répétition. Il y a l'Un et de sa répétition il y a le reste, l'objet (a), ce reste qui n'est pas du signifiant et qui est mis en lumière à partir du séminaire « L'angoisse » (1962-1963), mettant en avant l'importance de la coupure. Autrement dit, la coupure est formulée à partir du trait et du reste, l'objet (a) : le trait qui peut après coup, après la répétition, s'inscrire comme signifiant. Le séminaire « l'Angoisse » aborde justement la prise du signifiant sur le réel, et le reste qui en résulte, en marquant ainsi le caractère des objets (a) qui ne constituent pas une unité mais plusieurs restes de jouissance. Ce séminaire touche à la jouissance comme étant du corps, du reste non signifiant de morceaux de jouissance. Dans le séminaire « *D'un Autre à l'autre* » (1968-1969/2006), Lacan distingue l'Un du Trait Unaire qui est la répétition, et dont l'effet de la répétition de l'Un est la production de l'objet (a). Lacan précise que le Un du trait unaire ne vient de nulle part parce qu'il « n'apparaît à cette place qu'en vertu de la rétro-efficience de la répétition. C'est parce que le trait unaire vise à la répétition d'une jouissance qu'un autre trait unaire surgit après coup » (Lacan, 1968-1969/2006, p. 394), et Lacan précise que de la place de la répétition de ce trait unaire, surgit après coup, la place du (a), avec la répétition de l'un et l'objet (a). L'objet (a) est ce qui tombe de la coupure, l'extime, avec une structure aussi topologique que logique. La répétition de l'un produit le vide, l'enforme de l'objet (a). L'enforme est la forme autour du vide, où on peut situer l'objet (a) qui cause le désir.

De la coupure dans le réel, surgit le temps marqué, le temps scandé, marqué par la répétition. Dans l'identification au trait unaire, il importe la répétition, la répétition de la

mêmeté d'une différence, le trait comme un dont la différence n'existe que de sa répétition. Porge (2010) souligne que pour qu'il y ait répétition du même, il faut le temps du fort-da, le temps d'apparition mais le temps de pas de trace, ce qu'il désigne éclipse de l'objet, c'est l'objet (a) qui fait fonction de surface et de temps. Alors, il faut le pas de trace, l'éclipse, le trou, le moins pour qu'il y ait l'inscription d'une coupure qui, après coup, donne l'existence à ce qui y avait avant : « c'est de l'effacement du trait que se désigne le sujet. Ça se remarque donc en deux temps. Il y faut donc que s'y distingue la rature (…) Rature d'aucune trace qui soit d'avant » (Lacan, 1971/2006, p. 121).

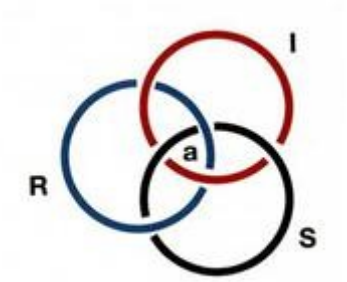
> Le trait unaire est le trait comptable, portant le *un*, du caractère élémentaire du signifiant. Il représente sa fonction de différence (des autres signifiants)et de répétition de cette différence. Ce qui se répète – c'est essentiel à retenir – est non pas la similarité, la ressemblance, mais la mêmeté d'une différence, par exemple, celle d'un rapport entre deux termes d'une série. La répétition est celle d'une jouissance inatteignable autrement que par la marque, le trait qui la flétrit et d'où résulte une perte (Porge, 2010, p. 85).

Dans la topologie, c'est la coupure qui engrène la surface parce qu'elle en relève la structure, c'est la transformation produite par la coupure qui crée la surface. Porge souligne qu'un des aspects de l'identification, y compris l'identification au sinthome, serait la combinaison de ce qui fait fonction et temps du même coup. Il faut le retour, le temps de faire le re-tour, et le parcours de faire ces tours. Le temps qu'il faut pour faire le tour, le re-tour, c'est le temps de la topologie, ce n'est pas une absence du temps ou un temps éternel, mais le temps pour faire la coupure. Les modifications topologiques, les déformations des structures dans la topologie supposent un processus temporel, le temps de faire le tour, le temps de passer par le trou, mettant en évidence le réel de la topologie, le temps qu'il faut pour ce processus de maniement des structures topologiques.

Le Un du trait unaire surgit de la répétition du trait, de l'un, et le (a) surgit de la coupure, de la coupure topologique, de la chair coupée, surgie du trou. Melman (2007) désigne autant le Un du trait unaire que le (a) comme l'étoffe, le textile, la matérialité du sujet, cette matérialité tenue ensemble par un tissage organisé faisant trou, comme on le voit dans les formulations topologiques chez Lacan. L'auteur souligne qu'à partir du

tissage de ce matériel, il y a possibilité d'écriture, d'un tissage de RSI autour d'un trou, où Lacan situe l'objet (a).

La consistance topologique de (a) est mise en lumière dans les structures topologiques, dans les structures trouées, le (a) apparaît comme le trou et le bouchon du trou. Mais il s'agit d'un trou que l'on n'arrive jamais à boucher, la structure étant trouée pour toujours parce qu'il s'agit de l'inscription primordiale, d'un manque de l'Autre barré, du non rapport sexuel, de la déconnexion entre S1-S2. Porge (1992) souligne que dans les nœuds, le trou, « le trou de A dont a est l'enforme trouve le support d'une consistance de nœud où participent l'imaginaire, le symbolique et le réel » (Porge, p. 15)

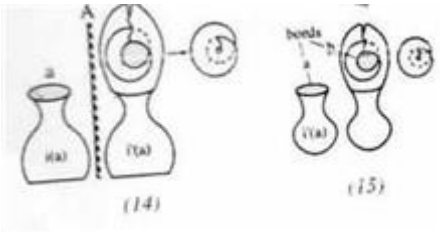


Melman (1981-1982 / 2002)

La référence aux formulations de l'objet (a) et du trait unaire dans le séminaire « *L'angoisse* » de Lacan (1962-1963) peut nous donner quelques repères utiles pour la mise en lumière de ces questions.

Suivons l'annexe I du séminaire « *L'angoisse* » basé sur la version/transcription de Michel Roussan qui comprend un sommaire des structures topologiques travaillées par Lacan. Roussan suggère d'aborder le schéma optique pour reprendre « la dialectique de l'investissement libidinal » et mettre en lumière « la valeur topologique du schéma optique » car « le schéma optique est également topologique, qui n'étudie pas la connexité des points et de surfaces sur un versant intuitivo-mathématique mais sur celui de la structure narcissique du sujet ». Roussan souligne la valeur topologique du schéma optique « par l'apport du vase à bord tantôt simple, tantôt croisé, qui lui permet d'introduire, sous forme du cross-cap, l'(a) de l'encolure i'(a), dans un premier temps (à la place des fleurs), et de découper cet (a) spéculaire (moins phi) de la double boucle ».

La double boucle de la structure du huit intérieur fait surgir la lamelle (a) et la bande de Moebius. La lamelle découpée est l'objet (a) mettant en relief une structure trouée, marquée d'un manque structural.



(Roussan, n.d, p. 287)

Deux sortes de coupure sont à signaler: « La coupure simple, du disque, que représentent aussi bien les bords du miroir (cadre fenêtre) que du vase (i' (a)), et la double coupure, qui à proprement parler découpe (a) (narcissisme secondaire » (Roussan, n.d, p. 287). Lacan met un cross-cap à la place du vase + fleurs, signalant le détachement de l'objet (a) possible après coup, après la double boucle qui produit la coupure par laquelle l'objet (a) peut se détacher.

Dans la topologie, le tissu fait matière. À partir de la coupure, s'est faite la structure. Celle-ci change la structure des choses, créant de l'étoffe chez l'humain. Il importe de souligner les précisions données par Vanier (2009) : « La coupure (…) ne suffit pas à faire un nœud (…) il y faut de l'étoffe. Il y a quelque chose de premier, le tissu, et « le tissu, c'est le Réel qui supporte l'imaginaire » » (p. 46).

Il importe de suivre le fil de la pensée de l'auteur à ce sujet, mettant en relief l'importance des concepts de lettre et de l'objet (a) dans le travail clinique. L'objet (a) est une voie vers le Réel, « a comme lettre détachée du signifiant (…) c'est à partir du moment où on saisit quelque chose de la lettre qu'on peut avoir accès au Réel (…) car la lettre articule de l'impossible, mais elle est maniable » (pp. 44-45). Le tissu du nœud étant le réel, le concept de l'objet (a), dans sa dimension de lettre, réel, et le concept de la lettre peuvent être des voies utiles pour le traitement du réel chez l'humain.

Là, où il n'y avait que le réel primordial, où il n'y avait que La Chose, surgit l'un. Et de la répétiton de ce l'un, de la répétition de ce trait qui singularise le réel, le signifiant surgit dans le réel.

Il y a, d'abord, un trou structurel à l'origine du sujet et le trait unaire est une saturation possible de ce trou. Ce l'un répété, répète la mêmeté d'une différence, de l'un qui singularise. Le rapport à la chose, au référent, s'efface et il n'y a plus que la répétition. On va, alors, désigner, le trait unaire, celui qui est le trait de coupure, en rapport avec la répétition de l'un initial, du trait initial, de l'un comptable, qui met la jouissance dans la comptabilité.

Le nom propre est pour Lacan un exemple princeps du trait unaire, d'une différence pure, de la marque singulière distinctive du sujet. Il s'agit d'une différence liée non pas au son mais à l'écriture. Lacan (1961-1962) va désigner le nom propre de l'ordre de la lettre étant donné son affinité au trait d'écriture – et non du son puisqu'il conserve sa structure sonore d'une langue à l'autre. Le Nom propre ne se traduit pas, il se prononce de la même façon dans d'autres langues.

Soler (2004) distingue le nom propre du patronyme. La fonction du patronyme est de transmettre une marque qui vient de l'Autre, mais qui est « incapable de désigner une existence unique et de fixer une identité » (p. 95), tandis que le nom propre désigne « son être hors signifiant, sa jouissance inqualifiable, mais unique » (p. 95), le trait distinctif, de l'unicité, de l'un, de la singularité, puisque « du nom propre, on attend qu'il indexe une existence et une seule, qu'il vaille donc comme un « énoncé singulier d'existence » (p. 94).

> Le nom propre n'étant pas le patronyme que l'on porte, je me réfère à une définition du nom propre comme un nom qui identifie vos traits en tant que singuliers, uniques, imprédicables justement, et qui ne se promeut que par le biais des actes et des œuvres. Ce qui fait qu'on peut dire du nom propre qu'il ex-siste à l'Autre : ce n'est pas un signifiant de l'Autre, même s'il faut beaucoup d'autres pours l'entériner. Tout sujet n'a pas un nom propre (p. 115).

Le Nom propre est « celui qui nous montre de la façon la plus propre ce qu'est le nom, notamment de par cette fonction d'identifier l'enracinement du sujet » (Porge, 2005, p. 167) Le nom propre « sert à désigner aussi le propre du nom où s'enracine l'identification intime du sujet » (Porge, 2005, p. 168). Dans la séance du 15 avril de 1975 du séminaire « *RSI* » (1974-1975), Lacan désigne la nomination comme ce qui fait trou: « Je suis ce que je suis », ça c'est un trou, non ! Ben c'est de là, que par un mouvement inverse car un trou ça, si vous en croyez mes petits schèmes, un trou ça tourbillonne, ça engloutit plutôt hein, puis il y a des moments où ça recrache. Ça recrache quoi ? Le nom. C'est le Père comme Nom ».

Dans le séminaire « Problèmes cruciaux pour la psychanalyse», le nom propre est abordé comme celui qui sature le trou, donnant une fausse apparence de suture :

> Le particulier est dénommé d'un nom propre ; c'est en ce sens qu'il est irremplaçable, c'est-à-dire qu'il peut manquer, qu'il suggère le niveau du manque, le niveau du trou, et que ce n'est pas en tant qu'individu que je m'appelle Jacques Lacan, mais en tant que quelque chose qui peut manquer, moyennant quoi ce nom ira vers quoi ? recouvrir un autre manque, Le nom propre (…) est fait pour aller combler les trous, pour lui donner son obturation, pour lui donner sa fermeture, pour lui donner une fausse apparence de suture » (Lacan, 1964-1965[19]).

Lacan signale, alors, la fonction suturante, d'obturation à partir du Nom propre comme suture du trou du sujet, du sujet comme moins 1. Porge (2005) considère que le sujet est toujours en rapport au manque de l'un qui pourrait le désigner, et qu'alors « l'assemblage des lettres du nom propre est un moyen fragile pour supporter la fonction de trait unaire, cela est dû à ce que le trou est toujours là et que le nom propre n'en réalise qu'une « fausse apparence de suture » toujours prête à se découdre » (p. 173), puisqu'il y a toujours le trou, et le sujet n'est qu'une coupure, n'est que la coupure qui trace des surfaces, des bords. L'auteur souligne que l'objet (a) et le Nom propre viennent pour remplacer, combler ce manque d'un, dans cette fausse apparence de suture. Il s'agit d'une fausse suture que l'auteur juge nécessaire pour que la fonction identificatoire soit possible, comme suture du manque du sujet dans la forme d'un, un en plus[20]. Le Nom propre est mis en rapport à l'Un en plus chez Porge (2005), à une

[19] Séance du 6 janvier 1965

[20] « *L'un en plus étant une fonction logique, il est difficile de s'en faire une représentation. Si on se concentre sur le « un », cela nous renvoie au manque d'un sujet et si on se concentre sur le « en plus » on*

pluralisation de ce qui désigne le sujet, aux autres nominations possibles que celle donnée par le Nom-du-Père.

Le Nom-du-Père au singulier était le Père de la Loi, tandis que l'expression Noms du Père au pluriel implique un changement du statut du père ; Noms-du-Père au pluriel est en rapport au singulier de chacun permettant la fonction de la nomination qui va aboutir à un quatrième rond dont le but est de nommer. Il ne s'agit pas d'une nomination métaphorique mais d'une nomination qui n'est plus affaire unique du Nom-du-Père, qui se pluralise en tant qu'acte de nomination, comme un quatrième anneau, et que n'importe quel rond peut l'incarner à condition de nommer : « La fonction de nomination n'est plus le privilège du Nom-du-Père nommé, elle se pluralise en Noms du père nommant » (Porge, 2010, p. 44). À partir de l'introduction du quatrième rond borroméen, les trois ronds dénoués, séparés, non distinguables vont être rajoutés par ce quatrième rond qui va les marquer, qui va les nommer et permettre aux autres ronds d'être nommés par l'acte de nommer du quatrième rond, par un acte de nommer qui va s'instaurer comme acte, comme coupure, comme séparation, ce qui comporte une dimension réelle, le réel du trois qui ne peut être abordé que par le quatrième anneau, celui qui nomme ce réel hors sens. Selon Porge (2010), à partir de l'introduction du quatrième rond, les trois ronds – le Réel, le Symbolique et l'Imaginaire – vont perdre leur identité, devenir trois ronds non distinguables, et chacune des dimensions est à la fois réelle, symbolique et imaginaire. À partir du changement du statut des trois ronds, ils deviennent « du même ordre que le trait unaire » (Porge, 2010, p. 41), puisque du fait de faire un, le trait unaire, c'est cet un qui amorce la substitution. La substitution dont il s'agit est la substitution présente dans le nœud, le changement d'un anneau par un autre à partir de la possibilité de leur équivalence. Selon Porge (2010), cette « substitution révèle la fonction unaire de la lettre (le dessus/dessous, un rond/un autre rond), comme celle de la différence pure des lignes de bâtons sur les os de rennes » (p. 55).

On va utiliser le pas à pas suggéré par Harari, qui met en relief à partir de la topologie de Lacan, à partir du nouement borroméen, la construction du nom et du sinthome.

est dans le mouvement de l'ajout. De sorte qu'on peut dire que l'un en plus n'est pas un, il est en plus » (Porge, 2005, p. 175)

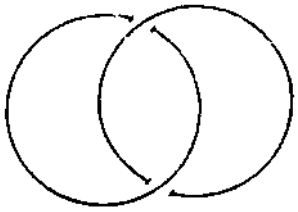


SCHÉMA FIGURE 1 (Harari, 1999, p. 25)

Dans la figure 1, les deux cercles sont superposés et non pas liés.

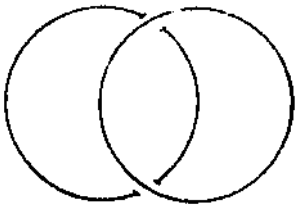


SCHÉMA 2 (Harari, 1999, p. 25)

Dans la figure 2, avec l'intervention d'un troisième cercle qui passe successivement en dessous du cercle du dessous et par dessus le cercle du dessus, les trois cercles sont liés structuralement aux mêmes endroits.

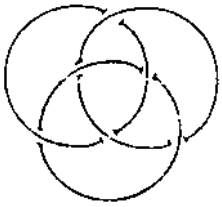
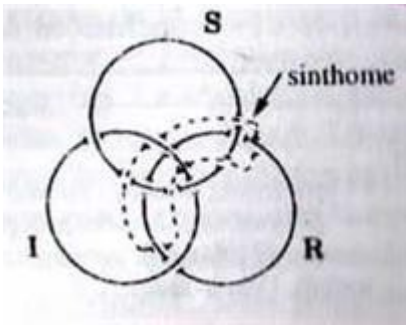


SCHÉMA 3 (Harari, 1999, p. 36)

Harari (1999) souligne que ces trois cercles sont pareils jusqu'à ce qu'on marque par exemple une lettre désignant chacun d'eux. "Les trois anneaux sont exactement pareils jusqu'à ce que nous marquions quelque chose, ne serait-ce qu'avec une petite lettre. Si l'on fait cette opération de façon à nommer chaque consistance, c'est seulement alors qu'apparaît l'identité » (p. 26). C'est près avoir nommé chaque cercle, qu'apparaît l'identité, ce qu'on peut observer dans la figure 3. « D'où surgit la condition pour

posséder une identité ? D'être nommé ; sans nom il est impossible de différencier un être existant de tout autre. Une fois les lettres placées, les anneaux ont une identité » (p. 26). Alors, Harari met en rapport la possibilité d'avoir une identité du fait d'être nommé, ce qui permet à chaque sujet « d'exister dans la différence » (p. 26).

L'auteur nous propose alors de suivre le fil de la pensée topologique chez Lacan en considérant l'importance de la construction topologique du trois plus un qui est abordé dans le séminaire « *Le sinthome* » : le bo à quatre, où le dénouement d'un des anneaux implique le dénouement de tous les anneaux, qui deviennent totalement libres. La chaîne borroméenne est en rapport au sinthome comme le quatrième terme, le 3+1.



(Harari, 1999, p. 247)

Dans séminaire « *RSI* » du 14 janvier 1975, Lacan affirme que Freud a eu besoin du concept de la réalité comme un quatrième anneau. Harari (1999) met en relief la critique lacanienne au concept de la réalité psychique comme faisant autant appel à la croyance qu'à la religion, Harari opposant le concept de réalité psychique – la Realitat – au concept de la réalité opératoire, la réalité effective ou efficace – la Wirklichkeit. Lacan touche, alors, au Père freudien, au Nom-du-Père au singulier comme un excès. Lacan « sous-entend » qu'il s'agit d'un excès de Freud et qu'il n'y aurait pas besoin de l'instance du Père pour faire le nouage, laissant de côté sa fonction de « donner un nom », le Père nommant des choses.

On peut nuancer la formulation de Harari - le Père freudien est un excès. Il s'agit en effet d'un un en plus nécessaire, même si ce n'est pas nécessairement le Père. Maleval (2000) met en rapport les fonctions de capitonnage autant dans le sinthome que dans le Nom-du-Père. Dans le Nom-du-Père, le Père freudien, il s'agit d'un point de capiton entre la jouissance et le signifiant à partir de la fonction phallique, qui permet de

nommer les choses à partir de la réponse phallique. Quand il y a forclusion du signifiant Nom-du-Père, il faut d'autres constructions / sinthomes qui puissent faire le travail de nomination sans le recours à la nomination du Nom-du-Père comme réponse phallique.

Chez Lacan, le quatrième anneau change complètement ce qui existait avant, puisqu'il faut un dénouement des trois anneaux pour qu'ils puissent résulter dans un nouveau nouage : un nœud borroméen à quatre. Le quatre ne peut seulement être ajouté aux trois autres. Il faut reconfigurer le tout. Les trois anneaux de la configuration initiale restent alors détachés les uns par rapport aux autres, et le quatrième les noue ensemble. Dans le séminaire « *Le sinthome* », Lacan propose dans le schéma 3 + 1, l'existence des trois ronds équivalents RSI plus le sinthome construisant trois nœuds noués borroméennement, le nouage à quatre:

RSI
SIR
IRS

___
SINTHOME (Lacan, 1975-1976/2005, p.52).

La fonction du +1, du plus un est souligné par Porge (2005) dans le nœud à quatre comme ce qui explicite la fonction du un en plus pour donner la consistance, ce quatrième rond mis en lumière par la nomination comme l'acte qui fait trou, qui distingue les trois ronds qui étaient avant équivalents, non distinguables.

Selon Lacan, Joyce répond « à une façon de suppléer à un dénouement du nœud » (Lacan, 1975-1976/2005, p. 87), faisant un nœud à quatre ayant un « air de faire nœud à trois » (Lacan, 1975-1976/2005, p. 94), son sinthome étant ce quatre comme une « compensation » de la « démission paternelle » (Lacan, 1975-1976/2005, p. 89), compensant « la carence paternelle » (Lacan, 1975-1976/2005, p. 94) se faisant un nom. La compensation par le sinthome d'une faille dans les nœuds fait qu'il y a un rapport sexuel, où la femme de Joyce est « *supportée* » du sinthome et Lacan (1975-1976/2005) indique que la fille de Joyce était le prolongement de son sinthome. Harari (1999) affirme que la fille de Joyce, schizophrène, était un « « prolongement » du sinthome de Joyce » (p. 144), et il relie l'aggravement de ses symptômes à la mort du père de Joyce,

donc, à la carence du père de Joyce, ayant un impact sur la troisième génération, à savoir, sa fille. Joyce ne croyait pas que sa fille était folle mais considérait qu'elle était un être fantastique ayant sa langue propre et qu'il comprenait cette langue même si les autres n'y arrivaient pas. Harari considère qu'autant Joyce que sa fille sont atteints des paroles imposées, mais tandis que sa fille devient folle, Joyce va créer son sinthome, va écrire son œuvre. Il est intéressant de souligner que si chez Harari (1999) le sinthome est formulé comme la création de Joyce-the-artist, la création de l'œuvre, chez Soler (2004), il faut que l'œuvre soit publiée, de façon que par sa publication il puisse créer son nom, réparant ainsi le défaut de l'inscription d'une nomination, du ratage du père comme nommant.

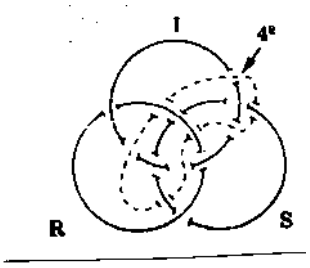


FIGURE (Harari, 1999, p. 59)

Dans cette figure, I se superpose à R, qui lui-même se superpose à S ; il y a S, puis, superposé, il y a R, et, superposé, il y a I ; le fil du 4 les nouant. Harari (1999) affirme que les trois anneaux sont équivalents, et que c'est le 4 qui introduit :

> une asynchronie, à savoir : ce même maillon, avec un des autres, n'importe lequel d'entre eux, possède la particularité de se croiser quatre fois. Dans le cas précédent, nous avons privilégié le I – en tant que consistance-, mais nous aurions pu le faire avec n'importe laquelle, vu qu'elles ne sont pas nommées de façon fixe. Un maillon est privilégié par quatre croisements avec ce dernier (pp. 59-60).

Harari (1999) souligne que sa lecture du quatre chez Lacan est un quatrième qui n'est pas un maillon forcé pour réparer une faille du Père, mais un maillon d'une « structuration habituelle du psychisme » (p. 60). Il désigne ce quatre sinthome – observable dans la construction du séminaire « *Le sinthome* » à propos de Joyce et de

son œuvre, mais que l'auteur considère être le but d'une analyse puisque la singularité de l'œuvre, la singularité du sinthome est ce qui distingue, qui marque la singularité de chacun. On va par la suite déplier le sinthome, mais il faut encore aborder avec plus de minutie ce quatre en tant que fonction de nommer.

À partir de la distinction du père comme nom et de celui qui nomme, Harari (1999) propose le schéma suivant sur lequel il va tisser quelques considérations :

S1 (DM) → S2 (NP)

S1 (NPin) → S2 (RSI)
(p. 176).

La lecture de Harari (1999) indique que dans le premier schéma, le DM – le désir de la mère – conduit au NP – Nom-du-Père conditionné au désir de la mère tandis que dans le deuxième schéma, il s'agit d'un Nom-du-Père inconditionné comme S1 dont peut dériver le RSI, qui, à partir du quatre, du NPin, peut se nouer. Le NPin désigne un pouvoir se passer du Nom-du-Père étant donné que « le Nom-du-Père, on peut aussi bien s'en passer. On peut aussi bien s'en passer à condition de s'en servir » (Lacan, 1975-1976/2005, p.136). Tandis que, dans le premier schéma, il s'agit de la mise en place d'une métaphore, d'une substitution de DM par NP, dans le deuxième schéma, il s'agit d'une nomination. Alors, Harari met en relief que l'identification au NPin, l'identification au sinthome, c'est ce quatrième qui permet le nouage de RSI. Dans le premier schéma, Harari note justement l'importance de la métaphore, de la mise en place d'une métaphore. Il souligne que la métaphore crée du sens mais produit une confusion en prenant une chose pour une autre. L'auteur suggère de se souvenir de la métaphore de Lacan qui:

> consiste à « prendre une vessie pour une lanterne ». Elle ne renvoie pas à l'organe vessie mais, avant tout, à une sorte de sac. Que se passe-t-il avec celui-ci ? Et bien que si on lui introduisait une luminosité, il pourrait ressembler à une lanterne. Cette expression française classique et familière, signifie « se tromper du tout au tout » (…) de prendre une chose pour une autre (p. 182).

Harari poursuit son articulation en démontrant ce rôle producteur de sens mis en œuvre par la métaphore dans le refoulement et dans le symptôme, ce qu'il oppose au sinthome où il ne s'agit pas d'une métaphore mais d'une nomination. Il différentie le glissement signifiant possible à partir de la métaphore, des substitutions signifiantes dans le symbolique, de l'incidence du réel de la lettre. Il note la caractéristique du Réel qui n'admet pas de substitution, ni de liaison, mais où il s'agit de bouts, de fragments : « ses bouts ne renvoient pas à un tout » (Harari, 1999, p. 159). Tandis que dans la métaphore, il s'agit d'une articulation, d'une substitution : dans le sinthome, il n'y a pas de quête de sens, d'articulation, il s'agit de ces morceaux, de ces bouts fragmentés. Harari souligne le rapport de la lettre au sinthome, ce qui peut ancrer la possibilité d'accéder au réel sans le « ment », sans le sens, sans la tromperie de la métaphore de prendre une chose pour une autre. Chez Joyce, Harari (1999) affirme qu'il s'agit d'un imaginaire déterminé par la forclusion du sens, tandis que par le sens, par la métaphore, on reste situé en dehors du réel. Le NP inconditionné est l'instance de la suppléance qui « Chez Joyce, cette suppléance, en ce qui concerne le symbolique, advient au moyen de (se faire) un nom propre » (Harari, 1999, p. 177). La nomination chez Joyce implique diverses manières réparatrices, donc plusieurs nominations : « par une nomination il pourra « construire » son nom et par une autre, il réussira à « gonfler » son ego » (Harari, 1999, p. 178). Joyce a mis en scène le quatre, le quatrième anneau, à travers son écriture. Harari (1999) signale qu'il faut lire Joyce-le-sinthome comme une unité : un nom - le concept de sinthome en rapport à se faire un nom, à partir du singulier de chacun. Stevens (1999) souligne que, chez Joyce, la jouissance au lieu de se localiser au lieu de l'Autre comme dans la paranoïa, ou de faire retour dans le corps comme dans la schizophrénie, elle se localise dans la lettrification du symbolique. Harari (1999) souligne dans l'œuvre joycienne l'importance des noms propres, la variété des noms pour désigner le même personnage, chez Joyce chez qui le nom du père défaillant a ouvert la voie d'incarner en lui-même la création de son nom propre Joyce-le-sinthome. La nomination chez Joyce est faite par son œuvre, son nom d'artiste et non par la nomination paternelle.

Harari (1999) signale l'importance des épiphanies chez Joyce comme sa « manifestation de l'être » (p. 62), sa façon de saisir le Réel. L'importance de l'épiphanie comme une articulation de ce que Harari comprend comme le lien entre le symbolique et le réel. L'auteur met en rapport les rencontres de Joyce avec des manifestations inattendues, des

révélations du réel, des banalités, des fragments d'un discours, des gestes quotidiens, qui paraissent anodins, mais qui révèlent le réel ; il suggère de désigner épiphanie comme « une manifestation soudaine, c'est l'apparition d'un vécu qui ne parvient à habiter l'être que sous la forme de lettre (ce qui n'implique pas nécessairement bien sûr la dimension de l'écrit » (p. 65), et il met en rapport la décision de Joyce de les écrire comme une façon de faire avec ces situations épiphaniques, comme une façon de traiter ces rencontres qui révèlent du réel, un mode d'inventer son sinthome. Les épiphanies ne sont pas liées à une signification précise mais produisent une certaine énigme, puisque « l'extase qui survient à l'être au moment épiphanique n'engendre pas de sens » (Harari, 1999, p. 68), et c'est la manière de Joyce de faire avec. Soler (2004) souligne que :

> L'écriture de Joyce est destructrice du langage. Ça commence avec les épiphanies, ça finit avec *Finnegans Wake*, d'abord publié sous le titre de *Work in progress*. Les *Epiphanies* détruisent le un de signification, puisque des uns, il y en a plusieurs. Le procédé est simple. Le un de signification est produit par le point de capiton, par le binaire de la chaîne signifiante, S1-S2. Joyce extrait une pièce détachée, qui du coup se trouve insensée. L'Epiphanie est une bribe, hors sens, et de ce fait lestée d'un poids d'énigme (p. 54).

Joyce transforme la signification de ses textes en une énigme démontrant le caractère de fiction, le caractère aléatoire de l'enchainement signifiant, le caractère de semblant des discours. La chaine S1-S2 produit une signification toujours de l'ordre d'une fiction par rapport au réel. Dans les discours on jouit du sens, chez Joyce il s'agit de jouissance de la lettre. Joyce dit que dans les discours on jouit du sens, mais chez lui il s'agit de jouissance de la lettre, chez Joyce « des uns de la langue, il fait fixion, et non fiction, de jouissance » (Soler, 2002, p. 114). Le processus poétique de l'épiphanie joycienne est mis en rapport à l'effet de ravinement de la pluie par Bernard (2011), il s'agit d'un processus d'inscription de la lettre, d'être affecté dans le corps par la lettre du poème vidé du sens, par les effets de lalangue, les effets de la jouissance dans le corps. Chez Joyce, il ne s'agit pas de produire du sens mais de jouir en écrivant, en détruisant la langue anglaise, en créant son nom. Joyce-le-sinthome est la création du nom propre faite par Joyce étant donné que « Joyce ne déclare pas de symptômes, à la rigueur il a un sinthome. Mieux encore : au lieu de l'avoir il est avec le – son – sinthome » (Harari, 1999, p. 48).

Attrapant des bouts de réel, la dissolution de la langue par Joyce marque son écriture. L'œuvre de Joyce est marquée par des résidus métonymiques qui n'aboutissent pas à un sens, à une compréhension, à une métaphore, au contraire, son œuvre est remplie de fragments déplacés qui produisent un envahissement par un néant, des morceaux qui ne permettent pas la signification, l'unité. Harari (1999) souligne qu'il s'agit de la prévalence du réel, du dénoué, mis en place dans l'écriture joycienne qui « *parmi la banalité, a trouvé le noyau de notre être* » (p. 68). Selon l'auteur, à la place des métaphores, on trouve des « *mots-valises* », des condensations dans des vocables inventés ayant plusieurs signifiés différents, des polysyllabes d'un jeu plurilinguistique. Chez Joyce, il ne s'agit pas de se communiquer par son œuvre, mais d'atteindre au vide du sens, à l' « ab-sens » (p. 70). C'est pourquoi Harari parle de la tâche joycienne de créer une langue « *Autre* » et liquider phonétiquement l'anglais, en créant son art, son œuvre. Il ne s'agit pas d'une œuvre qui susciterait une reconnaissance, un accrochage dans le fantasme, une signification, mais d'une œuvre au-delà du fantasme, une œuvre magnifique « non pas du point de vue de la métaphore mais de celui de la jouissance » (Harari, 1999, p. 73). Le lecteur doit pouvoir tolérer le non-sens chez Joyce pour pouvoir jouir de son œuvre, en suivant l'enchaînement en coprésence, « sans refoulement – du mot à mot. Des mots explosés, implosés, des mots décomposés, des mots commutés » (Harari, 1999, p. 74). Harari oppose alors la métaphore du symptôme au non-sens métonymique joycien du sinthome. Il s'agit des traces que Joyce laisse dans le monde « à partir de son savoir-y-faire-avec » (Harari, 1999, p. 106), permettant d'atteindre le réel à partir de l'identification au sinthome. L'importance de l'écriture pour Joyce, l'importance de la lettre comme manière de « saisir des morceaux de Réel » (Harari, 1999, p. 196). Chez Joyce, il ne s'agit pas d'une chaîne signifiante S1-S2 produisant la signification S2, il ne s'agit pas d'un signifiant qui représenterait le sujet auprès de l'autre signifiant produisant le sujet barré et l'objet a. Joyce ne s'adresse pas à l'Autre. L'œuvre joycienne n'est adressée ni à l'Autre ni aux autres mais à sa propre jouissance, à jouir du S1 ; il s'agit de la dimension de la lettre de faire jouir. Soler (2004) désigne la lettre comme « un Un identique à lui-même et qui fait fixion de jouissance » (p. 69), ce que Soler désigne chez Joyce « la lettre pure, sans corps » (p. 69).

L'habilité de Joyce à produire du non-sens est mis en relief par Soler (2004) par rapport au manque de consistance imaginaire chez lui puisque « le sens est généralement lié à

l'imaginaire du corps propre » (p. 66) et la liberté joycienne d'expulser du sens « est conditionnée par le dénouage de l'imaginaire » (p. 66), son écriture jouant alors directement avec du symbolique sans Autre et du réel.

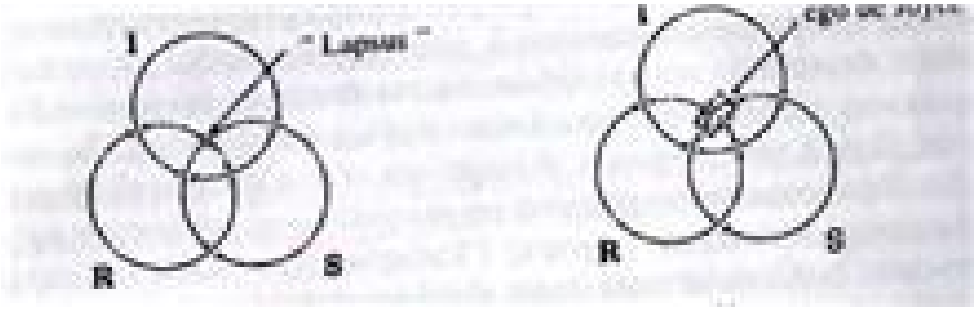
Chez Joyce, le I étant coupé de la relation complémentaire de S et de R, et son symbolique n'étant pas le symbolique marqué par l'Autre, il peut faire une « fixion » de la jouissance avec ce que Soler (2004) appelle la lettre pure, du réel libre de l'imaginaire. Soler souligne la création de Joyce d'un nom d'homme, ce que Lacan (1975) dans la conférence « *Joyce le symptôme II* » désigne de « *nom dhom* », un « nom de LOM que Lacan écrit en trois lettres pour évoquer que la fonction de la lettre et le trois qu'il faut dans le nœud pour faire l'Un du nœud ou de LOM » (Soler, 2004, p. 69). Soler met en avant l'importance de la publication, dans la construction de Joyce comme son nom, comme « UN d'exception, à l'égal de la fonction Père » (p. 70) ayant un rôle dans l'« implication de l'imaginaire dans la promotion de LOM » (p. 71), dans la construction de son ego. Soler considère que, dans l'ego joycien, il s'agit de la dimension du nom, de se faire son nom Un, de faire un nouage sans le père puisque « Nommer, c'est nouer » (p. 96), nouer à travers la singularité le sinthome.

En construisant son œuvre, en se donnant un nom, Joyce-le-sinthome, et en en jouissant, dans le nouage de RSI par le sinthome, chez Joyce :

> Vous retrouvez l'imaginaire sous la forme de l'ego comme consistance d'un moi, le symbolique avec le nom qu'il s'agit pour Joyce de se donner en produisant une œuvre telle que les universitaires en auront pour deux cents ans de travail, et tout cela est noué en incluant une jouissance, une jouissance dans le travail de déconstruction de la langue, c'est le réel en question (Stevens, 1997, p. 14).

Harari (1999) analyse les lettres de Joyce et affirme que dans son œuvre, il s'agissait pour lui, par l'écriture, d'opérer avec des bouts cassés, et il va essayer de se débarrasser du « parasite parolier (…) subi par le parlêtre » (p. 149). Le psychanalyste souligne le fait que le travail incessant de production des polyphonies était aussi un travail imposé, même s'il produisait de la jouissance, il n'aurait pas échappé à l'impératif du « *parasite parolier* ». L'auteur suggère un biais singulier pour suivre l'œuvre de Joyce à partir du concept de la voix, en considérant que le sinthome de Joyce est un faire avec les

« paroles imposées » (p. 56), les voix pluralisées que l'on trouve souvent dans la schizophrénie, comme les voix qui parlent dans l'hallucination, mais aussi les voix qui sont travaillées par le sinthome joycien. Harari (1999) explique que le nœud de Joyce n'est pas celui d'un fou, « son nœud n'est pas le trèfle, mais le trèfle réparé » (p. 145). La fille de Joyce était folle, alors que la réponse de Joyce, la réponse aux voix est de « briser le langage » (Harari, 1999, p. 112) en écrivant, en jetant la lettre à la poubelle dans le jeu de mots « *a letter, a litter* » de faire avec. Joyce défait le sens : « Il ne respecte ni syntaxe, ni sémantique, ni pragmatique ; c'est-à-dire qu'il dissout toutes les alternatives proposées par ramification de la linguistique. Il rompt, massacre le sens et – bien pire – génère des énigmes » (Harari, 1999, p. 171). En effet, pour pouvoir écrire, Joyce n'entend pas de voix, il peut se faire un nom grâce à son œuvre. L'auteur oppose la manière de Joyce de faire avec son père, à savoir honorer son nom propre – James Joyce – et non pas d'honorer le père. Le sinthome de Joyce s'inscrit, suppléant la « démission paternelle », « la carence du père », c'est « ce fil artificié (…) ainsi cousu, qui évitera le dénouement » (Harari, 1999, p. 128), produisant une « *compensation nouée* ». Chez lui, il y a faute et réparation dans le nouer du RSI et quand il y a la mise en place de la réparation, elle s'inscrit de telle façon dans la structure, les deux comme faits d'écriture, qu'il est difficile de les distinguer après la réparation, qui donne une consistance supplémentaire.



(Harari, 1999, p. 235)

Porge (2010) souligne que le ratage dans le nouage de RSI dans la version du nœud chez Joyce[21] produit une inversion en un seul endroit où le rond S surmonte le rond R,

[21] Lacan a abordé Joyce à partir de l'I déconnecté ; au contraire de Joyce, Sciara (2006) souligne que dans les cas de paranoïa, il y a une consistance possible de I par un « *tissu délirant* » (Sciara, 2006, p. 27)qui peut entraîner l'inflation de l'axe imaginaire, pouvant aboutir dans un nouage où les trois registres sont en continuité, dans un nœud non borroméen mais consistant. Alors, l'auteur distingue les paranoïas plus réussies où la personnalité et la paranoïa seraient une seule et il n'y aurait pas besoin d'une

ayant comme conséquence l'échappement du rond I. La suppléance de Joyce, son nouage de RSI, est mise en place par son œuvre, par la lettre qui permet son 3 + 1. Selon Porge (2010) chez Joyce, il y a un nouage non borroméen puisque les trois sont noués à partir du quatrième, mais la relation de R et S devient complémentaire. Porge (2010) souligne, en outre, l'importance de la femme de Joyce avec qui il a un « rapport sexuel sinthomatique » (p. 62). Les ronds de S et de R ne sont pas équivalents mais complémentaires, il y a, alors, du rapport sexuel entre Joyce et sa femme puisque « « l'autre sexe est supporté du sinthome » » (Porge, 2010, p. 61). Harari (1999) distingue le « *quatrième en général* », le quatre du bo, de celui introduit par Lacan à propos de Joyce, la réparation du nœud chez Joyce à travers son œuvre, créant son 4, autrement dit l'ego de Joyce ; en construisant son nom à partir de la destruction de la langue anglaise, Joyce construit son ego, son sinthome à partir du travail sur la lettre, à partir de l'écriture de son œuvre car chez Joyce « l'écriture est essentielle à son ego » (Lacan, 1975-1976/2005, p.147).

Chez Joyce dont l'image du corps narcissique défaille, l'écriture devient un corps de substitution, ce que Lacan va appeler l'ego joycien, l'ego hors corps. Lacan cite le cas du nœud raté quand I glisse chez Joyce après avoir reçu la raclée, le rapport imaginaire n'ayant pas lieu, et puis la correction du nœud à partir de « l'ego correcteur du rapport manquant » (Lacan, 1975-1976/2005, p.152). Il s'agit alors de la réparation d'une défaillance du narcissisme, de l'image du corps propre, par la construction d'un ego construit à partir du nom propre – de Joyce, l'artiste. Si la consistance imaginaire narcissique du corps est défaillant chez Joyce, comme il a une structure de lettres, il se construit par les lettres, par son œuvre. Chez Joyce il s'agit d'un corps d'écriture suppléant l'I défaillant.

---

suppléance, des cas où la paranoïa où les cadres délirants sont marquants mais pas tellement aboutis, le délire se caractérisant comme une suppléance, un quatrième nœud nécessaire pour faire un nouage non borroméen. Or, l'auteur souligne dans les cas de schizophrénie, en deçà de la construction de l'image spéculaire, il n'y a pas la consistance de I, les délires dans les schizophrénies pures n'arrivent pas à aboutir dans une solide élaboration délirante (pouvant produire une métaphore délirante)mais où la suppléance est une solution possible pour faire tenir ensemble RSI. Or, l'auteur nous met en garde par rapport aux possibilités illimités d'une suppléance ou des guérisons chez ni importe quel psychotique puisque « *n'est pas Joyce, ni Schreber qui veut* » (Sciara, 2006, p. 31), tout en soulignant la possibilité d'un bricolage singulier.

> Pour ce qui est de Joyce, j'aurais pu vous lire une confidence qu'il nous fait dans le Portrait of the Artist as a Young Man.
>
> À propos de Tennyson, de Byron, de choses se référant à des poètes, il s'est trouvé des camarades pour le ficeler à une barrière en fil de fer barbelé, et lui donner, à lui, James Joyce, une raclée. Le camarade qui dirigeait toute l'aventure était un nommé Héron, terme qui n'est pas indifférent, puisque c'est l'erôn. Ce Héron l'a donc battu pendant un certain temps, aidé de quelques autres camarades.
>
> Après l'aventure, Joyce s'interroge sur ce qui a fait que, passé la chose, il ne lui en voulait pas. Il s'exprime alors d'une façon très pertinente, comme on peut l'attendre de lui, je veux dire qu'il métaphorise son rapport à son corps. Il constate que toute l'affaire s'est évacuée, comme une pelure, dit-il.
>
> Qu'est-ce que ceci nous indique ? sinon quelque chose qui concerne chez Joyce le rapport au corps (….)
>
> Chez Joyce, il n'y a que quelque chose qui ne demande qu'à s'en aller, qu'à lâcher comme une pelure (…)
>
> (….) ce qui est frappant, ce sont les métaphores qu'il emploie, à savoir le détachement de quelque chose comme une pelure. Il n'a pas joui cette fois-là, il a eu une réaction de dégoût (….) Ce dégout concerne en somme son propre corps (…)
>
> (…) la forme, chez Joyce, du laisser tomber du rapport au corps propre est tout à fait suspecte pour un analyste, car l'idée de soi comme corps a un poids. C'est précisément ce qu'on appelle ego
>
> Si l'ego est dit narcissique, c'est bien parce que, à un certain niveau, il y a quelque chose qui supporte le corps comme image. Dans le cas de Joyce, le fait que cette image ne soit pas intéressée dans l'occasion, n'est-ce pas ce qui signe que l'ego a chez lui une fonction toute particulière ? (Lacan, 1975-1976/2005, p.148-150).

Il importe d'indiquer le rôle de l'ego chez Joyce. D'après Porge (2010), c'est un ego non narcissique, son ego n'étant pas supporté par l'I, qu'il suggère d'appeler « suppléance d'ego » (p. 76). Lacan complète le nom de Joyce en l'appelant Joyce-le-sinthome, comme le sinthome qui devient son nom propre repérant la défaillance avec cette suppléance, cette identification au sinthome, par la lettre. Porge (2010) souligne que, autant la faute dans le nœud que sa réparation sont des « faits d'écriture » (p. 79), des rapports de l'écrit à l'écrit, ce que l'auteur décrit comme inscrivant de plein droit ce qui rend difficile la distinction de la faute de sa réparation, caractérisant le sinthome comme ce rapport de l'écrit à l'écrit.

Chez Joyce le corps est détaché, c'est un corps laissé tomber. Il faut, cependant, signaler qu'il arrive à faire tenir son nœud avec son sinthome, son œuvre, son Nom : Joyce-le-Sinthome qui arrive à associer le symbolique et le réel. Le nom, la nomination n'est pas du domaine du sens, mais du domaine du nommer les choses permettant l'association symbolique et réel ; le nom propre n'est pas le S1, il ne s'agit pas d'une identification au signifiant du maître. Chez Joyce, il ne s'agit pas du semblant, mais de la lettre, du réel. Joyce ne se soutient pas du semblant, d'un discours, mais de la lettre à partir de laquelle il construit son ego et son nom.

La lecture lacanienne de Joyce met en evidence que si l'on reste captif de la forme du corps, notamment dans la prévalence d'une unité dans le spéculaire chez l'humain, on ne se rend pas compte du corps comme des pièces détachées, des organes qui ont besoin d'un discours pour déterminer leur fonction, du corps en morceaux mis en lumière chez le schizophrène : il faut bricoler une fonction au corps - de la fonction du bricolage des organes du corps propre chez l'humain.

J'ai commencé la thèse, en essayant de penser la schizophrénie à partir des formulations initiales de Lacan sur l'image du corps propre. Au début de ce raisonnement, j'ai essayé de formuler un schéma du miroir chez le schizophrène, à partir d'un schéma basé sur l'Autre/l'œil où j'ai mis en lumière l'imaginaire en rapport au symbolique et au réel. Puis, j'ai abordé les perturbations dans la schizophrénie dans le rapport à l'Autre, illustrées, par exemple, par l'œil à l'extérieur du schéma, produisant une faille dans l'intrication entre l'imaginaire et le réel ; le bébé n'ayant pas accès direct au réel, au corps réel. J'ai essayé de formuler dans la schizophrénie deux hypothèses sur le schéma du miroir. Dans ces schémas, construits au premier chapitre après l'introduction, j'ai mis l'œil/Autre dans des positions inappropriées pour permettre à l'Autre de se situer de façon à parvenir à la construction de l'unité vase-fleurs. En rapport à ce mauvais positionnement de l'œil/Autre, j'ai formulé la non mise en place de l'unité imaginaire du corps, que j'ai mis en rapport à la non délimitation du vase/pot autour d'un vide et de la non inscription des bords/vase, n'ayant pas le surgissement de l'unité vase + fleurs, de cette image unifiante.

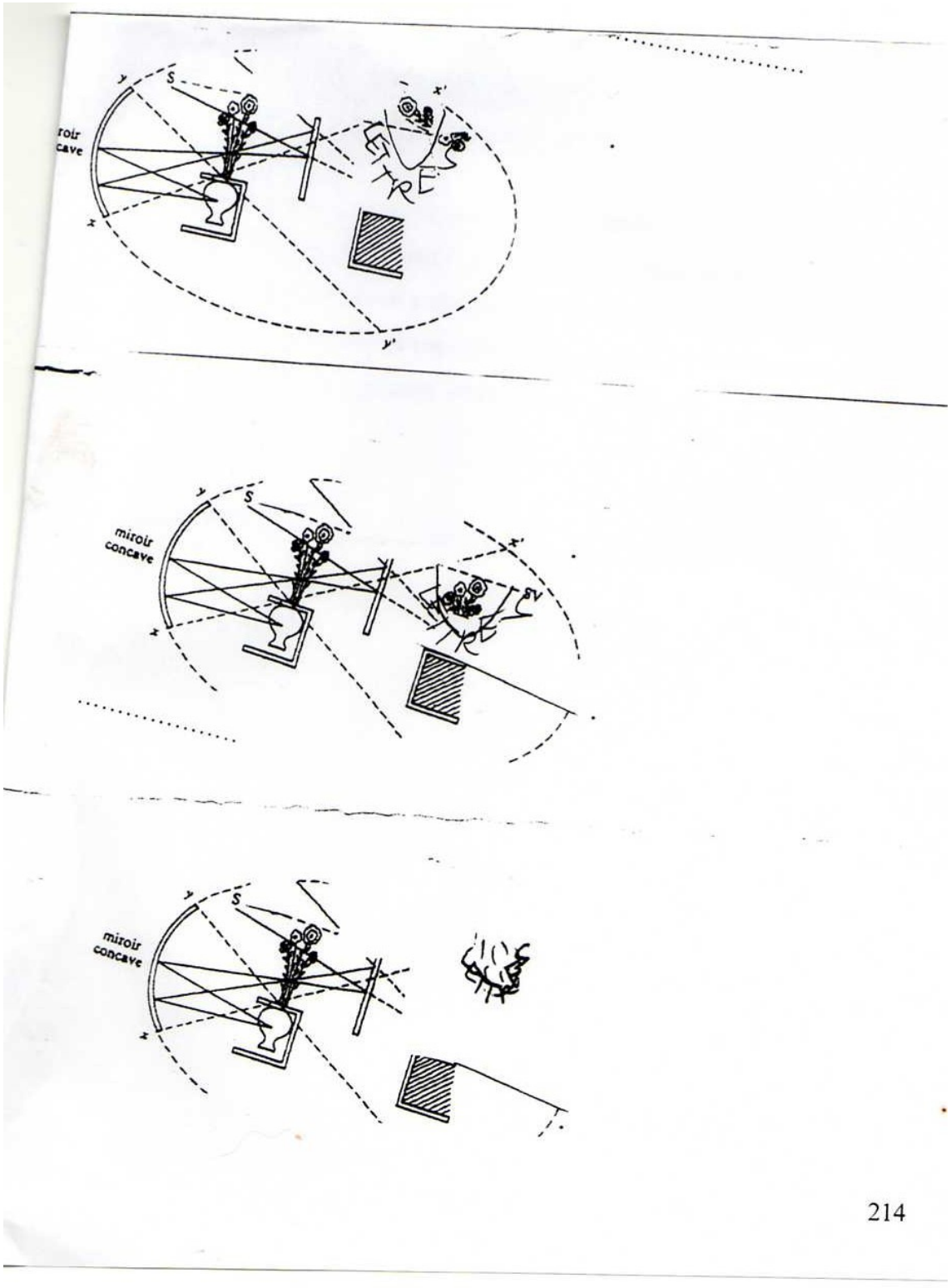
Il importe maintenant de revisiter les formulations initiales de la thèse, à propos de la schizophrénie à partir du schéma du miroir. Du fait que le stade du miroir met en

lumière la construction d'une image du corps propre et du moi en rapport au spéculaire et au non spéculaire, en rapport à l'Autre, au trait de l'Autre et à (a), je considère qu'à partir de notre parcours de l'enseignement de Lacan, on peut tisser de nouvelles hypothèses sur l'image du corps propre et du moi chez le schizophrène.

On peut s'ancrer dans la formulation lacanienne du schizophrène comme celui qui ne trouve pas les fonctions des organes du corps dans les discours préétablis, à partir de l'Autre, mais qu'il pourrait le faire dans un rapport au réel, par la lettre. La clinique de la schizophrénie ouvre la possibilité de penser d'autres façons de nouer le symbolique et le réel, sans attendre de l'Autre / NP, la nomination, le trait d'identification symbolique. L'Autre / le trait unaire de l'Autre est celui qui désigne le tu es cela. Il s'agit de la marque de l'Autre dans la construction de l'image du corps propre, dans l'appréhension de soi, dans la construction du moi et du monde. Or, chez les schizophrènes, la non existence du tu es cela, le cri ne devenant pas un appel, il n'y a pas la prise de cet appel par l'Autre, mais il peut y avoir d'autres moyens de faire avec les uns, sans la réponse de l'Autre.

On a suivi l'étude lacanienne sur Joyce comme celui qui construit son ego et son nom, sans l'Autre, par la lettre, par la construction de son sinthome, qui fait tenir ensemble RSI. Or, l'ego de Joyce est formulé comme non narcissique, de même que la consistance imaginaire narcissique de son corps est défaillante. Lacan lui-même formule chez Joyce l'ego comme suppléance à une défaillance de l'image du corps, de l'image narcissique du corps propre chez Joyce. L'écriture est, alors, mise en rapport à la construction d'une consistance du corps donné par des lettres.

On pourrait, alors, formuler une nouvelle version de la construction du corps et de la constitution de l'image du corps chez le schizophrène.



214

Dans la schizophrènie, il y a l'indistinction entre le réel et le symbolique, mais il n'y a pas chez Lacan une formulation sine qua non d'une indistinction de l'imaginaire. En effet, on a élaboré qu'il peut ou non avoir un imaginaire hors jeu, un imaginaire qui échappe à un possible nouage avec le nœud RS. On peut alors élaborer un corps-lettre

dans la schizophrénie, mis en place avec ou sans l'imaginaire, avec ou sans l'image du corps narcissique.

Les formulations des nouveaux schémas mettent en lumière la place des S1s découplés, d'une inscription des Sxs, en rapport aux lettres de jouissance singulières de chacun.

En effet, j'essaie de signaler l'inscription de lalangue singulière qui n'est pas une inscription imaginaire mais réelle, en rapport aux signifiants Sxs et aux morceaux de jouissance, a. Il s'agit d'un marquage du corps par lalangue, mais cette incorporation de lalangue, ce marquage du corps par les Sxs et des morceaux de jouissance peut permettre une construction d'une consistance donnée par la matérialité de la lettre, par l'écriture. Il peut y avoir une construction d'un imaginaire, I , qui n'est pas en rapport à une image phallique du corps propre mais qui peut être en rapport à l'écriture, à la création d'un nœud RSI plus un qui tient ensemble.

Soulignant l'importance de la lettre pour la construction d'un corps dans la schizophrénie, il s'agit de la lettre désignée comme marque dans le littoral entre lalangue et la jouissance, comme modalité d'inscription ancrée dans le corps, nouant corps et langage.

La lettre peut créer la place du vide. D'après Izcovich (2011) « l'écriture est ravinement qui creuse du vide » (p. 90). Le psychanalyse formule, à partir de l'étude de la place du vide dans la pensée chinoise, qu'il y a un vide originel, puis un vide médian qui n'est pas inerte ; dans la peinture, ce vide médian qui permettrait de relier le visible à l'invisible. Le psychanalyste met, alors, en rapport ce vide médian à la place de l'objet (a) – hors chaîne signifiante, mais essentiel pour l'organisation discursive de la chaîne signifiante. On pourrait, alors, formuler la possibilité d'autres constructions de ce vide médian, dans les constructions autour du trou, comme l'objet (a) le fait, l'objet (a) en tant que réel.

La lettre, la dimension réelle de la lettre peut, elle aussi, faire ce trou, peut creuser ce vide. On peut formuler la lettre dans la schizophrénie pouvant impliquer le vide dans l'écriture de lalangue, les S1s et la jouissance. La lettre peut créer le trou, le vide. Ainsi que la formulation de la lettre, la formulation du sinthome touche aussi à un ancrage

dans le corps de lalangue et de la jouissance. Dans la construction du sinthome, dans l'identification au sinthome, il n'y a pas un tu es cela en rapport au trait unaire de l'Autre, le signifiant de l'Autre, mais un je suis Sx+a, ou plus exatement je-Sx+a. La formulation du je suis sinthome peut être mise en rapport à la construction d'une consistance du corps, de la prise des organes par lalangue et de la construction d'une image du corps propre, sans le recours à l'Autre, sans la place de l'œil symbolique, mais par le marquage de la lettre.

Si on a formulé l'objet (a) en rapport au surgissement du vide médian, dans le double tour, de la répétition de l'un, ma thèse est que l'on peut, à partir des enseignements de la schizophrénie, affirmer que la lettre peut elle aussi créer le vide. En effet, on peut dire que dans l'objet (a), c'était sa dimension de la lettre, sa dimension réelle qui créait du vide. On a abordé dans la clinique, la richesse du concept de l'objet (a) dans le traitement pour rendre compte du besoin chez l'humain de la création du vide, d'un trou autour duquel quelque chose pourrait s'inscrire, se structurer.

L'autre voie possible est d'utiliser le concept de la lettre, la dimension réelle de la lettre. Il s'agit des voies pour essayer de penser la transformation de la Chose, du réel primordial, en un réel singularisé par les traits de chacun.

Dans le sous-chapitre suivant, on va montrer l'importance du travail sur la lettre dans la schizophrénie pour élaborer la création d'une solution possible autour de l'un, des traits et de la jouissance, permettant le surgissement du vide structurant, à partir du travail sur le réel, par la lettre.

V.2. Le trait et la lettre dans la schizophrénie.

Chez le schizophrène, la construction d'un sinthome-lettre peut donner consistance au schizophrène sans avoir besoin d'un forçage du signifiant, ni de la construction d'une chaîne signifiante. Il s'agit d'un savoir y faire avec les bouts de réel, avec la Chose, antérieur au signifiant. On a formulé l'existence dans la schizophrénie, du cri, d'un trait, qui n'est pas pris par l'Autre comme appel, l'un qui ne devient pas une répétition du trait unaire, dans cet un « nous ne sommes au niveau d'aucune identification unaire (…) Il s'agit, dans chaque cas, d'un trait qui ne marque rien (…) qui marque la pure différence » (Lacan, 1968/1969/2006, p. 356), il n'y a pas « l'un du signifiant inscrit dans l'Autre, condition nécessaire à ce que le sujet s'y accroche » (Lacan, 1968-1969/2006, p. 363), ce l'un répété inscrit une béance, un vide dans la figure topologique, la répétition de l'Un permettant la double coupure d'où surgit la Bande de Moebius plus l'objet (a). Or, dans la schizophrénie, il n'y a pas de double tour, il n'y a pas de surgissement de l'(a) et du Moebius, mais on peut formuler que la lettre peut permettre l'inscription d'un vide médian.

Dans le S1 ou Sx chez le schizophrène il n'y a pas de chaîne signifiante S1-S2. Il ne s'agit pas d'un refoulement d'un signifiant deux mais de l'inexistence d'un signifiant deux qui puisse produire une chaîne signifiante avec des S1s. Il y a l'Un, d'un Sx qui ne devient pas un 2 mais qui reste 1. Dans la schizophrénie, c'est le temps du Sx, du S1 seul en tant qu'un sans aucun recours aux discours, aux S2s, c'est l'un qui ne représente pas le sujet. Au niveau de ce que l'on essaie d'élaborer par rapport à la schizophrénie, on parle de traits qui sont déconnectés d'une chaîne signifiante, d'un Un qui ne devient pas S1 connecté à S2.

Dans la schizophrénie, où on a formulé l'existence de ce Sx, on pourrait travailler la conception d'une identification à l'Un, d'une identification au sinthome, d'une identification aux traits qui ne deviennent pas un S1 en tant qu'appelant un S2, il s'agit d'une identification aux traits, avant qu'ils ne deviennent signifiants, une identification où il s'agit de la jouissance en tant que morceaux de jouissance et le Sx.

Stevens (1997) signale la jouissance qui renvoie à la lettrification mise en lumière chez Joyce, dans un traitement de la jouissance par la lettre où Joyce arrive à maîtriser la jouissance sans avoir besoin du S1-S2, il maîtrise la jouissance par la lettre, la lettre qui lui fait office de nom, qui n'est pas en rapport au S1 ayant une signification donnée par l'Autre, nous signalant la voie dans la schizophrénie où il s'agit de travailler le hors-sens par la lettre, en travaillant des signifiants coupés des significations. Dans la schizophrénie, il faut travailler le hors-sens de la lettre, avec du réel. Holvoet (2008) met en rapport les automutilations présentes chez le schizophrène comme des essais de « décocher un trait d'où une écriture devient possible » (p. 87) puisque :

> Avec le trait et l'écriture on va pouvoir attaquer la langue. Ce trait se prélève d'abord sur le corps, sur le réel du corps. (…) Pour écrire il faut supporter l'effet de perte inhérente à l'écriture (…) il n'y a pas d'écriture sans perte inaugurale (…) le sujet schizophrène ne peut assumer cette perte au moyen du symbolique. C'est donc une perte réelle, qui concerne le réel du corps, qui doit s'accomplir (p. 87).

Le schizophrène n'est pas hors lalangue, son corps est marqué par lalangue, mais il est hors discours, il n'a pas été parasité par le langage, le langage conçu par Lacan comme un parasite, la morsure du corps par le langage affectant ce corps comme symbolique, contrairement au corps schizophrène qui demeure réel. Le corps schizophrène, sa substance jouissante est hors discours, restant une jouissance désarrimée, d'où sa difficulté à savoir y faire avec ses organes, de leur trouver une fonction. Lalangue n'est pas une structure, mais en tant qu'elle supporte le symbolique elle est inscriptible ainsi S1, S1, S1, S1. Lalangue c'est lalangue parlée, « les restes de lalangue maternelle, privée, qui l'a constituée » (Soler, 1998, p. 30). Lalangue est faite des S1 qui ne viennent pas au S2. L'articulation du S1 au S2 est une articulation de l'Autre, c'est un sens imposé par l'Autre mais cette articulation a toujours une dimension arbitraire. Quand au S1 s'ajoute le S2 de l'Autre, il y a effet de sens, c'est-à-dire qu'il y a structure de discours. Or, l'articulation de S1-S2 ne valait pas pour Joyce, chez qui cette articulation du sens venu de l'Autre n'était pas mise en œuvre, mais défaillante, d'où les affinités du concept de sinthome avec le concept de lalangue, où il ne s'agit pas d'une articulation de S1-S2 au niveau du langage, mais d'un S1 dans sa dimension de jouissance. Le sinthome est conditionné par lalangue, sur l'élaboration d'un savoir singulier, le savoir sur le mode de jouir singulier de chacun. La voie de lalangue, là où

lalangue ne sert pas à la communication, est une voie très importante pour le traitement du schizophrène, conçu comme hors-discours, celui qui peut construire sa solution avec des morceaux désarrimés. Dans la schizophrénie, il s'agit de travailler le hors-sens par la lettre, travaillant des signifiants coupés des significations d'où l'importance de mettre en œuvre des créations de chacun, les bricolages singuliers du réel, l'usage des morceaux du réel.

Izcovich (2008) oppose la première formulation de Lacan du corps comme disjoint du signifiant, où il s'agit d'un focus sur le signifiant comme ayant un effet de mortification qui rend les organes silencieux produisant un corps mort par l'entrée du langage, tandis qu'à partir du concept de Parlêtre, la mise en lumière est dans le singulier de la jouissance de chacun, d'un corps affecté de jouissance où il s'agit d'une jouissance qui par l'effet du signifiant, devient un plus-de-jouir, ce qui implique un plus, une compensation de jouissance, dans la marque inscrite sur le corps, dans le signifiant qui prend racine dans le corps puisque «c'est dans la mesure où un signifiant prend racine dans une zone du corps que celle-ci devient cause de jouissance» (Izcovich, 2008, p. 39). Il faut noter que dans l'élaboration de l'auteur à partir de la conjonction du signifiant et de la jouissance dans le corps, le signifiant qui localise la jouissance, le signifiant qui limite la jouissance, qui en même temps la condense, l'active, dans la répétition de ce signifiant ayant un retour de la jouissance associée, s'agissant du mode de jouir singulier de chacun, de « la modalité singulière d'insertion du signifiant dans le corps » (p. 38). L'auteur poursuit son raisonnement sur les effets du signifiant sur le corps : « Le signifiant fait coupure dans le corps et ce sont les bords tracés par le signifiant qui sont cause de jouissance. Il existe dès lors la jouissance du corps, qui est autre que la jouissance phallique, limitée à l'organe phallique » (p. 40), une jouissance autre, illimitée, la jouissance du corps. Il faut donc noter qu'il y a une partie de la jouissance qui, inscrite dans le corps, ne cesse pas de se répéter dans la quête de jouissance, du signifiant qui « s'enracine dans le corps pour causer la jouissance » (p. 43), l'inscription de ces signifiants étant en rapport à cette quête de jouissance, et en rapport à la formulation que le parlêtre en parlant jouit, d'une jouissance qui est inscrite comme marque sur le corps, affecte le corps, déterminant des modes de jouir.

> Ce remaniement théorique aboutit à l'idée qu'il n'y a pas de symbolique sans le langage, mais aussi que le symbolique n'est pas sans le corps. Autrement dit, c'est

> dans la mesure où le signifiant s'incarne dans le corps que le symbolique se constitue. On perçoit là très nettement la conjonction entre le corps et le signifiant comme lieu du symbolique. (…) il n'y a pas d'Autre sans le corps mais aussi qu'il n'y a pas de corps sans le signifiant. L'idée donc est qu'il existe deux corps, le corps des signifiants et le corps vivant, mais chacun n'existe pas sans l'autre (Izcovich, 2008, p. 41).

Le corps étant marqué par le signifiant, une partie de sa substance jouissive deviendra la matérialité du signifiant, et une partie va se localiser dans le corps mais non dans le symbolique.

Lalangue n'est pas structurée par le discours de l'Autre, mais elle est constituée des marques produites dans la substance jouissante. La lettre est la véhiculation de ces marques auxquelles on ne peut accéder directement, ces marques de la substance jouissante incorporée dans lalangue, d'un corps-substance précédant l'engendrement du corps par le langage, du corps vivant avant la mortification par le langage, le corps-substance existant en tant que lalangue de chacun. Dans Lalangue chez tous il y a toujours le niveau du symbolique sans l'Autre. Lacan (1976) désigne lalangue comme le « *corps du symbolique* », mais le corps avant le signifiant maître enchaîné. Dans la « *Conférence à Genève sur le symptôme* », Lacan (1975) formule lalangue à partir de cette rencontre des mots avec le corps, dans l'incarnation du signifiant. Lalangue s'ouvre aux équivoques phonétiques, il faut alors préciser que c'est lalangue dans un mot ou pas, tandis que l'écriture touche à une matérialité. Selon Latour (2006), « c'est par la lettre que la langue est chevillée au corps » (p. 63), désignant lalangue comme « la peau des mots » (p. 62).

Il y a une consistance du singulier de chacun, de se tenir à partir d'une construction avec les bouts de réel singuliers de chacun où il ne s'agit pas de déchiffrer le sinthome. Ce n'est pas du discours de l'Autre, ce n'est pas une aliénation à un Autre, mais c'est une identification au sinthome, comme relevant de ces bouts de réel. Quand on entend le parlêtre, il faut entendre ainsi plus que l'enchainement signifiant, il faut entendre aussi autre chose que le discours de l'Autre, il faut entendre le corps parlant et, pour cela, on ne peut pas être trop pris par la logique signifiante, il faut se laisser toucher par les S1 découplés, le un tout seul, qui ne se réfère pas aux autres. On essaie de formuler ce S1

découplé par la désignation de Sx. On peut formuler le Sx comme des réponses qui ne sont pas de l'ordre de la signification, mais qui sont des traits qui permettent une identification aux traits du réel.

À partir des enseignements de la clinique de la schizophrénie, on peut alors formuler un symbolique hors Autre, un symbolique ancré dans le réel, affectant le symbolique du parlêtre sans pour autant produire des significations, mais produisant de la jouissance. C'est la lettre qui s'écrit mais qui ne s'adresse pas à l'Autre. La lettre, avec sa matérialité borde le réel. Ce n'est plus la lettre dans sa dimension de message mais dans sa dimension de marquage d'un mode de jouir, la lettre comme marque inscrite sur le corps, une marque non de sens mais du jouir, d'un mode de jouissance marqué qui trace des littoraux du corps, des marques singulières qui bordent chaque corps.

Dans l'articulation théorico-clinique présentée par Quinet (2003), sur un bordage d'un corps par les lettres, celui-ci prend pour exemple le cas clinique connu sous le nom de Bispo, qui est resté interné dans un hôpital psychiatrique, en raison d'un diagnostic de schizophrénie paranoïde, durant près de 50 ans, pendant lesquels il a réalisé une œuvre artistique de plus d'un millier de pièces.

La psychose s'est déclenchée quand Bispo a eu une hallucination visuelle. Il aurait vu, à minuit, sept anges bleus descendre du ciel sur des nuages spéciaux. Après cette vision, décrite plus loin dans un panneau, il est sorti de la maison où il vivait, est allé à l'église, se prenant pour Saint Joseph lui-même. Quinet se réfère à des témoignages qui décrivent que, précédemment, Bispo se nommait déjà ainsi et nommait Dieu l'homme chez qui il vivait – un avocat – et Jésus, le fils de l'avocat.

Pendant son internement, il a entendu une voix qui lui a dit : « *C'est l'heure pour toi de reconstruire le monde* ». C'est à partir de là qu'il a commencé son travail créatif. Il est resté 7 ans enfermé dans sa chambre occupé à des travaux de couture. Le contact avec les autres se résumait pratiquement à leur demander d'acheter le matériel nécessaire pour qu'il puisse, dans le cadre de son isolement schizophrénique, continuer à confectionner des objets, dont d'innombrables miniatures. Il utilisait également des objets trouvés par hasard dans les poubelles.

Parmi ses réalisations, commandées par les voix qui lui auraient demandé de construire le monde, certaines faisaient référence aux thèmes de sa vie, ainsi qu'à des thèmes du savoir universel, dont l`ensemble constituait une sorte d`encyclopédie illustrée de l`Histoire universelle, fabriquée en tissu. Quinet (2003) le définit ainsi : « Avec son aiguille et son fil, Bispo cingle le réel, en traçant une nouvelle carte du monde » (p. 228).

> Il a tenté de reproduire tout ce qu'il connaissait du monde avec sa broderie de lettres. […] Effectivement, Bispo n'utilise ni crayon ni papier pour reconstruire le monde. Il lui faut broder, sculpter les lettres, matérialiser les noms, chosifier les mots en faisant de la lettre un objet matériel dont la substance jouissive lui confère son statut d'objet d'art. Dans le tissu, le fil, le fer, le bâton, le mot matérialise la chose. Le mot est aussi un objet à présenter à l'Autre [….] Avec son art, Bispo est amené à réaliser l'impossible : représenter tous les objets et les lieux du monde : il invente, construit, représente, fabrique, nomme, étiquette et écrit la fonction de chaque objet en reconstituant en chacun d'eux la jonction du signifiant qui représente cet objet avec sa signification, fixant la lettre, l'objet et sa signification dans sa matérialité. Personnes, noms, objets, lettres et lieu sont ainsi chosifiées dans un ensemble qui représente la totalité de l'existence humaine (Quinet, 1999, p. 107).

Les étapes de cette activité étaient les suivantes : d'abord le texte, ensuite les objets (objets du monde domestique ou de bureau comme papier hygiénique, mètre ruban, caddy, échelle, tondeuse à gazon, bâtonnet de pastel, règle, truelle, bêche….) dits momifiés, lesquels étaient identifiés par leur nom et des numéros brodés, puis les objets étaient organisés sur un présentoir, dans une vitrine ou un assemblage. Ceux-ci étaient composés d'un ensemble d'objets d'un même élément – comme par exemple un ensemble de tennis ou de cuillères, ou une collection de boîtes d'allumettes enfilées et emboîtées les unes dans les autres, ensuite le spectre et l'écharpe de chaque miss – qui représenterait une ville, les accidents du relief et les points touristiques, la géographie du monde à présenter à Dieu pour lui monter la répartition de l'humanité, et enfin les embarcations[22] de tous types. Il y avait, en outre, des inventaires caractérisés par une série de morceaux de tissu numérotés avec des textes brodés comme s'ils illustraient les objets correspondants.

[22] « Le bateau semble, effectivement, la propre matérialisation du creux qu'il a dessiné sur une étoffe avec une broderie pour construire un lieu vide dans la mer du symbolique. Le bateau est, à proprement parler, le lieu du passager, de celui qui effectue le passage » (Quinet, 2003, p. 228).

(Quinet, 2003, p.224)

Quinet signale, notamment, la réalisation d'un « *manteau de reconnaissance* », que Bispo devrait revêtir pour se présenter à Dieu, conjointement avec tous les objets confectionnés, avant de revenir au monde, où il serait Jésus-Christ, Dieu qui commanderait tous les êtres. Le manteau de la reconnaissance était composé, à l'intérieur, d'écrits brodés – de noms de personnes qu'il connaissait et qu'il voulait amener avec lui, comme si c'était son peuple -, et à l'extérieur, de cordes, de rubans et de galons qui formaient des nombres arabes et romains, des insignes, des pavillons de marine et des objets (longue voie ferré, vélo, sofa, voiture de bébé, domino, ping-pong, caddy, dé).

Selon la description de Quinet, sur le devant du manteau est écrit FIL HOM ♥ UNIVERS, au-dessous, et repartis sur trois colonnes : à gauche, VOIX et CIEL, colonne du milieu PÈRE, au dessus du dessin d'une balance, et à droite, « CRIAD»[23] et TÉNÈBRES, les lettres du mot TÉNÈBRES n'étant pas alignés et semblant tomber. Sur la troisième ligne, juste sous la balance, écrit EN MON NOM.

Quinet (2003) propose que l'on lise ces inscriptions comme on lirait un rébus ou une carte énigmatique. Il suggère la lecture suivante : « Bispo, qui se dit Jésus-Christ, le fils de l'Homme, aime l'univers, ou Bispo a l'univers dans le cœur » (p.230), puis, « d'un

[23] En portugais, le mot "criar" signifie couramment "créer" ou "cria" signifie un animal qui vient de naître.

côté de la balance, nous avons la voix qui lui ordonne de créer, la voix de Dieu, et le ciel, et, de l'autre côté, ce qui est créé et les ténèbres. Au milieu est le Père, celui qui fait pencher la balance. Celui qui juge est, donc, le Père. La balance paraît pencher du côté de la voix et du ciel » (p.230), ensuite est écrit « *en mon nom* », ce qui à son avis permet de composer la phrase : le Père juge en mon nom ; et Quinet poursuit son interprétation en affirmant que nous pouvons nettement trouver dans l'opposition ciel/ténèbres une opposition du signifiant comme base de la structure minimum du langage.

L'auteur considère que le manteau fonctionnait comme un signifiant qui représentait le sujet pour l'Autre, et qui permettrait de le reconnaître, « Ainsi, paré du manteau qui est une métonymie de son œuvre, Bispo trouve le creux protecteur constituant un vide où s'installe son être en tant que corps. Ce creux est représenté explicitement dans une étoffe sur le corps humain où nous voyons le dessin d'un homme dans une espèce de cocon ou de capsule entourée de lettres, de mots, de phrases. En dessous de ce creux on peut lire : « J'ai besoin de ces mots. Écrit[24]» (Quinet, 2003, p.231).

Selon Quinet (2003) dans « l'art des lettres de Bispo », « les mots sont des tentatives d'étiqueter les objets pour leur donner une vie dans le signifiant » (p. 98). Ce qu'il juge important dans la tentative de guérison du schizophrène par le biais de sa parole, tant par l'effort de faire une série à travers la métonymie, en établissant une représentation de sujet à partir de l'accouplement d'un S1 et par la tentative d'en établir un par S1-S2 à travers une différenciation quelconque. Il fait remarquer que « l'idée délirante constituée à partir de S1 halluciné est une tentative de le situer dans une chaîne et de représenter le sujet pour un autre signifiant » (p. 99). Il souligne que Bispo a souvent besoin d'écrire les objets, en marquant : les masculins et les féminins, le côté droit et le côté gauche, ce qui est du père et ce qui est de la mère, etc., dans son travail de construction et d'organisation du monde.

Quinet (2003) rapport l'interview suivante donnée par Bispo à un journaliste:

> *Bispo : (...) ces miniatures que j'ai faites, permet ma transformation.*
> *Interviewer : Les miniatures permettent votre transformation ?*
> *Bispo : Oui.*
> *Interviewer : Comment le permettent-elles ?*

[24] La traduction la plus proche est « Écrite » ; une outre possibilité serait « Écriture ».

> *Bispo : Il n'y a pas de représentation ? Je vais me présenter corporellement. Mon action corporelle est cet éclat que j'ai mis.*
> *Interviewer : Et ces miniatures, ce sont des représentations ?*
> *Bispo : C'est un matériel existant sur la terre des hommes.*
> *Interviewer C`est une représentation de tout ce qui existe sur la terre ?*
> *Bispo : Oui, ce sont des travaux qui existent.*
> *Interviewer : Et vous allez vous transformer en Jésus-Christ ? Comment ?*
> *Bispo : Non, je ne vais pas me transformer, non, jeune homme, vous êtes en trains de parler avec lui. C`est tout plus que vu. Mais seulement pour celui qui voit, pour celui que ne voit pas, y a pas moyen*[25] (p. 229).

Quinet (2003) remarque que dans ce cas, la transformation du corps de Bispo, au cours de laquelle celui-ci acquiert un éclat, est sa matérialisation en tant que corps éclatant prêt pour le passage, pour se présenter devant Dieu. L'auteur signale que la relation que Bispo entretient avec la voix de l`Autre qui lui ordonne de travailler sans cesse peut s'illustrer dans ce dialogue :

> *Interviewer : Vous discutez avec les voix ?*
> *Bispo : Je ne peux pas, il ne m`en donne pas l`occasion. Est sévère avec moi.*
> *Interviewer : Sévère ?*
> *Bispo : Il est assis sur le trône, tout bleu, il dit seul : Jésus Fils, il faut exécuter dans ton coin, ici bas, fais tout ça. Je ne dis rien, je dois exécuter tout ça.*
> *Interviewer : Vous n`avez jamais désobéi a cette voix ?*
> *Bispo : Si je désobéis, s`empare de moi, m'enrôle là en haut, en rêve ainsi je tombe par terre, il me suspend, je perds le contrôle, je me tords, quelque chose me prend en rêve et fait de boule, boule, boule* (p. 229).

Le délire, d'après Quinet (2003), serait une formation imaginaire, l`art réalisé par Bispo serait une conjonction du symbolique avec le réel, car ce dernier se trouve une représentation, par son œuvre (S1), pour Dieu (S2), lequel aurait pour effet de donner une signification au réel et une localisation partielle de la jouissance.

> Bispo utilise le symbolique pour délimiter la jouissance […] Il donne une signification au réel, a l`aide de l`aiguille et du fil, afin d`aligner au symbolique. Il étiquette les objets, en leur conférant un nom au moyen d`une procédure, disons hegeliene, dans la

[25] *Il utilise une expression qu'on utilise couramment dans ce sens de n'avoir pas moyen, mais il faut remarquer que ces mots dans une traduction littérale seraient : « Mais seulement pour celui qui voit, pour celui qui ne voit pas, ne donne pas pied ».*

> mesure où le `mot est l`assassinat de la chose`. En nommant l`objet, il emprisonne la Chose jouissive. Il peut enfin, trouver abri dans le signifiant/ pour preuve le manteau de la reconnaissance avec lequel il sera revenu lors de sa rencontre asymptomatique avec Dieu. L`art de Bispo est brut de jouissance et vierge d`adresse. En d`autres termes, l`Autre de l`adresse n`est pas la civilisation, mais Dieu (Quinet, 1999, pp.106 – 107).

Chez Bispo, Quinet (2006) prétend qu'il y a eu une reconstruction du dictionnaire du corps avec les mots, permettant ainsi la création d'un corps pour les organes qui auparavant étaient dispersés, sans corps. Il l'a créé comme Bispo lui-même le disait, il avait besoin des mots pour construire un corps, une écriture corporelle. Chez Bispo, l'art a fait fonction de sinthome, comme une modalité distincte du délire de traiter sa jouissance, que l'inventaire du monde a permis de nommer la dispersion de la jouissance, et la reconstruction de son monde. L'auteur souligne que si tout délire est une tentative de guérison, celui de Bispo n'a pas été suffisant pour localiser sa jouissance envahissante. C'est son art qui à partir du thème apparu dans le délire, sera le cadre imaginaire qui permettra à Bispo de se représenter par son art pour Dieu. La création de Bispo a été un travail d'arrimage du réel au symbolique qui a limité sa jouissance puisque l'étiquetage des objets, leur nomination a permis d'emprisonner la jouissance. C'est le travail d'une fixation de la lettre. En étiquetant les objets du monde, Bispo a donné un nom aux choses, une consistance à son monde, une consistance à partir de son sinthome.

Il est important de mettre en relief la distinction que Quinet (2006) fait d'un processus d'un surgissant d'une concentration signifiante dans le S1, d'une fixation possible d'un signifiant maître chez un schizophrène, quand il s'agit d'une paranoïsation d'un tableau de schizophrénie, différent de la place du S1 dans le tableau d'une schizophrènie pure.
Chez Bispo, il y a ces éléments du côté de la paranoia, un effort de réorganisation de la chaîne discursive et une mise en ordre d'une nouvelle chaîne signifiante, ayant comme conséquence une représentation de son œuvre pour Dieu. Le travail possible d'une représentation signifiante est observé dans les cas de paranoïa, ou dans des cas ayant des traits de paranoïa ou dans un cas de paranoïsation d'un schizophrène, comme Quinet caractérise Bispo.

Il importe de souligner que le travail de Bispo, travail auto thérapeutique, est accompagné d'un travail d'écriture et de bordage mettant en rapport les noms étiquetés aux choses, à partir d'un travail de broderie de construction d'un corps, où Bispo construit le corps à partir d'un vide. Ce travail autour du corps, est rare dans les cas de paranoïa, car chez le paranoïaque, les fonctions du corps peuvent être données par les discours établis.

Quinet (2006) met en relief le changement d'une conception de la schizophrénie comme une démence pour sa caractérisation par la scission. L'auteur formule la dispersion des signifiants dans la schizophrénie comme une des conséquences du manque d'un S1, s'opposant à l' « essaim », aux S1 (S1 (S1 (S1 → S 2), ce S1 étant le signifiant maître, qui assure l'unité. Or, dans la schizophrénie, l'auteur souligne qu'il y a une multiplicité de S1 sans hiérarchie, qui tend à l'infini, et à la place du S2 il y aura le ø, et l'auteur suggère ce mathème pour la schizophrénie: S1 (S1 (S1 (S1 → ø).

Il s'agit dans la schizophrénie, d'un morcellement de la chaîne signifiante tendant à l'infini. Quinet (2006) souligne la possibilité dans le traitement du schizophrène d'une place établissant des scansions du déroulement infini des S1, permettant des arrêts de l'automatisation de la pensée, des virgules, des investissements des mots, très importants dans sa tentative de guérison. Tout comme l'investissement des mots, Quinet voit les hallucinations comme des tentatives de récupérer l'investissement aux représentations d'objets. Les hallucinations corporelles ainsi que les automatismes corporels seraient des tentatives de faire en sorte que le corps soit mordu par un discours mais avec le risque de conduire à des comportements d'automutilation ou à des catatonies. Le psychanalyste souligne le corps dispersé du schizophrène comme conséquence de sa non appréhension par un discours, la langue n'ayant pas mordu sur son corps, le corps symbolique n'a pas été construit. Sur Bispo, ce schizophrène ayant des traits de paranoïa, Quinet souligne le travail de matérialisation de la lettre, du tissage pour construire un monde, pour inventer et représenter les objets et les lieux du monde, les mots écrits bordés sur le corps autour du vide où s'installer en tant que corps où les organes qui étaient dispersés pourraient se rassembler, le manteau qu'il construisait localisant la jouissance auparvant dispersée.

L'investissement des mots, d'un travail sur la langue, sur la lettre et par la lettre, observé depuis Freud, va être déployé à partir des études sur des schizophrènes comme Wolfson – dont le travail sur la langue, le travail par la lettre ancre l'invention d'une méthode de destruction de sa langue maternelle, donnant à ce schizophrène un moyen de tenter de localiser la jouissance débordante, en évitant les aliments contaminés, en évitant la voix « tue-tête » de sa mère et le langage parasite - et des études de Lacadée (2010b) sur l'écrivain Walser.

Le symbolique n'étant pas séparé du réel chez le schizophrène, le langage a un effet réel sur son corps, le schizophrène vivant alors dans un monde trop lourd de réel en raison du manque de fiction symbolique. Les plaintes corporelles, les maux du corps chez le schizophrène sont ainsi que l'a signalé Quinet, des maux de mots, du mal de ses organes du fait que son symbolique ne s'est pas branché sur le réel, qu'il n'y a pas eu de mortification par le signifiant, et il peut essayer par des traitements sur du réel par la lettre, de créer un branchement du langage sur le corps, de réaliser une appropriation de son corps.

Le schizophrène n'ayant pas son corps mordu par le langage, mais ayant une jouissance débordante qui reste dans la chair, illustre le fait indiqué par Lacan : les organes ont besoin que leur fonction soit donnée par le discours, « le corps des parlants est sujet à se diviser de ses organes, assez pour avoir à leur trouver fonction » (Lacan, 1972/ 2001 p. 456) et « le dit schizophrène se spécifie d'être pris sans le recours d'aucun discours établi » (Lacan, 1972/ 2001 p. 474). Chacun doit construire sa solution pour s'appareiller de la jouissance. Lacadée (2009) suggère la possibilité chez le schizophrène de construire un autre appareillage de la jouissance sans avoir recours au signifiant NP, mais ancrée dans un sinthome permettant la construction d'un RSI noué. Or, la forclusion du Nom-du-Père a toujours des conséquences sur l'économie de jouissance. Maleval (2000) met en rapport le déchaînement du signifiant et l'illocalisation de la jouissance dans la psychose. Le fait de n'avoir pas de signification phallique pour boucler la chaîne, de n'avoir pas de consistance dans la chaîne, de n'avoir pas de recours aux discours établis, est en rapport à une jouissance Autre qui fait retour dans le corps. Alors que dans la clinique de la paranoïa, ou chez les schizophrènes ayant des traits de paranoïa, la jouissance peut se fixer sur un signifiant figé, dans la schizophrénie, il faut trouver une autre façon de situer une partie de la

jouissance hors-corps. L'investissement sur la lettre est une voie privilégiée dans cette clinique. Il est possible de construire une suppléance, un sinthome qui, nouant RSI, permettrait de les tenir ensemble et de limiter la jouissance Autre.

Le schizophrène doit se débrouiller avec des bouts de réel, le réel dispersé sans le « secours d'aucun discours établi ». Le corps du schizophrène met en lumière le détachement des parties du corps, la désarticulation des organes qui ont des conséquences sur ses organes. La prégnance de la forme de l'image du corps[26] dans la névrose empêche de se rendre compte de ce que la schizophrénie met en lumière[27] : du corps en morceaux, des organes auxquels il faut trouver une fonction chez l'humain.

L'écriture, la solution sinthomatique peut permettre un nouage du corps, donnant la possibilité au schizophrène d'avoir un corps. Le corps schizophrène n'est pas inscrit à partir d'un discours établi mais il peut s'inscrire à partir de la matérialité de la lettre, du côté réel de la lettre et non du côté signifiant, de la lettre déconnectée de l'Autre signifiant. Par rapport au défaut de l'ancrage identificatoire dans un signifiant de l'Autre, le schizophrène peut s'ancrer par le réel de la lettre, créer une forme de traitement de la jouissance.

On va aborder maintenant l'œuvre de Robert Walser. D'abord, on va utiliser le travail du psychanalyste Lacadée sur l'œuvre de Walser, écrivain et schizophrène. Selon Lacadée (2010b), Walser écrit un roman du réel dans une imbrication de vie et d'écriture qui lui a permis de se tenir dans le monde. Sa façon d'écrire les détails, sa manière de fragmenter, de morceler ses textes, est mis en rapport par Lacadée à la fragmentation de Walser, l'écriture se constituant sa manière de faire avec des pièces

[26] Quand on a l'image du corps comme i (a), on a le i qui entoure le (a), ce qui n'existe pas dans la schizophrénie, chez qui on avait formulé qu'il n'y a pas de vase, il n'y a pas de corps au niveau imaginaire, de la forme d'un corps, de la forme d'un moi.

[27] Dans l'irruption disruptive de la réalité quand l'objet (a) apparaît, par exemple dans l'apparition chez le schizophrène du corps morcelé et non d'une unité, d'une forme de corps unie dans l'image visuelle du corps propre. Or, on peut formuler que le schizophrène se rend compte que le corps est en effet une substance jouissante et que l'image d'un corps unifié n'est qu'un leurre.

détachées. « Si l'œuvre de Walser est si difficile à saisir c'est parce que son écriture lui sert à nouer ce qui en lui fuit, se dissocie, s'éparpille en pièces détachées (Lacadée, 2010b, p. 83).

Lacadée considère que Walser arrive à faire son roman du réel comme étant ce qu'il est. « Il est ce qu'il y écrit. À partir d'un fragment de vie, « l'acte réel » produit « un acte littéraire » qui écrit le réel en jeu pour lui dans sa vie quotidienne et lui offre des réponses bien avant que ne surgissent les questions » (Lacadée, 2010b, p. 28). Dans le livre « *La promenade* », le narrateur décrit ses promenades d'une journée durant laquelle il n'accomplit que ses activités quotidiennes, sa routine : aller chez le mécène, chez le tailleur, à l'hôtel de ville pour régler des impôts, à la poste pour jeter ses lettres dans la boite et les rencontres qu'il fait sur le chemin. Utz (2001) souligne la présence marquante du quotidien chez Walser, rappelant le genre du feuilleton de journal, dans les marges entre l'actualité éphémère et la littérature qui serait intemporelle. Walter écrit sur tout et rompt cette division entre l'éphémère et l'intemporel.

L'écriture walsérienne est désignée par Utz (2001) comme « une forme de discours littéraire moderne » (p. 12), poussant les discours de son temps « jusqu'au point où ils s'avèrent productifs ou bien il les subvertit » (p. 14). Cette subversion peut être mise en relief dans son rapport aux genres littéraires, aux normes préétablies de chaque genre. Utz (2001) suggère de qualifier l'écriture de Walser de labyrinthique du fait qu'il s'agit de la mise en place d'une « structure confondante » (p. 410) qui contribue « à leur [son] tour à confondre le lecteur » (p. 410).

Walser écrit sous la forme d'un labyrinthe, d'une production infinie enfermant un espace ouvert, construisant un labyrinthe où le lecteur et Walser se déplacent dans tous les sens, avec toute liberté de mouvement, toujours différemment. L'important n'est pas l'arrivée à un but mais le mouvement dans le parcours, ce qui peut être assuré par la quête de multiple sens, quête sans fin, d'où la non linéarité de son texte, construit dans un style labyrinthique[28].

[28] Il faut souligner que tandis que les premiers écrits walsériens sont plus structurés, les suivants auront cette forme plus labyrinthique.

Dans la narration walsérienne construite dans un style labyrinthique – où les personnages se dissocient – l'auteur échappe au but du genre, se tient à distance d'un sens défini, d'une direction narrative – évite l'immobilisation d'une fixation définitive. Ainsi, le personnage, le je narratif évite d'être pris dans une identification figée, d'être fixé et d'arrêter le mouvement.

Walser habite le labyrinthe, c'est le site de sa position marginale, le site de toute sa liberté de mouvement. Dans ce site, le lecteur est lui aussi mis en mouvement. Utz (2001) souligne qu'il ne s'agit pas d'un jeu de cache-cache mais d' « un modèle narratif moderne» (p. 426) où « le texte ne cherche pas seulement à ne pas trouver, mais aussi à ne pas être trouvé » (p. 426).

Il y a dans la construction du texte chez Walser, la mise en œuvre de ces procédés labyrinthiques, de cette structure de labyrinthe qui produit du mouvement. Suivons, alors, la formulation de ces stratégies, telles que décrites par Utz (2001).

La structure labyrinthique est mise en place par la dissociation des personnages, du narrateur, de sorte que dans le texte labyrinthique « le lecteur se voit à chaque tournant confronté à un nouveau sujet » (Utz, 2001, p. 415), autant en termes du je /narrateur/personnage, qu'en termes des thèmes du texte.

Autre stratégie : la mise en place d'interruptions abruptes du texte. Des autoréflexions indiquent un désordre du texte de Walser, comme s'il s'agissait de « démêler » la situation, mais la conséquence de cette intervention sera, au contraire, de produire une coupure narrative et de rendre encore moins cohérente la structure du texte. Les autoréflexions deviennent, alors, un aspect de plus du style labyrinthique, produisant une confusion, laquelle est en rapport avec le mouvement de quête sans fin.

Utz (2001) décrit, aussi, l'existence de ce qu'il désigne de « panneaux indicateurs » (p. 411) qui surgissent dans le texte sans donner cependant d'indications définitives ; au contraire, ils contribuent à mettre le lecteur en mouvement, indiquant tous les sens ou produisant des confusions sur le chemin à suivre.

Autre aspect du style labyrinthique de Walser, la mise en place de répétitions qui entravent le texte, laissant chez le lecteur « l'impression de rencontrer toujours les mêmes repères » (Utz, 2001, p. 442), sans pour autant arriver à se situer, produisant une désorientation : « A-t-on simplement tourné en rond quand de nouveau on rencontre le motif, ou a-t-on avancé ? » (Utz, 2001, p. 442).

L'introduction d' « innombrables anticipations qui jalonnent le texte comme des flèches indicatrices : « Nous en parlerons plus tard, c'est promis » » (Utz, 2001, p.442) constitue un autre élément de déstabilisation de la structure du texte. Mais il s'agit d'une énonciation si répétitive que le lecteur se perd et n'arrive plus à saisir si les promesses sont tenues ou si certaines ne sont pas « des promesses en l'air » (Utz, 2001, p.442). Il s'agit toujours de créer de nouveaux labyrinthes dans le texte, car « dans cette forêt de panneaux indicateurs on se perd à coup sûr » (Utz, 2001, p.442).

Ces répétitions, créatrices de confusions dans la narration, et le manque de cohérence sont, en effet, des pièges dans lesquels le lecteur doit entrer, auxquels il ne peut échapper. Ces pièges laissent le texte ouvert aux associations du lecteur. Du fait de ces pièges, de ces paradoxes, de la mise en place « d'unités oppositionnelles irréductibles à la dialectique » (Utz, 2001, p.443), la production du sens est évitée ou même empêchée. Les contradictions ne sont pas résolues mais coexistent, poussant le lecteur « dans un espace où les images sont perpétuellement en fuite et produisent ainsi un mouvement sans fin » (Utz, 2001, p. 444).

Autre élément du style labyrinthique est qu'autant le lecteur que le narrateur sont pris dans les pièges, sont désorientés dans le labyrinthe. Il n'y a pas d'omniscience d'un Autre. Le narrateur, sans boussole, est « une instance narrative si douteuse et si sujette aux doutes, qui (…) ne fait qu'enfoncer davantage le lecteur dans les contradictions du texte » (Utz, 2001, p.445). Pelletier (2008) désigne Walser comme un « déconstructeur d'histoires, qui fait de ses personnages des fantoches, mine l'intrigue, interrompt l'histoire pour se montrer en train d'écrire, commente ses procédés » (p. 33), rompant toute linéarité et cohérence.

Le labyrinthe narratif est construit aussi à partir de la mise en lumière des chemins non choisis. Le texte laisse toujours une ouverture à d'autres possibilités de lectures, ce qui

embarrasse la narration, empêchant une orientation linéaire. Il s'agit de textes sans fil conducteur. Il y a, en effet, une dispersion des fils possibles, des chemins, ce qui pousse le mouvement, autant du narrateur et des personnages que du lecteur.

Il importe de souligner cette caractéristique de mouvement du lecteur de l'œuvre walsérienne. Utz (2001) souligne, dans le style labyrinthique, l'importance de « l'espace de résonance virtuel chez le lecteur » (p. 447), assuré par cette ouverture du texte chez Walser, de la non clôture du sens, de la non fixation dans une identité. Le lecteur, mis en position de mouvement, assure lui aussi le mouvement labyrinthique du texte. Dans le rapport lecteur-narrateur dans l'œuvre walsérienne, Utz (2001) met en relief l'importance d'un espace d'oralité où s'instaurent les dialogues, produisant le mouvement, créant l'espace du mouvement. L'espace du mouvement n'est pas l'espace d'atteindre un but définitif, au contraire, car le lecteur walsérien « est tombé dans le piège de la quête du sens, guidé par l'espoir que le texte finira par dévoiler ce qu'il veut dire » (p. 448), mais, au contraire, « les mouvements circulaires du texte, ses répétitions et contradictions sont renvoyés, réfléchis, au lecteur comme la trace de son propre mouvement de lecture » (pp. 448-449). Le mouvement de lecture dans l'œuvre walsérienne démontre que « seule l'attente du sens entretient le mouvement de recherche, mais pour que celui-ci se poursuive, il faut que l'attente soit déçue » (Utz, 2001, p. 449), il faut échapper aux identifications, il faut éviter le sens.

Walser concrétise, alors, la subversion des genres littéraires qu'il utilise, il échappe aux normes du genre utilisé. Ainsi, il peut, par exemple, écrire un roman, sans fixer l'identité du personnage principal, le texte ayant au centre ce que Utz désigne « point vide » (p.452). La dimension du vide identificatoire chez les personnages walsériens deviendra encore plus présente dans ses textes à partir des tentatives d'oser vis-à-vis des normes des genres littéraires jusqu'à la retombée de l'écriture dans le vide, d'un pas d'histoire et d'un travail autour de la forme, d'expérimentations formelles.

L'écriture labyrinthique peut être mise en lumière dans les écrits au crayon de Walser. Graf (2003) souligne qu' « au pays du crayon, Walser (….) crée un univers tout en ruptures et en surprises » (p. 378). Or, ces ruptures, ces changements brusques de registres peuvent être faits par « les mots les plus inoffensifs, humbles et précautionneux qui sont chargés de marquer ces discrètes et décisives articulations » (p.

379). Chez Walser, il s'agit de la mise en œuvre d'un jeu de sonorités, d'une danse de sons en toute liberté, construisant une prévalence de l'enchaînement sonore du texte écrit en allemand. Un exemple qu'en donne Graf : « le premier août (en allemand, *August*) renvoie au souvenir d'une amie appelée Auguste, dont les lèvres rouges cerise (*Kirsche*) font surgir une église (*Kirche*), etc… » (p. 380). Graf souligne aussi l'importance de l'usage des dialectes chez Walser. Il s'agit de dialectes qui produisent soit un raffinement, soit un effet d'humour, effet de l'utilisation de mots inconnus, qui produisent chez le lecteur d'origine allemande, « le sourire, la gaieté fine (…), un humour léger, pétillant, tour à tour grotesque ou désinvolte, alliage d'ironie, de parodie, de plaisir des mots » (p. 381). Dans la construction du texte walsérien, il y a ce plaisir du jeu de sons, du jeu de mots, mis en acte. Graf (2003) souligne, en outre, le contraste entre des vocabulaires très répétitifs et les néologismes abrupts, inusités, qui surgissent « fondés sur la souplesse lexicale de l'allemand, dont on connaît la propension à former des mots par agglutination (…) ou par dérivation, au moyen notamment de suffixes permettant, à volonté, de transformer un verbe, voire même une locution en substantif » (p. 379). Walser fait vibrer les langages, sa finesse d'ouïe pour les tonalités langagières étant une des conditions de cette liberté esthétique.

Á partir d'une sensibilité à la musique des mots, Walser construit une danse littéraire ancrée sur une sonorité qui bouleverse, à l'intérieur du genre utilisé, les normes des genres littéraires. Il met en jeu une liberté non pas semblante, fictive – qui maintient l'ordre et le pouvoir – mais subversive, qui subvertit tout. Utz (2001) signale, alors, que Walser fait usage des genres littéraires pour contourner les contraintes de chaque genre, transformant ces normes de pouvoir, échappant aux contraintes des genres littéraires des discours de l'époque.

Il s'agit d'une « désinvolture de Walser à l'égard des notions de genre » (Utz, 2001, p.47), où il ne s'agit pas de refuser le genre mais de s'en servir pour créer du nouveau, de s'en approprier d'une manière ludique, singulière, qui subvertit les discours, s'ancrant sur sa lalangue. Cette manière de faire avec permet à Walser de ne se laisser pas coincer par les discours ; dans ce sens, Utz (2001) signale que Walser échappe aux normes, il échappe aux pressions sociales et aux contrôles sociaux. Alors, Walser réussit à se « libérer des déterminations imposées par les discours » (p. 89), sans rejeter les

discours de son époque, mais en les écoutant, en transformant ces déterminations à partir de sa position marginale, en créant l'inattendu à partir de lalangue.

Autre aspect marquant dans l'œuvre de Walser, son Ironie. L'ironie permet à Walser, en tant que schizophrène sans recours à aucun discours établi, refusant les idéaux, les signifiants maîtres, de se situer dans le monde, sans pour autant avoir les limites imposées des discours établis ; il s'agit de sa manière singulière de s'appareiller d'un discours. Lacadée souligne, alors, la position de Walser de pointer les semblants, de signaler les signifiants-maître des discours, des idéaux du moi, dans l'ironie de toute son œuvre. « Walser, le non-dupe de la structure » (Lacadée, 2010b, p. 86), le non-dupe du semblant de l'Autre.

Dans les écrits de Walser, son style ironique, ce style de ne pas être trompé par le semblant de l'Autre est une lucidité. Voici quelques extraits de son livre « *La promenade* » où le ton ironique est perceptible :

> Comme une somptueuse librairie avait attiré mon œil de la façon la plus flatteuse et que j'éprouvais le désir de lui rendre une rapide visite, je n'hésitai pas à y pénétrer de l'air le plus comme il faut, non sans songer à vrai dire que je pourrais bien y être considéré plutôt comme un rigoureux réviseur de livres, comme un inspecteur, un collectionneur de dernières nouveautés et un connaisseur raffiné, que comme le bon client ou l'acheteur fortuné, assuré du meilleur accueil.
>
> D'une voix courtoise et prudente à l'extrême, je m'en enquis, en des formules qu'on imagine bien les plus choisies, des parutions les plus récentes et les meilleures dans le domaine de belles-lettres.
>
> Pourrais-je, demandai-je timidement, avoir connaissance – afin de m'initier sans plus tarder à son admiration – de ce qui existe de plus fortement dense, de plus sérieux et, du même coup, naturellement, de ce qui est le plus lu, le plus promptement reconnu et acheté ? Je vous saurais infiniment gré d'avoir l'extrême obligeance de consentir à me présenter l'ouvrage dont assurément vous saurez bien mieux que personne qu'il a rencontré et rencontrera encore allégrement la plus grande faveur, tant auprès du public des lecteurs que chez les critiques redoutés (…) parmi tous les produits de la plume qui se trouvent ici empilés ou exposés, je brûle d'apprendre de vous quel est ce livre favori, dont la vue fera très vraisemblablement de moi un acheteur immédiat, joyeux, enthousiaste. Le désir de voir devant moi l'écrivain chéri par la société cultivée, de voir ce chef-d'œuvre qu'on admire de

> toutes parts (…) et, je le répète, le désir de pouvoir sans doute aussi l'acheter, ce désir me ruisselle dans tous mes membres (Walser, 1967/1987, pp. 13-14).

Le libraire revient, alors, avec l'ouvrage le plus vendu.

> Cette précieuse ouvre de l'esprit, il la portait avec autant de soin et de solennité que s'il avait porté (…) la sainteté. Son visage exprimait le ravissement, sa physionomie irradiait la vénération la plus profonde. Avec sur les lèvres un sourire comme on en voit seulement chez les mystiques en transe, il eut le plus affable des gestes pour poser devant moi ce qu'il était allé quérir à la hâte. Je jetai sur le livre un regard acéré et je demandai :
>
> - Pouvez-vous jurer que c'est le livre le plus répandu de l'année ?
> - Sans aucun doute.
> - Pouvez-vous affirmer que c'est le livre qu'il faut à tout prix avoir lu ?
> - Absolument.
> - Ce livre est-il vraiment bon ?
> - Question parfaitement superflue et tout à fait déplacée !
> - Dans ce cas, je vous remercie bien (….) Je lâchai ce livre (…), je préférai le laisser où il était, et je partis sans plus de façons, c'est-à-dire sans plus de bruit qu'on n'imagine (pp. 15-16).

L'auto-description du narrateur, dans les promenades, est la suivante :

> Dans mon costume anglais jaune clair, un cadeau qu'on m'avait fait, il fait dire que je me prenais, comme souvent je l'avoue, pour un lord, un aristocrate, un marquis arpentant son parc, quoique je parcourusse seulement la route, qui traversait un endroit mi-campagne, mi-banlieue, simple, charmant, modeste, médiocre et misérable, et pas du tout un parc, comme je viens d'avoir l'audace de laisser entendre, ce que je retire en douce, étant donné que tout aspect de parc est purement imaginaire et n'a rien à faire ici (p. 26).

L'ironie est un élément très important dans la schizophrénie. Elle peut se manifester dans une « activité d'annihilation de toute prise au sérieux, c'est-à-dire de toute mise en série » (Maleval, 2000/2011, p. 149). Il faut distinguer l'ironie schizophrénique de l'humour, car dans l'ironie il s'agit de montrer que l'Autre n'existe pas, qu'il n'est qu'un semblant. « L'ironie schizophrène n'atteint à l'effet comique que par inadvertance, elle ne recourt guère aux procédés rhétoriques usuels, elle se manifeste

plus volontiers par une disposition railleuse insistante qui témoigne d'un refus de croyance au savoir de l'Autre » (Maleval, 2000/2011, p. 150). L'ironie est un des aspects de la non prise dans les discours établis. Il s'agit d'une des manifestations possibles du rapport de marginalité aux discours.

La position de marginalité de Walser est formulée différement par Utz et par Lacadée. Les deux signalent la position de marginalité de Walser, mais tandis que Lacadée caractérise cette position de rien, Utz formule cette position comme celle du marginal, non du rien, mais de celui qui est aux bords, ce qui me paraît plus juste si on suit l'œuvre walserienne. En effet, cette position marginale peut très bien caractériser une place de n'être pas pris dans les discours établis, permettant toute sa liberté et originalité dans les rapports au langage, tout au cours de son oeuvre.

Je propose, alors, d'approfondir les élaborations d'Utz et de Lacadée sur la position walsérienne. Tandis que chez Lacadée (2010b), Walser est décrit comme marginal = objet chu, chez Utz (2001), Walser est décrit comme marginal = danseur. Le marginal chez Utz concrétise la liberté de mouvement. Cette position marginale n'est pas une mise à l'écart de son temps mais un positionnement aux bords, dans une inclusion-exclusion, où s'enracine sa liberté. Le personnage du servant, présent dans l'œuvre de Walser, est un portrait de l'écoute du discours de son temps, de l'assignation du rôle de servant à celui qui est dans une position marginale dans la société. Mais sous la plume de Walser, ce servant peut subvertir le rôle qui lui est assigné. Utz (2001) signale que le servant walsérien échappe aux liens de servitude par un rire secret, un plaisir à servir. À partir de l'imitation des rituels de servitude, Walser crée une nouvelle liberté dans une « subversion du pouvoir » (Utz, 2001, p. 30), ancrée dans l'écoute de ce qui échappe aux discours établis.

La formulation de Lacadée (2010b) à propos de la position de Walser réalisant tout au long de sa vie son être d'objet rien ne me paraît en accord avec l'œuvre walsérienne dans son ensemble, bien que la présence des personnages marginaux soit marquante. Dentan (2008) signale que les personnages walsériens « terriblement désarmés, en apparence, ces personnages semblent tirer de leur faiblesse même une étrange invulnérabilité. Rien ne les fixe nulle part, ces héros de la vie vagabonde ; légers et flottants » (pp. 10-11).

Notons quelques citations de Walser sur certains de ses personnages, notamment dans son livre « *La promenade* »:

Tomzack était un géant, d'aspect triste, inspirant de la terreur, d'une allure dont « la seule sonorité de ce nom suffit à évoquer des choses effrayantes et moroses » (Walser, 1967/1987, p. 42) mais qui, d'un coup, produit un sentiment de gaité chez le narrateur.

> (…) je savais qui il était. Le repos n'existait pas pour lui. Il ne dormait pas dans un lit douillet, ne logeait pas dans une maison confortable et accueillante. Il habitait partout et nulle part. Il n'avait pas de pays, ni le droit d'en avoir un. C'est sans aucun bonheur qu'il vivait, sans amour, sans patrie et sans nulle joie humaine.
>
> Il n'éprouvait aucune sympathie, et en retour personne n'en avait pour lui, pour ses façons d'agir et de vivre. Le passé, le présent et l'avenir étaient pour lui un désert sans rien de consistant, et la vie paraissait trop restreint, trop étriquée pour lui. Il n'existait pour lui aucune sorte de signification ; mais à l'inverse il ne signifiait rien pour personne. Ses yeux avaient une leur de chagrin à la fois souterrain et supraterrestre, et une indescriptible douleur s'exprimait dans chacun de ses mouvements las et flasques.
>
> Il n'était pas mort, mais pas non plus vivant, pas vieux, mais pas jeune non plus. J'avais l'impression qu'il avait cent mille ans, et l'impression aussi qu'il ne pouvait que vivre éternellement quelqu'un de non vivant. À chaque instant il mourait, sans pourtant pouvoir mourir. Pour lui, il n'y avait nulle part de tombe fleurie (pp. 42-43).

Le personnage Tomzack paraît corroborrer avec l'hypothèse de Lacadée sur l'identification walserienne à l'objet (a), comme être de déchet. En effet, ma première lecture de Walser étant le livre « La Promenade » où surgit ses personnages marginaux ainsi décrits, j'ai été inclinée à considérer plausible l'affirmation de Lacadée. Or, par la suite, en lisant d'autres livres de Walser, ainsi comme réflechissant sur Tomzack, il me paraît plus juste d'affirmer une multiciplité d'identités possibles chez Walser, une identification changeante et non pas fixé.

Tandis que Lacadée (2010b) désigne la position de Walser comme un zéro, un rien, Utz (2001) précise cette position non pas comme un rien mais comme une non identité fixe, à partir d'un refus de prendre cette place fixe dans les discours. Lacadée (2010b)

élabore une position de rien de Walser en rapport au désir de sa mère, son écriture étant une « tentative de mise en scène » (p. 35). Dans l'une de ses œuvres, « *Les Garçons* », Lacadée souligne que le personnage qui vient de perdre sa mère rencontre comme solution un éloge du suicide, ce personnage incarnant le (a), en tant qu'objet chu. Si la solution de son personnage est la mort, le suicide, pour rejoindre sa mère morte, Walser, en revanche, utilise la voie de son écriture pour soutenir sa vie.

Pelletier (2008) signale, en effet, une oscillation dans les personnages walseriens, entre « l'affirmation d'une singularité irréductible et une soumission toute aussi radicale » (p. 23), n'yant pas de conciliation, mais des solutions originales, paradoxales. La situation de subordination ou d'infériorité peut, alors, être un choix : « sous le couvert de l'obéissance, le personnage walsérien (…) résiste à l'autorité » (p. 24), jusqu'à dévoiller qu'entre les rapports entre le serveur et le maître, il y aurait une inversion possible entre les rôles du forte et du faible, une coexistance jusqu'au bouleversement des rapports de force.

Autre exemple, la distinction de la formulation du héros walsérien chez Utz et chez Lacadée. Utz (2001) signale le refus du rôle de héros en rapport avec le refus d'une identification au discours de l'époque, le refus d'une identification à la figure du serveur de la nation. Échappant à cet appel, à cette identification, Walser évite d'être pris dans le discours de l'ordre. On peut dire, en effet, qu'il arrive à se maintenir à distance des pièges discursifs en construisant un type de « discours labyrinthique » (Utz, 2001, p. 428). Lacadée (2010b) parle aussi du refus du rôle du héros traditionnel, refus qu'il met en rapport avec le refus de s'aliéner à l'Idéal de l'Autre :

> Le héros walsérien a horreur de la rébellion (…) car pour lui se soumettre est plus raffiné que penser (…) Walser sait que protester c'est déjà consentir plus ou moins à s'aliéner à l'Autre, se laisser prendre à son piège, se plier à cette logique dans laquelle il refuse de s'inscrire (…). L'essentiel de sa position subjective se révèle par la joie qu'il retire de cette position de déclassé, de marginal, d'exclu : elle signe son choix de jouissance (…) Son refus de l'Autre lui est vital pour assurer sa survie. Tout au long de sa vie, il lui faut se maintenir à l'écart de toute relation à l'Autre, et pour cela aller jusqu'à se faire enfermer dans un asile (p. 86).

Certaines formulations de Walser, lui-même, mettent en évidence l'identification changeante, les multiples possibilités d'identification que l'on vient de mentionner, échappant à une fixation, à une identification à un objet chu, à un zéro, au rien. On peut, également, citer quelques passages des microgrammes où des personnages, inclus dans des textes écrits à la première personne, ne caractérisent pas une identification à un déchet (a), mais d'autres identifications possibles: « Je dispose d'une vie intérieure riche, merveilleuse, que je puis ouvrir ou fermer à volonté, et grâce à laquelle je suis, à ce que je crois, capable de me mettre dans la meilleure humeur d'un instant à l'autre » (Walser, 2003, p. 37). Autre citation, où il s'agit aussi d'un je d'une vie intérieure riche et merveilleuse, notamment, d'un je jouer à la quête d'un enfant comme un père : « J'erre parfois comme un père à la recherche de son enfant perdu. C'est bien sûr une sorte de comédie que je joue pour me distraire » (Walser, 2003, p.35). Autre extrait des microgrammes qui rend davantage compte d'une liberté d'identification que d'une identification à un rien:

> Un ami m'a déclaré un jour (…) que j'avais tout ce qu'il fallait pour devenir un Dostoievski (…) mais je ne me suis pas trop laissé impressionner. Ce genre de phrases éveille en moi une voix qui me dit qu'il n'est ni nécessaire, ni souhaitable de ressembler à un autre auteur du passé, mais que le plus sain, le plus urgent, c'est de rester paisiblement soi-même (Walser, 2003, p. 11).

Dans l'œuvre walsérienne il s'agit de vagabonds, mais aussi de cultivés, d'incultes, d'ignorants, de simples, de bien élevés et de sans éducation, de belles femmes, de gais, de monstres, de neiges, de montagnes, de théâtres, de danses, de livres, de peintures. Formuler une identification à (a) chez Walser ne me paraît pas juste, puisqu'il y a de multiples identifications mises en œuvre, sans fixation à aucune.

Il me paraît plus pertinent de formuler la position de Walser comme hors discours établis, créant à partir de sa lalangue, la construction de son œuvre. Cette position hors discours permet à Walser sa perméabilité à sa lalangue, ainsi que sa critique très pertinente sur les discours sociaux de son époque. En voilà quelques exemples : « un ton spontané et sincère, une façon de s'exprimer originale nous fait peur. Tout geste originaire, nous sommes portés à le qualifier de fou » (Walser, 2003, p. 12). Autre critique à « ceux qui disent qu'il nous manque un Casanova, et qui cependant

s'effondrent carrément devant la moindre petite impertinence, alors qu'ils devraient parfaitement savoir que l'époque de Casanova était saine et forte et grande dans l'art d'accepter toutes sortes de bassesses » (Walser, 2003, p. 15).

C'est la lecture des écrits en miniature de Walser qui m'a poussée à revisiter mes hypothèses initiales sur l'œuvre walsérienne et les formulations de Lacadée. Après mon immersion dans les microgrammes et d'autres écrits walsériens, certaines affirmations du psychanalyste qui m'avaient, tout d'abord, semblé justes, m'ont paru ne plus être en phase avec les écrits. C'est curieusement l'œuvre de Lacadée qui m'a initiée à celle de Walser. Les passages sur le rapport de l'écriture de Walser aux promenades m'avaient particulièrement intéressée, c'est pourquoi j'ai tout d'abord choisi le livre intitulé « *La promenade* ». Après cette lecture et celle d'autres romans, j'ai lu les microgrammes, qui m'ont éclairée sur cette multiplicité de possibilités identificatoires chez Walser, de cette non mise en place d'identifications fixes. En ce même sens, Utz (2003) signale que Walser est un auteur difficile à cerner car, dans son œuvre, il s'agit d'un «« je » vagabond qui change sans cesse de lieu et de direction. Sous cette forme caméléon » (p. 371), il n'y a pas de mise en place d'une identité stable mais une dispersion autant du je/narrateur que des personnages.

On trouve, dans les microgrammes, une variété très grande de formes littéraires, dont les personnages, les narrateurs, je, n'ont pas de fixation dans un fantasme, mais une liberté – pas d'identification figée à un idéal, pas d'identification imaginaire, pas de prise dans une position figée. Utz (2001) signale que les textes de Walser « évitent les sommets idéologiques » (p. 410) de son temps, et « essaient aussi d´éviter les pièges où ils devraient définitivement justifier de leur identité » (p. 420). Utz démontre la façon dont Walser peut manier le jeu de sonorités pour éviter d'être pris par les discours sociaux de l'époque, notamment, les discours politiques. Il utilise un des microgrammes de Walser, « *Minotauros* », pour démontrer la mise à distance de la quête d'une identité nationale, d'un refus de l'idéal de l'ordre en vigueur. En effet, il n'y a pas de quête d'identité dans l'œuvre walsérienne. Il évite ainsi des fixations définitives de son identité, son texte échappant, par sa structure labyrinthique, aux illusions de l'identité individuelle ou nationale. Il est toujours changeant, en mouvement. Utz (2001) signale que dans le texte « *Minotauros* », Walser fait un jeu entre les sons, en allemand, de nations et de haricots, créant une rime qui bouleverse le sérieux du discours de l'ordre

qui était de mettre la nation comme le mot d'ordre, supérieur et le plus important; par la mise en place d'une dynamique des sons, Walser rompt l'ordre.

L'utilisation de lalangue, le travail de Walser sur les sonorités contribue à la construction du mouvement, à la construction d'un type labyrinthique qui échappe aux discours établis, qui bouleverse la possibilité de se fixer en introduisant du mouvement.

Selon Lacadée, l'usage de lalangue chez Walser « lui sert comme un appareil de la jouissance à aborder la réalité » (Lacadée, 2010b, p. 56). Le psychanalyste souligne la sensibilité de Walser au signifiant tout seul, hors sens, le signifiant dans son versant de matérialité, avant n'importe quelle signification. Chez Walser, il s'agit de faire parler ces signifiants tout seuls mais Lacadée se demande si « Walser jouait de lalangue ou si son écriture témoigne de ce qu'il était joué par lalangue, par sa sonorité (…) qui lui faisait entendre l'écrit dans la parole » (Lacadée, 2010b, p. 48), d'une poétique qui résonne à l'issu du sujet.

Face à la défaillance de la transmission d'un Nom-du-Père, Lacadée (2010b) signale que Walser fait parler la vie dans son hors sens, dans son énigme. L'exemple utilisé par Lacadée met en lumière la non inscription symbolique de Walser par le père, la non transmission symbolique par rapport à la construction que Walser fait d'écrire une lettre, une lettre qu'il intitule « La lettre d'un père à son fils » (p. 46), où il aborde ce que serait l'éducation donnée par le père à son fils, lettre que Walser écrit à la place du père, tout en utilisant son ironie pour éclairer la défaillance de la transmission paternelle. Par l'écriture de son œuvre, Walser a construit son sinthome : « son écriture est son sinthome (…) c'est ce qui lui a permis de faire tenir ensemble les trois ronds S, I, R, jusqu'au moment de sa crise de l'écriture » (p. 46).

Les crises d'écriture vont être d'abord traitées par Walser par une méthode d'écriture au crayon au moment où l'écriture à la plume défaille :

> J'ai vécu une véritable faillite de ma main, une sorte de crampe, de pince, dont la méthode du crayon m'a libéré difficilement, lentement. Une impuissance, une crampe, un étouffement sont toujours quelque chose de physique et de mental à la fois. Je passai donc par une période de délabrement qui en un sens se refléta dans

> l'écriture, dans la dissolution de celle-ci, et c'est en recopiant ce que j'avais écrit au crayon que j'ai pu réapprendre à écrire comme un gosse (Walser apud Lacadée, 2010b, p. 67).

On va citer une autre formulation de Walser de cette crise, où il décrit l'importance du détour par le crayon, l'importance de ce dédoublement de l'écriture, en rapport à la récuperation du plaisir du jeu de mots, du jeu de sons :

> j'avouerai comment l'idée m'est venue de porter ma prose sur le papier au crayon avant de la transcrire ensuite à la plume, aussi proprement que possible, dans la détermination. Je découvris un jour, en effet que cela me rendait nerveux, de commencer par la plume d'acier, et pour me rassurer, je me mis à me servir du crayon, ce qui certes représentait un détour, une peine supplémentaire. Maid du moment que pour moi, en un sens, cette peine ressemblait à un plaisir, il me sembla qu'il y ait là pour moi quelque chose à gagner. Chaque fois, un sourire de satisfaction naissait dans mon âme, quelque chose aussi comme un sourire d'autodérision intime à m'observer en train d'entourer mes gribouillages de tant de soins, de précautions. Entre autres, il me semblait que je pouvais travailler au crayon en quelque sorte de manière plus rêveuse, plus calme, plus lente, plus contemplative, je croyais pouvoir guérir, littéralement, grâce à la méthode de travail que j'ai décrite » (Walser, 2004, p.36)

La crise de la plume est décrite par Lacadée comme un vécu de laisser-tomber de la main en rapport au vécu d'un laisser tomber du corps, de la perte de ce qui soutenait Walser. Il considère l'invention de l'écriture en miniature comme la création d'un sinthome qui « lui permet à s'appareiller sa main » (p. 72), la main qui, refusant d'obéir, a dû être « *reconquise* », soumise à nouveau à l'écriture de Walser. « Walser, en se servant de son organe (la main) pour tenir la plume, était parvenu à consolider une idée de son corps et à soutenir un minimum de lien social comme « « commis aux écritures » » (p. 72) jusqu'à la crise de la plume où selon Lacadée, la main échapperait au corps, l'organe main échappe à la prise d'un discours sur le corps, devenant un organe hors corps et se mettant « à parler toute seule » (p. 73), ce que le psychanalyste nomme « *les épiphanies de la plume* » (p 113). Il souligne que pour Walser la langue et la main « se marient comme deux organes hors corps : la main est cet organe de langage qui peut crier au secours qui (…) peut permettre que jaillissent des mots joyeux » (Lacadée, 2010b, p. 74) jusqu'à la crise de la plume. Tandis qu'avant la crise, dans l

´écriture à la plume, Walser arrivait à jouir du sens, à jouir de l'écriture de la sonorité, lors de sa crise, « l'écrit se met à parler, c'est-à-dire à faire sens tout seul. Walser se trouve alors confiné à un hors sens qui le persécute sous forme de voix que l'écriture ne parvient plus à fixer » (Lacadée, 2010b, p. 75).

> c'est le recours au crayon qui va permettre une réintégration dans le corps de cet organe hors corps. Par le biais de l'écriture microgrammatique, Walser parvient à une réunification du corps et trouve un nouveau soutien sans en passer par un discours établi (…) Les microgrammes témoignent en effet dans l'écriture de l'incidence sur le corps de la jouissance de la sonorité du signifiant (Lacadée, 2010b, p. 74).

L'utilisation de l'écriture en miniature est comprise par Lacadée dans le même sens que l'ironie et que l'usage de lalangue chez Walser, comme un effort de refus de l'Autre, un refus du champ signifiant de l'Autre, constituant une solution pour traiter l'invasion par la langue Autre car « miniaturiser la lettre c'est la mettre à distance » (Lacadée, 2010b, p. 75). Il me paraît plus juste de formuler, qu'il ne s'agit pas de Walser d'un refus de la langue Autre, mais d'une façon de localiser une jouissance ilimittée, une jouissance Autre. Il est intéressant que chez Walser il n'y a pas de croyance en l'Autre, il n'y a pas des discours du semblant, il n'y a pas cet Autre dans les textes, mais il y a une place au lecteur. Il importe de souligner que si les microgrammes sont comme une écriture secréte, il est très présente la place du lecteur dans ses textes. En effet, on a déjà signalé l'importance du lecteur dans le sytle labyrinthique, lecteur et auteur/narrateur/personnage créant ensemble l'espace virtuel du mouvement.

Les écritures microgrammes au crayon ne recevaient aucun titre mais leur chiffre en numéros, un chiffre sans rapport entre les diverses écritures mais permettant un chiffrage de la jouissance, « comme un trait de crayon dans le réel » (Lacadée, 2010b, p. 76). Cette écriture en miniature est mise en rapport à la lettre dans sa matérialité qui n'est pas de l'ordre d'un semblant, mais de l'ordre du réel. Maleval (2000) signale qu' « Un grand nombre de particularités des écrits psychotiques deviennent intelligibles quand on conçoit au sein de leur diversité, l'insistance d'une jouissance de la lettre » (p. 210), en rapport à la matérialité de la lettre pouvant accueillir la jouissance. Alors, on

peut mettre en lumière l'importance de la matérialité de l'écriture de Walser comme une manière d'accueillir la jouissance.

L'écriture était sa manière de nouer « le trop d'écho de la voix dans son corps » (Lacadée, 2010b, p. 105), ce que le psychanalyste met en rapport à une résonnance, à faire entendre ce que la parole ne dit pas dans une dimension qui donne vie propre aux mots, à leur capacité de résonner, à faire entendre les mots à l'insu du sujet d'une très grande sensibilité à lalangue, à la résonnance de la sonorité du signifiant, étant lui-même « plus joué et dansé par les mots qu'il ne danse avec eux » (Lacadée, 2010b, p. 107), étant affecté par sa lalangue. Le psychanalyste signale chez Walser l'« aspect labyrinthique de son écriture, qu'il déroule comme pour fixer cette sonorité du signifiant, suit plus le signifiant tout seul, hors sens, que le sens » (p. 116).

Ses promenades étaient l'occasion pour Walser d'écouter sa propre langue, de s'écouter lui-même, tout en pouvant faire résonner en lui lalangue et s'arrêter, dans une « nécessité de nouer la marche à l'écriture, seule façon de soutenir dans son existence l'articulation d'un corps vivant aux mots entendus » (Lacadée 2010b, p. 58). Le psychanalyste fait un parallèle entre l'acte de marcher et celui d'écrire chez Walser, d'errer dans la langue et de se promener dans la neige. La promenade est pour Walser une suppléance qui capitonne son existence à ce temps d'écoute. En effet, le but de la promenade n'est pas forcément de se déplacer mais seulement de pouvoir créer des temps où s'immobiliser, l'imbrication de l'écriture et de la promenade étant en rapport à la construction du corps. Walser affirmait que seules ses promenades le maintenaient en vie, le stimulaient, lui valaient d'être en prise avec le monde qui inspirait son écriture.

> La promenade (…) m'est indispensable pour me donner de la vivacité et maintenir mes liens avec le monde, sans l'expérience sensible duquel je ne pourrais ni écrire la moitié de la première lettre d'une ligne, ni rédiger un poème, en vers ou en prose. Sans la promenade, je serais mort et j'aurais été contraint depuis longtemps d'abandonner mon métier, que j'aime passionnément. Sans promenade et collecte de faits, je serais incapable d'écrire le moindre compte rendu, ni davantage un article, sans parler d'écrire une nouvelle (Walser, 1967 / 1987, p. 75).

et l'auteur poursuit :

> En me promenant longuement, il me vient mille idées utilisables, tandis qu'enfermé chez moi je me gâterais et me dessécherais lamentablement (…). Chaque promenade abonde de phénomènes qui méritent d'être vus et d'être ressentis.(…) Toutes sortes d'aperçus et d'idées rôdent mystérieusement sur les talons du promeneur de sorte qu'au milieu de sa marche appliquée et vigilante il doit s'arrêter et tendre l'oreille, parce que, submergé et étourdit d'impressions étranges et par la puissance d'esprits, il éprouve le sentiment merveilleux de s'engloutir dans la terre, tandis que devant ses yeux éblouis et égarés de penseur et de poète s'ouvre un abîme. Il a l'impression que sa tête va se détacher et tomber. Ses bras et jambes naguère si pleins de vie sont comme figés (pp. 75- 80).

Et ajoute :

> Le promeneur est constamment escorté par quelque chose de singulier, de fantastique, et il serait stupide s'il entendait n'accorder aucune attention à cet élément immatériel ; mais ce n'est nullement le cas, au contraire il accueille de grand cœur tous ces phénomènes étranges, il fraternise et se lie d'amitié avec eux, en fait des corps dotés de formes et d'une riche substance, il leur donne âme et les façonne, comme à l'inverse ils lui réjouissent l'âme et le façonnent (p. 81).

Chez Walser, l'écriture affecte son corps. En effet, il s'agit dans ses promenades-écritures, d'une œuvre enracinée dans le corps se promenant.

> Dans la promenade, il est au travail de lalangue mais c'est surtout (…) l'arrêt en restant immobile, qui lui permet de donner corps à une idée. Il met son corps en mouvement, afin d'attraper par là une idée qui, dans le temps d'arrêt qu'il produit à l'instant où elle surgit, lui donne alors le sentiment de l'existence (Lacadée, 2010b, p. 179).

La construction de l'arrêt à partir duquel surgissait une idée, ce moment où Walser pouvait donner corps à une idée, peut être mis en rapport avec le lieu du vide, le « y » qu'on a abordé chez Oury, dans la clinique de la schizophrénie.

Il me paraît intéressant de tracer une voie un peu différente de celle suggérée par Lacadée pour aborder l'écriture en miniature. Alors que l'auteur met en avant la mise à distance de l'Autre et le travail sur la lettre, on peut établir dans le rapport étroit entre le

travail de la lettre et la localisation de la jouissance chez Walser, l'importance de la création possible d'un vide.

Il y a une temporalité introduite, dans le texte, par le vide, qui n'est pas en rapport à une inertie, mais, au contraire, au mouvement car « le vide n'indique pas une inexistence, mais plutôt un élément agissant de façon d'autant plus patente qu'il marque une discontinuité » (Izcovich, 2011, p. 88).

Il importe de mentionner le dédoublement du processus d'écriture mis en place dans le territoire du crayon. Il y avait un travail premier de réalisation des traits au crayon, l'écriture au crayon, et puis, le copiage décrit autant comme une bureaucratie, que comme un outil nécessaire à son écriture. Dans ce dédoublement du brouillon fait au crayon à la version écrite à la plume, il s'agissait d'un détour dont Walser lui-même formule l'importance existentielle, vitale.

Le dédoublement de l'écriture des microgrammes est désigné par Morlang (2004), un « système binaire de l'esquisse au crayon » (p.14). La mise en place de ce système binaire après la dissolution de l'écriture dans sa crise de la plume, était nécessaire pour qu'il puisse réapprendre à écrire dans « une écriture en deux temps » (Utz, 2003, p. 6).

On peut alors formuler l'importance de ce dédoublement, de l'inscription binaire des traits aux lettres à la plume, comme la création du site, la création possible d'un vide, d'un temps de pause, d'arrêt, similaire à celui que Walser met en évidence dans ses promenades. L'alternance nécessaire entre le mouvement et l'arrêt, le temps de pouvoir écouter, le temps que sa lalangue se fasse écouter et se fasse écrire.

Étant à la fois promeneur et écrivain, Walser a sustenté son corps par la lettre, par l'écriture. L'important pour Walser était d'écrire, au point que jamais l'écrivain ne corrigeait ses écrits. L'importance de la lettre dans son versant de matérialité, la lettre comme support matériel d'un statut « d'un caractère d'imprimerie » (Lacadée, 2010b, p. 56). L'instrumentalisation de lalangue par l'écriture a permis à Walser d'avoir un corps, de « nouer son corps vivant au langage » (Lacadée, 2010b, p. 63), un sinthome lui donnant consistance, à partir des marques de lalangue sur son corps, de cette

imbrication d'où surgit son écriture, l'écriture de la sonorité de lalangue, à partir du non-sens.

> Dès le début, Walser présente son écriture à la plume comme directement liée au phonème, directement branchée sur la sonorité du signifiant, jusqu'à cette crise qu'il appelle « sa dissolution de l'écriture » dont la conséquence est son « délabrement »vital. Jusque-là, l'écriture à la plume a valeur de nouage de son être à la langue et lui permet de se soutenir d'un corps (…) Après cette crise, le recours à une esquisse préalable au crayon lui permet de sauver le territoire sonore auquel il tenait tant, comme si le crayon, plus silencieux que la plume, ne faisait qu'un seul corps sonore avec la sonorité du signifiant (Lacadée, 2010b, p.68-69)

Lacadée (2010b) met en relief la manière dont Walser écrit sa lalangue, par exemple sa façon d'inventer des microgrammes de son écriture, une écriture en miniature faite au crayon qui lui sert à créer un « espace de vie où il trouve un « singulier bonheur » » (p. 63).

Dans la matérialité des traits de ses écrits miniaturisés, il s'agit de cette lettre illisible qui va radicaliser de plus en plus le statut de la lettre de son œuvre, de ses écrits : « les lignes de Walser qui, quoique clairement dessinées, varient dans la pression et le tracé, au point qu'elles se transforment en idéogrammes pâteux, vaguement exotiques » (Lacadée, 2010b, p. 69).

Le rapport de Walser à une écriture qui s'impose, l'écriture de la plume étant distincte de celle au crayon, en miniature. Lacadée fait un rapprochement entre les paroles imposées chez Joyce dans les épiphanies et les écrits imposés chez Walser quand il utilisait la plume.

> Lorsque Walser écrit qu' « une plume préfère dire une chose incongrue », il donne une indication très précise du phénomène clinique auquel il est soumis : il témoigne de ce que l'écrit a pris l'initiative, à son issu, de lui dire *à lui* une chose incongrue. Lui qui a souvent dit être persécuté par des voix, fait à sa façon l'expérience d'une irruption du signifiant dans la pensée (Lacadée, 2010b, p. 70).

Lacadée renvoie l'écriture miniature en crayon aux automatismes mentaux. À partir du travail sur la lettre, le travail d'écriture peut permettre au schizophrène de faire tenir

ensemble ce qui n'a pas accès au bouclage de la signification phallique pour assurer un enchaînement. La position priviligiée de la lettre et le rôle joué par l'investissement de la lettre chez les schizophrènes favorisent la non fragmentation de la pensée qui pourrait être une des conséquences du non-enchaînement signifiant.

Dans son œuvre, et notamment dans les microgrammes, il ne s'agit pas de s'adresser à l'Autre mais d'arriver à localiser la jouissance dans la lettre.

Son écriture de style labyrinthique, l'aspect énigmatique de son écriture « lui offre un abri pour se soutenir dans son existence à condition de ne pas cesser d'écrire » (Lacadée, 2010b, p. 59, tandis qu'à l'arrêt de l'écrire chez Walser, sa vie devient déserte : « N'y écrivant plus du tout (…) l'écriture ne parvient plus à fixer sa jouissance et que la vie déserte son lien à la langue » (Lacadée, 2010b, p. 60).

Le traitement du schizophrène doit prendre en compte l'importance du concept de la lettre, la possibilité d'une construction d'un sinthome au cas par cas, la lettre étant une possibilité de localisation de la jouissance, d'un travail sur le non-sens pour faire avec des bouts de réel, une identification possible à sa construction sinthomatique. Dans l'œuvre walsérienne, Pelletier (2008) indique que quand il n'y a plus d'identification de Walser aux personnages, il y a une identification à l'écriture, aux écrits.

Du parcours du vide à la sonorité de lalangue, Walser peut s'écouter et s'écrire. Walser arrive à construire son sinthome, s'ancrant dans la lettre, pour créer une tessiture de corps-lettres.

Laurent (2010) considère que l'écriture est une inscription sur le corps, car :

> il faut aborder l'écriture, non pas en tant qu'elle transcrirait le signifiant, mais en tant (…) qu'il s'agit d'avoir une théorie minimale, c'est-à-dire minimale dans sa définition, et maximale dans son étendue, de façon à recueillir tous les phénomènes qui relèvent de l'inscription sur le corps, ou de la prise dans le corps de qui est le signifiant ; qu'il nous fait le corps, le signifiant, et leur prise, avec la trace de jouissance que cela implique. C'est pour cette raison que Lacan oppose à l'écriture occidentale qui se détache du corps, ce qu'il met en avant dans « Lituraterre » au sujet de la calligraphie chinoise dans laquelle il faut y mettre du corps » (pp. 14-15).

Stevens (1997) formule l'importance des concepts de sinthome et de lettre en rapport à la conceptualisation d'une jouissance particulière de chacun, en rapport au S1. La lettre est tracée, et il s'agit de la trace du réel qui insiste, de la jouissance qui insiste, du « sinthome comme lettre particulière au sujet » (Stevens, 1997, p. 11). Si dans le concept du Nom du Père le signifiant du père faisait le nouage, dans le concept du sinthome, c'est le trait qui fait nouage, un trait particulier à chacun, c'est le quatrième nœud singulier de chacun, celui qui nomme les trois ronds, le sinthome. Stevens désigne le sinthome comme « (S1,a) » (p. 14) - le trait signifiant (S1) et le trait de la jouissance singulière (a). Chez Joyce, Stevens considère que l'on pourrait formuler son sinthome comme « ego= (S1,a) » (p.15). Dans le séminaire « Le savoir du psychanalyste » (1971-1972), dans la séance du 04 mai 1972, Lacan affirme que L'un dont il s'agit dans l'analyse est le contraire de l'un de la répétition, c'est « l'Un comme un seul ». Le sinthome est, alors, formulé dans un rapport entre le trait singulier de chacun et la jouissance singulière de chacun, du marquage de lalangue dans le corps, introduisant les marques singulières de sa jouissance. La lettre au sens de l'imprimerie, d'une marque laissée sur le corps, ancrant dans le corps la jouissance singulière de chaque sujet, est en rapport à la formulation lacanienne de la précipitation (de la pluie), de lalangue qui se précipite dans et par la lettre, affectant le corps. La lettre affecte le corps, marquant une modalité singulière de jouissance, marquant des littoraux entre lalangue et le corps. La lettre peut permettre une « fixion » de la jouissance, ce qui peut être mis en place dans la schizophrénie. On a abordé, à propos de Walser, l'importance de l'écriture comme « fixion » de la jouissance, comme une manière de nouer lalangue et la jouissance dans la lettre, dans un sinthome-écriture.

> lorsque Lacan parle de la lettre à la fin de son enseignement, elle a alors les plus étroits rapports avec la lettre écrite, dont joue justement Joyce. Mais elle ne se réduit pas seulement à la fonction de l'écrit et la fonction de l'écrit ne se rapporte pas totalement à la lettre. Dans « Litturaterre » en particulier, il donne la définition de la lettre à partir du ravinement dans le réel. La lettre, c'est ce qui pour chaque sujet vient faire creux, de la même manière que la pluie qui tombe sur un relief plat va progressivement raviner, et en ravinant toujours aux mêmes endroits, elle creuse le relief que nous connaissons dans le monde (…) on peut dire que ce ravinement est la trace par où passe la jouissance et cette trace a des effets réels (Stevens, 1997, p. 10-11).

Les procédures de Walser créant du vide dans lalangue introduisent le vide par la lettre. Il me paraît possible, alors, de mettre en rapport le vide walsérien, créé par la lettre, au vide topologique. Il s'agirait de la mise en acte de la lettre trouante, creusant le vide.

Dans la topologie, Bousseyroux (20111) suggère de penser une circulation possible d'un vide médian, à partir de la figure topologique d'un tore troué. « En trouant un tore, on met en communication son vide intérieur avec son vide extérieur, tant et si bien que ceux-ci se trouvent dès lors noués par ce qu'on pourrait appeler le vide médian créé par ce trouage » (p. 37). Le vide médian ferait, alors, un nœud borroméen.

A partir de nos formulations sur la mise en œuvre du vide chez Walser, on peut élaborer un travail par la lettre, la mise en place d'un vide médian, en rapport à un nouage possible de RSI.

Le travail autour de la lettre, l'inscription d'un vide médian, serait ainsi la soustraction d'une rondelle d'étoffe du réel, d'un travail de la lettre sur le réel. On peut ainsi rendre compte de la lettre, trouant le réel, par le retrait d'un morceau de réel, créant le vide médian, structurant, qui peut être à l'origine de l'écriture borroméenne du sinthome, à partir de la mise en fonction de la lettre trouante, qui creuse le vide dans le réel.

V. 3. Le trait et la lettre dans l'autisme.

Contrairement à la schizophrénie, il n'y a pas de marquage des littoraux ancrant le langage au corps dans l'autisme. Il n'y a pas le crochetage de lalangue, il n'y a pas le crochetage du signifiant et de la jouissance dans le corps. Ce défaut du babil est mis en rapport à la non aliénation pleine à l'autre dans l'autisme.

Dans l'autisme il n'y a pas l'investissement du babil, il n'y a pas la jouissance du maniement de lalangue comme on l'observe souvent chez les schizophrènes. Maleval (2007) donne toute l'importance à ce manque du plaisir du babillage chez l'autiste : « Rien n'est plus important pour comprendre l'autisme que de souligner que c'est un sujet qui n'est pas introduit au langage en passant par le babil. Celui-ci est absent, pauvre ou étrange. Quand il est présent, il apparaît le plus souvent monotone » (Maleval, 2007, p. 134).

> Quand s'opère dans le babil l'aliénation première par laquelle la jouissance du sujet se prend au langage, il s'identifie à ce que Lacan nomme lalangue, vocable forgé en dérivation du terme de lallation, afin de désigner une matérialité signifiante détachée de toute signification et de toute intention de communication. (…). L'entrée dans le signifiant se fait à l'occasion du chiffrage de la jouissance dans la lalangue. Celle-ci est constituée de signifiants qui ne font appel à rien, de S1 sans S2. Les études linguistiques attestent que le babillage témoigne déjà d'une prise du sujet dans un rapport à l'Autre du langage (Maleval, 2007, p. 135).

L'autisme est, alors, caractérisé à partir de l'absence ou de la pauvreté du babillage lié au non rapport chez lui entre le savoir et la jouissance et « du fait de la carence du babil et de la langue, leur entrée dans le langage se fait par l'assimilation de signes » (Maleval, 2007, p. 138), il lui manque « l'acquisition de savoir, produite à l'occasion du chiffrage de la jouissance par la lalangue » (Maleval, 2007, p. 137).

Le savoir de l'autiste, d'après Maleval (2009b) est une construction comme une bibliothèque d'expériences à partir des signes assimilés, des enregistrements mentaux des comportements des humains dans diverses situations, dont le maniement serait

toujours rigide, mais qui pourrait être extensif à d'autres situations, manquant toujours d'une flexibilité nécessaire pour la mise au point des nuances comme l'ironie, la métaphore, les plaisanteries. Ces savoirs ancrés dans les signes peuvent constituer un Autre de signes comme une suppléance au défaut du signifiant. « La carence de la fonction du signifiant unaire fait de l'autiste un sujet couplé à un Autre de synthèse protecteur, dont chacun des signes lui est disponible, sans qu'intervienne aucun refoulement, grâce auxquels il opère des mises en ordre pacifiantes » (Maleval, 2009b, p. 201).

D'une manière générale, chez l'autiste, il y a une difficulté à accéder au domaine de la souplesse signifiante, de la contextualisation nécessaire pour comprendre l'implicite, les diverses significations possibles. L'auteur souligne, cependant, que cette difficulté peut être compensée, au moins en partie, à partir d'une « sommation de signes iconiques » utilisés pour construire certains concepts.

> La difficulté de l'autiste à situer le mot dans un réseau d'oppositions signifiantes, en raison du poids de sa connexion à un référent mondain, se trouve compensée de manière originale par (...) une sommation de signes iconiques (…) parvient à construire un pseudo-concept (Maleval, 2009b, p. 210).

Cette habileté à construire des pseudo-concepts à partir des signes iconiques signale qu'ils ont en effet une capacité d'abstraction, mais qui fonctionne à partir d'une construction d'images particulières plus qu'à partir des concepts généraux, qui peut être mise en rapport avec leur « inaptitude à procéder à la mutation du réel au signifiant pose des limites aux capacités d'abstraction des autistes, ce qui incite à faire état d'une « pensée concrète » (Maleval, 2009b, p.211). Or, l'auteur souligne la possibilité d'une compensation étant donné que les autistes « compensent remarquablement la difficulté par un exceptionnel développement de leurs capacités mnémoniques » (Maleval, 2009b, p. 211). L'importance des images dans la construction du monde chez l'autiste est mise en rapport par l'auteur à un appui privilégié dans la dimension imaginaire, dans une pensée visuelle. L'habileté de mémorisation d'innombrables informations est mise en rapport avec l'inexistence du refoulement chez l'autiste, à partir duquel les informations auraient une autre forme d'organisation, tandis que, chez l'autiste, il s'agit d'une organisation plus détaillée, où toutes les informations sont à la fois disponibles à la

mémoire et retenues. Cette capacité extraordinaire de mémoire naît de la difficulté à se déconnecter du référent, laquelle peut être aussi mis en rapport à la prévalence du signe dans l'autisme, de la structuration du penser par les signes en rapport à la prise à la chose, au référent, ce que « lui pose des limites pour l'appropriation des concepts » (Maleval, 2009b, p. 211), et même la construction des pseudo-concepts sera un travail laborieux.

> La rigidité des enregistrements mnémoniques soulève cependant une difficulté pour concevoir comment peuvent émerger de ceux-ci certaines capacités d'invention. Les autistes savants témoignent qu'il ne leur est pas facile d'élever leurs capacités mentales au-delà d'aptitudes à la restitution de signes figés. Pourtant, Gradin explicite fort bien comment elle parvient á dépasser la difficulté : « Quand j'essaie une machine dans ma tête ou que je travaille sur un problème de conception, affirme-t-elle, c'est comme si je visionnais sur une cassette vidéo. Je peux regarder l'appareil sous tous les angles, me placer au-dessus ou en dessous, et le faire tourner en même temps. Je n'ai pas besoin d'un logiciel graphique sophistiqué pour faire des essais en trois dimensions. Je le fais mieux et plus vite dans ma tête. Pour créer de nouvelles images, je pars toujours de mille petits morceaux d'images que j'ai emmagasinés dans la vidéothèque de mon imagination et que je recolle ensemble. J'ai des souvenirs vidéo de tous les composants que j'ai utilisés (…). Pour concevoir un nouveau modèle, je retrouve dans ma mémoire des fragments et des morceaux, et je les combine autrement pour faire un tout. » Un tel fonctionnement sait tirer avantage de l'aptitude à penser avec des signes iconiques, portée au plus haut chez Grandin, mais inégalement développée d'un autiste à l'autre. Toutefois, ce recours à l'imagination créatrice, fondé sur la visualisation et sur l'appariement d'images d'objets, n'est pas propre aux autistes ; ce qui est caractéristique réside dans son isolement, son hypertrophie, et son indépendance à l'égard des affects » (Maleval, 2009b, p. 212).

La prévalence des images dans la pensée, la construction d'une pensée basée sur des éléments imaginaires enregistrés comme des signes, n'ayant pas accès à la fluidité du signifiant est en rapport au fait que « la plupart des autistes conservent en leur pensée et leur comportement quelque chose de machinal » (Maleval, 2009b, p. 213). La constitution de l'Autre de synthèse chez l'autiste permet une utilisation du langage ancrée dans l'accumulation d'informations organisées comme des signes. L'Autre de synthèse « n'est constitué ni de S1, ni de S2, mais de signes, tantôt alphabétiques, tantôt visuels, tantôt sonores » (Maleval, 2009b, p. 218). L'Autre de synthèse :

> témoigne d'une aptitude à utiliser des règles d'organisation des signes, non pas ancrées dans une langue privée, mais prélevées sur l'Autre du langage. L'approfondissement d'une connaissance intellectuelle de la grammaire donne peu à peu une certaine souplesse aux indices dont certains parviennent à être détachés d'une situation déterminée. Ils deviennent alors des symboles, au sens de Pierce, mais restent des signes, et non des signifiants (Maleval, 2009b, p. 218).

Le signe, la fixité du signe chez l'autiste est distincte du concept de la lettre – où il s'agit de la face réelle du signifiant, de la matérialité ancrée dans le corps, coupée de l'Autre, mais comme une marque qui peut « accueillir la jouissance » (Maleval, 2009b, p. 214). L'auteur signale que le concept de la lettre est en rapport à la jouissance et à une perte de jouissance inscrite sur le corps, tandis que le concept de signe n'est pas en rapport à une perte symbolique de jouissance, il n'est pas capable de chiffrer la jouissance, même si les signes peuvent parfois cadrer la jouissance dans le sens de la tenir coupée, occasionnant une séparation du langage et de la jouissance chez l'autiste.

Dans le signe, il n'y a pas de décollement du référent, de la chose, tandis que dans la lettre, il y en a. La matérialité du signifiant ancrée dans le corps est une fixion dynamique, au contraire de l'inertie, de la fixité de l'image, du référent dans le signe.

L'autiste masque la perte ; il met en scène le contrôle de sa propre perte ; en pensant en images, il n'efface pas la chose représentée, il pense avec des signes. « Les signes avec lesquels l'autiste se structure induisent une propension à recourir aux images et aux icônes pour appréhender le monde. Or celles-ci ne s'inscrivent pas dans le corps » (Maleval, 2009b, p. 189). Il peut y avoir une certaine négativité de l'objet chez l'autiste ; selon le psychanalyste, les objets autistiques complexes témoignent d'un cadrage imaginaire possible de la jouissance à condition qu'il y ait une mise en jeu imaginaire de la perte d'un objet de jouissance.

L'entrée de l'autiste dans la langue se fait couramment par la lecture, par l'assimilation de signes. « L'idéal de l'autiste serait un code qui parviendrait à connecter les mots de manière constante et rigide à des objets ou à des situations clairement déterminés » (Maleval, 2009b, p. 180), les termes abstraits sont d'assimilation plus difficile puisque aucun objet ne leur correspond. L'autiste peut faire un langage d'intellect, de signes

sans affect ou créer une langue privée. Il peut s'exprimer coupé de l'aliénation, par les signes puisque « non seulement l'autiste est accessible au signe mais son être s'en structure » (Maleval, 2009b, p. 103).

La question de savoir s'il s'agit chez l'autiste d'une inexistence du S1, d'un So que l'on peut définir comme un signe, ou un S1 très particulier, inscrit mais non incorporé, peut être éclaircie par le fait que même les autistes mutiques, ou ceux qui ont une prévalence du verbiage arrivent parfois à une expression personnelle en prononçant un mot ou une phrase quand ils sortent du refus à l'Autre, d'où un refus d'émettre une voix avec une énonciation. Maleval (2007) signale que ces moments d'expression personnelle apparaissent quand les situations ou les stratégies défensives de l'autiste sont mises à l'écart en raison d'une situation critique, d'une perturbation dans le monde ordonné de l'autiste. Dans ces situations, la présence d'un appel à l'Autre est marquante chez l'autiste, car il est vécu comme une mutilation, d'où son refus. Du fait qu'il n'y a pas chez l'autiste d'incorporation de la voix de l'Autre, et la voix est en rapport à l'identification primordiale, son non incoporation va atteindre son inscription signifiante au champ de l'Autre.

Il importe de réfléchir sur le rapport à l'objet voix, sur la jouissance vocale manifeste dans les hallucinations verbales. La présence des hallucinations verbales en tant qu'aspect diagnostique différenciant la schizophrénie de l'autisme est une question qui mérite d'être approfondie. Au vu des vignettes choisies dans la thèse à l'issue d'un parcours clinique intéressant, il existe différentes opinions à ce sujet. Or, l'avis de Maleval par rapport à l'impossibilité de l'hallucination due à la non incorporation du signifiant primordial dans l'autisme me paraît juste.

« La carence du signifiant-maître ancre dans la structure autistique un obstacle à la construction même de l'hallucination verbale » (Maleval, 2009b, p. 232), car « l'hallucination verbale repose sur un préalable : l'inscription du signifiant unaire sur la substance jouissante », au surgissement du S1 rompant la chaîne signifiante » (Maleval, 2009b, p. 232). Mon expérience clinique m'incline à être d'accord avec Maleval à propos de la non observation d'hallucinations chez l'autiste, contrairement à leur présence chez les schizophrènes. Suivons le raisonnement de Maleval sur quelques cas

d'autistes manifestant des hallucinations, afin de découvrir la façon dont il entrevoit cette possibilité d'hallucination chez l'autiste et les nuances qu'il apporte.

> en première analyse, le syndrome autistique apparaît compatible avec de rares hallucinations visuelles, dans doute même avec quelques hallucinations sonores (bourdonnements, cloches, musiques, bruits violents, etc.), mais non avec d'authentiques hallucinations verbales. S'il est bien ainsi, l'approfondissement de la logique du phénomène devrait pouvoir nous orienter pour saisir ce qui différencie structurellement l'autisme des psychoses (Maleval, 2009b, p. 229).

Son affirmation selon laquelle il n'y a pas d'obstacle aux hallucinations de types sonores ou visuelles chez l'autiste est pertinente, mais il me semble qu'il faut réfléchir sur la question de l'hallucination verbale pour mieux cerner notre question du trait unaire chez l'autiste.

Citons, d'abord, quelques réflexions de Maleval sur les hallucinations décrites par D. Williams. Celle-ci voyait une poupée qui articulait des mots qu'elle ne pouvait entendre. Maleval rapporte qu':

> elle ne pouvait les entendre. En une autre circonstance angoissante, elle perçoit une voix qui effectue une sorte de commentaire de ses actes, ce qui n'est pas sans évoquer un phénomène d'automatisme mental. Cependant elle précise : « j'entendais mentalement ma propre voix commenter le déroulement des choses », en quoi elle souligne que le phénomène n'est pas pour elle xénopathique, son énonciation ne lui échappe pas, elle sait qu'il s'agit de sa « propre voix » (Maleval, 2009b, p. 227).

L'hypothèse de Maleval est qu'il ne s'agit pas d'une véritable hallucination verbale, il ne s'agit pas du retour du S1 dans le réel chez cette autiste. Maleval analyse aussi la question de l'hallucination chez l'autiste D. Tammet, qui prétend avoir des conversations avec une femme dont la voix le calmait et le rassurait jusqu'à son départ. Maleval signale que cette voix n'est pas une hallucination verbale, puisque Tammet a tout le contrôle sur l'interaction avec cette voix rassurante, y compris son départ, et il arrive même à dire que cette femme était une complexification de sa propension à se parler à lui-même considérant la femme presque comme une rêverie. L'auteur souligne, en outre, qu'il n'y a pas de caractère xénopathique, ni énigmatique. Il avance, alors,

l'hypothèse d'une absence d'hallucination verbale chez l'autiste en rapport à la stratégie défensive de l'autiste du refus de prendre la position d'énonciation. Le psychanalyse considère que l'hallucination verbale est en rapport à l'émission, que l'halluciné est en effet l'émetteur du message dont il se croit récepteur car, dans le phénomène de l'hallucination verbale, « le sujet se trouve pris en masse avec le signifiant, de sorte que la présence du sujet de l'énonciation y est fortement marquée. » (Maleval, 2009b, p. 234). Dans l'autisme, il s'agit justement du refus d'une présence d'énonciation marquée. L'auteur souligne qu'il y a chez les autistes mutiques des irruptions de phrases, d'énonciations personnelles dans les moments d'intense angoisse, mais que le refus du signifiant est prévalent chez l'autiste : « l'hallucination verbale repose sur une aliénation signifiante, sans séparation, qui opère un plongement du symbolique dans le réel. Il est au principe de la structure autistique que le sujet y fasse obstacle » (Maleval, 2009b, p. 250).

Autre aspect signalé par Maleval (2009b), l'existence de crises de hurlements chez l'autiste, des cris ou des terreurs nocturnes auxquels l'autiste ne trouve pas de raison et qui ne sont pas articulés à un délire. Peut-être s'agit-il, selon l'auteur, de la confrontation à un « Autre réel, inhumain » (p. 236) et dans les hurlements qui peuvent exister dans les crises chez les autistes « Ils ne font entendre, dans l'horreur, que la voix du sujet, avant toute aliénation signifiante. » p. 237), ce que l'auteur met en rapport au vécu d'une automutilation. « Les hurlements (…) ne font entendre, dans l'horreur, qu'une jouissance vocale avant toute aliénation signifiante, pas même localisée dans un objet a » (Maleval, 2010a, p. 1995). Il s'agit de l'horreur « d'avant le compromis passé avec le signe pour communiquer. » (Maleval, 2009b, p. 238) et « une telle voix n'est pas même reconnue comme sienne, faute du chevillage au signifiant» (p. 238), c'est une voix non articulée au S1.

Autres manifestation du refus de l'aliénation au signifiant chez l'autiste, la mise en place de l'appropriation du langage à partir de l'assimilation de signes en lien étroit au référent, et non pas à partir du « chevillage au signifiant », du chevillage à la jouissance :

> La mise en jeu de la voix dans une langue expressive est si douloureuse aux autistes que beaucoup préfèrent rester muets. D'autres recourent au compromis du verbiage,

> à celui du langage de signes, ou à diverses sortes d'énonciations artificielles. Certains parviennent à donner une fragile assise à leur énonciation par l'entremise d'une capitation imaginaire de la voix opérée grâce au détour par un double. L'acquisition de la parole se fait pour l'autiste d'abord par une écholalie retardée, qui imite le comportement verbal d'un double, puis par un apprentissage intellectuel qui mémorise des mots connectés à des images de choses, et des phrases associées à des situations précises. L'énonciation en garde presque toujours une certaine étrangeté, que suggère quelque chose d'une assise artificielle (Maleval, 2009b, p. 239).

Dans le séminaire « *L'angoisse* », Lacan (1962-1963) avance que la voix[29] est incorporée et non assimilée ; alors, on pourrait partir de l'hypothèse selon laquelle, chez l'autiste, la voix n'est pas incorporée mais assimilée, de sorte qu'il peut accéder au verbiage et quelquefois s'adresser à l'Autre comme énonciateur ; mais c'est cela qu'il évite, d'où son « travail pour que la jouissance reste déconnectée de la parole » (Maleval, 2007, p. 130). Maleval (2007) signale que quand il n'y a pas d'incorporation de l'objet voix « le S1 ne chiffre pas la jouissance et ne représente pas le sujet auprès des autres signifiants » (p. 131), si bien que, chez l'autiste, l'identification primordiale à partir du S1 laquelle « cheville la jouissance au langage » (p. 136) n'existe pas. Dans le texte « *« Plutôt verbeux » les autistes* », Maleval (2007) définit l'autiste comme celui chez qui l'énonciation est absente mais chez qui il y a un verbiage. L'auteur met à l'origine du manque du S1 la non incorporation de la jouissance, notamment, la non incorporation de l'objet (a) voix comme jouissance vocale. « L'autiste est un sujet qui se caractérise de n'avoir pas incorporé l'objet vocal qui supporte l'identification primordiale, il en résulte une carence du S1, dans sa fonction représentative du sujet » (p. 127). Le rapport de l'autiste au langage, le verbiage étant une caractéristique privilégiée chez l'autiste, ne résulte pas d'une incapacité mais d'un choix, selon Perrin (2010), d'un refus pour se protéger du désir de l'Autre car « l'autiste refuse, dans une insondable décision de l'être, le signifiant porteur de la voix impérative du désir de l'Autre » (p. 350); la psychanalyste met ce refus en rapport à une défense à l'aliénation à l'Autre qu'il considérait tout engloutir car « dans sa logique, rien de son être n'y échapperait. Il y serait tout entièrement englouti » (p. 350).

[29] « une voix, donc, ne s'assimile pas, mais qu'elle s'incorpore » (Lacan, 1962-1963, p. 237), c'est du fait que la voix s'incorpore qu'elle a « une fonction à modeler notre vide » (Lacan, 1962-1963, p. 237).

Considérant qu'il n'y a pas de carence du signifiant primordial, celui-ci n'est pas forclos, mais refusé dans l'autisme, Perrin (2010) affirme que le rapport de l'autiste au langage est une position de défense, face aux intrusions de l'Autre. Le verbiage que l'autiste met en scène serait une stratégie. Il ne s'agit pas d'une incapacité mais d'un choix de refus, de ne pas céder la jouissance à l'Autre, pour se protéger du désir de l'Autre. L'autiste ne serait pas « hors ou en-deçà du langage » (p. 349) mais il serait un « maître du langage qui refuse de répondre » (p. 349) au signifiant primordial.

Laznik (1992/2004) signale l'existence chez l'autiste d'un langage non incarné. Il s'agit d'un Autre symbolique qui n'est pas mis en articulation à un Autre réel. En effet, c'est l'Autre réel qui peut incarner l'Autre symbolique. L'Autre du langage chez l'autiste est constitué sans aliénation réelle. Tandis que Laznik affirme que sans aliénation à l'Autre réel, l'aliénation imaginaire qui permet la construction du moi et l'aliénation signifiante à l'Autre symbolique ne seraient pas non plus possibles, les autres psychanalystes que l'on a abordé – Perrin et Maleval, notamment – mentionnent la la construction possible d'une aliénation imaginaire dans l'autisme à partir du rapport à l'autre/double (en rapport à une aliénation à cet autre réel) qui permettra jusqu'à la construction de l'image du corps propre. Le psychanalyste E.Laurent signale un rapport en extériorité de l'autiste par rapport au langage, dans une relation au langage, sans l'assumer, disjoint de tout rapport au corps. Selon Laurent (2007), cette relation au savoir, au langage permet une solution autiste qui rend possible une insertion dans l'Autre à partir d'une relation où il n'y a pas de place pour l'humour, pour les obstacles imaginaires. Chez les autistes, il y a une relation en extériorité au savoir du signifiant, l'autiste tentant de « réduire le désordre de lalangue à un langage dont pourrait s'extraire des règles fixes » (p. 112).

Par rapport à la relation de l'autiste au corps, il s'agit d'un « découplage du corps d'avec le symbolique » (Laurent, 2007, p. 112), le langage étant disjoint « de tout rapport avec le corps » (Laurent, 2007, p. 112), ce que l'auteur désigne comme une réalisation du symbolique, d'où l'absence d'équivoque dans le langage chez l'autiste.

Laurent (2007) décrit, dans l'autisme, le S1 à partir soit de la répétition du signifiant seul, soit d'un circuit minimal où il s'agit d'articulations signifiantes « *réelles* » et non de couples signifiants. On y trouve plus une juxtaposition réelle qu'une opposition

signifiante. L'auteur considère que dans le branchement de l'autiste sur un double ou sur un autre fonctionnant comme « objet supplémentaire », il s'agit de la « production hors corps d'articulations signifiantes réelles à quoi s'appareille le sujet » (p. 111). L'auteur n'approfondit pas la formulation d'un signifiant réel dans ce texte. Si l'on est d'accord sur la formulation de la non existence du travail signifiant, puisqu'il n'y a pas chez l'autiste de valeur différentielle du signifiant, Laurent devrait apporter davantage de précisions pour que l'on comprenne sa formulation d'un signifiant réel, à la place du défaut de l'articulation signifiante chez l'autiste.

Le manque des marques incorporées de lalangue chez l'autiste, résultant en la non incarnation du symbolique dans son corps, et la relation scindée à la jouissance sont déterminantes du rapport de l'autiste au langage.

Le rapport de l'autiste au langage serait marqué par cette alternance entre une énonciation plus marquée d'une jouissance mais qui ne sert pas à communiquer et une utilisation de la langue de signes, qui sert à communiquer, mais coupée de la jouissance, ce qui pourrait être mis en rapport avec les élaborations des psychanalystes de l'autiste comme soit n'ayant pas de S1, soit ayant une lalangue, tandis, qu'en effet, il s'agit d'une scission chez l'autiste, entre la langue de signes coupée de la jouissance, et la langue verbeuse, en rapport à la jouissance, mais coupée d'un but de communication à l'autre ou à l'Autre.

> les deux positionnements subjectifs de l'autiste considèrent, comme les Lefort, qu'il n'y a pas de S1, tandis que d'autres, tel que Rabanel, font état d'une lalangue. La langue verbeuse, privée, s'enracine bien dans la langue, mais elle ne sert guère à communiquer. En revanche, la langue de signes, celle « d'accumulation de faits », permet un lien social, mais n'utilise pas les signifiant (Maleval, 2010b, p. 251).

Maleval (2010b) distingue deux possibilités pour l'autiste verbal : soit utiliser une langue coupée de l'Autre, « « verbeuse » (…) en utilisant une abondance de mots peu expressifs, n'impliquant guère sa présence énonciative » (p. 250), « peu apte à la communication ; soit recourir à une langue fonctionnelle, une langue « d'accumulation de faits » (…) aussi épurée que possible de l'énonciation, propre à communiquer, mais vide d'affects » (p. 249), où il s'agit des « énoncés factuels coupés de son affectivité » (p. 250).

> L'autiste reste au bord de l'aliénation, il ne l'assume pas pleinement. La langue factuelle de signes est essentiellement un code propre à une représentation de la réalité mais coupée du vécu du sujet. Cependant, l'autiste témoigne par ailleurs d'une assomption subjective du signifiant, en particulier à l'occasion de phrases spontanées (…) parfois prononcées par un autiste mutique, dans un moment d'angoisse (Maleval, 2010b, p. 251).

Quand on dit que l'autiste résiste à l'aliénation, cela ne signifie pas qu'elle n'a pas d'effets chez lui. L'autiste étant au bord de l'aliénation, sa présence peut surgir dans les énonciations de phrases spontanées. Or, c'est cette présence, c'est la cession de la jouissance que l'autiste évite, en retenant la jouissance vocale.

Autrement dit, Maleval (2010b) considère qu'étant donné que le refus actif peut alterner avec les phrases spontanées chez l'autiste, il existerait un marquage de l'autiste par le S1. Maleval (2011) précise l'existence du signifiant S1 chez l'autiste, même s'il refuse une « pleine aliénation dans le langage » (p. 92).

> nul ne peut sérieusement contester que les enfants autistes soient d'emblée dans le langage (…) Le sujet autiste n'est pas indemne de toute aliénation, mais il refuse ce qu'il en a subi, il ne « l'assume pas » (…) En s'employant à couper le langage de la jouissance vocale, il se ferme l'accès au signifiant, et le réduit au signe (Maleval, 2009b, p. 233).

Le rapport de l'autiste au signifiant primordial est abordé d'une manière singulière par la psychanalyste Perrin, qui désigne l'existence d'un « signifiant vacant » (Perrin, 2010, p. 354) pour caractériser ce rapport au S1 non incorporé mais assimilé. La psychanalyste considère que le S1 en tant que « signifiant vacant » chez l'autiste entraîne le manque d'incorporation de la voix et de la fonction représentative du S1. « La vacance du S1, c'est la situation de la place du S1 « momentanément » dépourvue de sa fonction, un temps de latence qui peut durer toute la vie » (p. 354).

Selon Holvoet (2008), l'autiste n'a pas le signifiant en rapport au manque, mais on peut essayer d'aider l'autiste à obtenir une inscription du manque dans le réel. L'absence qui n'était inscrite nulle part peut s'inscrire par le passage à l'écriture. Selon l'auteur, il

s'agit d'abord d'un trait prélevé sur le réel du corps qui marquera là où une écriture peut s'inscrire, dans cette inscription réelle d'une perte. L'auteur signale que l'écriture est particulièrement importante dans l'autisme pour permettre cette inscription et un échange symbolique sans obliger l'autiste à se confronter à l'objet voix.

Laurent (2002/2010) met en rapport la dimension de trop de présence de l'Autre chez l'autiste à une hypercinésie ou à des activités, telles que prendre un stylo et faire des traits jusqu'à trouer la feuille comme l'une des conséquences du fait qu'il ne peut pas écrire le fort-da, présence-absence de la mère : « Il a affaire à un Autre foncièrement présent, moyennant quoi son mode de rapport à la lettre est celui de s'en débarrasser par la rayure incessante » (p. 220), et une des solutions possibles pour l'aider à faire avec ce trop de présence est de produire de l'absence « en s'inscrivant le détour de l'absence, ce qui leur laisse une chance d'écrire » (p. 220). Laurent souligne les tentatives de « produire la trace de l'absence dans l'Autre » (p. 221) dans les efforts pour trouer l'Autre, de prélever des objets sur l'Autre. Un travail peut être mis en œuvre permettant à l'enfant, face au trop de présence de l'Autre, de « soustraire dans l'Autre le signifiant qui manque » (p. 220), et l'auteur précise qu'il suffit d'un trait de l'Autre, l'inscription d'un trait de l'Autre « puisqu'il suffit d'Un pour marquer la trace de cette absence » (p. 222). Or, dans l'autisme, Laurent formule que dans la tendance des autistes à faire des ratures jusqu'à trouer les feuilles, rien ne s'écrit. Il met en rapport cet effort d'écriture, à l'impossibilité de marquer le un, faute de la symbolisation de l'absence-présence de l'Autre. Comme conséquence, le psychanalyste considère que l'autiste essaie de vider cette présence trop. On peut formuler, dans ce sens, un effort autiste en rapport à une tentative de soustraction, de la quête de l'Un de l'Autre. Il est possible de mettre en rapport les observations de Laurent et Holvoet sur la tentative d'inscription par l'écriture dans l'autisme, en rapport aux tentatives de creuser du vide. Si l'effort pour faire un trou dans l'autre, pour faire le trou dans une feuille dans les tentatives de prélever de l'autre, l'un, peut être en rapport aux tentatives d'écrire un trait, dans un effort de créer un trou. Mais peut-être s'agit-il là d'un effort encore sur le premier vide, et non pas sur le vide médian, celui qu'Izvocich met en rapport à l'objet (a).On a déjà souligner l'importance du vide, construit dans le double tour, pour la transformation du un en trait unaire, signifiant.

La question cruciale, me semble-t-il, tourne autour de la formulation que l'on donne par rapport au S1 dans l'autisme. Si l'on formule le S1 comme non incorporé mais assimilé, le S1 comme vacant comme le suggère Perrin, on peut, en effet, mettre en doute le rôle joué par l'écriture dans le sens d'inscription de lalangue dans le corps, d'un S1+a qui est évité par l'autiste, alors qu'il s'agit d'une voie privilégiée dans la schizophrénie.

Le sinthome est une solution autour de S1+a, tandis que les solutions notées chez l'autiste seraient séparées : celles autour de signes et celles autour de (a), autour de la jouissance pouvant être vécue un peu moins coupée du corps.

Dans ce sous-chapitre, on trouve la formulation d'un effort pour prélever un trait sur le réel du corps ; après coup, ce trait prélevé sur le corps de l'Autre pourrait s'inscrire comme différence qui, répétée, inscrit un trait unaire en rapport à l'aliénation signifiante. On pourrait mettre en rapport cette inscription possible d'un trait chez l'autiste, comme l'assimilation et la non incorporation du trait de l'Autre. Une inscription autour des traits de l'Autre, des Uns, serait possible dans l'autisme.

Pour Jerusalinsky (2010), la construction de la structure nécessaire à l'inscription du trait unaire est importante dans le traitement de l'autiste ; l'auteur met en rapport la production de ce trait à une rupture de l'automatisme chez l'enfant. Le psychanalyste indique une étape préliminaire nécessaire où il doit y avoir une identification de l'analyste aux automatismes de l'autiste, à partir de laquelle il serait possible de construire la place d'une intervention dans le sens de l'établissement d'une discontinuité subtile dans le circuit de l'automatisme, partant de la place de l'analyste comme partenaire de ce circuit. La rupture de la continuité y est introduite par l'analyste, en altérant le rythme du circuit ou en incorporant des variations dans la répétition par l'introduction d'un phonème ou d'un mouvement inattendu, de manière à inscrire dans le circuit intime de l'autiste, quelque chose qui vient de l'autre, de l'analyste, quelque chose d'arbitraire de l'autre qui va produire un sentiment d'étrangeté, à partir de l'inscription d'une différence, d'un trait de différence. Selon l'auteur, l'opération d'introduction de cette altération, d'y mettre de l'étrangeté, produit une séparation entre la chose et l'objet, ouvrant la voie de l'inscription de l'ordre de la lettre, de la transformation du trait en lettre. L'inscription de la lettre est mise en rapport à la répétition du trait en tant que différence pure, le trait unaire. L'auteur souligne que pour

l'inscription du trait comme pure différence, il y faut du côté de l'Autre, que l'Autre puisse laisser tomber l'objet, et que du côté de l'enfant, il n'y ait pas de prévalence au lien à l'objet de l'ordre du narcissisme primaire qui empêcherait un décollement nécessaire, mais où dans le littoral de la lettre, la satisfaction par ce lien direct à l'objet est remplacé par un représentant de la chose, marqué par l'Autre.

Les psychanalystes Holvoet, Laurent et Laznik suivent la voie du travail autour du trait, autour des traits prélevés de l'Autre, en rapport au trait unaire, Holvoet et Laurent signalant une voie possible de travail par la lettre, par la face réelle du signifiant, et les psychanalystes Maleval et Perrin une autre voie de traitement de la jouissance chez l'autiste non pas en rapport au signifiant, mais à un travail autour des signes et un investissement sur un bord (objet, double, îlot, Autre de signes). La construction d'un Autre de suppléance et l'investissement sur un objet-bord hors corps permettrait un travail imaginaire de cadrage de la jouissance et une façon d'établir un rapport à l'Autre. Les psychanalystes Laurent et Holvoet mentionnent un effort chez l'autiste d'extraire de l'Autre, par l'écriture, le trait de l'Autre que l'autiste n'a pas pu incorporer. Il s'agit d'une tentative d'inscription réelle d'une perte dans l'Autre trop présent. En revanche, les indications des psychanalystes Maleval et Perrin mettent en lumière une autre solution selon laquelle il ne s'agit pas de la dimension matérielle du signifiant, il ne s'agit pas tellement de la dimension de la lettre qui est privilégiée chez l'autiste, mais du signe. La prévalence du signe chez l'autiste doit être distinguée de la lettre car, alors que la lettre peut chiffrer la jouissance, le signe ne peut que la cadrer. Du fait que l'autiste ne peut que cadrer la jouissance, il ne peut ni enraciner un sinthome, ni trouver de solution autour de la lettre qui implique le corps car l'ancrage du signifiant dans le corps lui manque.

Chez Maleval, la caractéristique prévalente de l'autiste est quelque chose qu'on peut formuler comme S1//a pour caractériser ce qu'il décrit comme la scission entre les affects et l'intellect, résultat de la non incorporation de la jouissance vocale nécessaire à la mise en place de l'identification primordiale. « Quand la jouissance du vivant ne se chiffre pas dans le signifiant, la manifestation clinique la plus manifeste, soulignée par tous les autistes de haut niveau, réside dans une douloureuse scission entre les affects et l'intellect. Les autres caractéristiques du tableau clinique en sont des conséquences » (Maleval, 2007, p. 127). Selon Maleval (2008) « il s'agit bien dans l'autisme infantile

précoce d'un travail pour maintenir le clivage a-S1 ; tandis que dans la schizophrénie le sujet tente de nouer les S1 pluralisés à des S2 » (p. 40), c'est-à-dire que dans l'autisme il y a un clivage S1-a qui implique une coupure de la jouissance du corps propre et un effort pour maintenir cette séparation de la jouissance.

Il importe de distinguer la solution sinthomatique ancrée dans le corps dans la psychose, de la solution autistique basée sur une construction autour de la localisation de la jouissance sur un bord – sur l'objet autistique, sur l'objet double, sur l'îlot de compétence, sur l'Autre de synthèse. Maleval (2010b) considère que les solutions autistiques les plus réussies sont ancrées dans la construction d'une compétence qu'il désigne comme « une combinatoire de signes maîtrisés propre à capter la jouissance » (p. 256).

La prévalence de l'image, du signe et non du signifiant dans la structuration de la pensée autistique serait à l'origine de la structuration d'un corps dont les bords ne sont pas donnés par le signifiant mais par des signes, selon Maleval (2009b). Il souligne cette importance du signe chez l'autiste comme permettant une négativation de l'objet non par la voie du signifiant puisque pour l'autiste il n'a pas d'accès au champ signifiant de l'Autre. Laznik (2004) explique la prévalence des signes chez l'autiste par le non effacement de la chose représentée. La psychanalyste parle de l'existence chez l'autiste de traits mnésiques qui avaient été enregistrés, mais qui n'avaient pas été investis pour permettre une représentation de la chose. Ces traits non investis, à cause du non branchement dans l'Autre ne pourraient pas être associés pour organiser des chaînes ni faire partie d'un registre proprement inconscient. Les formulations de Laznik, basée sur les travaux freudiens à propos des registres de l'inscription sur l'appareil psychique, essaient de rendre compte de la prévalence des signes en rapport au non effacement de la chose, du référent chez l'autiste. La mise en place d'une pensée ancrée dans les signes, une pensée n'ayant ni la souplesse signifiante, ni l'ancrage à la matérialité de la lettre, empêche le marquage dans le corps du littoral entre lalangue et la jouissance.

On a signalé dans la thèse que lalangue est en rapport à un marquage du corps des Ss découplés, en rapport à une jouissance de l'Autre et des signifiants de l'Autre qui affectent le corps. Lalangue incorporée dans les littoraux du corps du bébé marque ce

corps dans la conjonction signifiant, jouissance de l'Autre et jouissance du corps du bébé.

Lalangue s'ancre dans le réel du corps, dans une conjonction entre les Sxs / les S1s découplés et la jouissance dans le corps. Or, on vient de signaler l'existence, chez l'autiste, d'une stratégie autistique, où il s'agit de couper cette conjonction pour éviter la prise conjointe par le signifiant S1+jouissance.

On a formulé justement à propos de l'autisme, une assimilation et non une incorporation du signifiant primordial de l'Autre. Par conséquent, il n'y a pas d'enracinement du S1+a dans le corps.

Quand il y a l'inscription dans le corps d'un bébé du signifiant et de la jouissance de l'Autre primordial, en rapport à la jouissance du corps du bébé, il y a ce crochetage de S1+a dans le corps, d'un marquage de la lettre dans le corps, qui n'existe pas dans l'autisme.

On a signalé, dans l'autisme, l'existence toute singulière du signifiant primordial, formulé comme vacant (chez Perrin), comme assimilé et non incorporé, ou comme non assumé pleinement, cette non incorporation étant en rapport au non crochetage de la jouissance de l'Autre sur le corps de l'autiste. On peut alors formuler la présence de la jouissance Autre, illimitée, chez l'autiste, mais non pas la jouissance de l'Autre, en rapport à un se faire objet de l'Autre. Il n'y a pas, non plus, d'accès à la jouissance phallique, ce qui encombre le vécu de la jouissance pour l'autiste.

N'ayant pas d'accès à la jouissance phallique, en rapport au phallus, on a suivi dans la thèse, d'autres possibilités de construction des objets hors corps où pourrait se situer la jouissance du corps de l'autiste, hors corps. En rapport à ces objets hors corps, il existe la possibilité d'une mise en acte de la perte imaginaire d'une partie du corps propre, de la perte d'une jouissance en rapport à un objet autistique et un double, permettant la concrétisation d'une perte à partir de la construction de ces relations.

L'investissement sur les bords, en plus de l'objet autistique et du double, peut être réalisé par rapport à un ilot de compétence et sur l'Autre de signes. Tout comme il peut

s’agir d’un investissement de l’écriture comme investissement sur un bord. Ces stratégies autistiques permettent l’établissement de changements de l’économie de jouissance chez l’autiste, mais ne permettent pas d’ancrer langage et corps.

Il n’y a pas de crochetage du signifiant ni de la jouissance, il n’y a pas d’inscription de la lettre dans le corps, dans les littéraux du corps, dans le bordage du corps par lalangue et la jouissance.

Chez l’autiste, il n’y a pas de construction d’un corps ancré de lettres, il n’y a pas non plus de savoir issu de cet ancrage, du fait qu’il n’y a pas d’incorporation de S1+a chez l’autiste.

VI. CONCLUSION.

La construction de cette thèse a modifié l'hypothèse que j'avais, tout d'abord, tissée, sur l'autisme en le considérant à partir de la formulation de So//a pour désigner la prévalence du signe et de la coupure de la jouissance du corps. Or, dans la construction de la thèse, la formulation de S1//a me paraît plus juste pour caractériser l'autisme, caractérisant l'assimilation de l'Autre, et sa non incorporation. Dans la schizophrénie, la formule que l'on suggère est celle d'une construction sinthomatique possible du type S1+a, ou plus exactement Sx+a.

L'absence de branchement du langage sur le corps comme instrument de jouissance étant notable dans l'autisme, l'absence de l'investissement du babil chez l'autiste, le manque du manque de l'inscription d'une jouissance de l'Autre primordial, d'une première aliénation à l'Autre, et de la non quête de cette jouissance de l'Autre dans son circuit de plaisir sont les conséquences de la non incorporation du signifiant S1 de l'Autre. L'autiste n'ayant pas incorporé le signifiant de l'Autre dans son corps, les signifiants de l'Autre ne sont pas marqués comme littoraux dans son corps, comme des lettres. Tandis que dans la lettre, il s'agit d'un crochetage de la jouissance dans le corps, chez l'autiste, la jouissance a tendance a être vécue comme coupée du corps, d'où sa tendance à un investissement de signes et non de signifiants qui impliqueraient une imbrication à la jouissance.

Il existe, chez l'autiste, un évitement marquant de la jouissance, mais il est possible, à partir d'un investissement sur le bord, par la création d'un objet externe supplémentaire, d'un autre/double, d'un îlot de compétence, d'un Autre de signes, que s'établisse une nouvelle économie de sa jouissance. Il y a, cependant, la persévérance d'une scission de la jouissance en tant que vécu comme jouissance du corps. À partir de la localisation d'une partie de la jouissance hors corps, dans un bord et à partir d'un travail de perte imaginaire de la jouissance, l'autiste peut localiser la jouissance et structurer son image du corps.

Les travaux des psychanalystes M. Perrin et J-C. Maleval ont signalé la possibilité d'une suppléance dans la structure de l'autisme, à partir de la construction d'un Autre de suppléance constitué de signes, comme une solution autistique possible pour faire face à la non incorporation du signifiant chez l'autiste. Il s'agit d'un Autre de suppléance, à partir duquel l'autiste peut se situer. L'Autre de signes, ainsi que d'autres investissements de la jouissance sur le bord – d'un objet autistique, d'un double, d'un îlot de compétence – permettraient un cadrage de la jouissance qui ne serait plus aussi coupée du corps chez l'autiste. La plupart des psychanalystes dont le travail a été abordé dans la thèse signalent l'importance du travail sur une perte imaginaire de la jouissance, l'inscription d'un moins au niveau du corps propre, produisant un changement de l'économie de la jouissance chez l'autiste.

Selon les travaux de Laurent et Holvoet, chez l'autiste, la lettre peut permettre une localisation de la jouissance dans la matérialité de la lettre, la lettre et l'écriture peuvent barrer la jouissance, tandis que chez Maleval, il y un axe du signe privilégié, dans ce qui serait un langage scindé de la jouissance en alternance à une localisation possible de la jouissance à partir de l'investissement sur les bords. Si la lettre fait bord sur le corps, fait littoraux, le signe ne le fait pas. Par l'investissement sur les bords, il est possible de cadrer la jouissance, sans la chiffrer. Maleval formule l'Autre de suppléance, l'Autre constitué de signes permettant à l'autiste de se représenter face aux signes de cet Autre qui constitue une chaîne associée à des images, à l'iconique. Or, selon Maleval, à cause de la non incorporation de l'aliénation signifiante, précisée par Laznik comme la non incorporation du trait de la jouissance de l'Autre primordial, il y a le manque de crochetage de la jouissance au corps chez l'autiste.

Dans la schizophrénie, par contre, il existe la présence du cri, du trait initial, ayant une inscription de l'Autre, de la jouissance de l'Autre. Alors que dans la paranoïa, nous pouvons parler d'un trait unaire S1 et d'une jouissance localisée dans l'Autre, il y a dans la schizophrénie ce que nous proposons d'appeler Sx. Le cri est écouté mais pris comme réel, non comme un appel à l'Autre. Le schizophrène met en évidence dans la dispersion du corps, le fait que les organes de l'être humain dépendent de l'étiquetage d'un discours ou de quelque chose qui détermine leurs fonctions. Dans le cas contraire, le symbolique ne mord pas le réel et le sujet reste soumis à une jouissance dispersée. Il existe plusieurs modalités pour que les schizophrènes construisent des solutions

singulières avec leurs bouts de réel. La négativation réelle abordée à partir des études cliniques du psychanalyste Holvoet mettent en évidence l'effort schizophrénique d'inscription au niveau du corps d'un moins, dans la tentative d'inscrire un enforme de l'objet (a), un "tentant lieu du moins". La construction d'un objet peut permettre la localisation de la jouissance hors du corps, permettant à celui-ci de prendre consistance à partir de l'extraction d'une partie de la jouissance illimitée.

Le travail sur la lettre est privilégié dans la thèse en tant que voie de localisation possible de la jouissance dans la schizophrénie, permettant la construction d'un corps de lettres à l'origine d'une possible consistance du corps à partir d'un nouage RSI. Le traitement de la jouissance par la lettre rend possible la "fixion" de la jouissance, à partir d'un travail sur les S1 découplés ou Sxs, comme un travail hors-sens, comme une solution possible dans la schizophrénie, désignant le sinthome comme S1+a ou Sx+a.

Le schizophrène n'a pas recours à une inflation de l'imaginaire, mais sa carence d'investissement narcissique peut être supplantée par un sinthome, comme l'œuvre joycienne le met en évidence, permettant la construction d'un ego non narcissique, la consistance à partir des lettres de son œuvre. Il importe de souligner que la nouvelle formulation de l'imaginaire à partir de sa consistance, du nœud, permet la conception d'un nouage de RSI, la construction d'un sinthome qui fasse tenir ensemble RSI. Il serait possible de construire une manière de faire avec les défauts de l'imaginaire narcissique, de l'image du corps propre et du moi. Il y aurait la possibilité d'un nouage en utilisant la matérialité de la lettre comme tissu du corps, en utilisant quelque chose qui pourrait être utilisée pour donner de la consistance. On peut alors suppléer par la consistance du nœud le défaut de l'imaginaire, et on peut suppléer par la lettre le défaut du branchement d'un discours qui pourrait mordre le corps, notamment dans la schizophrénie.

On peut opposer un travail chez l'autiste pour maintenir à part la jouissance, tandis que dans la schizophrénie, il y a un effort de brancher la répétition des S1 en constituant un discours, dans un discours ancré dans la matérialité de la lettre, permettant l'ancrage du corps. Il s'agit de faire un corps de lettres, une incarnation du sinthome, le sinthome en-corps, permettant une construction avec des bouts de réel.

On peut formuler l'effort autiste dans le même sens que les premières formulations lacaniennes de penser un signifiant coupé de la jouissance, et l'enseignement autiste que ce signifiant coupé de la jouissance est, en effet, un signifiant So, tandis que la clinique des schizophrènes nous a appris que le signifiant est toujours en rapport étroit avec la jouissance.

VII BIBLIOGRAPHIE.

Baio, V., Bergovoy, D., Borie, J., Cartéron, C., Cottes, J-F., Georges-Lambrichs, N., Hallet, J., Lacadée, P., Maracci, D., Mariage, V., Méndélenko-Karsz, M., Michaux G., Rabanel, J-R., Rouillon, J-P. & Stevens, A. (2000a). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 63-72.

Baio, V., Damave, M., Dewachter, F., Egge, M., Gerard, D., Glorieux, M-A., Gosset, P-Y., Kusnierek, M., Peckel, B., Stasse, P., Strevler, E. & Toy, M. (2000b). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 261-268.

Bernardino, L. M. F. (1999). O que uma analista e um autista podem aprender com Hamlet. *Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com problemas,* 4 (7), 18-29.

Biondi, L., Caroz, G., Duquesne, B., Halleux, B., Holvoet, H., Lejuste, P., Michaux, G. Molinari, S., Robert, V., Vanderputten, G. & Zenoni, A. (2000). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 183-194.

Borgnis-Desborders, E. (2009). Autisme, transfert et inventions subjectives : deux cas. In Maleval, J-C. (org.). *L'Autiste, son double et son objet* (pp. 101-114). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Borie, J. (2003). Temps éternel ou temps maniable. *Les Feuillets du Courtil*, Hors série, 217-222.

Borie, J., Dumay, A., Forlodou, L., Geets, B., Georges-Lambrichs, N ; Haarscher, D., Hellebois, P., Huvelle, F., Lysy-Stevens, A., Seynhaeve, B., Stevens, A., Tanguy, J. & Vincent, N. (2000). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 225-230.

Bosquin, P., Boussagol, B., Collier, A., Damase, H., Hardy, I., Landaburu, B., Laurent, E., Naveau, L. & Parchliniak, C. (2000). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 101-110.

Bouillot, P., Durand, V., Cartéron, C., Fellonneau, S., Fressy-Meunier, M-L., Lacadée, P., Marrazzo, R., Nicotra, V., Rassis, M. & Rouillon, J-P. (2000). Débat. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 137-148.

Braurer, J. F. (2003). *Ensaios sobre a clínica dos distúrbios graves na infância.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Brice, A. (2008). Autisme et machine: d'un monde de l'à-peu-près à un univers de la précision. In Bonnat, J-L.(org.). *Autisme et psychose. Machine autistique et délire machinique. Clinique différentielle des psychoses* (pp. 41-44). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Cabassu, G. (1993). La poupée sans visage. Autisme et regard. In Fondation européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 73-90). Paris: Point Hors Ligne.

Cacciali, P. & Froissart, J. (2006). Interview de Marie-Christine Laznik. *Journal Français de Psychiatrie,* 55, 45-51.

Cottes. J.F., Héraud, M., Maleval, J-C., Rabanel, J. R., & Rouillon, J. P. (2011). La conversation de Clermont: enjeux d'un débat. *La cause freudienne, 78*, 109-114.

Czermak, M. (2009a). O discurso liga os órgãos em função. In Czermak, M. & Tyszler, J. (orgs.). *A pulsão na psicose: oralidade, mania e melancolia* (P. Glenadel, trad.) (pp.15-26). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.

Czermak, M. (2009b). Oralidade e mania. In Czermak, M. & Tyszler, J. (orgs.). *A pulsão na psicose: oralidade, mania e melancolia* (P. Glenadel, trad.) (pp. 59-66). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.

Czermak, M., Hergott, S. & Tyszler, J-J. (2009). Observações sobre situações de desespecificação pulsional em sua relação com as funções na psicose. In Czermak, M. & Tyszler, J. (orgs.). *A pulsão na psicose: oralidade, mania e melancolia* (P. Glenadel, trad.) (pp. 27-46). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.

Coeckelenbergh, J. & Hennau, P. (2000). Deux modes d'appareillage de la jouissance. *Les Feuillets du Courtil, 18/19,* 203-207.

Damase, H. (2000). Un point d'ancrage dans le désir. *Les Feuillets du Courtil, 18/19*, 91-95.

Damave, M. & Hosselet, V. (2000). Où se situe le caprice ? *Les Feuillets du Courtil, 18/19*, 243-247.

Darmagnac, D. & Larrouy, P. (2003). "Un petit tour"...dans le temps. *Les Feuillets du Courtil*, Hors série, 93-97.

Darmon, M. (2002). La musée social 1981. In Melman, C. *Étude critique du séminaire RSI de Jacques Lacan. Séminaire 1981-1982* (pp. 1-3). Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Dentan, M. (2008). Robert Walser ou l'existence provisoire. In Pelletier, N & Dentan, M. *Robert Walser: Le Rien et le provisoire* (pp. 7-17). (M.Graf, trad.). Carouge-Genéve: Éditiond Zoé.

Di Ciaccia, A. (2010). De la fondation par Un à la pratique à plusieurs. In Halleux, B. (org.). *Quelque chose à dire à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à l'Antenne 110* (pp. 41 – 48). Paris: Éditions Michèle.

Dieren, P-V., E. (1993). L'autisme serait-il une réponse à un type particulier de mélancolie parentale ? In Fondation européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 49-61). Paris: Point Hors Ligne.

Druel-Salmane, G. (2008). De ce qui peut fonctionner dans l'autisme. In Bonnat, J-L. (org.). *Autisme et psychose. Machine autistique et délire machinique. Clinique différentielle des psychoses* (pp. 173-187). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Druel-Salmane, G. (2009). L'autisme infantile précoce de L. Kanner: de la clinique à la structure. In Maleval, J-C. (org.). *L'Autiste, son double et son objet* (pp. 15-49). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Fauvel, I. (2008). L'ABC du corps. *La petite girafe, 27*, 61-63.

Fauvel, I. (2009). La beauté bottée. In Maleval, J-C. (org.). L'*Autiste, son double et son objet*. (pp. 197-210). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Freud, S. (2001) Au-delà du principe du plaisir. In Freud, S. *Essais de psychanalyse*. (A. Bourguignon, J. Altounian, O. Bourguignon, A. Cherki, R. Coter, J. Laplanche, J.B. Pontalis & A. Rauzy, trads.) (pp. 47–128). Paris: Petite Bibliothèque Payot (Publié originalement 1920).

Freud, S. (2002). Lettre n 52 du 6-12-1896. In Freud, S. *La naissance de la psychanalyse* (A. Berman, trad.) (8ed, pp. 153-160). Paris: PUF (Publié originalement en1956).

Freud, S. (2006). Complément métapsychologique à la théorie du rêve. In Freud, S. *Métapsychologie* (J. P. Briand, J. P. Grossein, J. Laplanche, J. B. Pontalis & M. Tort, trads.) (pp. 123-143). Paris: Gallimard (Publié originalement en 1915a).

Freud, S. (2006). L'inconscient. In Freud, S. *Métapsychologie* (J. P. Briand, J. P. Grossein, J. Laplanche, J. B. Pontalis & M. Tort, trads.) (pp. 65-121). Paris: Gallimard (Publié originalement en 1905b).

Gerard, D. (2000). De l'objet prélevé sur l'Autre à la pratique à plusieurs. *Les Feuillets du Courtil,* 18/19, 233-236.

Gilson, J-P. & Darmon, M. (1993). Introduction a une approche topologique de l'autisme et de la psychose infantile. In Fondation européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 141-153). Paris: Point Hors Ligne.

Goetz, B. (2002). *La dislocation. Architecture et philosophie*. Paris: Les Éditions de la Passion.

Graf, M. (2003). Note de la traductrice. In Walser, R. *Le territoire du crayon. Microgrammes* (pp. 378-381). Carouge-Genève : Editions Zoé.

Grasser, Y. (2010). Rebond. In Miller, J.(org). *L'avenir de l'autisme avec Rosine et Robert Lefort* (pp. 76-78). [s.l]: Navarin Éditeur.

Guéguen, P-G. (2010). L'objet chu dans le dessous. In Miller, J.(org). L'avenir de l'autisme avec Rosine et Robert Lefort (pp. 49-57). [s.l]: Navarin Éditeur.

Guilyardi, H. & Basquin, P. (1993). L'autisme. Essai de topologie structurale. In Fondation européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 90-106). Paris: Point Hors Ligne.

Haarscher, D. Trois lieux, trois temps, un seul traitement de l'Autre. *Les Feuillets du Courtil*, Hors série, 37-42.

Harari, R. (1999). *Les noms de Joyce. Sur une lecture de Lacan*. (G.Yankelevich & L. Yankelevich, trad). Condé-sur-Noireau : L'Harmattan.

Hody, F. (2008). Pertinence clinique de la distinction de l'autisme. *Les Feuillets du Courtil, 29*, 167-177.

Hody, F. & Vose, P. (2008). Se faire un corps. Chutes et séries. *La petite girafe, 27*, 58-60.

Hoffmann, C. (1993). Le clivage du sujet par la pulsion. In Fondation européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 126-140). Paris : Point Hors Ligne.

Holvoet, D. (1993). Mode d'appareillage de la jouissance dans un cas de schizophrénie. *Les Feuillets du Courtil, 7*, 59-64.

Holvoet, D. (2008). Les autismes et les conditions du lien. *Les Feuillets du Courtil, 29*, 77-93.

Izcovich, L. (2008). L'être de jouissance. *L'en-je,* 11, 35-46.

Jeanvoine, M. (2008). Introduction….à quelques questions et propositions. In Association Lacanienne Internationale. *Invention et suppléance : une clinique de la psychose ? Journées de l'ALI des 13 et 14 mai 2006* (p.11-22). Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Jersusalinsky, A. (2010). Considerações preliminares a todo tratamento possível do autismo. *Psicol. Argum.*, 28 (61), 121-125.

Jerusalinsky, J. (2002). *Enquanto o futuro não vem. A Psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*. Salvador: Agalma.

Jerusalinsky, J. (2011). *A criação da criança. Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê.* Salvador: Agalma.

Julien, P. (1990). *Pour lire Jacques Lacan.* Paris: EPEL.

Kupfer, M. C. (1999). Psicose e autismo na infância: problemas diagnósticos. In: *Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com problemas*. 4 (7), pp. 52-72.

Lacadée, P. (2009). Le corps et l'événement pubertaire sans le recours d'un discours établi. In Maleval, J-C. (org.). L'*Autisme, son double et ses objets* (pp.253-268). Rennes : Presses Universitaires de Rennes.

Lacadée, P. (2010a). « Mais enfin, il y a sûrement quelque chose à leur dire ». In Halleux, B. (org.). *Quelque chose à dire à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à l'Antenne 110* (pp. 11-19). Paris : Éditions Michèle.

Lacadée, P. (2010b). *Robert Walser, Le Promeneur Ironique. Enseignements psychanalytiques de l'écriture d'un « roman du réel »*. Nantes : Éditions Cécile Defaut.

Lacadée, P. (2010c). Sur mesure. In Miller, J.(org). *L'avenir de l'autisme avec Rosine et Robert Lefort* (pp. 65-70). [s.l]: Navarin Éditeur.

Lacan, J. (1936/1999). Au-delà du « Principe de réalité ». In Lacan, J. *Écrits I*. (2d. pp.72-91) Paris: Seuil.

Lacan, J. (1938/2001). Les complexes familiaux dans la formation de l'individu : essai d'analyse d'une fonction en psychologie. In Lacan, J. *Autres écrits* (pp. 23 – 84). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1946/1999). Propos sur la causalité psychique. In Lacan, J. *Écrits I* (2 ed. pp. 150-192). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1948/1999). L'agressivité en psychanalyse. In Lacan, J. *Écrits I* (2 ed. pp. 100-123). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1949/1999). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience analytique. In Lacan, J. *Écrits I*. (2 ed. pp. 92 -99). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1953-1954/1975). *Le séminaire. Livre I. Les écrits techniques de Freud*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1954-1955/1978). *Le séminaire. Livre II. Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1959-1960/1986). *Le séminaire. Livre VII. L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1960/1999). Remarque sur le rapport de Daniel Lagache : « Psychanalyse et structure de la personnalité ». In Lacan, J. *Écrits II* (2 ed. pp.124-162). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1960-1961/2001). *Le séminaire. Livre VIII. Le transfert*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1961-1962). Le séminaire. Livre IX. L'identification. Retrieved from : *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1962-1963/n.d.). *Le séminaire. Livre X. L'angoisse*.[s.l]: Michel Roussan Publisher.

Lacan, J. (1964/1977). *Le séminaire. Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil.

Lacan. (1964-1965). Le séminaire. Problèmes cruciaux pour la psychanalyse. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1967a). Conférence sur la psychanalyse et la formation du psychiatre à Ste-Anne. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1967b). Discours de clôture des journées sur les psychoses. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net.*

Lacan, J. (1967/2001). Allocution sur les psychoses de l'enfant. In Lacan, J. *Autres Écrits* (pp. 361-371). Paris, Seuil.

Lacan, J. (1968-1969/2006). *Le séminaire. Livre XVI. D'un Autre à l'autre*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1969). Deux notes à J. Aubry. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1969/2001). Note sur l'enfant. In Lacan, J. *Autres Écrits* (pp. 373-374). Paris, Seuil.

Lacan, J. (1970/2001). Radiophonie. In Lacan, J. *Autres Écrits* (pp. 403-447). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1971/2006). *Le séminaire. Livre XVIII. D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1971-1972). *Le séminaire. ...Ou pire*. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1972/2001). L'étourdit. In Lacan, J. *Autres Écrits* (pp.449-495). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1972-1973/1999). *Le séminaire. Livre XX. Encore*. Paris : Seuil.

Lacan, J. (1974). La troisième. Conférence dans le 7eme Congrès de l'École freudienne de Paris à Rome. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1974-1975). *Le séminaire. RSI*. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1975a). Conférence à Genève sur le symptôme. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net.*

Lacan, J. (1975b). « Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines – Columbia University Auditorium School of International Affairs ». Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net.*

Lacan, J. (1975c). Conférences dans les universités nord-américaines: le 2 décembre 1975 au Massachussetts Institute of Technology. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacan, J. (1975d/2005). Joyce le symptôme. In Lacan, J. *Le séminaire. Livre XXIII. Le sinthome* (1975-1976) (pp. 161-169). Paris: Seuil.

Lacan, J. (1975-1976/2005). *Le séminaire. Livre XXIII. Le sinthome*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1977-1978). Le séminaire. Le moment de conclure. Retrieved from: *http.//www.ecole-lacanienne.net*.

Lacet, C. (2004). *A escrita na clínica das psicoses*. Dissertação de Mestrado (Mémoire de Master), Instituto de Psicologia / Universidade de São Paulo, São Paulo.

Lacet, C. (2003). Considerações sobre a letra e a escrita na clínica psicanalítica. *Estilos da Clínica,* 8(14), 50-59.

Latour, M-J. (2006). Ce que le sujet a de plus ch(a)ir. *Revue des Collèges cliniques du Champ Lacanien, 5*, 59-65.

Laurent, E. (2007). Autisme et psychose : poursuite d'un dialogue avec Robert et Rosine Lefort. *La cause freudienne,* 66, 105-118.

Laurent, E. (2010). Le trait de l'autiste. In Halleux, B. (org.). *Quelque chose à dire à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à l'Antenne 110* (p. 219-222). Paris: Éditions Michèle. (Publié originalement en 2002).

Laurent, E. (2010). Les futurs des spectres de l'autisme. In Halleux, B. (org.). *Quelque chose à dire à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à l'Antenne 110* (pp. 223-236). Paris : Éditions Michèle.

Laurent, E. (2011). Les spectres de l'autisme. *La Cause freudienne,78*, 53-63.

Laznik, M-C. (1992/2004). Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional – Quando a alienação faz falta. In Laznik, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp. 49-68). Salvador: Ágalma.

Laznik-Penot, M-C. (1993). Du ratage de la mise en place de l'image du corps au ratage de la mise en place du circuit pulsionnel. Quand l'aliénation fait défaut. In Fondation Européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique* (pp. 107-125). Paris: Point Hors Ligne.

Laznik, M-C. (1993/2004). Por uma teoria lacaniana das pulsões. In Laznik, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp. 88-106). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (1995/2003). *Vers la parole. Trois enfants autistes en psychanalyse*. Paris : Denoël.

Laznik, M-C. (1995/2004). Os efeitos da palavra sobre o olhar dos pais, fundador do corpo da criança. In Laznik, M-C *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. (pp. 36-48). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (1996/2004). Poderíamos pensar numa prevenção da síndrome autística? In Laznik, M-C *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp. 21-35). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (2000a/2004). A voz como primeiro objeto da pulsão oral. In Laznik, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp. 69-87). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (2000b/2004). Entre estereotipia e linguagem. In Laznik, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp.132-152). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (2002/2004). Risco de autismo em bebês. In Laznik, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (pp. 36-48). Salvador: Ágalma.

Laznik, M-C. (2007a). Du pourquoi du langage stéréotypé. In Touati, B., Joly, F. & Laznik, M-C. *Langage, voix et parole dans l'autisme* (pp. 39-59). Paris: PUF.

Laznik, M-C. (2007b). Godente ma non troppo: le minimum de jouissance de l'Autre nécessaire à la constitution du sujet. In Association Lacanienne Internationale. *Cahiers de l'Association lacanienne internationale. Journées de l'ALI des 10, 11 er 12 mars 2006* (pp. 13-27). Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Laznik, M-C. (2007c). La prosodie avec les bébés à risque d'autisme: clinique et recherche. In Touati, B., Joly, F., & Laznik, M-C. *Langage, voix et parole dans l'autisme* (pp. 181- 215). Paris: PUF.

Le Gauffey, G. (1997). *Le lasso spéculaire. Une étude traversière de l'unité imaginaire*. Paris: EPEL.

Le Rhun, L. (2009). La communication facilitée : quels enjeux dans la clinique de l'autisme. In Maleval, J-C. (org.). L'*Autiste, son double et son objet* (pp. 115-125). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Lecoeur, B. (2006). Les appuis corporels de la lettre. *La Cause Freudienne, 67*, 191-198.

Lefort, R. & Lefort, R. (1988). *Les structures de la psychose, L'enfant au loup et le président*. Paris: Éditions du Seuil.

Lemaire, J-C & Teboul, R. (1993). Une double catastrophe. In Fondation Européene pour la psychanalyse. *La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique*. (pp. 29-48). Paris: Point Hors Ligne.

Maleval, J-C. (2000). *La forclusion du Nom-du-Père. Le concept et sa clinique*. Paris : Éditions du Seuil.

Maleval, J-C. (2003). De l'objet autistique à la machine. Les suppléances du signe. In Hulak, F. (org.). *Pensée psychotique et création de systèmes. La machine mise à nu* (pp.197-217). Ramonville Saint – Agne: Éditions Érès.

Maleval, J-C. (2007). « Plutôt verbeux » les autistes. *La cause freudienne, 66*, 127-140.

Maleval, J-C. (2008a). Histoire d'une mutation dans l'appréhension de l'autisme. In Bonnat, J-L. (org.). *Autisme et psychose. Machine autistique et délire machinique. Clinique différentielle des psychoses* (pp. 59-85). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Maleval, J-C. (2008b). Quel traitement pour le sujet autiste ? *Les Feuillets du Courtil, 29*, 29-76.

Maleval, J-C. (2009a). Introduction. In Maleval, J-C. (org.). L'*Autisme, son double et ses objets* (pp. 9-12). Rennes : Presses Universitaires de Rennes.

Maleval, J-C. (2009b). *L'autiste et sa voix.* Paris: Éditions du Seuil.

Maleval, J-C. (2009c). Les objets autistiques complexes sont-ils nocifs? In Maleval, J-C. (org.). *L'Autiste, son double et son objet* (pp. 161-189). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Maleval, J-C. (2010a). « Comment entendre la voix ? ». In Jodeau-Belle, L & Ottavi, L. (orgs). *Les fondamentaux de la psychanalyse lacanienne. Repères épistémologiques, conceptuels et cliniques* (pp. 185-197). Rennes: Presses universitaires de Rennes.

Maleval, J-C. (2010b). Quelqu'un qui puisse lâcher prise. In Halleux, B. (org.). *Quelque chose à dire à l'enfant autiste. Pratique à plusieurs à l'Antenne 110* (pp.237-259). Paris: Éditions Michele.

Maleval, J-C. (2011). Langue verbeuse, langue factuelle et phrases spontanées chez l'autiste. *La cause freudienne, 78*, 77-92.

Masagão, A. M. (2007). *A impressão da marca e a rasura do traço na escrita das margens*. Thèse de doctorat. Instituto de Psicologia. Université de São Paulo, São Paulo.

Matorin, S. & Lejuste, P. (2003). Un autre Autre temps institucionnel. *Les Feuillets du Courtil,* hors série, 79-82.

Mautine, D. (2009). La satisfaction et le « corps parlant ». *Champ lacanien. Revue de psychanalyse*,7, 149-156.

Melman, C. (2007). *D'un Autre à l'autre, deuxième tour…sur le séminaire 1968-1969 de Jacques Lacan. Séminaire d'hiver des 27 et 29 janvier 2007*. Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Melman, C. (2002). *Étude critique du séminaire RSI de Jacques Lacan. Séminaire 1981-1982*. Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Melman, C. (2005). Préface. In Berges, J. *Le corps dans la neurologie et dans la psychanalyse : leçons cliniques d'un psychanalyste d'enfants* (pp.13-14). Ramonville Saint-Agne: Érès.

Miller, J-A. (2007). L'envers de Lacan. *La Cause Freudienne, 67*, 133-140.

Miller, J-A. (1986-1987/n.d.) *Séminaire Ce qui fait insigne*.

Morlang, W. (2004). Magie du camouflage micrographique. In Walser, R. *L'écriture miniature* (pp. 13-26).Carouge-Genève: Édition Zoé.

Normand, M. (2003). Les véhicules du sujet. In Hulak, F. (org.). *Pensée psychotique et création de systèmes. La machine mise à nu*. (pp.231-245). Ramonville Saint – Agne : Éditions Eres.

Oury, J. (1989). *Création et schizophrénie*. Paris: Éditions Galilée.

Pelletier, N. (2008). Histoires de Robert Walser. In Pelletier, N. & Dentan, M. *Robert Walser : Le Rien et le provisoire* (M. Graf, trad.) (pp.19-40). Carouge-Genéve: Éditiond Zoé.

Perrin, M. (2008). Des objets et des liens. « Bavardage » avec un petit lion dans le miroir. *La petite girafe*, 27, 64-66.

Perrin, M. (2009). Construction d'une dynamique autistique de l'autogire à la machine à laver. In Maleval, J-C. (org.). *L'Autiste, son double et son objet* (pp. 69-100). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Perrin, M. (2010). L'autisme : spécificités structurales. L'avant-gardisme lacanien sur l'autisme et ses enseignements. In Jodeau-Belle, L & Ottavi, L. (orgs.). *Les fondamentaux de la psychanalyse lacanienne. Repères épistémologiques, conceptuels et cliniques* (pp. 337-356). Rennes: Presses universitaires de Rennes.

Perrin, M. (2011). L'autiste a-t-il quelque chose à dire ? Transfert autistique et conduite du traitement. *La Cause freudienne*, 78, 93-102.

Porge, E. (2010). *Lettres du symptôme. Versions de l'identification*. Toulouse: Éditions Èrès.

Porge, E. (2005). *Transmettre la clinique psychanalytique. Freud, Lacan, Aujourd'hui*. Toulouse: Éditions Èrès.

Quilichini, J. (2008). Consistance (s). In Association Lacanienne Internationale. *Invention et suppléance : une clinique de la psychose ? Journées de l'ALI des 13 et 14 mai 2006* (pp.37-41). Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Quinet, A. (1999). A Psicopatologia da Esquizofrenia: Bleuler com Freud e Lacan. In

Alberti, S. (org.). *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquize* (pp.79-107). Rio de Janeiro: Marca d'Água.

Quinet, A. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Quinet, A. *Teoria e Clínica da Psicose* (2ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

Rabinovitch, S. (2000). *La Forclusion : enfermés dehors*. Ramonville Saint-Agne: Érès.

Roy, D. (2010). « Il avait quand même deux mots ». In Miller, J. (org). L'avenir de l'autisme avec Rosine et Robert Lefort (pp. 18-25). [s.l]: Navarin Éditeur.

Roy, D. (2003). La dé-mesure du temps. *Les Feuillets du Courtil,* Hors série, 59-63.

Roussan, M. (n.d.). Annexe. Séminaire In : Lacan, J. *Le séminaire. Livre X. L'angoisse, 1962-1963*. [s.l.]: Michel Roussan Publisher.

Sciara, L. (2008). Qu'appelons-nous suppléance? In Association Lacanienne Internationale. *Invention et suppléance : une clinique de la psychose ? Journées de l'ALI des 13 et 14 mai 2006* (pp.23-35). Paris : Éditions de l'Association Lacanienne Internationale.

Siksou, J. (1993). Discussion de l'exposé « L'autisme serait-il une réponse à un type particulier de mélancolie parentale ? » In Fondation européene pour la psychanalyse.

La clinique de l'autisme – son enseignement psychanalytique (pp. 61-72). Paris: Point Hors Ligne.

Simonett, C. (2008). L'enfant au micro. *Les Feuillets du Courtil, 29*, 139-149.

Solano-Suárez, E. (2010). Rebond. In Miller, J.(org). *L'avenir de l'autisme avec Rosine et Robert Lefort* (pp. 26-30). [s.l]: Navarin Éditeur.

Soler, C. (2005). Du diagnostic. *Revue des Collèges cliniques du Champ Lacanien*, 4, 105-124.

Soler, C. (2008). Du parlêtre. *L'en-je,* 11, 25-33.

Soler, C. (1993). *Estudios sobre las psicosis*. Buenos Aires: Manantial.

Soler, C. (1999). Hors discours: autisme et paranoïa. *Les Feuillets du Courtil*, 2, 9-24.

Soler, C. (2004). *L'aventure littéraire ou la psychose inspirée. Rousseau, Joyce, Pessoa.* Paris: Editions du Champ Lacanien - Trefle communication.

Soler, C. (2002). *L'inconscient à ciel ouvert de la psychose*. Toulouse: Psychanalyse & Presses Universitaires du Mirail.

Stavy,Y-C. (2003). Trois états du signifiant. *Les Feuillets du Courtil,* Hors série*,* 31-36.

Stevens, A. (2008). Aux limites du lien social, les autismes. *Les Feuillets du Courtil,* 29, 9-28.

Stevens, A. (2009). Clinique de la lettre. *Quarto n. 92*, 2009, 6-10.

Stevens, A. (1999). Deux destins pour le sujet : identifications dans la névrose et pétrification dans la psychose. *Les Feuillets du Courtil*, 2, 24-39.

Stevens, A. (1997). Le renouvellement de la clinique par Lacan. *Les feuillets du Courtil*, 14, 9-19.

Stevens, A. (2000). Points d'ancrage sans le père. *Les feuillets du Courtil,*18/19, 33-37.

Suarez, E. S. (2008). Les effets d'une présence orientée. *La petite girafe, 27*, 8-12.

Tammet. D. (2010). *Je suis né un jour bleu. À l'intérieur du cerveau extraordinaire d'un savant autiste* (N.C.Ahl, trad.). Paris: Éditions J'ai lu, 2010.

Utz, P. (2004). Avant-Propos. In Walser, R. *L'écriture miniature* (pp. 5-11). (M.Graf, trad.). Carouge-Genève: Édition Zoé.

Utz, P. (2003). Mystère et singulier bonheur des microgrammes. In Walzer, R. *Le territoire du crayon. Microgrammes* (M.Graf, trad.) (pp. 361-377). Carouge-Genève: Editions Zoé.

Utz, P. (2001). *Robert Walser : Danser dans les marges* (C.Kowalski, trad.). Genève: Éditions Zoé.

Vanier, A. (2009). À propos de l'objet a. *Figures de la psychanalyse,* 18, 39- 48.

Vanier, A. (1999). Breves apontamentos sobre o autismo. *Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com problemas,* 4(7),73-77.

Vanier, A. (2006). *Lacan.* Paris: Société d'édition les Belles Lettres.

Vanier, A. (2001). Questions de symptôme. *Évol. Psychiatr*, 66, 236-271.

Vorcaro, A. M. R. (1999) Transferência e interpretação na clínica com crianças autistas e psicóticas. *Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com problemas*, 4(7), 52-72.

Wajntal, M. (2004). *Uma clínica da construção do corpo*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria.

Walser, R. (2004). *L'écriture miniature*. (M.Graf, trad.). Carouge-Genève: Édition Zoé.

Walser, R. (1987). *La promenade*. (B. Lotholary, trad.). Mesnil-sur-l'Estrée: Gallimard. (Publié originalement en 1967).

Walser, R (2003). *Le territoire du crayon. Microgrammes* (M.Graf, trad.). Carouge-Genève: Editions Zoé.